

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

An Annotated Translation of Narayan's Novel
The Guide

Tese submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de
Doutor em Letras na ênfase Literaturas de Língua Inglesa

Doutoranda: Larissa Rohde
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio

Porto Alegre
Maio, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA

ROHDE, Larissa

An Annotated Translation of Narayan's Novel *The Guide*

Larissa Rohde

Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2011. 371 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Letras)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Literatura de língua inglesa. 2. Tradução Anotada. 3. R. K. Narayan. 4. *The Guide*

Agradecimentos:

Profª Sandra Maggio, pela confiança, generosidade e atenção.

Membros da banca examinadora, pelo interesse na leitura do trabalho.

Régis Pizzato, pela paciência e formatação gráfica.

CAPES, pela concessão de auxílio financeiro.

Agradeço também aos professores e colegas que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta tese consiste em uma tradução anotada do romance *O Guia* (1958), de R. K. Narayan. A tese apresenta uma discussão crítica de aspectos práticos e suposições teóricas subjacentes ao processo de tradução. Nas últimas décadas, a área de estudos da tradução expandiu-se e apropriou-se de vários significados, e atualmente vai muito além da dimensão textual. O conceito de tradução hoje engloba não só aspectos linguísticos como também questões culturais e históricas. As notas, portanto, dividem-se em duas categorias distintas: a) notas em português sobre expressões e palavras culturalmente específicas, que tem por objetivo fazer uma ponte entre barreiras culturais em relação ao leitor brasileiro, suplementando o texto traduzido; e b) notas sobre o processo de tradução como tal, discutidas em relação ao processo de análise e tomada de decisões do tradutor. Obras traduzidas desempenham um papel fundamental na propagação de tendências literárias no mundo todo, como demonstra o recente influxo de obras dos chamados escritores da diáspora a partir de regiões antigamente sob domínio colonial europeu. R. K. Narayan foi o primeiro escritor de língua inglesa profissional bem sucedido na Índia moderna, e abriu caminho para a literatura Indiana de língua inglesa contemporânea. O objetivo da tese se desdobra em dois eixos. Em um nível pragmático, o propósito principal é oferecer uma tradução informativa de *O Guia* para o meio acadêmico brasileiro. As notas explicam as escolhas feitas pelo tradutor e esclarecem as diversas questões culturais envolvidas na tradução. Em um nível analítico, o objetivo é pesquisar a dinâmica do processo tradutório, bem como os elementos que interagem nas tomadas de decisão e subsequente re-estruturação do texto na língua de chegada. A tese está dividida em três blocos, *As Premissas*, *O Processo* e *O Produto*. O primeiro bloco tem dois capítulos: *A Cena Literária*, um estudo introdutório sobre a vida do autor e contexto de sua obra, e *A Cena nos Estudos de Tradução*, que aborda alguns pressupostos teóricos, privilegiando a tradução orientada para o texto de partida. O segundo bloco, *O Processo*, apresenta a análise da tradução e o conjunto de estratégias empregadas. Este bloco tem dois capítulos: *Notas sobre Aspectos Culturais*, que traz a análise dos dois tipos de notas e *Notas sobre o Processo de Tradução*, o qual se compõe das seguintes seções: *O Nível Textual* apresenta uma leitura crítica do romance, com ênfase na análise literária do processo de tradução, e também discute a presença da ironia e o papel do narrador. As seções *O Nível Sintático* e *O Nível Lexical* complementam a discussão. O resultado final da pesquisa, a tradução anotada para fins acadêmicos, compõe o terceiro bloco. A tese é uma contribuição aos estudos de tradução no meio acadêmico brasileiro.

Palavras-chave:

R. K. Narayan – *O Guia* – tradução anotada – crítica literária

ABSTRACT

This dissertation consists of an informative annotated translation of R. K. Narayan's novel *The Guide* (1958). The dissertation provides a critical discussion of practical aspects and underlying theoretical assumptions to the translating process. The field of translation studies has in the last decades taken on many meanings and now encompasses realms beyond the textual dimension. Translation today is as much about the translation of cultural and historical contexts and concepts as it is about language itself. The notes therefore fall into two distinct categories: a) notes in Portuguese about culturally specific phrases and words, which aim at bridging cross cultural barriers to the Brazilian reader and supplement the text translated; b) notes about the translation process itself discussed in the light of the process of analysis and decision making. Translations have played a critical role in spurring literary trends all over the world, as the recent influx of the so called "diaspora writers" from European colonial backgrounds attest. R. K. Narayan was modern India's first successful professional writer in English and cleared the path for contemporary Indian fiction in English. The objective of the dissertation is twofold. On a pragmatic level, the main objective is to provide the Brazilian academy with an informative translation of *The Guide*. The annotations are used to explain the choices made by the translator, and to clarify the manifold cultural issues involved in the translation. On an analytical level, the objective is to research the dynamics of the translation process, observing the nature of the elements that interact in the moment of the translator's decision and in the subsequent restructuring of the translated text. The dissertation is divided into three major blocks, *The Premises*, *the Process* and *the Product*. The first block contains two chapters: *The Literary Scene*, an introductory study of Narayan's life and context of writing and *The Translation Studies Scene*, which deals with selected theoretical points and states the preference for a source text oriented approach. The second block, *The Process*, is the analysis of the translation of the novel itself and the set of strategies employed. This block has two chapters: *Notes on Cultural Aspects* presents an analysis of the two kinds of notes and *Notes on the Translation Process*, which is divided into the following sections. *The Textual Level* presents a close reading of the novel, points out to the importance of the literary analysis to the translation process, as well as discusses instances of irony and the role of the narrator. The sections *Syntactic Level* and *Lexical Level* complement the discussion. The final result of the work, the annotated translation itself, which is intended for academic research purposes only, is presented in the third block. The dissertation aims at contributing to the ongoing Brazilian studies of translation.

Key words:

R. K. Narayan – *The Guide* – annotated translation – literary criticism

TABLE OF CONTENTS

| | |
|---|-----|
| INTRODUCTION | 7 |
| 1. THE PREMISES | 15 |
| 1.1 The Literary Scene | 15 |
| 1.1.1 The Author | 21 |
| 1.1.2 The Novel | 28 |
| 1.2. The Translation Studies Scene | 32 |
| 2. THE PROCESS | 39 |
| 2.1. Notes on Cultural Aspects | 41 |
| 2.1.1 Names of Food | 47 |
| 2.1.2 Names of Historical People | 56 |
| 2.1.3 Names of Characters | 60 |
| 2.1.4 Names of Gods | 61 |
| 2.1.5 Names of Places | 63 |
| 2.1.6 Names of Plants | 68 |
| 2.2 Notes on the Translation Process | 70 |
| 2.2.1 Textual Level | 71 |
| 2.2.1.1 Irony | 78 |
| 2.2.1.2 The Narrator | 83 |
| 2.2.2 Syntactic Level | 87 |
| 2.2.3 Lexical Level | 94 |
| 2.2.3.1 Repetition | 101 |
| 2.2.4 Notes on technical and graphic issues | 104 |
| 3. THE PRODUCT | 110 |
| CONCLUSION | 354 |
| BIBLIOGRAPHY | 360 |
| ANNEXES | 368 |
| Annex A: Map of India | 369 |
| Annex B: R. K. Narayan – Chronology of first editions | 370 |

INTRODUCTION

The proposed dissertation consists of an informative annotated translation of R. K. Narayan¹'s novel *The Guide* (1958). The dissertation provides a critical discussion of practical aspects and underlying theoretical assumptions to the extent of their usefulness to the translating process that resulted in the annotated translation of the novel.

The understanding of the field of translation studies has in the last two decades taken on many more meanings and now encompasses realms beyond the usual textual dimension. Translation today is as much about the translation of cultural and historical contexts and concepts as it is about language itself. The notes therefore fall into two distinct major categories: a) notes in Portuguese about selected culturally specific phrases and words, which aim at bridging cross-cultural barriers to the Brazilian reader and supplement the text translated; b) notes about the translation process itself discussed in the light of the process of analysis and decision making inherent to the act of translating. The dissertation aims at contributing further elements to the ongoing Brazilian studies of translation.

¹ On Graham Greene's advice, the author's full name - Rasipuram Krishnaswamy Iyer Narayanswamy - was shortened to R. K. Narayan. Greene was the first one to encourage him in England and prefaced many of his novels.

Translation has played a critical role in the development of literature throughout history. These influences are rarely one-sided, as the effects of French translations in the Brazilian literary system testify. Translations have also played a critical role in spurring new literary movements all over the world, as the recent influx of the so called “diaspora writers” from European colonial backgrounds can attest. Ideas about translation and the role of the translator, in their turn, have changed significantly over time. In different historical periods, translators have been seen as little more than go-betweens pouring words from the vessel of one language to the vessel of another; however, this view undermines the enormous role that the translator plays in shaping the text. The translator is typically faced with the question of whether to modify the cultural world of the text in order to make it accessible to the target culture or to attempt to bring the readers toward the culture that produced the text. The different responses of the translators to these issues have a large bearing on the way the target audience sees the world of the text and regards the culture that produced it.

In the guise of introductory remarks I see it fit to add some rather personal notes on the background of this research. The origin of my interest in the practice of translation can be traced back to my teenage years, when I first realized that the Russian novels I was then reading in Portuguese, and that appealed so much to me, had not been translated directly from Russian to Portuguese, but from French to Portuguese. At the time of this "discovery" I felt somehow cheated, and made a vow to learn Russian and French in order to read the original works, to see if there were any differences in the way they affected my reading. The unavailability of classes and constraints of time prevented me from going beyond basic lessons of Russian; I turned to studying French, German and English instead. That early interest in both literary writing and in translation has never faded though. Throughout

all my subsequent readings, whenever faced with a translated text, I kept the habit of wondering – and often trying to reconstruct – what this or that phrase was like in the source text.

In 2004 I resumed formal studies of literature; the object of my master's thesis was the work of V. S. Naipaul, a contemporary British writer of Indian descent. During the course of that research, I got acquainted with and fascinated by Indian literature written in English, and its disputed stand in mainstream English Literature. I then read Narayan's *Bachelor of Arts*, a novel whose theme and plot are connected to two of Naipaul's novels studied. My interest in translation issues has been further fostered as a corollary of my activity as a substitute professor of English Literature here at this university. Often students brought to class Portuguese translations of the readings required, and issues stemming from this fact never failed to arouse questions about literary translation, the extent to which translated texts are re-creations, or the issue of the "translator's invisibility", to use a catch-phrase that now pervades many writings about translation.

In our post-graduate programme here at UFRGS we count with an active line of research named *Relações Interliterárias e Tradução* which contemplates and encompasses research stemming from the three major fields of literature studies, namely: *Literaturas Brasileira e de Língua Portuguesa*, *Literatura Comparada* and *Literaturas Estrangeiras Modernas* and its associated *Literaturas em Língua Inglesa*. This dissertation discusses how the reading of criticism about the author affects the role of translator and how it can be an aid to the understanding of the subtleties of the source text. The translator is to take into account all previous knowledge gained from the critical analysis of the author's works in order to begin the translation process. There are lexical items whose referents lie outside the experience of the target reader. There are passages whose effects depend not on a literal

understanding of the words, but on the cultural connotations of a particular word, phrase, or action. There are puns and other constructions that exploit the phonetics of a particular word or phrase. These issues are examined in the context of Narayan's Indian background, Hinduism, traditional Indian social practices and the British Empire. I attempted to identify the obstacles that translators face in translating text rooted in Indian culture, and the strategies used to overcome these obstacles.

R. K. Narayan's literary achievement needs to be highlighted at this point. He was the first modern Indian writer in English to make a full-time career out of literature. He was modern India's first successful professional writer in English. When Narayan started writing in the 1930s, he had no literary forebears or peers to relate to. In many ways, further explained in section 1.1.1, Narayan cleared the path for modern Indian fiction in English; there has been since then a remarkable flourishing of literary talent of Indian origin. Successful and, in some cases, world-renowned writers of Indian background have dealt with imaginative themes in diverse ways in varied voices and different styles. The translation is preceded by a study in which the following topics are examined: the chronology and the classification of Narayan's novels, their originality and stand in the Indian English literary system. In addition to providing an introduction to Narayan's life and works as well as a brief account of his biography, this section also touches on the main trends in Narayan's critical fortune.

Section 1.1.2 provides an introductory overview of the novel's plot and narrative techniques. There are several editions of *The Guide* available from English academic and commercial publishing houses. The text that shall be used for the dissertation is the Penguin's classics edition², as this series is widely acknowledged for its professionalism and accuracy.

² Narayan, R. K. *The Guide*. New York: Penguin Classics, 2006.

A substantial number of translations of Indian contemporary literature are now available in Portuguese. Names like Jhumpha Lahiri, Arundhati Roy, Salman Rushdie, Aravind Adiga, among many others, are not only well known and appreciated by Brazilian readers but also have been the object of increasing attention from Brazilian criticism. Nonetheless, Narayan, the leading figure in the first generation of Indian novelists, is absent. The proposed annotated translation of Narayan's *The Guide* is an attempt to fill this gap by providing an academic background reference to integrate this author in the Brazilian literary academic studies.

This dissertation brings together issues about translation in both its theoretical and practical aspects, but focuses on the latter. The research delved into theoretical writings on translation to anchor the discussion of the practical side of translation, as well as to bring to the fore the connection between them, but the aim has never been to present a full-fledged account of the field of translation studies.

The overall objective of the dissertation is twofold. On a pragmatic level, the main objective is to provide the Brazilian academy with a trustworthy and informative translation of Narayan's most celebrated novel *The Guide*. The research is not to be mistaken for a commercial translation with footnotes: in usual practice of literary translation publishing, long footnotes are to be avoided. However, in academic circles, the annotations are used to explain the choices made by the translator, and to clarify the manifold cultural issues involved in the translation.

On an analytical level, the objective is to research the dynamics of the translation process, observing the nature of the elements that interact in the moment of the

translator's decision and in the subsequent restructuring of the translated text. At the same time, paradigms arisen throughout the translation studies are examined with the objective of determining their applicability in this specific translation process.

The dissertation is divided into three major blocks: The Premises, the Process and the Product. The first block deals with the premises of the research and is divided in two chapters. The first chapter, The Literary Scene (1.1), deals with the author, the novel and their place in English and Portuguese literary systems. The second chapter, entitled The Translation Studies Scene (1.2), provides a brief survey of the research within the fields of translation studies. This chapter also addresses the problem of what a translation is and deals with selected theoretical points. Various theories concerning the equality between a text and its translation are presented and discussed in as much as they are relevant to the context of the present work. The point of this chapter is to narrow down the discussion to the underlying theoretical assumption of this dissertation.

The second block, the Process, contains the analysis of the translation of the novel itself and the set of strategies employed. It presents to fellow students of literature and translation a summary of the tangle of procedures tackled during the process of translating itself and the process of writing the notes. This block is also divided in two chapters. Here, the first chapter, entitled Notes on Cultural Aspects (2.1), presents an overall view of how the two kinds of notes in the target language look like and how they deal with culture-specific elements of the source text. This chapter is subdivided in six parts. Each part deals with one realm of cultural specificities found in the novel. The first one, Names of Food (2.1.1), presents a more detailed commentary of the ins and outs of the process. The other parts consist of the discussion about the headings: Names of Historical People (2.1.2), Names of

Characters (2.1.3), Names of Gods (2.1.4), Names of Places (2.1.5) and Names of Plants (2.1.6). The second chapter, entitled Notes on the Translation Process (2.2) is further divided into four sections. The first one, Textual Level (2.2.1), brings a close reading of the novel and points out to the importance of the literary analysis to the translation process. It brings an extended discussion of instances of textual irony (2.2.1.1) and the presence of the narrator (2.2.1.2). The second one, entitled Syntactic Level (2.2.2) presents commentaries about the translation on the syntactic elements and punctuation. The discussion in the third section, intitled Lexical Level (2.2.3), focuses on the implications of translating or not translating specific words and phrases, especially in Hindi or Tamil. In this section, there is subsection called Repetition (2.2.3.1) dealing with the recurrent repetition of words in the novel. Finally, there is a last section (2.2.4) about how graphic elements were dealt with.

The final result of the work, the annotated translation itself, which is intended for academic research purposes only, is presented in the third block. This dissertation is organized in an inverted pyramid framework, starting from the grounding premises, to the working process, to the product yielded by these two first stages. Each of its smaller parts is also structured in the same way. The first chapter also departs from the general to the particular, from the larger literary scene to the overview of the author's literary career, to the novel *The Guide* itself. In the second block, this inverted pyramid framework departs from a comprehensive literary analysis and textual close reading, moves on to the analysis of syntactic issues, and then to more specific lexical issues.

Finally, the annexes offer a map of India and a chronology of Narayan's publications for quick reference. I must add that, unless otherwise stated and credited, all translations of cited authors are mine.

In the wake of multicultural exchanges in literary systems and the associated boost of Indian English literature in Brazil, there is room for attention to the first generation of Indian authors writing in English. All that said, I am confident that an annotated translation of Narayan's *The Guide* can contribute to the better understanding of the growing number of literary works of Indian English literature available in Portuguese.

1. THE PREMISES

1.1 THE LITERARY SCENE

The current literary scene of Indian authors writing in English offers an overwhelming variety of world-views, approaches, themes, narrative techniques, styles, voices; it is an all-encompassing literary world. The current boom of Indian literature can be traced back to the end of the 19th century, when the contact of the Indian elite with European books and thought was consolidating. The Bengali authors were the first to be exposed to Western influence, as this region was the administrative centre of the British Empire. Founded in 1860 as a trading post for the East India Company and established as the capital of British India in 1912, Calcutta was to become the centre of Indian intellectual life. Partly due to the discovery of Indian classic literature by European scholars of Sanskrit, but also due to the establishment of the first universities (Fort William College in 1800 and Hindu College in 1817), the Bengali youth formed a new intellectual elite which was to produce the first writers that employed new kinds of literary models. Forms such as the ode, the sonnet, blank verse, and the novel were taken on by this generation of writers.

In subsequent decades this originally Bengali phenomena was spread throughout the subcontinent, reaching Madras and South India.

The term Indian English Literature is a rather loose way to refer to the body of work by writers who live in India and write in English, but whose mother tongue is one of the 22 other languages of the subcontinent.³ The term also encompasses work of writers of the so called Indian diaspora, who were born in India but live in Europe or the United States. As a category, this production sometimes is placed under the broader realm of post-colonial literature.

In recent years, English-language writers of Indian origin are being published in Brazil at an astonishing rate. Names like Jumpha Lahiri, Salman Rushdie, Amitav Gosh, Manil Suri, Arundhati Roy, Vikas Swarup, Aravind Adiga, Vikram Seth, Chitra Diwakaruni, Thrity Umrigar, among many others, are easily found in mainstream bookshops. The first decade of the twenty-first century witnessed the consolidation of Indian English fiction also in Portuguese translations, a process that had its beginnings when the Bengali writer Rabindranath Tagore was the Nobel Prize for Literature laureate. Since then, several Indian writers have been the recipient of international media attention. Apart from Tagore, the pioneers are Raja Rao, Mulk Raj Anand and R. K. Narayan. Hosts of current major writers who are either Indian or of Indian origin derive much inspiration and encouragement from

³ The languages are: Assamese, Bengali (spoken in West Bengal and in Bangladesh), Bodo (Assam-Burmese group of languages), Dogri, Gujarati (the official language of Gujarat, and also the most spread language abroad), Hindi (the official language, whose accent and dialect differ according to the region, but almost every Indian has a working knowledge of Hindi), Kannada (like Tamil, it belongs to the Dravidian family), Kashmiri (in the disputed region of Kashmir), Konkani, Maithili, Malayalam (the state language of Kerala, near Tamil Nadu, Manipuri, Marathi (one of the official language of Maharashtra, it has a fully developed literature of the modern kind), Nepali (the official language of Nepal, it is also spoken in some north eastern parts of India), Oriya, Punjabi, Sanskrit (the classical language of India that is also one of the oldest languages in the world, perhaps the oldest to be recorded), Santhali, Tamil (the state language of Tamil Nadu, the supposed location of Malgudi), Telugu (the numerically biggest linguistic unit in India), and Urdu (the state language of Jammu and Kashmir. Urdu and Hindi have the same source, but Urdu is written in the Arabic script and contains many words from the Persian language).

this “trinity”. It is important to bring to the fore the role of these first Indian novelists to write in English, with a special focus on the work of R. K. Narayan.

Indian English Literature is only one and a half centuries old. In its early stages it was influenced by several European genres. Nirad Chaudhuri, a writer of non-fiction, is well known for his book *The Autobiography of an Unknown Indian* (1951) where he relates his life experiences and influences. But it was the novel the main vehicle for early Indian writers, who successfully used this typical Western literary vehicle to convey an experience which was essentially Indian.

Needless to say, Indian literature boasts a wealth of forms that existed previously to the contact with the British. European forms like the novel were incorporated by an already well established literary system which dates back to the epics Mahabharata and Ramayana and the Hindu drama writing, first in Sanskrit and subsequently in other Indo-European and Dravidian languages.

This section is a survey of the development of the English language in India and the emergence of the Indian novel in English. Roughly, the history of English in India may be considered to have three phases (KULKE, 2004). The first goes from 1579 to 1834, the period during which the language was introduced in India through three major influences: the army, missionary work and trade. The second phase spans from 1835 to the independence in 1947. During this period English became the language of instruction in schools and universities also became a prerequisite for employment in administrative positions. In the third phase, from 1947 to the present, Hindi has been promoted by the government as an

official language but the linguistic variety of the country and the socioeconomic importance of English go unchanged.

Trade between India and Britain, starting in 1600, mediated through the East India Company, was responsible for the introduction of English in the subcontinent. Two documents may be pointed out as milestones in the process of establishing English as a widespread language. One of them is in the Charter Act of 1813, which paved the way for missionaries from several protestant and catholic denominations to use the language in their attempts to convert of Indians to Christianity by providing them with formal education. A second landmark was the English Education Act of 1835. Governor William Bentinck declared English as the medium of instruction in India, following the advice of the famous Macaulay's *Minute on Indian Education*, which promoted the education of the Indian elite in Western models. In the process of Indian independence from Britain in 1947 English became the uniting linguistic medium that allowed Indians to join forces to overthrow the British rule. Currently, the globalization of economy gave the Indian educated portion of the population a considerable leeway in technology and third sector industry. English has a pervasive presence in India, functioning as a "lingua franca", bridging gaps between castes and regional differences. Salman Rushdie⁴ says that "English is an essential language in India, not only because of its technical vocabularies and the international communication which it makes possible, but also simply by permitting two Indians to talk to each other in a tongue which neither party hates."

Indian English in such a diverse land has obviously developed its own varieties, among which three major branches are generally highlighted. The high or the *sahib*

⁴ RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands*. London: Vintage, 2010, p. 65.

variety, the middle variety, or *babu* English, and the low variety, sometimes called *Pidgin* English. Indian novelists have appropriated one or all of these varieties creatively, in a stunning wide range of styles and literary purposes. A description or analysis of these uses is far beyond the scope of the present dissertation. What follows is a brief account of some of the most relevant instances in the development of the use of English in the novel written by Indian authors that preceded Narayan. *Rajmohan's Wife* (1864) is considered to be one of the earliest Indian novels in English. While the second half of the nineteenth century saw the first experiences with the genre, in the 1930s and 1940s more significant works came out.

One of the outstanding examples of Indian storytelling tradition rendered in English language is Raja Rao's novel *Kanthapura* (1938), which depicts the impact of Gandhi's passive resistance movement on a South Indian village. The semi-autobiographical *The Serpent and the Rope*, considered by many his masterpiece, describes the end of a marriage between an Indian student and his French wife.⁵ Raja Rao (1908-2006), who was educated in India and England, writes in an original style which captures the rhythms of Indian speech and idiomatic expressions. Intensely metaphysical, Rao examines, in his fiction, the religious and mythic roots of India.

Mulk Raj Anand's (1905-2004) fiction struck a chord with a readership concerned with social problems. His writings offered a political and psychological analysis of India's poor peasantry that drew its inspiration from Zola, Dickens, as well as Marxism, and Gandhian nationalism. His innovation was to make use of the themes of revolutionary nationalism. After independence in 1947, his writings dwindled. Despite the emphasis on

⁵ NAIK, M. K. *The Ironic Vision: A Study of the Fiction of R. K. Narayan*. New Delhi: Sterling, 1983 and NASIMI, Reza Ahmad. *The Language of Mulk Raj Anand, Raja Rao, and R. K. Narayan*. New Delhi: Capital Publishing, 1989.

local politics, not shared by his contemporaries Raja Rao and R. K. Narayan, Anand's novels are concerned with exploring the importance of Indian society for in broader terms, not just local.

R. K. Narayan (1906-2001) stands out as a writer who contributed to shape what would become the basis of Indian English novel over half a century and he continued to write till old age. He was encouraged by Graham Greene who helped him find a publisher in England for his first novel, *Swami and Friends* (1935). A prolific writer, he left 14 novels, several collections of short stories, essays, an autobiography and retellings of Hindu classics.

Narayan created the fictional town of Malgudi where he set his narratives. His writings depict the world of middle class people affairs in Malgudi. He incorporates Hindu mythology and legends in stories of contemporary events. His imaginary town is peopled with ordinary human beings who rely on Hindu principles to guide them through the ethical issues and daily problems of life. Narayan's fiction avoids overt political or ideological plots. His novels touch on the conflict between Indian and Western culture in a subdued way. *Waiting for the Mahatma* (1955), the only novel with an explicit historical background, recounts the adventures of a man whose love for a young follower of the Mahatma's entourage leads him to attempt to sabotage Gandhi's peace movement. Gandhi himself plays a minor role; as usual, the focus is on the lives of ordinary men and women. *The Guide* (1958), his masterpiece, tells the tale of a tourist guide, entrepreneur and former convict who is mistaken for a holy man. Resolved to embrace the role the poor peasants have thrust upon him, he ends up revered as a saint. The tone of the narrative hangs on a fine thread between satire and compassionate detachment.

1.1.1 The Author

This section constitutes a study of the fictional and biographical works of R. K. Narayan (1906-2001) as well as a sample of his critical fortune. In particular, it focuses on the widespread appropriation of Narayan's name and novels as representative of an idealized Indian life, before it entered the mainstream English literary system.

Narayan's international standing is expressed in the fact that his novels, short stories, and retellings of Indian epics and myths can be read in most of the world's major languages. Not only has his fiction been the subject of a substantial scholarly and critical literature produced over several decades, but also elaborate literary tributes have appeared in the world's media. He was short-listed on more than one occasion for the Nobel Prize, and held position as visiting professor in several American universities, among them the University of California in Berkeley, the University of Texas and University of Missouri. By the time of his death in 2001, Narayan had secured a lasting place in international literature and earned many other prizes and distinctions, such as India's highest literary prize - the Sahitya Akademi Award - for *The Guide*. He was also elected an honorary member of the American Academy and Institute of Arts and Letters in 1982 and he received the *Padma Vibhushan*, an Indian civilian distinction, in 2000.

His fiction, deceptively simple in terms of literary technique, is distinctive for its voice, its fusion of the comic with the sad, and its philosophical depth. He is known for his lightness of touch and undecorated style full of understated surprises. Narayan has been repeatedly compared to Dickens and Chekov⁶. The comparison with Dickens stems from the

⁶ Among others, William Walsh, in the book *R. K. Narayan: A Critical Appreciation*. Chicago: University of Chicago Press, 1982. Also, Graham Greene in his introduction to *The Bachelor of Arts* and other prefaces.

creation of a vast gallery of unforgettable characters; with Chekov for the structure of the stories. Interestingly, both these writers have often been accused of being sentimental, a feature totally absent in Narayan, whose work could hardly be described as anything near sentimentality. Narayan's ability to convey the idiosyncrasies of the colourful display of characters from all walks of life is another feature that places him in the Dickensian tradition. A significant feature of Narayan's literary world is that it is densely populated by small-time swindlers, street peddlers, small businessmen and the like. Borderline figures like Raju in *The Guide* make the reader aware of a sadness that pervades his work, but this melancholy is conveyed in a chekovian impressionist, rather than sentimental, manner.

In his numerous novels and short-stories, Narayan showed a special ability to make the rhythms and intricacies of South Indian life accessible to people of other cultures inside India and indeed to people of other cultures round the world. Central to this achievement was the creation of Malgudi, the fictional South Indian town, which he peopled with ordinary men and women made memorable by his writing. The stuff of his fiction is the precise registration of the particular and the local, as said by V. S. Naipaul:

He [Narayan] seems forever headed for that aimlessness of Indian fiction [...] but he is forever rescued by his honesty, his sense of humour and above all by his attitude of total acceptance. He operates from deep within his society. [...] the India of Narayan's novels is not the India the visitor sees. [...] There is a contradiction in Narayan, between his form, which implies concern, and his attitude, which denies it: and in this calm contradiction lies his magic (2002, p.232).

It is voice as much as anything else that defines Narayan. An overwhelming number of learned essays in major literary journals and comprehensive critical books have been written about it. Narayan's is an original and humour-laden voice. In the registration of

ordinary life in Malgudi, its unhurriedness and its humour are set against a sad and poetic background, enveloped by many shades of irony.

Narayan's life span stretches through almost the length of the 20th century. Born on October 10th, 1906 at Chennapatna, near Mysore in southern India, Narayan was one among many siblings, his father a provincial Brahmin headmaster. Narayan studied at his father's school and disappointed his family's emerging middle-class aspirations as he failed his first attempt to qualify for the graduate course in Arts. Eventually Narayan was accepted at university and graduated. In the meantime he kept his resolve to write for his living; he also tried to make ends meet by freelancing and keeping odd jobs. He kept on writing and submitting stories for newspapers and magazines. When Narayan finished his first novel, he could find neither a publisher nor a reading public. The India of the 1930s and early 1940s lacked an organised publishing industry. The absence of a significant book-buying public for Indian fiction in English meant small or nonexistent means to support oneself as a writer. In 1931, after trying to interest all available publishers in his short stories and after trying to find a job in *The Hindu* as a trainee reporter, he had a book review and short story published in *The Indian Review*. In 1933, *Punch* published his short satirical article, "How to Write an Indian Novel." In 1934 and 1935, he worked as the Mysore reporter for *The Justice*, the official organ of the non-Brahmin movement.

In the late 1930s, Narayan started to contribute short stories and other pieces to *The Hindu*. Thus began a long association with this Indian newspaper group, which meant that many of the writer's short stories and essays were first published in it. From the second half of the 1980s, the magazine *Frontline* started publishing a number of Narayan "Table Talk" pieces, some short stories, and three novels in serial form. In the middle period of his

creative writing, Narayan had a productive association with *The Illustrated Weekly* and *The Times of India*. R. K. Laxman, India's greatest cartoonist and the writer's youngest brother, has also had a lifetime association with these periodicals. In his autobiography *My Days*, Narayan tells about how he never wavered from the decision he made early on in life: to become a writer. The reader familiar with Dickens' career as well as with his life is not surprised with the parallels. In a way, the connection between these two writers goes beyond the criticism on their treatment of characters. In the midst of all this, Narayan's work remains not only an object of study in the academy, but also a source of delight for readers across the English-speaking world and in translation to several languages. It is high time the Brazilian readers got acquainted with Narayan's understated writing style in his original and enticing novels.

The most remarkable fact about Narayan was that once he came up with his fictional South Indian town Malgudi, he stayed with it for life. All his inventiveness and philosophical resources were invested in this small town, now familiar to millions of people in and outside India through his short stories and novels, not to mention TV series, and films.⁷ Graham Greene's famous line: "Without Narayan I wouldn't know what it is like to be an Indian" has shaped virtually all criticism. After Greene, William Walsh's⁸ now classical book on the author has been a reference for all the critics that came after him. His claim that the Malgudi novels are unique in their indianness made him an easy target for the host of critics who accused him of "essentialism", which has become a sort of insult word in poststructuralism oriented scholarship circles.

⁷ The first adaptation to the movies was *The Guide*, directed by Vijad Anand and Tad Danielewsky, in 1965.

⁸ R. K. Narayan: *A Critical Appreciation*. Chicago: University of Chicago Press, 1982, first published in 1971.

Some studies in post-colonial critical approaches resent Narayan for not touching explicitly on themes of caste, poverty or the British presence⁹. John Updike puts it this way: “Western liberal prejudice demands that Indian writers confront suffering. Narayan confronts it somewhat as Fielding and O. Henry do, with the recognition that suffering is never all there is to the picture; human buoyance and hopefulness are also part of it.”¹⁰ Other trends in criticism praise him for the creation of a detached and closed perennial world in the face of the changing conditions in India at the times in which the stories are set. Many critics, taking the lead of Graham Greene, however, claim that through Malgudi they did have a unique glimpse at the Indian experience.

Greene said about Narayan that “Without him, I could never have known what it is like to be Indian.”¹¹ Leaving aside the question of whether being Indian is a single issue that can be figured out or fixed in words, Narayan's books strikes us as a very unreliable guide to the India of travel books and historical accounts. I have spent a great deal of time researching real data and collecting historical facts about the South India Narayan wrote about, and “real” India is not a place to be recognized in his pages. Apart from occasional descriptions of food and clothing, one would have a completely different vision of what life is like in India from his novels as compared to the country depicted in documentaries and historical works. The crowdedness is gone, and desperate poverty seems to have disappeared. These Indian aspects are absent in Narayan's novels. What is left is the texture of a daily life filled with human afflictions that, though imbued of Hindu myth and traditions, lives on in a separate realm.

⁹ For example: KHAIR, Tabish. *Babu Fictions: Alienation in Contemporary Indian English Novels*. New Delhi: OUP, 2001 and AFZAL-KHAN, Fawzia. *Cultural Imperialism and the Indo-English Novel Genre and Ideology in R.K. Narayan, Anita Desai, Kamala Markandaya, and Salman Rushdie*. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993.

¹⁰ UPDIKE, John. Malgudi's Master. *The New Yorker*. New York, p.134, June 23, 1997.

¹¹ GREENE, Graham. Introduction. In: Narayan, R. K. *The Bachelor of Arts*. Chicago: Chicago UP, 1980.

Narayan's critical fortune is extensive and contains an overwhelming number of essays and full length studies derived from all styles of literary criticism. Beginning with New Criticism, the prevalent approach when his first novels came out, to the current eclectic mix of post-colonial, deconstructivism and feminist approaches, more prevalent in the end of last century when the last novels were published, his works have received continuous attention from professional and academic literary critics, journalists and fellow writers in India, Europe and the U. S. Studies based on mythological approach are also abundant, which is not surprising given the wealth and scope of Hindu mythology and the way it is interwoven in his narratives.

There have been many accounts about Narayan's critical reception. One of the most recent and objective is the study published by the German scholar Dieter Riemenschneider,¹² focused specifically on the novel *The Guide*, which analyses the studies in chronological order of publication. Among book-length studies, alongside the early work of William Walsh referred to in the previous section, John Thieme's 2007 extensive study must be mentioned. Thieme explains the South Indian contexts and cultural geography of Narayan's novels alongside literary intertexts. For him, Malgudi is a transitional interface between older and contemporary concepts which stresses that change is unavoidable in the face of modernity.

Among the myriad of essays based on the feminist approach from Indian scholars, I highlight here a passage from the study on the metaphors of womanhood:

¹² RIEMENSCHNEIDER, Dieter. The Train Has Moved On: R. K. Narayan's *The Guide* and Literary History. *Asiatic*, v.3, n. 2, p. 88-100, December 2009.

An interesting piece of fact that emerges here is in connection with the choice of names for Narayan's women. Those who remain within the traditional bounds have Indian names - Savitri, Sita, Bharati and so on. Moreover, these names are a take-off on mythological characters who are regarded the epitome of Indian womanhood. [...] But Rosie and Daisy are clear cut rebels who openly break the norms. [...] The social and emotional connotations of Indian names seem to prohibit identification of rebels within them (DATTA, 2006, p.117).

Many writers have often tackled Narayan's writing. Apart from Greene and Naipaul, already mentioned, I highlight here the commentaries of Salman Rushdie, Anita Desai and Amit Chaudhuri, three important names in Indian English literature and criticism.

Amit Chaudhuri expresses the view that

a 'timeless India' was being set in opposition to the aggressive materialism of the West [through the transcendental strain of the Bengal Renaissance and the poetry of Tagore], rather than an India that was historically and politically in flux. Although Narayan is accused of having turned away from the historical and the political, Malgudi subtly situates itself in history by rejecting that timelessness. Through Malgudi, he presents a small India of *material desires and ambitions*, and gently mocks the transcendentalism of the Bengal Renaissance and the Orientalists' vision of India with its grand spiritual heritage. [...] He was the first to achieve it in English, and before a worldwide audience (2001, p.21-22, italics mine).

Anita Desai, in one of her articles about Malgudi, compares Narayan's prose to his brother's R. K. Laxman's cartoons:

Laxman has borrowed the 'little man' from Malgudi - a bewildered, pained onlooker of the outrageous actions around him - for the corner or background of his political cartoons; Narayan's style has taken on both the sketchiness and the satiric edge of Laxman's cartoons (1986, p. 23-24).

Although differing in their interpretation in other aspects, Anita Desai shares Naipaul's frame of mind when she considers that "India is capable of absorbing change and

transforming it into the perpetual (p. 24)”. In her view, Malgudi inhabitants represent the “India of those who have managed to escape the holocausts that regularly embroil whole communities, and to exist on the fringes, grateful to survive without too much damage (p. 24)”.

Salman Rushie provides an insightful comparison between the symbolic significance of the river that flows through Malgudi and the Styx, the river of classical Greek mythology across which Charon, Ferryman, carried dead souls to Hades.

Narayan is, of course, a figure of world stature, for his creation of the imaginary town of Malgudi, so lovingly made that it has become more vividly real to us than most real places. (But Narayan’s realism is leavened by touches of legend; the river Sarayu, for instance, on whose shores the town sits, is one of the great rivers of Hindu mythology. It is as if William Faulkner had set his Yoknapatawpha County on the banks of the Styx (1997, p. 58).

This commentary, almost *en passant* in the course of one of his articles, gives us a glimpse of the gap in the reception of the novel by western readers who are by and large unaware of the mythological rivers of the Hindu civilization.

1.1.2 The Novel

When *The Guide* was published in 1958 by Methuen in London and by Viking Press in New York, Narayan was already a fairly well known writer in India, England and the United States. His previous novels, *Swami and Friends* (1935), *The Bachelor of Arts* (1937), *The Dark Room* (1938), *The English Teacher* (1945), *Mr. Sampath* (1949), *The Financial Expert* (1952) and *The Printer of Malgudi* (1957) had gained him a faithful reading audience. *The Guide*, nonetheless, consolidated this growing reputation and has since then been considered his most complete achievement.

As much as my research could gather, the first critical review of *The Guide* appeared soon after its publication, in the trendy magazine *New Yorker*, in April 1958. It takes an overall positive view on the novel. This first review, written by Anthony West, aligns Narayan's literary situation with Russia and reinforces the formula "Indian content, Western form":

Narayan's confidence in the value of the Indian tradition brings out more strikingly than ever his kinship with the nineteenth-century Russians. Just as they expressed their Pan-Slavism and their belief in a Russian future in the form of the Western Protestant novel, imported lock, stock and barrel from abroad, so Narayan expresses his faith in Indianism in English, and in a form that owes everything to Chekhov and nothing to India (1958, p. 147).

What follows in this section is a very brief overview of the novel's plot and narrative techniques. Here, a warning is necessary. Those who do not wish to spoil the pleasure of suspense, should read it only after reading the novel itself.

A central theme of the novel is the transformation of Raju from his role as a tour guide to that of a spiritual guide. The title of the novel, *The Guide*, has a double meaning, and Raju is in a sense a double character. As a tour guide and lover, he is impulsive, unprincipled, and self-indulgent. Gradually, after his imprisonment, and after his transformation into a holy man, he is careful, thoughtful, and self-disciplined.

This novel was written in the U.S. while Narayan was a visiting professor at the University of Berkeley in California, where the author was exposed to the Americans' reactions to the first wave of export-gurus that started to gather media attention. A decade later, in 1969, during another visit to an American university¹³, Narayan touched again on the

¹³ University of Missouri in Kansas, in the spring of 1969.

same topic, this time in a non-fictional register, in the essay “Reluctant Guru”. The name of the essay, in fact, could be a becoming subtitle for the novel. In this essay, Narayan describes the way his colleagues and students expected some sort of spiritual wisdom from him, as if just by being from India, one would automatically be able to deliver deep thoughts:

The belief in my spiritual adeptness was a factor that could not be easily shaken. I felt myself in the same situation as Raju, the hero of my *Guide* who was mistaken for a saint and he began to wonder at some point if a sudden effulgence had begun to show in his face (1988, p.104-105).

The setting of *The Guide*, as most of Narayan’s novels, is Malgudi. Although the novel incorporates the theme of how Indian spirituality is construed by certain Western naive positions witnessed during his stay in the U. S., in this autobiography *My Days*¹⁴ the author recounts that the idea first came to him in Mysore, the south Indian town which served as a model for Malgudi. The major knot in the plot is in fact built on a true event, according to the author:

A recent situation in Mysore offered a setting for such a story. A severe drought had dried up all the rivers and tanks; Krishnaraja Sagar, an enormous reservoir feeding channels that irrigated thousands of acres, had also become dry, and its bed, a hundred and fifty feet deep, was now exposed to the sky with fissures and cracks, revealing an ancient submerged temple, coconut stumps, and dehydrated crocodiles. As a desperate measure, the municipal counsel organized a prayer for rains. A group of Brahmins stood knee-deep in water (procured at great cost) on the dry bed of Kaveri, fasted, prayed, and chanted certain mantras continuously for eleven days. On the twelfth day it rained, and brought relief to the countryside (2001, p.160-161).

Raju, the protagonist, grows up near a railway station, becomes a shopkeeper, and then a resourceful tourist guide. He meets Rosie, an attractive dancer, and her husband,

¹⁴ NARAYAN, R. K. *My Days: A Memoir*. London: Picador, 2001.

whom Raju nicknames Marco, because he dresses in a way that reminds Raju of Marco Polo. Marco is a scholar and anthropologist, more attentive to his research than to his young wife. Rosie and Marco hire Raju as a tourist guide for a sightseeing tour. She wants to see a king cobra dancing whereas Marco wants to study cave paintings. Rosie and Marco are constantly bickering; Marco remains cold and aloof toward his wife. While Marco is away analysing cave paintings, Raju falls in love with Rosie. When Marco discovers the affair, he abandons her and returns to Madras.

Raju becomes obsessed with Rosie and neglects all else. He forgets his business, falls into debt, and ends up losing his shop at the railway station. He also loses his mother's respect and support because he is living with a married woman. Raju's mother moves out of their house, and the property is claimed to pay off his debts. Raju encourages Rosie to resume her career as a dancer, becomes her manager, launching her on a successful career as an interpreter of Bharat Natya, the classical dance of India. In the meantime he squanders her money, and is tricked by Marco into forging Rosie's signature for a package of her jewels, a mistake that earns him a two-year prison sentence.

On his release from prison, Raju stops to rest near an abandoned temple, where a villager named Velan mistakes him for a holy man. As Raju does not want to return in disgrace to his friends in Malgudi, he reluctantly decides to play the part of a holy man. He is happy to accept the daily offering of food that the villagers bring him. Gradually he accepts the role which has been thrust upon him, and assumes a fake attitude as a spiritual advisor to the village community. Raju is content with the arrangement, until a drought occurs, and, in order to save face, he must take up a twelve day fast, as any spiritual leader is supposed to. As a big crowd gathers to watch him during his fasting, he apparently begins to believe in the

role he has taken on. For the first time in his life he has taken on an unselfish task, not for love or money. Despite grave danger to his health, he continues to fast until he faints. His legs sag down as he feels that the rain is finally falling. The closing of the narrative leaves unanswered the question of whether he dies, or whether the drought has really ended.

This is a chronological account of the events in Raju's life, but does not match the reading experience, as the narrative does not follow this order. The novel is told through a series of flashbacks, and in fact tells two stories, that of Raju's relationship with Rosie, and that of Raju's relationship with the villagers as a holy man. The novel opens with Raju sitting beside a temple and meeting the villager named Velan, the first to mistake him for a holy man. The narrative then alternates between an account of Raju's career as a holy man, told in the third-person, and Raju's account to Velan of his previous career as a tour guide and lover, told in the first-person. This dualism is in keeping with the dualism in Raju's character. He is transformed from a sinner into a saint, though he is never truly a sinner, and arguably never truly a saint. In spite of that, and on account of the narrator's voice, Raju gains the reader's solidarity throughout the novel.

1.2 THE TRANSLATION STUDIES SCENE

Translators are crucial intermediaries of global technological, cultural and literary exchanges, hence subject to a unique set of dangers and opportunities in our multicultural times. Structurally, translators occupy a position comparable to the global currency exchange market. At their best, they render possible a truly equal cultural exchange, in which the achievements of one culture are made available to another. At their worst, they hamper the understanding of the source texts; create extra obstacles to their flow of ideas,

mediations and aesthetic achievements. The “task of the translator”, to paraphrase Walter Benjamin’s¹⁵ words which make the title of his famous essay on translation, is to think not only what is being translated, but the historical constellations in which it is said; to put it in another way, to transcode a complex cultural matrix, instead of just the words, phrases or individual meanings. This is surely a frighteningly huge if not impossible task, but well-meaning and hard working translators must make the attempt and not lose nerve before the “impossibility” in question. All these issues are exacerbated to the breaking point by two intervening issues: firstly, we are faced with the contemporary mind-boggling tapestry of intercultural connections and specificities; secondly, at a theoretical level, the dismissal of the concept of “original text”, and “authorial intention” by post-structuralism has called into question tenets held dear to translation, such as the concept of equivalence itself.

Adherence to the untranslatability of culturally specific words is, to a certain extent, the outcome of the quest for full equivalence. The term “equivalence” itself has always been a notion full of controversy. Although different scholars interpret equivalence from different perspectives to find a way out of the absolute equation implied in the term, starting from Nida’s “dynamic equivalence” (NIDA, 1964), the abstract notion of equivalence and its corollary, the equivalent effect, is hard to pin down. It is a subjective, and, to a certain extent, unconscious yardstick in the assessment of translated texts and in the decision-making process of translation practitioners.

Literary translation, in particular, is a complex, controversial, and ultimately imperfect endeavour. Striving to carry the original author's art across a linguistic and cultural divide, the translator faces numerous obstacles. Considerable advances have been made in

¹⁵ BENJAMIN, Walter. The Task of the Translator. In: *Illuminations*. Translated by Harry Zohn, London: Jonathan Cape, 1970, p. 69-82.

recent years in software design; translation companies now frequently employ semi-automatic translation methods. Nonetheless, these advances have not diminished theoretical and practical problems in the process of translation carried out by the human mind. Literary translation, in particular, remains as controversial as ever. Retaining the novel's cultural specificity, the translator nevertheless must seek to render certain culturally laden phrases intelligible to the speakers of the target language. Interpolated phrases, for instance, may add references that would be inaccessible to a reader unfamiliar with Indian traditional culture, especially when it comes to food-related vocabulary items.

The concept of translation being a norm-governed activity was first put forward by Gideon Toury in *In Search of a Theory of Translation* in 1980 and further elaborated in *Descriptive Translation Studies and Beyond* in 1995. According to Toury, the activity of translation is governed by norms that are relevant in the target culture framework in which the translator operates. These norms can be described as the way society regulates behaviour by establishing what is accepted and what is tolerated, on the one hand, and what is disapproved and banned on the other. Toury remarks that possible deviations from norms take place at the risk of sanctions. The translator then operates between two sources of constraints: the translation's adequacy, or its "adherence to source text norms" (1995, p. 56), and its acceptability, or its adherence to target norms. The choices made by the translator involve a compromise or negotiation between these two poles. The author distinguishes between norms as such and normative formulations found in extra-textual sources; while the latter may reflect actual norms in society, they may also be motivated by subjective reasons, such as the wish to create new norms or alter the existing ones. Although Toury recognizes that the individual translator's use of the socially and culturally acceptable norms may not be fully systematic, the author emphasises that these norms can be used to draw certain conclusions about

translation. His notion of "equivalence" derives from notions of acceptability based on the social norms. Toury also claims that the position and function of a translation in a given culture are determined by the target culture. He states that translations are first and foremost "facts of target cultures" (1995, p. 29).

In Brazil, Haroldo de Campos is one of the most important names in this field; his creative translations and accompanying thinking on the matter is well known and object of numerous studies, such as the collection of articles entitled *Transcrições*¹⁶ published under the auspices of this university. Among the Brazilian scholarly production on translation studies, the recent work of Rosemary Arrojo¹⁷ and Cristina Carneiro da Cunha¹⁸ are of importance in the poststructuralist framework.

Among the multiple approaches to translation and to issues related to translation surveyed during the course of this research, I found of special interest the one often called "semiotically-oriented" approach. The disciplines of translation studies and semiotics are intertwined by their very nature. Although Roman Jakobson introduced the concept of intersemiotic translation around four decades ago, it was only recently that translation scholars directed their attention towards semiotics-informed approaches to translation. Its starting point can be dated back to the publication of Jakobson's article "On linguistic aspects of translation" in 1959. There has been a development of this semiotic strand as exemplified by later modifications by Gideon Toury (1995), and Umberto Eco (2007). While Jakobson's typology suggests that translation is not limited to natural

¹⁶ *Transcrições: Teorias e Práticas: Em memória de Haroldo de Campos*, organized by Tânia Franco Carvalhal, Lúcia Sá Rebello e Eliana Fernanda Cunha Ferreira, published in 2004.

¹⁷ ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução. A Teoria na Prática*. São Paulo: Ática, 1986 and ARROJO, Rosemary. Os 'Estudos de Tradução' como Área de Pesquisa Independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção. In: D.E.L.T.A., 14 (2): 423-454, 1998, among others.

¹⁸ *Tradução e Diferença*, prefaced by Rosemary Arrojo and published by UNESP in 1999.

languages, the modifications of his typology have expanded the realm in which translational phenomena is studied. Thus, within this line of thought, the general progression has been from the focus on natural language to the entire human culture. This progression has followed the logic according to which translation is an inherent part of semiosis or sign activity, and therefore can be said to be present in any sign process in any living system. One question posed by the above-mentioned ideas is that of borders of translation, in which there are implicit questions about the relationship between translation and interpretation, and between translation process and the signic process. This issue of borders of translation is closely intertwined with the theories of Even-Zohar, whose work stretches the concept of translation and poses important questions to the task of the translator.

All the above-mentioned writings were essential to my initial mapping of the current state of translation theories, but I could not honestly say that I aligned my thinking thoroughly with one or another. “The Blind Men and the Elephant” is a fable that appears in the *Udana*, one of the canonical Hindu scriptures, and has been reproduced with slight changes in a number of contexts. A party of blind men, or, in some versions, seeing men in the darkness, comes across an elephant and quarrel to decide what it looks like. They cautiously take turns to touch the beast. One feels one part of the animal, one feels the tusk, another one the tail, another one the ears. Each one touches a different part, but only one part. The one who had touched the tusk is adamant: the animal is like a spear, the one who touched the tail claims it is just a snake, and so on and so forth. They then compare their impressions and cannot reach an agreement and quarrel bitterly. They are unable to see that each one is describing a different aspect of the same animal.

In my opinion, the truthfulness of all the different approaches to translation theories posited by different scholars is well represented by this fable. It explains how each person can feel a part of the elephant, and believe that he or she understands the whole about it, when in fact, the whole is far bigger and infinitely more complex and ultimately beyond anyone's grasp. In the same way, very often different approaches claim "truths" that only partially and imperfectly describe the whole of the translation phenomena.

My purpose in the study of the bibliography on translation studies was to establish a private inventory of translation strategies applicable to the translation at hand, to investigate if and how the application of these strategies affects the balance between source text and target text, and, finally, to determine whether this balance is a useful indicator of the direction of the translation as a whole, towards either adequacy or acceptability.

As for the dichotomy that runs through translation studies I will briefly summarize my position in this regard. In fact, the two poles of a continuum have been tagged with different names by different authors along the secular history of the writings about translation as well in the recent history of scholarly work produced in the area of the so called translation studies. These two binary poles have been variously named depending on which source one looks at: Venuti's rather recent domestication/foreignization; Toury's adequacy/acceptability; Nida's formal/dynamic equivalence. Several other pairs have fallen in and out of favour along the ages, such as faithful/free; close to the letter/close to the spirit, etc. If I were to make any claims regarding something as arguable as "theoretical affiliations" I would say that I am more in tune with source text-oriented approaches. Any such claim needs qualification and commentary, which are provided along the discussion of the confrontation with the literary text.

Central to this dissertation is the realization that a single utterance embodies a range of meanings and connotations derived from the author's experience of its referent. In the novel at hand, there are two layers of translation: the issues inherent to English/Portuguese structures *and* the specific Indian references in the text. In both cases, the translator must determine which meanings are relevant to target readers and in doing so has to choose from among a range of possible translations. Ultimately, however logical, sensible, and insightful the decisions made, it is impossible to produce a translated text that accounts for each and every feature that makes the source text unique. A translation somehow releases potential new meanings through features that relate only to the target language and culture.

This research also constitutes a case in point that translation studies cannot afford to ignore concepts from adjacent disciplines. Among other fields of knowledge, translation studies should also be viewed in their connections with literary criticism. However different, the potential new meanings released in the target language, they must have their bearings on the literariness of the source text.

2. THE PROCESS

My first step was to map the bibliography on the current state of translation studies and stated two facts: the expected lack of uniform terminology - to which a student of literature is no stranger - typical of a field of studies that only recently has claimed the status of being an independent area of knowledge. The other fact is the little agreement the scholars in the field have about the very possibility of a translation theory as such.

The second step was to translate the novel and keep written record of my hesitations, the quandaries, dilemmas, pauses for thought, ponderings, difficult decision taking, and more importantly, the grounds for those informed decisions. This second step is what I refer to as the “translation process”. Here this phrase is to be understood as this specific journey, prior to the plunge into scholarly reading about translation theories, and not as a generic would-be universal process that goes in the mind of any translator.

Only then, after the text in Portuguese was completed, I proceeded to the plunge into intensive reading about translation “theories” and approaches, the discussion of its possibilities. As a result of this, I could place my translation along the lines of what can be called source-oriented approaches.

During the second step, the process of translation, my main preoccupation was to set the focus, or rather, to answer the question: Who are my readers? What are their assumptions about India and its history, about Hinduism? I tried to be as realistic as possible in order to keep the balance as for the kind of information provided in the notes.

This discussion is grounded on the writing of the notes themselves, which fall on two major categories: a) notes on culturally-laden words and phrases.; and b) notes on the process of translation – these notes deal with the decisions made by the translator in the light of the translation approach set forth in chapter 1.2. Whenever necessary, explanations are given in detail so that the meanings of certain Indian phrases can be conveyed to the Brazilian reader, who, without due references to commentaries, would not achieve a proper understanding of some passages of the source text.

Excerpts of source text units and their extended problematized analysis constitute the body of this block. This detailed analysis of the choices and wording was what kept my full interest and developing them kept me happily busy for the bulk of the time devoted to this dissertation. For the sake of my readers, these commentaries had to be trimmed down. What is left here in this second block are the most representative of each category of commentary for the main notes, discussed under two chapters. Chapter 2.1, named Notes on Cultural aspects, and chapter 2.2, called Notes on the Translation Process, which is divided into the following headings: Textual (2.2.1), Syntactic (2.2.2), Lexical levels (2.2.3) and Technical and graphic issues (2.2.4).

2.1. NOTES ON CULTURAL ASPECTS

Sometimes the target text requires the reader to pause and make a certain effort to fully grasp certain passages. In these cases, the translator may tend to explain something that was intended to be understood only later in the narrative. When the source text belongs to a culture that differs a great deal from the culture of the target readers, the pitfall of overtranslating presents itself at every step. If the author left things half said, the translator is not entitled to bridge the gap and make things easier for the reader. One thing is to provide notes in order to extend the reader's knowledge of South Indian eating or architecture, for example, and another thing is to include extra sentences in the body of the text with intrusive explanations that break the flow of the narrative. The cultural notes at the end of the chapter serve to make the reading more profitable in broadening cultural aspects alluded to in the text, but never to make explicit connections that are not in the source text.

The reader will find basically two kinds of notes in the target language added to the main text: glossary style and cultural notes proper. Here follows some examples of how each kind of note is dealt with and their intended functions. Let us start with the glossary style:

Quando o céu clareava, meu pai já me esperava no *pyol*. (p. 6, 7)

This is the first time the word *pyol* is used, and in this sentence its reference is not clear, hence a note in the target language is added. This kind of note is short and objective, containing just enough information for the reader to move on without any further explanation on the various kinds of *pyol*, nor details of its cultural significance in local lifestyle. It is written in the style of the glossary definitions usually provided in the end of most Indian

English novels, usually added by the editor. The author himself sprinkled the narrative with this local words and did not add a glossary for his non-Indian English reading audience, it is possible that he was willing to stress de defamiliarization effect in the Russian formalism definition. The short note in Portuguese reads as follows: “Espécie de plataforma descoberta na frente das casinhas pobres, onde os moradores frequentemente dormem, fazem refeições ou recebem visitas.”

A different kind of note, which I call “cultural note proper” as opposed to the “glossary style” ones, involves the word “Tamil”. Let us read the passage:

Ensinava-me o alfabeto tâmil. Escrevia as primeiras duas letras de cada lado da minha lousa. Eu tinha que desenhar os contornos das letras sem parar, até que ficassem irreconhecíveis de tão borradas e distorcidas. (p. 7)

Tamil was Narayan’s first language, spoken in his south Indian home in the state of Tamil Nadu. Here in Brazil we tend to think of Hindi as the Indian language par excellence, this is the language overheard in soap operas or maybe an occasional Bollywood movie. Tamil is an even lesser known language, not usually linked to India. In the novel, there is an endearing scene in which the protagonist learns how to write the Tamil script. The wild cultural and geographical diversity of India has resulted in 22 different languages spoken across the country. Some of these languages are accepted nationally, while others are considered regional dialects. These languages belong to diverse major linguistic families, like Indo-Aryan (spoken by 70% of the population), which includes Hindi; Dravidian languages (22%) which includes Narayan’s Tamil; and a smaller number of Austro-Asiatic and Tibeto-Burman languages. The Indian Constitution declares Hindi to be the official language of the Union. Hindi is also the mother tongue of about 20% of the Indian population, living in the area known as the “Hindi-belt” in northern India. English enjoys a special status and remains

the additional official language of India. It is also the authoritative legislative and judicial language. Each state has its own official language, apart from the various dialects.

The longer note in Portuguese reads as follows:

Tâmil é uma das línguas com literatura mais antiga do grupo linguístico dravidiano, hoje falado por uma população de cerca de 52 milhões na Índia, Sri Lanka, Malásia, Vietnã e Cingapura. É a língua mais falada no estado de Tamil Nadu, região onde se situa Mysore, a cidade que mais provavelmente inspirou a Malgudi ficcional. As inscrições mais antigas datam de 500 a. C. e os textos literários mais antigos (Tolkappiyam) data de aproximadamente 200 a. C. Os caracteres da língua tâmil provavelmente derivam da escrita *Brahmi*, embora parem controvérsias sobre sua origem. Este alfabeto só era usado para o tâmil literário. A partir do século XIX uma versão dos caracteres para o tâmil coloquial foi gradativamente se estabilizando. Trata-se de um alfabeto silábico escrito na horizontal, da esquerda para a direita. Por ter sido originalmente escrito em folhas de palmeira, as letras constituem-se de suaves pinceladas de forma arredondada, de modo que as folhas não se rasgassem.

Another example:

Os outros o seguiram. Raju parou diante de uma imagem de pedra em um canto escuro. Era um deus alto com quatro mãos, segurando um cetro e uma roda, com a cabeça lindamente esculpida, mas abandonada um século atrás. (p.12)

Here the objective of the note is twofold. There is an informative content, telling the reader unfamiliar with Hindu iconography which god is being alluded to in this passage. This part of the note is certainly to be kept in a published edition, either as a footnote or end of chapter glossary. The commentary about the significance of the symbology of Vishnu to the plot of the novel, on the other hand, is of a more critical nature, which serves its purpose here for the eyes of peer students or scholars, but may be left out in an edition in the target language.

The longer note in Portuguese reads as follows:

Representação de Vishnu, um dos principais deuses do hinduísmo. A palavra significa “aquele que tudo vê”. É o deus protetor do mundo e restaurador da ordem moral. Vishnu é mais conhecido por suas dez encarnações ou avatares, que se fazem presentes sempre que há desordem no mundo. As encarnações mais populares, além de Buda, são Rama e Krishna, celebradas nos épicos Ramaiana e Mahabarata. A primeira menção a Vishnu está no Rig Veda, o mais antigo livro das escrituras sagradas do hinduísmo, onde se manifesta como uma divindade solar, sendo que o próprio sol se originou de sua cabeça. Também está associado ao deus da chuva (Indra). Unidos, o deus Vishnu do sol e o deus Indra da chuva destroem o deus Vritra, da seca. A popularidade de Vishnu foi fonte de inspiração para artistas e escritores de todas as épocas. Não se espanta que Narayan faça uso de sua imagem como uma espécie de “mensagem subliminar”, adiantando o ponto focal da narrativa, a seca e o papel divino atribuído a Raju para trazer a chuva.

Another example:

“Fiquei muito magoada. Imaginava que Otelo fosse mais gentil com Desdêmona. Mas suportei tudo. (p.119)

The only explicit reference to western literature had to be the archetypal icons of jealousy. These words in Rosie’s mouth do not sound out of place, after all she holds an M. A.

Another example:

Pertenço a uma família tradicionalmente dedicada aos templos como dançarinas; minha mãe, minha avó, e, antes dela, sua mãe. Já em menina dançava em nosso templo no vilarejo. *Sabe como nossa casta é vista?*”

“É a casta mais nobre do planeta,” disse.

“Somos vistas como prostitutas,” ela disse, francamente, e fiquei eletrizado ao ouvir suas palavras. “Não nos consideram respeitáveis; não nos consideram civilizadas.”

“Todas essas ideias tacanhas podiam ser verdade nos velhos tempos, mas é diferente hoje em dia. As coisas mudaram. *Hoje não há mais castas nem classes.*” (p. 64,65, italics mine)

This passage touches a very important aspect of the Marco/Rosie relationship, their caste difference, which may explain their difficulties as the narrative unfolds. I assume the Brazilian reader had heard of the major Hindu castes but is not familiar with the divisions inside each of them. For this reason there are two notes in the target language each one of them referring to one of the highlighted sentences above. The first note points to Rosie's predicament. The *Devadasis* or the dancing subcaste, date from the 9th and 10th centuries. Members of the caste fanned the statues and honored the gods with candle lights. They also sang and danced for the god's entertainment. They have played an important part in preserving elements of Hindu culture as this caste kept alive ancient songs and choreographies.

The second note in Portuguese supplements the line in the text stating that "there is no caste or class today" with some historical input. The note includes more details, since this is an aspect of India society not really well known by the target readers.

Although abolished in 1947, the caste system persists. President Nehru, took the first decisive steps to eradicate it; legal procedures were enforced to make caste discrimination punishable by law. In 2009, nonetheless, a report on caste in the United Kingdom issued by the Anti-Caste Discrimination Alliance¹⁹ showed that caste discrimination, far from having been eliminated through migration and resettlement, still thrives in the large Indian communities of the United Kingdom. In India nowadays there are reportedly around 3.000 castes based on hereditary occupations, although all caste subdivisions ultimately stem from the four ancient ones in Hinduism. They originate in parts of the body of the god Brahma: the priestly caste (*brahmin*) came from the god's head; the

¹⁹ ACDA covers a number of organizations which strive to eliminate Caste Discrimination in the UK and globally, providing strategic direction. <http://www.acdauk.org.uk/>. Accessed on July 10, 2010.

warriors caste (*ksbatriya*) from the arms; the businessmen (*vaishya*) from his thighs and belly; the lowest servant caste, (*sudra*) from the god's feet. Lowest than the low are the untouchables (*dalits*). The first three castes form around 15% of the population.

Very often the issues involved in translation are intertwined with specificities of Indian recent history. In chapter two of the novel, for example, the term *partition suit* occurs more than once. This term means a type of lawsuit involving land and property lost in the turbulent process of division of India at independence, when Pakistan was created out of the northern regions. English speaking readers are likely to be familiar with the term, as the partition occurred in the wake of the dismantling of the British India and there are currently large English speaking populations of Indian and Pakistani origin living in England and United States. Odds are that the Brazilian audience would not grasp the full significance of this term without a translation note though.

Another example:

Simplesmente disse, “Sabia o tempo todo que você não estava agindo direito. Isso é *karma*. O que podemos fazer?” Ela saiu para o patamar de escada e perguntou ao policial, “O que podemos fazer a respeito disso, senhor? Não há uma saída?”

“No momento não tenho alternativa, senhora. É uma ordem de prisão inafiançável. Mas talvez amanhã seja possível requerer uma reconsideração. Mas não podemos fazer nada até amanhã, até que o caso chegue ao juiz.” Não era mais meu amigo, mas sim um técnico assustador. (p.170, 171)

Interestingly, the word “karma” is used in its most common sense in the west, as a byword for fate. In the context at hand it could just be replaced by something as English as “it was bound to happen”. The term “karma” used casually here seems stripped of its

religious weight. That is how Narayan makes use of these concepts, sprinkling them in conversation, never in lofty speeches.

2.1.1 Names of Food

The word “food” is recurrent in the novel. The protagonist’s relation with it, his eating and his fasting, is so central to the plot. One of the difficulties in the translation lies in dealing with cultural aspects regarding food. Both lived experience and anthropology have it that food serves as a substantial role in defining identities. Out of all the significant aspects of community life, food is arguably the one that most forcefully binds people together. Culinary defines social hierarchies, and is a driving force behind attitudes and behaviours. Food speaks out loud of social ranking, economic status and origin. Cooking, eating and the rituals attached to these activities are a motivating factor that propels action on the part of an individual, a community or an entire society, as *The Guide* shows. Food is definitely a well-publicized aspect of Indian culture in Brazil, but the question of its "indianness" acquires a particular significance in translation, as Indian food lexical items are supposed to shed ethnic identities and contribute to establish the more general identity of a native of India, – if there is such a binding identity.

The present section has as its aim to trace how food lexical items appear in the novel and how they may be dealt with in translation. *The Guide* focuses mainly on material alienation but food emerges as a major metaphor and recurrent lexical item in the novel. It is important to keep in mind that the main irony of the plot is that the protagonist is led to abstain from food as a result of his pretended escape in the role of a guru. Although the process of initiation that the protagonist undertakes involves many deprivations, it is his

fasting that becomes a motivating force in the narrative. The author's description of the protagonist's eating (and denial of eating) brings a detailed inventory of food items; these food items do present the translator with important decisions to make. Some of the particular food items issues are discussed in next section.

Not only the food but eating habits as well build up the plot. These food items and descriptions of eating rituals that are typically Indian set the rhythm of the narrative. However, Narayan occasionally does not use the Indian word for the food item, instead he prefers to define it in terms of its ingredients, using common English words. Furthermore, food naming serves as a symbol and acquires a metaphoric stature; therefore translation to equivalent food items from Brazilian cuisine deserves a one to one case study, in the light of the varying degrees of equivalence.

In my preliminary scanning of the source text I have come across 47 instances of the word *food*. The choices of rendering this word as *comida*, *alimento*, *refeição*, *janta*, *almoço*, *viveres* must be grounded on a careful analysis of the context of each individual instance as well as its function in the narrative; whether it is the narrator's, the fasting protagonist's or one of the other character's voice. Moreover, in item 26, for example, the word *food*, appears as an element in a phrase "food for thought" and so sets the text in an ironic mode. Given the lack of an equivalent phrase in Portuguese, and the utter unsuitability of a word by word rendering, such as "comida por pensamento", the translation is faced with several challenges and decisions. Among the possibilities, one can let go of the irony in this instance and try to compensate for this "loss" in another passage, thus adding an ironic use of words where the source text does not have one. This procedure is either encouraged or condemned by different authors, depending on their assumptions about it, and to what extent,

the translator should remain invisible. The choice, far from being a random one, is derived from the translator's affinity to one or another theoretical understanding of the notions of equivalence, to mention but one of the disputed categories and underlying principles at stake here.

The following short unit is riddled with translation choices that ultimately depend on the theoretical orientation and beliefs of the translator. Let us analyse them:

"... the man on the other side of a coffee bar. I poured him a cup of coffee. "Joseph has brought tiffin. Will you not taste it?" "No; let us be going. ..." (p. 61)

Translation options for this unit:

“... o homem do outro lado do [a1:boteco] [a2: lanchonete] [a3: cafeteria]. Eu servi para ele uma xícara de café.” Joseph trouxe o [b1: tiffin] [b2: lanche] [b3: lanche vegetariano]. [c1: Tu não vais provar?] [c2: Tu não vais prová-l(o)/prová-l(a)?] [c3: Você não vai prová-l(o)/(a)?]

It is important here to separate the items to be dealt with. We have here two kinds of issues: lexical and syntactic ones: The lexical items are: a) *coffee bar* and b) *tiffin*. Besides these, there are two aspects to be considered regarding syntax (c): aspect 1 – dependent on lexical choice – the use of pronoun; aspect 2 – dependent on register choice – regional use of second person singular *tu* with verb in the third person or mainstream use of *você*.

Commentary on item a: (*coffee bar*)

Here the translator is faced with two kinds of lexical items that are analyzed separately: First: *coffee bar* is commonly used in English colloquial register; option **a1** is the most domesticizing translation (VENUTI, 1995) inasmuch as the Portuguese word *boteco* not only keeps the colloquial register, but also brings to mind an array of connotations linked to informality, and lower-class leisure time. Option **a2** also keeps the colloquial register, but the word *lanchonete*, as compared to *boteco*, is more neutral in Brazilian Portuguese, and fails to point to specifically lower-classes habits. Option **a3** is a foreignizing solution, it keeps the semantic reference to coffee, but is inadequate inasmuch as the word *cafeteria* covers a far different range of connotations than options **a1** and **a2**.

Commentary on item b: (*tiffin*)

As for the second lexical item, *tiffin*, the translator is faced with a more difficult decision, since the author decided to keep the South Indian word in the English prose, instead of using the English *snack*, or rather, *vegetarian snack*. One option is to maintain the author's choice and leave the word as is. There are two sides here. On one side, leaving the Indian word untranslated is to respect the source, a decision that goes along the theoretical line that privileges authorial intention at the expense of adaptation to the target language culture. In this case two other options present themselves: either include a footnote describing what *tiffin* is or trust the Portuguese reader to infer its meaning from the context. As it is a thin context, and the word is not paraphrased or referred to in the sequence of the narrative, the Portuguese reader may be left in the dark.

In case the decision is of a domesticizing nature, the challenge is to select a lexical item in Portuguese that covers at least partially the description of *tiffin*, which is **b2** –

lanche. The gap is here wide and obvious. The interpolation of another qualifying word, such as *lanche vegetariano*, would not only break the prosodic flow of the utterance but also incur in a change of register, as the use of a qualifying adjective – *vegetariano* – would add a touch of formality to the text. The tentative note reads as follows: *Tiffin*: Southern Indian cuisine offers a wide variety of vegetarian snacks, commonly called tiffin. These are eaten for breakfast or any other time of the day, though some varieties of tiffin are only available for sale in the morning and other kinds of it are usually sold and eaten in the evening. Tiffin dishes are usually served with a pair of teaspoons, but people often prefer to eat it using their fingers.

Another example of analysis concerns the word *bonda*, found in the next three instances of the novel:

1. "... He had a craving for bonda, which he used to eat in the railway-station stall when a man came there to vend his edibles ..." (p. 80)
2. "... they attached so much value to his fasting he could not very well ask, 'Where is the stuff for my bonda?' " (p. 83)
3. "... applied to him, he might probably have given a different formula: that all villages should combine to help him eat bonda for fifteen days without a break. ..." (p. 85)

Research indicates that *bonda* is a South Indian deep fried dish consisting of lentil batter with a filling, usually potato curry. There are regional varieties of *bonda*, even if one is restricted to the South Indian region. As mentioned before, the setting of all Narayan's novels is the fictional town of Malgudi, which supposedly is located nearby the author's home region of Mysore. Hence, it is worth a closer look at the recipe of a dish called *Mysore Bonda*,

from one of the numerous sites displaying Indian recipes,²⁰ in search of a possible resemblance with a Brazilian dish, either in terms of ingredients or preparation.

Mysore Bonda

- * 1 cup maida
- * 2 Green chilies (finely chopped)
- * 1 small onion (finely chopped)
- * 1 big spoon full of rice flour
- * Sour curd (to make the batter)
- * Salt to taste
- * A pinch of baking soda
- * Chopped coriander leaves (optional)

Mix all the above ingredients using the curd to a *bajji* dough consistency. Keep this aside for three hours. Heat some oil in a frying pan. When the oil is hot enough, drop the batter in oil and deep fry them till golden brown. Serve hot with green chutney or ketchup. Make sure the curd is sour enough.

There are two aspects to be considered here. First, according to this definition and recipe, *bonda* sounds like one of the variants of *tiffin* (vegetarian snack) discussed above. The translator cannot overlook the fact that the author chose to use the word *bonda* and not the more general word *tiffin*. Second, in the recipe for *bonda*, another Indian word shows up – *bajji*- which also requires further research. In addition to these two aspects, the translator may consider the function of the food item in the novel social setting; and maybe proceed to find a food item with an equivalent function in the target culture. In this latter case, a myriad of questions arise, since the mapping of food relationship with broader social aspects differ enormously in different Brazilian regional contexts.

As stated at the beginning of this section, these commentaries are intended as a sample of the work carried out during the course of the translation research itself. The

²⁰ Recipe from the site "Top Indian Recipes from Indian Food Kitchen"
< <http://www.top-indian-recipes.com/mysore-bonda.htm>> Accessed on January 14, 2011.

commentary on the next items is presented in a summarized form, or else, a compact version of my draft writings during the process of translation.

Let us start with an example of how the word *idli*, italicized in the source text, shows in the final version of the note in Portuguese:

Antigamente, teria dito, “Quem comeria isso? Sirva-me café e *idli*, por favor, a primeira refeição do dia. Essas outras coisas são boas para beliscar mais tarde.” Mas a vida na cadeia o havia ensinado a engolir qualquer coisa a qualquer hora. (p.11)

In this case I opted for adding a note.

Bolinho condimentado de cerca de 7 centímetros, típico da região sul da Índia, mas muito popular em todo o país. A massa de lentilha fermentada e arroz é de fácil digestão, por isso são normalmente servidos no desjejum ou em lanches, quase sempre acompanhados por chutney (molho de vinagre, açúcar e especiarias).

Next sentence shows two cases in which the words referring to food were translated;

“Diga para sua mãe que não me espere. Diga para ela deixar no forno um prato com um pouco de arroz e leitelho com um pedaço só de picles de limão.”

“Buttermilk”, as the source text has it, is a dairy beverage with a slightly sour flavor similar to that of yogurt. Technically, it is the by-product of butter churning. It is part of the staple diet in south India, either as an ingredient or as a dressing for rice or vegetables.

The second word is “lime pickle” in the source text. Indian pickles are different from the European or American pickles, they are not made with vinegar, but with oil, and do not require refrigeration, which is a crucial difference in places like the setting of the novel in the Indian countryside. There are many varieties and each makes their own version. They are served with almost everything, from rice and bread to fish and meats.

In both cases my choice was to translate these food items as there are equivalents in Portuguese, even at the cost of losing out on the specificities of the local varieties because the sort of missing information does not interfere with the atmosphere of the passage. As the ingredient is not as common here as it is in India, I added a note in the target language for those readers curious about food issues. The note reads as follows:

Buttermilk no original. Leitelho é uma espécie de coalhada magra, um líquido seroso, pobre em gordura, que fica como resíduo na produção de manteiga a partir do leite cru. Faz parte da dieta diária da população do sul da Índia, puro ou como ingrediente na maioria dos pratos.

The word also shows on page 34: “Havia vendido suas mercadorias e conversado com seus amigos na sua tenda até tarde da noite; depois contou o dinheiro, entrou em casa, comeu arroz com leitelho, deitou-se para dormir e nunca mais acordou.” (p.34)

These two examples above show my pattern of procedure. When the food related word is not in English and italicized in the source text, it is kept so in the target text. On the other hand, when the food related word is in English, I proceeded to a case by case analysis of the pros and cons of each translating strategy.

Another remarkable idiosyncratic usage is the word “banana”. Let’s see the sentences the closing paragraphs of chapter two:

He was left foodless; that was not the main worry, he still had a few bananas. Suppose they never came again? [...] “I am the new priest of this temple, boy, come here. I have a plantain for you. Come and take it.” [...] The boy held out his hand for the plantain and said, “I can swim. I always swim.” [...] Raju gave the boy the banana and said, [...]” (p.25)

Ele ficou sem comida, mas essa não era a preocupação principal; ainda tinha algumas bananas. E se não viessem mais? [...] “Sou o novo sacerdote desse templo, garoto, venha cá. Tenho uma banana para você. Venha buscá-la.” [...] O garoto esticou a mão para pegar a banana e disse, “Sei nadar. Sempre venho nadar.” [...] Raju deu a banana para o garoto e disse, Raju deu a banana para o garoto e disse, [...]” (p.25)

In the above short passage, as elsewhere in the novel, the word “banana” and “plantain” are used interchangeably by Narayan. The author uses the word “banana” or “plantain” in the very same context, referring to the very same individual fruit, sometimes the same sentence.

Research on agriculture vocabulary lets us know that there are more than one hundred varieties of this fruit in the world. In Brazil they are all subsumed in the word “banana”. The specificities of the most popular varieties are added as a complement, as in “banana-prata” and “banana-da-terra.” Substituting a hyphenated word for “banana” would be too awkward in the dialogue between Raju and the boy. For these two reasons, in this special occasion, I decided to ignore the differences in the source text and use “banana” all along. This is an exception to my general guideline of staying as close as possible to the source. But, I guess that in life, as well as in translations, one is bound to make occasional concessions when confronted with textual reality. In spite of this concession, a note was added, reminding the reader of the fact that the “banana” fruit mentioned is most probably of a starch rich variety, suitable for cooking.

One last commentary on the translation process regarding food items:

Levei Rosie a tudo que é lugar, mostrei a torre da prefeitura—mostrei o Sarayu, sentamos na areia e comemos um pacote grande de amendoim torrado. (p.67)

The source text reads “salted nuts”. What specific kind of edible item one refers to when uses the word “nuts” is one of the trickiest tasks in a food context without visual or further input, as the term can be rendered as a variety of different vegetables, from the generic “nozes” to all the “amendoim” (peanut) and all the hazelnuts, etc. Research indicates that in the south of India the likelihood of the use of “peanut” among other nuts is higher. Having decided for “amendoim”, there remains a problem of collocation: internet stats show only 14.400 instances of “amendoim salgado” to 38.700 to “amendoim torrado”.

2.1.2 Names of Historical People

All languages have specific names for people, most of which are entrenched in the culture of the speakers of the specific language; they can pose special difficulties in the reception and translation of culture-specific texts. It is important to note that some personal names have precise connotations, and omitting this implied information results in unacceptable translation (AIXELÁ, 2000). The target reader’s perception of historical names like Gandhi and Nehru are subject to huge variations depending on this reader’s location and background. While a name like Gandhi may vaguely resonate with peace activism for non-Indians, it does reverberate with sharper historical weight for an Indian audience. This difference in perception is even greater when it comes to Nehru, for instance. This name may sound like just another exotic sounding name for many non-Indians, but it is loaded with meaning and a vast array of emotional associations for Indians. As the first president and a

key figure in the process of independence, the proper name Nehru, as often referred in many Indian English fiction, leaves no one indifferent.

On the matter of the translation of personal names, as in almost everything else, there is little agreement among scholars. Peter Newmark (1988, p.214) states that personal names should not be translated when they have no connotation in the source text. The exceptions would be names of well known saints or popes and rulers. More specifically, with regard to names that have connotations in the imaginative literature, and here a literary genre such as a novel must be included, Newmark recommends that they be translated. He adds that the former stated rule is not to be followed unless nationality is a significant aspect. In cases where both nationality and connotation are significant, the most fitting method, according to this author, is to translate the name to the target language, naturalizing the translated word into a new proper name in case this name is not current among the educated readers of the target language.

Anthony Pym (2004, p.92) claims that proper names are not to be translated. Pym defines the result of transliteration operations as a case of absolute equivalence. In his view, the most problematic aspect of absolute equivalence is that it is often unacceptable equivalence, unless much language learning is involved.

Theo Hermans²¹, on the other hand (1988) believes that there are several strategies for name translation. In his view, names can be either copied, that is, reproduced exactly as they are in the source text or transcribed, that is, having the spelling and phonology

²¹ On Translating Proper Names, with Reference to De Witte and Max Havelaar. In WINTLE, M. (ed.). *Modern Dutch Studies*. London: Athlone, 1988, pp.11-24. Apud AIXELÁ, Javier Franco. *La Traducción Condicionada de los Nombres Propios*. Salamanca: Almar, 2000, p.76.

adapted. Hermans claims that substituting a common name in the target text for the personal name in the source text and even omitting the source text proper name in the target text. In Hermans' view, which is also mine, a variety of strategies may be combined:

Theoretically speaking there appears to be at least four ways of transferring proper names from one language into another. They can be copied, i.e. reproduced in the target text exactly as they were in the source text. They can be transcribed, i.e. transliterated or adapted on the level of spelling, phonology, etc. A formally unrelated name can be substituted in the TT for any given name in the ST [...] and insofar as a proper name in the ST is enmeshed in the lexicon of that language and acquires 'meaning', it can be translated. Combinations of these four modes of transfer are possible, as a proper name may, for example, be copied or transcribed and in addition translated in a (translator's) footnote. From the theoretical point of view, moreover, several other alternatives should be mentioned, two of which are perhaps more common than one might think: non-translation, i.e. the deletion of a source text proper name in the TT, and the replacement of a proper noun by a common noun (usually denoting a structurally functional attribute of the character in question). Other theoretical possibilities, like the insertion of the proper name in the TT where there is none in the ST, or the replacement of a ST common noun by a proper noun in the TT, may be regarded as less common, except perhaps in certain genres and contexts (1988, p.11).

The discussion above serves as an introduction to the commentary of this and the next sections dealing with proper names. Our first concern here is the proper name "Marco Polo", which Narayan chose to name Raju's antagonist. The first time the name appears is in the following passage:

Em vez de chamar a si mesma Rosie, seria mais lógico que ela o chamasse Marco Polo. Ele se vestia como alguém prestes a empreender uma expedição—com seus óculos escuros de lentes pesadas, jaqueta pesada, e um capacete pesado sobre os quais pairava uma capa a prova d'água verde brilhante perpetuamente esticada, o que lhe dava a aparência de um viajante espacial. Eu não fazia, é claro, nenhuma ideia da aparência original de Marco Polo, mas quis chamar esse homem de Marco Polo logo de cara, e nunca mais me dei ao trabalho de associar a ele nenhum outro nome. (p.5)

On the assumption that the target readers remember nothing much besides the existence of an Italian explorer named Marco Polo, and probably does not remember the

details of his travels, there is a note in the target language pointing to some interesting connections. In fact, Marco Polo's journeys include Maarbar, in the same southern region of the Indian subcontinent where Malgudi is located. Raju's ignorance about Marco Polo looks should not be ascribed to the character, since there is no reliable historical register of his physical description and no portraits painted during his lifetime.

The following example shows the subtleties conveyed by names:

Mal prestava atenção no que eles diziam. Sabia de cor todas suas falas; prestava atenção somente no tempo disponível, e no quanto podiam desembolsar. Nem mesmo isto me interessava de verdade. Era mais mecânico que intencional. Chamava Gaffur, sentava no banco da frente, ciceroneava o grupo. Ao passar pelo Distrito Novo, apontava, sem mesmo virar a cabeça, "Sir Frederick Lawley." Quando passávamos pela estátua, sabia exatamente a pergunta que ouviria, "De quem é essa estátua?" e sabia quando a próxima pergunta estava vindo e tinha a resposta pronta, "O homem que Robert Clive encarregou de administrar o distrito. Construiu todos os tanques e represas e desenvolveu este distrito. Um bom homem. Por isso a estátua." (p.107)

Lawley Road and Other Stories is a collection published in 1956 by Narayan, and later reprinted in many collections²². In the title story "Lawley Road" the authorities of Malgudi decide to rename the town's streets to reflect the new spirit of nationhood, foreshadowing the way in which city names in India would be officially changed—from Madras to Chennai, for instance—a few decades later. Here I quote the short story:

"They made a start with the park at the Market Square. It used to be called the Coronation Park—whose coronation God alone knew; it might have been the coronation of Victoria or of Asoka. No one bothered about it. Now the old board was uprooted and lay on the lawn, and a brand-new sign stood in its place declaring it henceforth to be Hamara Hindustan Park." (NARAYAN, p. 112).

²² Here I quote from the penguin classics collection. NARAYAN, R. K. *Malgudi Days*. New York: Penguin, 2006.

As it is the rule in a Narayan plot, change leads to trouble. Everyone is confused, “the town became a wilderness with all its landmarks gone.” The authorities attack a statue of a man no one has so far cared to know about, Sir Frederick Lawley. The mayor and other authorities now believe this man to have been “a combination of Attila, the Scourge of Europe, and Nadir Shah, with the craftiness of a Machiavelli (p. 113).” After facing all sorts of difficulties and consuming a good deal of money, the huge and heavy statue is exploded with dynamite. Only after the mayhem do the authorities learn that Frederick Lawley had in fact been an honest man who had struggled for India’s independence and died in the attempt to save poor peasants during a flood. In the end, in a typical ironic twist in Narayan, the statue is put back in a new location whose name the municipality “shall be changed to Lawley Road.”

The second name tells nothing to the Brazilian reader, but would most certainly ring a bell with the British and Indian, Narayan’s primary audience. Robert Clive (1725-1774) is known as "Clive of India". He established the military and commercial power of East India Company in Bengal and in the south while led one of those incredibly adventurous life that makes the stuff of action movies.

2.1.3 Names of Characters

When it comes to names of characters and cultural aspects, the narrator offers us an enticing remark right at the outset of the novel. The reason why she chose to be called Rosie is never made explicit. The reader is invited to answer this question in the same light ironic way in which he or she is asked to participate in the unfolding plot.

Por que resolveu chamar-se Rosie? Não vinha de uma terra estrangeira. Era uma indiana simplesmente, que estaria bem servida com Devi, Meena, Lalitha, ou qualquer um dos milhares de nomes que temos em nosso país. Ela escolheu chamar-se Rosie. (p. 4)

These are all names derived from Sanskrit that are present in the rich Hindu history and mythology. They are still today favourite baby names. Devi means “goddess”; Lalitha means “beautiful or elegant”; Meena, “precious stone”. There is a note in the target language informing about the contemporary popularity of the names.

Another example:

“O que devo dizer para eles seu Raju?” Sempre me chamava de “Raju-sir.” Era seu jeito de combinar respeito com intimidade. (p.91)

Raju-sir in the source text. This issue is important because the form of treatment among characters is crucial when it comes to establishing the tone of a text. Here it shows again the respect the boy should show towards Raju, and had to be maintained in the target text. Leaving the foreign “sir” was a suitable alternative, but in this particular instance I chose to render it as “seu Raju” as this is a form of treatment typical of people from a lower social status who want to make it clear that they show respect for someone they consider their better, even if this is a fake respect. It is also slightly ironical in the context, as it is in the source text.

2.1.4 Names of Gods

There is a wide range of ways the word “god” appears in the novel, as well as there is a variety of names of specific gods from the Hindu pantheon.

“Não permitirei que ninguém faça isso. Só Deus merece tal adoração. Ele nos destruirá se tentarmos usurpar Seus direitos.”

Here is an instance of the word, capitalized in the source text. Sometimes the text presents the form “God”, upper case and singular; sometimes, lower case plural “gods”, and also, in other instances, upper case plural, “Gods”. When singular and capitalized, a Hindu audience is likely to assume it is a reference to Brahma, the most important deity in the pantheon. The Brazilian reader is used to this capitalization in reference to the unique God of monotheistic religions, and would probably think unconsciously of the Christian God. Notice that the pronoun “Seus” [His] is also capitalized in the source text.

Here is one of the instances of god in lower case:

[...] um homem do tempo antigo que pedia esmolas no portão do templo todos os dias e não consumia nada do que lhe davam sem antes ofertar seu presente ao deus. (p.12)

Writing the name of a god is always a sensitive matter, and any detail may alter the tone of the narrative. My policy was to keep all the source text usage in all cases.

As for the names of Hindi gods sprinkled in the narrative, all printed in regular font in the source text, are also in regular font in the Portuguese text, accompanied by a note bringing out their role in the Hindu pantheon.

Examinou seu rebanho, fixou o olhar em Velan em especial, e disse, “Lord Krishna aqui diz—“ Pôs a página na luz e leu um trecho. “Sabem o que isso significa?” Iniciou um discurso semifilosófico sobre diversos temas incoerentes, começando por comer boa comida e chegando à confiança absoluta na bondade de Deus. (p.81)

Krishna is the eighth and most important avatar of Vishnu, often depicted as a beautiful young man playing a flute. His most famous appearance is as a charioteer and

advisor of Arjuna in the Bhagavad-Gita. The notes about Bhagavad-Gita and about the Mahabharata are of an extended kind and bring details on Krishna's significance. For this reason, this first mention to Krishna has an objective glossary style note, just to remind the reader totally unfamiliar with the ranking of Hindu gods that this god is of particular importance in Hinduism. The short note reads: "Lord Krishna é um dos mais cultuados deuses hindus, considerado o oitavo avatar de Vishnu (o segundo na trindade hindu, juntamente com Brama e Shiva)."

2.1.5 Names of Places

I never cease to be uneasy about the translation of place names. This first commentary is about the rendering of the name "Mempi Hills". The English "hills" does not have one all-encompassing equivalent in Portuguese. The range of possibilities include "colinas", "serra" and "montes", but none of these satisfies. The fact that "Mempi Hills" (alongside every other locale in Malgudi region) does not have a real geographical referent sets the translator in an even more unstable situation. After ruling out several alternatives, my choice for the word "montanha" relies more on the euphonic repetition of the initial phoneme /m/. The word "monte" was not used because this word was the choice to render "Mempi Peak" and I wanted to keep in the target language the same distinction ("montanha" and "monte") as in the source text ("hills" and "peak").

Quando subia no topo desse monte conseguia enxergar lugares distantes, a silhueta enevoadas das Montanhas Mempí. (p. 16)

Não sei porque é assim: um belo local poético como a Casa do Monte Mempi provoca em certos temperamentos reações inesperadas. (p. 47)

Place names in Malgudi are relevant because they help the reader to build the daily life of the town that only exists in the printed page in his mind. Very often, characters move through “Market Street” and “Market Square”. Although the word “market” is understood by most Brazilian readers, I chose to translate it to “mercado” to be consistent with my decision to translate all the other places in Malgudi, which helps the reader to ascribe a social function and significance to the locale.

Andava tão devagar e hesitante que quando virava na Rua do Mercado ouvia meus colegas recitando a lição em uníssono, por que o velho homem, nosso mestre, que nos dava aula, achava importante extrair o máximo de barulho de seus alunos. (p.18)

Eu dizia, “É só seguir até a Praça do Mercado e perguntar para um dos motoristas de taxi...” (p. 41)

Here is another case:

Meu pai tinha uma lojinha feita de tábuas de caixote e sacos de estopa; e lá passava o dia todo vendendo hortelã, frutas, tabaco, folhas de betel, grão-de-bico torrado, medido em minúsculos cilindros de bambu, e o que mais os transeuntes da Estrada Principal pediam.

“Trunk Road”, capitalized, in the source text. This and other place names in Malgudi were translated because, more often than not, the meaning of the names contribute to the reader’s grasping of the plot or at least add to the building an imaginary picture of the setting. In the case at hand, it is important that the Brazilian reader knows that the shop is located by a major thoroughfare, and not on any smaller dirt road.

“Kabir Lane” is also of interest:

Ele morava na Travessa Kabir [...] (p.18)

A person named Kabir was an important poet and religious leader in the Bhakti movement in medieval India. In keeping with previous choices, proper names are not altered. His compositions are part of the Sikh faith Scriptures and he was the predecessor of Guru Nanak, founder of the Sikhism, a faith which nowadays has an active role in the delicate political balance of modern India. In Sanskrit, the word Kabir means slave or servant. This note is also added to the target language notes.

Not only street names offer interesting details. The author chose to use a culturally loaded word instead of “City Hall” or “Mayor House”: “The Taluk office”, as in “The Taluk office gong sounded seven (p.114)”

O relógio da prefeitura bateu sete horas. (p.114)

The population in Malgudi keep track of time by the clock in the “Taluk’s office”, often mentioned in the novel. *Taluk* literally means a plot of land, or section of a district, or by extension, a township, so “Taluk’s office” is “sede do município” or “prefeitura municipal”.

The following note is in the target language for two reasons: In keeping with the objective of providing the reader with relevant input about Indian history and culture, it is worth noting that Madras, a city the average Brazilian reader has heard of but usually cannot place on the map, is in fact the capital of the region where the novel takes place. Besides that, it is important to point to the fact that although the city had its name changed, the name

Madras still lingers, not only in literary texts, but also in common usage, as internet entries attest: circa 71 million instances to Madras to 33 million to Chennai.

Muitos alunos que passaram pelas mãos desse antigo mestre agora são altos oficiais em Madras, funcionários da receita e homens assim... (p.18)

The note in Portuguese is:

A capital do estado de Tamil Nadu e quarta maior cidade do país foi fundada em 1640, nos primeiros tempos da colonização britânica, e é também o local onde Narayan nasceu e trabalhou por muitos anos. Em 1996, o governo local trocou o nome da cidade para Chennai, na onda nacionalista de alterações de toponímicos ligados ao passado sob domínio britânico.

Now a note about names of shops.

Levei-a para conhecer as Suburban Stores e disse-lhe para comprar o que quisesse. Provavelmente era a primeira vez que ela estava vendo o mundo. Ela ficou extasiada. (p.67)

In English, the adjective “suburban” means pertaining to a suburb or suburbs; living or located in a suburb. In fictional Malgudi, as elsewhere in real cities in Britain, U.S and some cities in India that’s where middle class people live. Naming the shop “Lojas Suburbanas” would completely alter the allusion to the status of the shop embedded in the name. “Suburbana” is not an equivalent to “Suburban” in this context. The Brazilian reader automatically links “subúrbio” to poverty.

As stated above, place names in Malgudi carry meaning. Before the end of this section, I would like to discuss a name thoroughly embedded in history, “Albert Mission School”.

Não sei com quem meu pai se aconselhou para me mandar para ser educado aqui, já que a moderna Escola Missionária Albert era bem perto.
(p.18)

Here there is an apparent contradiction: the first two words are translated and the last is not. The fact that this is a *missionary* school is relevant to the context of south India, and adds an element of realism to the imaginary Malgudi. Before independence, the vast majority of schools were set up by missionaries, mostly from many Christian protestant denominations. “Alberto” was not substituted for “Albert” because it refers to either or both the saint and the prince (Queen’s Victoria’s husband). It may be an unmotivated idiosyncrasy of mine, but I really dislike translations of people’s names unless it is absolutely necessary for the understanding of a narrative, which is not the case here. I remember being outraged at old Portuguese editions of *Oliver Twist*, for instance, entitled “Oliveiros Twist”, followed by the name of the author: a certain “Carlos Dickens”.

The school is mentioned elsewhere in the narrative, as in the passage: “Claro que minha freguesia não era grande, mas o trem trouxe mais e mais estudantes, e o trem local das 10:30 era cheio de jovens que frequentavam as Faculdades Missionárias Albert, recém inauguradas em Malgudi.” (p. 35)

I added a note in the target language pointing out that this school is familiar to regular readers of Narayan. The note reads:

Desde que Malgudi se tornou o palco da ficção de Narayan em *Swami and Friends* in 1935, a cada novo romance, a cidade cresce e ganha vários logradouros e instituições, entre elas as Faculdades Missionárias Albert. Em 1958, menos de duas décadas antes da independência, os missionários cristãos continuavam ativos na educação institucional.

To close this section about names of places, one word about the town Malgudi itself

Morávamos em uma casinha na frente da estação de Malgudi. (p.5)

When *The Guide* was published in 1958, the fictional Malgudi was already part of the imaginary of Narayan's readership. The town was first described in the novel *Swami and Friends* (1935) and is the setting of all the following six novels. Maybe for this reason, in *The Guide*, the narrator takes a lot for granted, and does not provide details on what certain buildings or streets look like. The narrator acts as if the town was a familiar place to the reader. I deemed that this knowledge enhances the reading experience; hence a note stating so was added.

2.1.6 Names of Plants

There are several names of plants in the novel. Some of the plants have a special significance attached to them that resonates only with readers acquainted with Hindi culture. In these cases, the notes provide a brief explanation of this significance of the name of the plant to the novel. In the example that follows, the discussion of the possible names given to the plant in Portuguese and its meaning to Hindu culture are unified in one single note.

Ficou lá sentado um tempão, contemplando a correnteza do rio na noite; o farfalhar das figueiras e dos pipais por vezes era sonoro e assustador. (p. 10)

The note reads as follows:

Ambas as espécies, pipal (*Ficus religiosa*) e figueira-de-bengala (*Ficus benghalensis*) são árvores sagradas pelos seguidores do hinduísmo, jainismo e budismo, também conhecidas por árvore-dos-baneanas e árvore-de-buda. No texto original lê-se “peepul and banyan tree”, sem itálico; Houaiss refere o verbete “pipal” simplesmente como figueira-de-bengala, substantivo feminino. As duas formas “peepul” e “pipal” remetem ao sanscrito “pippala”. A Enciclopédia agrícola brasileira informa que pertencem a família das Moreáceas e atingem cerca de 30 metros de altura e 3 metros de diâmetro, cujas folhas chegam a 17 cm de comprimento e 12 de largura. A tradição conta que Buda estava sentado sob uma destas árvores quando atingiu a iluminação. Em todas as tradições estão associadas a noções de felicidade e bem-aventurança.

Another tree that is part of the landscape in the novel is “flamboaiã”, with its huge umbrella of red flowers. Houaiss has the form “flamboyant” in italics, but lists the Portuguese version “flamboaiã”, which I favoured.

Andávamos para cima e para baixo na nossa plataforma, uma muda de flamboaiã foi plantada no pátio da estação. (p.27)

The word “tree” occurs at least twice in every chapter. Saying that the foliage of Malgudi and its surroundings is a pervasive extra character in the novel might be pushing the concept of character a little too much, but the several kinds of trees and vegetation do play an active role in the narrative. Right in the opening scene, in the first paragraph of the first chapter, the natural landscape is alluded to:

Os galhos das árvores que margeavam o rio farfalhavam e sacudiam com a agitação de pássaros e macacos se acomodando para a noite. (p. 1)

Raju's childhood is full of images of natural settings of a semi-rural outskirts of Malgudi:

Eu dizia, "Vou brincar lá fora e não incomodo mais. Mas chega de aulas, por favor!" Com isso, ia para a sombra do tamarindo do outro lado da rua. Era uma árvore velha e frondosa, com muitas folhas, no meio das quais macacos e passarinhos viviam, se acasalavam e tagarelavam sem parar, alimentando-se das folhas e frutas. Porcas e seus porquinhos vinham de não sei onde e farejavam o chão repleto de folhas caídas, e eu brincava lá o dia inteiro. (p. 7,8)

The essentially urban Brazilian readership probably cannot count on a prompt mental image of the tree in the excerpt below, and the attentive or curious reader may profit from a note. This note tells about remarkable features of that tree:

Tamarindus indica. Árvore originária da África tropical, em geral cultivada como planta ornamental e apreciada pelos frutos de polpa comestível. Suas folhas e frutos têm propriedades medicinais, e muitas vezes é empregado como ingrediente na preparação de sorvetes, doces, refrescos e molhos picantes. Também conhecida como tamarindeira, tamarindeiro, tamarineira ou tamarineiro.

2.2 NOTES ON THE TRANSLATION PROCESS

This chapter is divided into the following headings, dealing with different levels of the text: Textual (2.2.1), Syntactic (2.2.2), Lexical levels (2.2.3) and Technical and graphic issues (2.2.4). In the following sections the importance of literary analysis sometimes surfaces in my commentaries, sometimes it is implicit in them. In either case, such literary criticism background has certainly influenced the translation process, underlying my assumption that the translator is primarily a reader.

2.2.1 Textual Level

Let us start with a quotation right at the beginning of the first chapter:

Homens e veículos, porcos e meninos—o panorama da vida me fascinava. (p.8)

“Men and vehicles, hogs and boys—the panorama of life enchanted me.” In my point of view, his statement is the key to the effect of the novel; regardless of the kind of happy or disastrous events, the flow of life itself is a source of joy, a notion in keeping with Hindu concepts. After flipping the last page, that is the feeling that lingers on; the variety, the eternal on goings of human actions. Besides this notion, which is to me the interpretative backbone of the novel, there are other important ideas. From now on, these other ideas are pinpointed in the text.

This is the first instance of many allusions to the idea of inexorability of fate. This notion is at the core of Hinduism, and arguably at the core of Raju’s narration.

Era um guia pela mesma razão pela qual outros são sinalizadores, carregadores, ou guardas. É o destino. (p. 5)

There are many others. This is one of the most explicit instance of textual evidence highlighting the inexorability of fate.

“Sim, senhor,” disse Velan. Levou os dedos à testa e disse, “O que quer que esteja escrito aqui vai acontecer. Como poderíamos evitar?” (p.14)

Less obvious than references to fate though are certain nuances of the narrator standing towards the peasant's worldview and Raju's personality outlook.

Vacas pastando à distância davam uma sensação de quietude sublime. Deu-se conta que não tinha alternativa: tinha que assumir o papel que Velan imaginara para ele. (p.24)

With such an unassuming sentence, without any explanation or commentary on why Raju could not go back to his hometown or just try loitering in any other of the thousands of similar villages, temples or river bank, the narrator assumes that there is really no alternative. It is as if this notion was a given, not worth further ado. Such details in the narrative technique, alongside the way the narrator mildly smiles at the apparent incoherent dialogues between the villagers, are at the core of Narayan's deceptively straight forward style. This art of understatement has been highlighted in criticism.

Also regarding the main character:

Não esperava por isso, então disse, “Não podemos discutir isso amanhã? Agora estou com muito sono.”

Ela estava a fim de brigar. Disse, “Pode me dizer em uma palavra porque fez isso e dormir imediatamente.” (p.157,158)

Soon later:

Ela sentou reclinada no travesseiro com um periódico na mão, aparentemente lendo, mas na verdade se preparando para a briga. Fingiu ler por alguns momentos e perguntou de repente, “Por que queria esconder o livro de mim?” (p. 158,159)

The reader is constantly reminded of one of the main traits of Raju's personality, the constant putting off of anything that is unpleasant, in this case by pretending

to be sleepy. Throughout the phases of the narrative, this feature of Raju remains unaltered; he methodically avoids facing problems in the hope they go away on their own. Here we feel, at the same time, the comedy of the situation. This scene of a couple in bed, the woman insisting on talking and the man trying to dodge an annoying confrontation could be in any contemporary sitcom script. In fact, the woman willing to “discuss the relationship” while the man tries to dodge it is a stock situation in sitcom comedy commonly found on TV from the 1950s on. Interestingly, Narayan wrote *The Guide* during his visit to the U.S. on exchange program for writers, and one is entitled to wonder if this passage has been inspired by a TV show. Whatever the source of inspiration, this scene exemplifies the comic undertone of the novel. One of the talents of Narayan lies in this skilled wording, always adding a humorous layer or sometimes a subtle philosophical irony at the same time as he reinforces the character’s main psychological issues.

Still on the topic of the protagonist’s personality, one comes across a remarkable statement in the first paragraph of the turning point chapter 5, when he meets Rosie, narrated in Raju’s voice.

Não que quisesse dizer uma falsidade, só queria ser agradável. (p. 41)

In the context, he is excusing himself for telling tourists whatever they wanted to hear. Raju is self conscious and acknowledges that he is unable to say no and adds that if he could, his life would have taken a totally different turn. If I were to pinpoint one single sentence to summarize Raju’s journey it would be this one above.

All along the narrative we come across hints of how the plot will unfold.

Desde o instante que esse homem viera sentar diante dele, fitando seu rosto, experimentava uma sensação de importância. Sentia-se como um ator de quem se espera uma fala adequada. (p.9)

This sentence foreshadows the core of Raju's predicament. The whole plot stems from his urge to say what is expected of him. Another instance, early in the first chapter, is:

“São produtos da nossa terra e temos orgulho em oferecê-los ao senhor.” Raju não precisou perguntar mais nada. Aos poucos passou a se enxergar como líder nessas ocasiões. Já havia começado a achar que a adulação a sua pessoa era inevitável. (p.11)

This sentence foreshadows the plot at the same time as it hints at the idea of inescapable fate which is to be found everywhere in the text. Next example shows again how the idea of fate is embedded in the same passages that contain a foreshadowing of the plot. The concept of fate, after all, is that one's actions are already a given, so that peeking into the future, be it of the narrative of a novel or of one's life, comes down to the same movement.

Raju ficou preocupado. “Tenho que representar o papel que esperam de mim; *não tenho saída*.” Quebrou a cabeça secretamente, tentando achar um jeito de começar. Poderia falar sobre atrações as turísticas de Malgudi, ou deveria dar lições de moral? Tipo, era uma vez havia um tal e tal, tão bom ou tão ruim que quando veio a fazer isso ou aquilo sentiu-se tão desesperadamente só que começou a rezar, e assim por diante? Fiquei entediado. O único assunto sobre o qual podia falar com alguma autoridade agora parecia ser a vida na cadeia e suas vantagens, especialmente para alguém confundido com um santo. Eles esperavam respeitosamente por sua inspiração. “Ah, idiotas,” teve vontade de gritar. “Por que não me deixam em paz? Se me trazem comida, deixem lá e não me incomodem, obrigado.” (italics mine, p. 37, 38)

This passage places side by side the idea of a pre-programmed fate: “*não tenho saída*” (“There is no escape” in the source text) in the lightest of moods with which Raju handles the situation, and the mocking of the typical religious inspirational tale that bores the

fake guru. He “felt bored.” It seems that all the unfolding steps of his journey that constitutes the plot of the novel derive from this “boredom”. The chain of ideas implied build on this surrealistic base indeed: since he feels bored, he is trapped, if he is trapped, his fate is sealed.

In a different key, but always with a comic effect, some passages subtly refer to western attitudes, such as this:

“Veja, essa entrada só pode ter sido uma improvisação posterior; a caverna em si, eu sei, deve pertencer ao século I a. C. Veja só, aquele tipo de pórtico alto e vestibulo com alto-relevo popularizou-se em século VII ou VII, quando os soberanos do sul da Índia passaram a apreciar...” Não parava de falar. Coisas velhas e decadentes pareciam soltar sua língua e incendiar sua imaginação, em vez de coisas vivas que se moviam e balançavam as pernas. Tinha pouco a fazer como guia; ele sabia muito mais sobre tudo! (p.62)

Marco is here depicted as a caricature of western scholar, blind to the local culture and sensitivity. Another instance is more subtle:

O professor sugeriu, “Não me entenda mal, mas poderia conversar com esses garotos sempre que puder?” Isso deu a Raju a chance de transmitir aos garotos suas opiniões sobre a vida e eternidade. Falou a eles sobre santidade, limpeza, abordou Ramayana 60, os personagens dos épicos; palestrou sobre todo tipo de coisa. (p. 34)

The source text reads: “He spoke to them on godliness, cleanliness, spoke on Ramayana, the character of the epics; he addressed them on all kinds of things.” This sentence is a clear satire on to the now infamous Victorian saying “Cleanliness is next to godliness.” This saying was first recorded in the writings of Francis Bacon; his “Advancement of Learning” of 1605 one reads: “Cleanness of body was ever deemed to proceed from a due reverence to God.” In 1791 John Wesley in one of his sermons wrote that “Slovenliness is no

part of religion. Cleanliness is indeed next to Godliness.”²³ It is remarkable that this saying shows in Emily Brontë's *Wuthering Heights*, in the mouth of Nelly Dean, the Earnshaw's housekeeper, in one of the several pieces of advice handed out by this embodiment of Victorian morals. Narayan learned to read and write English mostly from an immersion in English novels from childhood throughout his life; he was an eager reader of the Brontës. It is not surprising that a saying from those early readings springs up in his mature novels. The English speaking readers of Narayan would not have missed the irony of the juxtaposition of quintessential Victorian and Hindi wisdom, or Brontës and Ramayana. This irony is here unfortunately lost in the translation, as there is no proverb that links the words “santidade” e “limpeza” in Portuguese.

The following examples highlight the author's typical use of parallelism:

Mais tarde na vida, descobri que todo mundo que via um lugar interessante sempre lamentava que não tinha ido com a esposa ou filha, e falava como se tivesse roubado a alguém uma coisa boa da vida. Mais tarde, quando já havia me tornado um guia turístico maduro, seguidamente induzia meu cliente a um tipo de melancolia ao comentar, “Eis algo que deveria ser apreciado por toda a família,” e o homem jurava que voltaria com toda sua parentela na próxima estação. (p.43)

“Later... Later...” Here the stylistic device helps convey the impression of the regular pace of time.

This other passage is also of interest:

Minha mãe me fez um apelo. “Tenha um pouco de juízo, Raju. Ela é casada com outro homem. Tem que voltar para ele.”

²³ Details about the proverb from *Morris Dictionary of Word and Phrase Origins* by William and Mary Morris (New York: HarperCollins, 1988) and also in the *Random House Dictionary of Popular Proverbs and Sayings* (New York: Random House, 1996) by Gregory Y. Titelman.

Havia uma lógica tão serena em suas palavras que eu não pude fazer mais nada a não ser repetir cegamente, “Ela não vai a lugar nenhum, Mãe. Ela tem que ficar aqui.”

Foi aí que minha mãe tirou sua carta da manga. “Se ela não for embora, terei que deixar essa casa,” falou.

Meu tio disse, “Achava que ela era indefesa, apenas uma dependente sua?” Bateu no peito e berrou, “Enquanto estiver vivo e respirando, jamais deixarei uma irmã desamparada.”

Fiz um apelo para minha mãe. “Não precisa ir, Mãe.” (p.135,236)

“My mother appealed to me” and near the end of the interchange “I appealed to my mother.” It is important to keep the forms of the reiterated expressions unaltered in both instances as they add to the comic effect of the dialogue, instead of using variants such as “apelei para minha mãe”

To close this section, a rather personal commentary prompted by the passage:

Viajantes são uma turma entusiasmada. Não se importam com qualquer inconveniência desde que tenham alguma coisa para ver. Porque razão uma pessoa se dispõe a passar sem comida nem conforto e sacolejar por cento e tantos quilômetros para ver um lugar, nunca consegui entender, mas não era da minha conta perguntar os motivos; assim como não me importava com o que as pessoas comiam ou fumavam na minha loja, só me tocava fornecer os suprimentos e nada mais. Parecia-me tolice viajar centenas de quilômetros para ver a nascente do Sarayu se ele tinha se dado ao trabalho de descer a montanha e chegar até nossa porta. Não tinha nem ouvido falar da nascente até aquele momento; mas o homem que foi até lá disse maravilhas do lugar. (p. 42, 43)

This paragraph about tourism strikes a deep chord with me. Engaged into the mass tourism of our age as we all are one way or another, we can maybe benefit from this idea of enjoying the available, near at hand landscapes rather than spend time, money and patience to catch a glimpse of a supposedly exotic one. Reading Narayan and other writers of Indian background has reinforced my belief that wherever one looks, human behaviors and endeavors are just “more of the same”, dressed as they may be with varying mythological apparatuses and cultural guises.

2.2.1.1 Irony

Irony is a pervasive and much discussed element in literary analysis and certainly a central aspect in the novel at hand. The most basic and straightforward definition of irony is that it is a contradiction. This contradiction may take the form of a discrepancy between what is being said and what is meant, between what is said and what is actually done, between what is expected or intended and what happens, and, most importantly, between what is meant or said and what others understand. There are two most basic types of irony, situational irony and cosmic irony. In situational irony, the expectations aroused by a given situation are reversed; in cosmic irony or the irony of fate, misfortune is the result of fate, gods or a higher force beyond the control of those involved.

Abrams' canonic reference work of literary terms discusses the polysemy of the terms irony and comedy as applied to literature. In a certain point of the discussion, we read that

some literary works exhibit **structural irony**; that is, the author, instead of using an occasional verbal irony, introduces a structural feature which serves to sustain a duplicity of meaning and evaluation throughout the work (ABRAMS, M. H., 1993, p.98).

The above passage might as well have been written having *The Guide* as a paradigmatic example. In *The Guide*, Raju's process of transformation from trickster to guru is inseparable from the technical structure of the narrative taken as a whole unit, where the spiritual theme, enhanced through evocations of the protagonist's idyllic childhood, is configured through its balancing with ironic verbal touches, comic tone, and

the pervasive sense of ironic fate. It should be noted that Narayan does not conceive of the comical as a mode of spiritual or moral superiority. The final impression after closing the book is not that the narrator had used the distance between himself and the characters in order to make them ridiculous, or in order to laugh at them. On the contrary, the reader is invited to laugh *with* them. Narayan, through the employment of his gentle narrator, therefore, seems to show the reader that true laughter is not aggressive; it may be directed at someone, but it is a sympathetic response to a paradox. Under this perspective, laughter is an acceptance and a celebration of human frailties and contradictions.

Narayan's sense of comedy is an effortless paradox in which the contradiction between guru and trickster is made painless because of the capacity of the narrator (and lead by him, also the reader) to envisage a way out to a higher realm, a transcendence from the restraints of immediate reality that reduces the contradiction guru/trickster to a funny business, robbing it of its high seriousness at the same time as it endows it with a spiritual depth. All the reader needs to do is to accept the invitation.

The novel presents us with a higher and a lower type of the comic. The lower form, which might be termed irony or inauthentic humour tries to avoid suffering by disguising it with a coat of laughter. The higher form of the comic, to which I here reserve the term humour, acknowledges that paradox and suffering are inescapable parts of life that must be accepted. In an optimistic reading, allowed and to a certain extent encouraged by the narrator, suffering and the paradox guru/trickster lead to self- knowledge and forgiveness.

The belief in fate of Hinduism which pervades the novel's comic outlook conveys the narrator's belief that a catharsis of our uneasiness or fear towards the inexorable fact of our individual death can be achieved through the medium of laughter. This laughter of faith expresses the acceptance of the natural world as a realm which must be lived through before the fulfillment of a higher destiny is possible. The Hindu religious quality of the author's sense of comedy therefore places the ironic mode of the novel in a peculiar angle in relation to the traditional definition of irony as a literary device. It seems to me that Narayan views the use of irony as a high form of wisdom. The idea of the novel *The Guide* is that one's contradictory journey in life is primarily a comedy. The underlying idea conveyed by the narrator is that a healthy consequence of faith is to see laughter ultimately as much more than a device to achieve a literary effect, or a form of social wit, but a means of displacing uneasiness with pleasure, or a sort of purgation of the sympathy and ridicule. Narayan's sense of irony is an intimation of the eternal because ultimate fears about the ridicule and meaningless of one's life can only be appeased in a comic key.

The translator attention, modeled by a literary analysis is more easily focused on instances of irony and the need to preserve them in the target text. Let us take a closer look at some of these instances, in a summed up version of my draft commentaries produced during the course of the translation process. Consider the following excerpt:

Estava meditando a respeito de meu livro-caixa só para ver em que pé estávamos, e como declarar nossas despesas. Após me debruçar sobre esta questão *mística* por algum tempo, fui lá para cima. (p.163, italics mine)

With one word, an ironic effect is achieved in an otherwise plain recounting of Raju's moves. The underlying juxtaposition of mysticism and fraud, meditation and day-to-day life, tourist guide and spiritual guide, surfaces in the narrative and keeps this parallel constantly active in the reader's perception.

Right in the opening dialogue between Raju and Velan we find the first instance of explicit irony. Early in the first chapter the ironic mode is set.

E Raju coçou o queixo deliberadamente para certificar-se que uma barba apostólica não havia crescido ali de uma hora para outra. Ainda estava liso. (p.2)

The play on expectations of what a guru should look like is further developed later on:

Raju logo se deu conta que seu status espiritual seria aprimorado se ele deixasse crescer uma barba e cabelos compridos para cobrir a nuca. Um santo barbeado de cabelo curto era uma anomalia. Aguentou os vários estágios de sua construção com sangue-frio, sem se importar com a fase de pelos espetados que teve que passar antes que uma autêntica barba cobrisse seu rosto e descesse ao peito. Quando chegou no ponto de poder alisar a barba, pensativo, seu prestígio tinha crescido além de suas mais loucas expectativas. Sua vida tinha perdido suas limitações pessoais; suas assembleias haviam se tornados tão grandes que transbordaram pelos corredores do lado de fora e as pessoas sentavam até bem na beira do rio. (p. 39, 40)

This is a delicious unpretentious paragraph that exemplifies the soft satire running through the novel, especially, but not only, in the passages narrated in the third person. By the way: Although Houaiss has the word "status" in italics as it does with all imported words, I preferred to leave it regular font. I am keeping italics only for the Indian words as they are printed in this way in the source text.

Another excerpt:

Raju assentiu e acrescentou, “Todos temos,” em um súbito ataque de sabedoria pontifical. (p. 8)

Instance of narrator’s irony and distance from the protagonist in this section of the text in third person. The source text is sharper than that: “in a sudden access of pontificality.” At first I had translated this as “em um surto de sabedoria categórica” and then as “em um súbito acesso de “pomposidade”. The solution chosen might sound a bit weirder than those dismissed, but it is in keeping with my general purpose to favour the source text; or to privilege adequacy rather than acceptability to use Gideon Toury’s terminology. At least, the ironic allusion to the papacy is kept intact. I considered “sabedoria pontifical” and “sabedoria papal” both of which have the advantage of keeping the pontifical resonance, but “pontifical” in Portuguese is in the same formal or academic register as “pontificality” is in the source text.

A thorough list of all the textual instances of narrator’s irony would be too much for this section, especially because it sometimes runs through the length of an entire page. Let us consider just one more example:

Velan arriscou uma sugestão, “Faça um palestra, senhor.” E como Raju ouvia sem transparecer nenhuma emoção, mas parecendo estar em contemplação profunda, Velan acrescentou, “Para podermos desfrutar de sua sabedoria.” Os outros murmuraram concordando. (p.37)

The narrator’s voice is ironic, but the character, Velan, is serious. The ironic effect is that the narrator establishes a complicity with the reader, both smiling at the

villagers naivité and credulity. Next section focused more specifically on passages in which a direct narrator's voice surfaces in the text.

2.2.1.2 The Narrator

Narayan and his contemporaries played and continue to play a key role in building up the canon of post-colonial literatures. An early exponent of this developing canon, Narayan was a pioneer in experimentally blending Eastern materials and Western techniques, what was to become common practice in the recent decades. In his novels, Narayan mingles two different literary traditions, the English comic novel form and classical Hindu oral patterns of storytelling. The mixture of these diverse forms, performed in his characteristic ironic style, not only made Narayan widely read by non Indian English speakers, but it also made the Indian literary tradition more accessible to a public with growing interest in literature from former colonies.

The revival of the traditions of oral literature and storytelling is a characteristic feature of the writers of independent India who, either with or without a political agenda, tend to stay away from the hegemony of the literary discourse inherited from the colonizers, and to revitalize their oral and classical literary traditions. Narayan was the first to consistently resort to these traditions and use them in a novel.

An important convention in the structure of the western novel, the manipulation of the narrator, is also present in Hindi oral storytelling traditions. In many mythological stories different narrators tell the same stories, over and over again as a means to educate their audiences. Sanskrit storytelling and theatre often employ the narrator as a

device to call the attention to the threads of the story. In traditional Hindu theater the actors perform a play within a play, address their audience and call their attention to the structure of the performance. This practice is similar to the narrative that calls the reader's attention to textuality of the novel, as it happens in *The Guide*. The ancient storyteller invites the public to a direct dialogue to take them into confidence. As we shall see in this section, Narayan employs the same technique in different stages of *The Guide*. Just like in the traditional tales, the storyteller addresses the listeners, or in this case, the readers, posing them straight questions and seeking their response at various points of the narration.

The Guide, as well as other novels written by Narayan, may be said to bear strong influence from these traditional stories, not only as content goes, but also in the way the plot is told. The constant intervention of the narrator keeps alive the personal ingredient of oral storytelling, and balances the more impersonal narrative of realistic western novels. Resorting to the oral tradition, Narayan reinvigorates it to suit his new goals of reaching both domestic and international readers. The post-colonial self-reflexive novel which Narayan pioneers, maintains much of the flavour of traditional narrative practices, and at the same time as it employs the western tradition of the realistic novel form.

In the following excerpt, right at the beginning of the novel, the sentence in brackets marks the first of a series a series of shifts from third to first person narrator. It is also the first indication of the organizing presence of an authorial voice, supposedly overlapping with the author's voice; or at any rate, the story teller is the one who here takes this decision of giving Raju the autobiographical point of view.

Meus problemas não teriam começado (disse Raju mais tarde, ao narrar a história de sua vida para esse homem chamado Velan) se não fosse por Rosie. (p.4, between brackets in the source text)

In this next example, the narrator addresses the reader through his immediate audience, Velan, as is bound to happen elsewhere. Let us observe the underlined phrases:

Ao ouvir seu nome, não imagine que vestisse minissaia ou cabelo curto. Sua aparência combinava com a dançarina ortodoxa que era. (p. 4)

In fact, the narrator addresses the reader repeatedly, in every stage of the plot. In some cases these utterances also work as a mild satire on the context of the situation at hand.

Você talvez pergunte por que ou quando virei guia. (p.5)

Como você deve ter adivinhado, toda essa expansão dos negócios de nossa família me ajudou a atingir um fim desejável—largar a escola sem chamar a atenção. (p.31)

Não se engane com minha atual demonstração de humildade; na época não havia limite para minha autocongratulação. (p.143)

Here the narrator seeks Velan's (and our) approval. The reader is constantly being reminded of the narrator's presence:

É o destino. Não ria de minhas associações com a ferrovia. A ferrovia entrou no meu sangue muito cedo na vida.

Often the narrator addresses the reader in a very familiar way, as if he or she could actually be at the station. This strategy adds thickness of reality to the fictional Malgudi.

Se você me visse me afastando na direção da barreira enquanto a locomotiva ainda estivesse deslizando pelos trilhos até a plataforma poderia estar certo que não havia nenhum cliente para mim no trem. (p.45)

Sometimes this voice establishes an imaginary dialogue, anticipating the reader's thoughts:

Você pode muito bem se perguntar como eu encarava isso tudo. (p. 47)

Here is another instance of the narrator establishing a dialogue with the reader and anticipating his or her expectations, seeking the reader's approval in this key passage. From the outset, the narrator coaxes the reader into seeing Rosie as a woman capable of arising unexpected emotions from Raju, who does not see himself as a poetic person.

Não que fosse muito glamorosa, se é isso que você imagina, mas tinha um porte, delicado e esguio, muito bem proporcionado, olhos brilhantes, pele não branca, mas com uma luminosidade que a tornava apenas parcialmente visível—como se você a visse através de uma película de suco de coco maduro. Perdoe-me se meu tom for poético demais para seu gosto. (p.49)

In this next example, the narrator also pokes at the scholar type:

Se o cliente fosse do tipo acadêmico, tinha o cuidado de evitar qualquer menção a fatos e dados e me limitava a descrições genéricas, deixando que o próprio sujeito falasse. Pode estar certo que ele não perdia a oportunidade. (p.43)

Finally, it is also worth noticing the inclusion of the reader through the use of pronouns. In this case, the “our” is not directed at Raju's primary audience Velan, who does not live in Malgudi. In this case the narrator is addressing the author's imagined readership, people who have read his previous novels and can identify with Malgudi, or at least be so familiar with it as to consider it their adopted town. Graham Greene may fit in this category,

with his statement “Narayan [...] has offered me a second home. Without him I could never have known what it is like to be Indian [...] No one could find a second home in Kipling's India or Forster's India.”²⁴ (1981, p. 26)

Se tivesse me avisado que ia encontrar uma criatura tão elegante na nossa estação talvez tivesse me vestido de forma apropriada. (p.49)

Here and everywhere in the text we find the possessive pronoun “our” “our station”, “our train”, “our town”, to include the reader in Malgudi, to get the reader’s complicity.

2.2.2 Syntactic Level

I used to take pride in being a seasoned reader and by that I meant a reader not easily daunted by dense style, intricate grammar or unorthodox punctuation. That was until I started translating some literary texts and reading every book with the eyes of a translator. With those eyes I noticed beautiful details that had henceforth escaped me, but also a multitude of concerns came along. Alongside the blow of my pride in being an attentive reader, other illusions followed. The integrity of the English language revealed itself to be a chimera in a very practical manner. One thing is to be theoretically aware of the fallacy of a totally coherent language system and be acquainted with different Englishes. To translate one of these different Englishes into another language is an entirely different matter. When translating each author, a new English emerges, and with it a new way of using its age-old words, a new idiolet, so to speak. When the author’s English is not his childhood language,

²⁴ This line has become emblematic of Greene’s role in “advertising Narayan”. It is quoted in 9 out of 10 prefaces of Narayan’s novels and in every other academic article. Also in GREENE, Graham. Discovering Narayan, *The New Republic*. April, 4, 1981.

but acquired at first from reading, as is the case of Narayan, these facts are enhanced even more.

On the syntactic level, the eye of the translator is also sharper than the eye of the casual reader. The use of a pattern of verb tenses that just flows delightfully in a novel, for instance, can cause headaches to the reader/translator, who must decide how to replace this pattern when that tense does not work in the target language, having in mind what consequences that replacement might have on other syntactic choices. The crucial substance of any novel is ultimately human reactions to other humans, and all languages have adequate words to convey these interactions. When it comes to words for artifacts that refer to cultural specificities, a translator note comes in handy to shed light on a cultural specificity. The same cannot be said regarding syntax. No explanatory note will do when the particular syntax of the author is at odds with the standard syntax of the language, as is the case here. The key issue is the structure of the verb tenses, the length and disposition of the sentences, the connections between its parts, the way the pronouns are used. In this aspect, there are not two authors who handle their syntax in the same way.

As a translator I aim at creating a reading experience in the target language as close as possible to that experience in the source text. When the author breaks a grammar rule and there exists the same rule in the target language, one would at first imagine that the translator should also break the same rule in order to achieve the same effect. But that apparently sensible decision does not always achieve the intended plan. Sometimes, breaking the same rule in the target language does not achieve the same effect. A case by case study is made necessary, and no wholesale strategy is possible. This minute treatment of the text is necessary specially when we take into account that here we are not dealing with a standard

British English. Even if we acknowledge Indian English as a language on its own, the problem remains, since what may appear as a deviation - translated as such in Portuguese - might be the norm. The complexity is further increased by the fact that Narayan's attitude towards English was ambivalent. In one of the several essays in which he touches on English²⁵, for instance, he writes:

For me, at any rate, English is an absolutely *swadeshi* language. English, of course, in a remote horoscopic sense, is a native of England, but it enjoys, by virtue of its uncanny ability, citizenship in every country in the world. It has sojourned in India longer than you or I and is entitled to be treated with respect. It is my hope that English will soon be classified as a non-regional Indian language (1988a, p. 26).

It seems clear that Narayan is not advocating a servile reproduction of the English language or the culture it represents. For him, the English language is one of the several Indian languages and dialects, and its use as a literary vehicle in his novels does not jeopardize the other Indian languages. In a characteristic ironic tone, he describes English with an Indian word, "swadeshi", which means natural or native to a country. The word Swadeshi derives from two Sanskrit words. "Swa" means "self" or "own" and "Desh" means country. When Narayan supports the use of English in India, he does not mean a nonexistent "pure" English; rather he underscores the English variety that has been influenced by the Indian context and sprayed with words and structures from the native languages and dialects. In another essay²⁶, the author says:

We have fostered the language for over a century and we are entitled to bring it in line with our own habits of thought and idiom. Americans have

²⁵ NARAYAN, R. K. To a Hindi Enthusiast. In: *A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988*. New Delhi: Penguin, 1988, 26-28.

²⁶ NARAYAN, R. K. A Literary Alchemy. In: *A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988*. New Delhi: Penguin, 1988, 196-198.

adapted the English language to suit their native mood and speech without feeling apologetic, and have achieved directness and unambiguity in expression (1988b, p. 197).

Obviously, his claim that Americans have “achieved directness and unambiguity” is highly arguable, and the same goes for any generalizing claim anyone can make about how a variety of any language is like in one or two adjectives. His main point though is that a “purist” conception of the English language does not make sense anywhere, and definitely not in the cauldron of exposure to Indian languages and culture.

In Portuguese, as we well know, the freedom to place the subject before or after the verbs bestows flexibility to the language. The words can change places in a sentence far more easily than in English. But changing the place of words is not something the translator can do lightheartedly – there may be a price to pay, he or she may be meddling with the rhythm the author wanted to impose to this or that character’s speech. Every change has consequences, and the same way the translator is always suspicious of slippery words, he or she must be always alert to word order in the sentence, always aiming at keeping track of the novel’s intended effect on the target reader.

Punctuation is unequivocally related to syntax and rhythm. The final period in English, be it standard or Indian, for example, is somehow invisible to the reader, while in Portuguese it does create a stronger impression of staccato. English, in all varieties I have come across, uses far less commas than Portuguese, and even less semi-colons. But then Narayan sprinkles every paragraph with semi-colons. When an author strays away from the standard use of punctuation, the translator’s anguish doubles, he or she is unanchored in a totally subjective area. In spite of the unending attempts of translation scholars to tame the wilderness of raw data and systematize procedures, in this realm there

are no rules, no fixed palette to choose from. When it comes to decisions about use of commas and semi-colons, for instance, every new paragraph, even in the same chapter, presents problems anew and craves for unique solutions. The translator, always suspicious of his or her own judgment, cannot trust previous choices, he or she has again to try to grasp why the author chose this or that particular way to express this or that idea, and then proceed to try to render it in the target language so that the target text produces the closest possible effect.

As stated in chapter 1.2, I highlight that my choices are in keeping with the underlying belief. Between adequacy and acceptability, I aim at achieving balance, and when this is not possible, I do privilege the source text, even at the cost of causing the target reader to be surprised at times.

Let us now direct our attention to concrete examples from the novel. Narayan's text is riddled with sentences starting with *but*. The usual pattern is a short sentence or fragment of sentence interrupted by a period, followed by another short sentence or fragment starting with *but*. Often this first *but* is echoed in a second time in the next lines. In the passage below, the text in Portuguese follows the same pattern, including the repetition of the connector *and*:

Retomei meus afazeres normais com todo o empenho. *Mas* tudo parecia tão irreal. Dispensei o garoto da loja, ficava sentado lá e servia os fregueses e recebia o dinheiro, *mas* sempre com a impressão que era uma ocupação tola. (*italics mine, p.107*)

With all seriousness I returned to my normal avocation. *But* everything looked so unreal. I relieved the boy at the shop, sat there and handed out things and received cash, *but* always with a feeling that it was a silly occupation. (*italics mine, p.107*)

Let us look at a passage right on the first page of the novel:

Minha filha mora aqui perto. Eu tinha ido fazer uma visita; agora estou indo para casa. (p.1)

The source text reads: “I had gone to visit her”. This phrase - “visit her” - imposes a difficult choice: the standard written language “visitá-la” or the colloquial “visitar ela”. The facts that the character, Velan, is an illiterate peasant, therefore very unlikely to use the correct form, and that this is a dialogue, weigh in for the use of “visitar ela”. Moreover, the form “visitá-la” sounds too awkward in an oral informal dialogue in Portuguese, even if the speaker were an educated one. My choice “fazer uma visita” dodges the quandary for the moment, as it is informal enough not to interrupt the normal flow of the talk in the target language and it is also in keeping with the author’s decision to use standard English throughout the novel, regardless of the social standing of the speaker or the likelihood of their use of formal registers of the language.

Let us now focus on another issue:

“O almoço que trouxe ontem foi comido.” (p. 23)

The source text reads: “The food I brought yesterday has been eaten.” This short simple statement presents the translator with an interesting quandary. There are two issues that influence each other, one is the lexical item “food” and the other is the passive construction “has been eaten.” For the purposes of the commentary, let us consider the alternatives:

- a) “A comida que trouxe ontem foi comida.”
- b) “A comida que trouxe ontem não está mais lá.”
- c) “A refeição que trouxe ontem foi comida.”
- d) “O almoço que trouxe ontem foi comido.”

Item a) is obviously not a choice, as turns the sentence into an unintended pun. Item b) sounds alright because it avoids the passive construction, always less natural in Portuguese than it is in English. The problem is that in doing away with the undesirable passive construction, the statement now implies that the speaker may suspect that Raju might have taken the food away with him, and this idea is absent in the source text. This choice would be a translator intromission in the delicately nuanced dialogue, which derives its comic effect and significance to the future unfolding of the plot precisely from the allusions to eating, and eating in the temple. The word “refeição” is not necessarily a formal word, but still, less likely to be heard in the mouth of the villager. Although the use of the word “almoço” entails a semantic reduction, as it involves the replacement of the generic “food” to one specific meal, this alteration is preferable to the one in item b) because it is localized at the statement level and does not have consequences in the foreshadowing function of the passage.

This other passage is an instance of pronoun preceding the verb, in keeping with the tone of the text in this particular passage of the narrative. When Raju speaks, in the first person part of the narrative, I left the pronoun before the verb, a typical collocation of spoken or informal writing in Portuguese. When the narrative is in the third person, on the other hand, I used the more formal usage - the pronoun after the verb.

A polícia cercou a plataforma e não deixou a multidão entrar. Me senti traído. (p. 27)

This next passage contains a typical example of the repetition of the connector “and”, to be found everywhere in the novel. This constitutes a feature of the text, and is kept in Portuguese whenever possible:

Era uma árvore velha e frondosa, com muitas folhas, no meio das quais macacos e passarinhos viviam, se acasalavam e tagarelavam sem parar, alimentando-se das folhas e frutas. Porcas e seus porquinhos vinham de não sei onde e farejavam o chão repleto de folhas caídas, e eu brincava lá o dia inteiro. (p. 89)

It was an ancient, spreading tree, dense with leaves, amidst which monkeys *and* birds lived, bred, *and* chattered incessantly, feeding on the tender leaves *and* fruits. Pigs *and* piglets came from somewhere *and* nosed about the ground thick with fallen leaves, *and* I played there all day. (italics mine, p. 89)

The way a character behaves is also made evident through the use of lexical repetition:

Minha mãe mostrou indiferença. “Para que esse incômodo extra em casa, cavalo e ração para cavalo e tudo mais, quando uma parelha de búfalos já dá trabalho que chega?” (p. 28)

Repetition echoes the woman’s nagging, just like in the source text: “Why should you have all this additional bother in this household, horse *and* horse gram *and* all that, while the buffalo pair is a sufficient bother?”

2.2.3 Lexical Level

This section presents a sample of the considerations made regarding the translation of lexical items. The items under discussion are underlined in the excerpts. This first example touches upon a commonplace word, but it is the attention to this sort of deceptively simple or easy words that makes or breaks the tone of a text, and should not be a

random choice. A careful translation cannot afford to overlook details; all words are worth a second thought, and not only the ones that pose a more evident challenge.

“Não se deve visitar um genro com muita frequência,” explicou o morador do povoado. (p.2)

The word “villager” in the source text can be translated as “morador do povoado”, “morador do vilarejo”, “habitante do povoado”, “habitante do vilarejo”. The word “vilarejo”, carries with it a derogatory undertone, absent in the narrator’s attitude. For the same reason, the word “vilão” was discarded. Hence the use of the more neutral “povoado”. I also opted for “morador” instead of the slightly more formal “habitante” in order to stay close to the familiar tone of the text. The word “vilão” is hardly ever used in its original meaning and has not been considered. The choice of “aldeão” would have the advantage of avoiding the replacement of one word for three, but it was also discarded due to its possible associations with medieval fairy tales, which I, at least, cannot fail to make when I read this word.

Let us now look at a different kind of lexical choice:

Logo ao primeiro sinaldo trem eu já detectava o cheiro de um cliente. Possuía um tipo de instinto de adivinhador de água. (p.45)

The phrase “adivinhador de água”, (“water-diviner” in the source text), is the title of a book by Eduardo Escorel, (Cosac e Naify, 2008) one of the most celebrated film directors linked to “cinema novo”. The title takes its cue from a man who combed the arid lands of the Brazilian northeast “guessing” which places were worth digging in search of water. It was my option instead of “perfurador de poço artesiano”. Using this last phrase

would have meant to add an explanation that was absent in the source text; to clarify things for the reader; to domesticize the text. My general guideline in the translation of the novel follows the opposite direction. “Adivinhador de água” keeps the text closer to the source text, which is my objective.

The following example brings to casual the way with which Narayan uses vocabulary. Let us consider the passage and its translation:

Se alguém quisesse ver uma cobra-real expandir seu enorme capuz, arranjava um sujeito que oferecia o show.

Teve uma garota que veio lá de Madras e tão logo pôs os pés em Malgudi me perguntou, “Dá para me mostrar uma naja—tem que ser uma cobra-real—que dance ao som de uma flauta?”

“Por quê?” perguntei.

“Gostaria de ver, só isso,” disse ela.

O marido disse, “Temos outras coisas para fazer, Rosie. Isso pode esperar.”

“Não estou pedindo que esse cavalheiro arranje uma imediatamente. Não estou exigindo. Estou só perguntando, só isso.”

“Se está interessada, faça seus próprios planos. Não conte comigo para ir com você. Não suporto cobras—seus interesses são mórbidos.” (p. 48, 49)

If someone wanted to see a king cobra spread out its immense hood, I knew the man who could provide the show.

There was a girl who had come all the way from Madras and who asked the moment she set foot in Malgudi, “Can you show me a cobra—a king cobra it must be—which can dance to the music of a flute?”

“Why?” I asked.

“I’d like to see one. That’s all,” she said.

Her husband said, “We have other things to think of, Rosie. This can wait.”

“I’m not asking this gentleman to produce it at once. I am not demanding it. I’m just mentioning it, that’s all.”

“If it interests you, you can make your own arrangements. Don’t expect me to go with you. I can’t stand the sight of a snake—your interests are morbid.” (p. 48, 49)

This is a key moment in the narrative. Rosie’s first appearance in the novel is from the outset marked by the dancing cobra and its array of male sexuality symbology, which foreshadows her relationship with Raju and Marco. This is the first of the several occasions in which the author uses the words “snake”, “serpent”, “king cobra” and “cobra”

interchangeably to refer to the same animal. At first let us consider the following set of pairs: [the English word *cobra* = Portuguese *naja*; English *king cobra* = Portuguese *cobra-real*; English *snake* = Portuguese *cobra*.] These sets of equivalence that immediately spring to mind gives us pause for thought. One of the most commonplace “false cognates” present in every language student’s list is the English word “cobra”, as normally it translates as “naja”, rather than the similar looking Portuguese “cobra”. For the Portuguese unspecific “cobra”, on the other hand, the normal English equivalent, in most contexts, is “snake”. Having that in mind, my first impulse was to keep this pattern, and use the Portuguese “cobra” when the source text read “snake”, and the Portuguese “naja” when the source text read “cobra”; and also to keep the rather biblical, or at least more formal, “serpent” as “serpente”, and “king cobra” as “cobra-rei”.

After reading and rereading the novel uncountable times, however, it became clear that keeping the apparently common sense criteria described above did not suit the needs of this particular text. To begin with, according to a variety of zoological and scientific sources, there are at least three popular names in Portuguese for “king cobra” (*Ophiophagus hannah*): “cobra-rainha”, “cobra-rei” e “cobra-real”. King cobras are just one of the species of cobra. I chose to use “cobra-rei” not because of the parallelism “king—rei”, but due to its overwhelming prevalence in internet stats: 133.000 entries against 87.000 for “cobra-real” and mere 88 for “cobra-rainha”. But not all cobras are king-cobras and can be trained to react to music.

There are 2.300 species of serpents (ophidia) , a suborder of the reptiles. As for “naja”, the second out of 10 entries is defined by Houaiss as “nome com que, inespecificamente, se designam as *cobras*, venenosas ou de aspecto ameaçador ou gigantesco”

[italics mine]. Internet stats for the phrases attest to that collocation, both in English and in Portuguese. As an illustration, here follows a partial result of the research. The numbers speak for themselves: “encantador de serpente” = 637.000; “encantador de cobra” = 43; ”encantador de naja” = 0; “mulher serpente” = 53.600; “mulher cobra” = 32.000; "mulher naja" =5 2; “dança da serpente” = 3.900; “dança da cobra” = 171.000; "dança da naja" = 32.

To make a long story short, the rendering of the above mentioned phrases in the following chapters was made in keeping with the tone of the source text, which favours common usage. The Brazilian reader, as much as the English speaking one, will not miss the mythological connection between serpents (and all its variants) and the whole array of symbology enticed by the reptile, ranging from danger and risk to sexuality to the untapping of divine powers.

Given the importance of this creature to the unleashing the development of the plot as well as its connections to both Rosie and Hindu gods, this first instance of “cobra-rei” has a note in the target language. This note reads as follows:

A cobra-rei sempre foi importante na mitologia do Extremo Oriente. Tem sido usada como modelo em pequenas estátuas, joalheria e decoração. Esse é um gênero próximo das najas-indianas, porém maior, sendo conhecida também como cobra-rainha. É considerada a maior serpente peçonhenta do mundo, podendo chegar a 5 metros. Consegue erguer um terço do seu corpo e andar com a cabeça a 1,8 metros de altura. Tem um comportamento agressivo, no qual expande o capelo (capuz) injetando em suas vítimas cerca de 3 ml de veneno, o suficiente para matar um elefante ou 14 adultos. Encontrada em todo o sul asiático, é considerada a mais inteligente entre as serpentes e vive até 20 anos. Certos cultos hinduístas a veem como encarnação do deus Shiva.

Let us now look at another type of choice:

Gaffur foi embora, resmungando. Logo em seguida ouvi a buzina—igual aos motoristas de ônibus enfurecidos quando seus passageiros param em uma lanchonete de beira da estrada. (p.102)

The source text reads “teashop”. The phrase “casa de chá” connotes a sophisticated place in our culture. In British usage, the place is rather a cafeteria, small restaurant serving light meals, not necessarily a nice or posh one. The same is true in India. In the 2008 Man Booker prize winner novel *White Tiger*²⁷, written by the Madras born Aravind Adiga, Maria Helena Rouanet translates it as “casa de chá”. The writings of Adiga, Narayan, as well as other novelists of Indian background, bear out the fact that in the north of India, the poor are in the habit of drinking tea on a daily basis, while in the south coffee is the staple beverage among the poorer castes.

The smallest of the words does not mean the smallest of pauses for thought, as the next two quotes show:

“É uma noite bonita,” falei, para puxar assunto. Ela disse, lacônica “É.” (p.114)

The source text reads: “She briefly said ‘Yes.’” The use of “Sim” in Portuguese is much more restricted and gives the text an awkward formal flavour. This is one of those cases in which I prefer to make this small change. It seems to me that there is nothing more laconic in dialogue in Portuguese than “É. period.”

²⁷ ADIGA, Aravind. *O Tigre Branco*. Translated by Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. Also, ADIGA, Aravind. *The White Tiger*. London: Atlantic Books, 2008.

Let us now see another example of a near-but-not-quite equivalent which is recurrent in the novel:

As crianças ficaram encantadas com a aula de Raju (até o mestre ficou boquiaberto, ouvindo extasiado). (p.36)

The author uses the words “schoolmaster” and “teacher” interchangeably, without any visible criteria, but the word “teacher” prevails. Narayan seems to reserve the word “master” for sentences where there is a possibility of irony or understatement. In this case, I have kept the distinction by using the word “mestre” instead of “professor” which was formerly employed. The term “mestre-escola” has been ruled out for its old fashioned ring.

There is only one instance of onomatopoeias. The source text form “chug-chug” was kept intact.

Quando o chug-chug do trem cessou, tentei dormir novamente, tendo sido perturbado por sua chegada barulhenta. (p.108)

The closing of this section is also the closing of the novel. The last paragraph reads:

Velan inclinou-se para o Swami e disse, “Os médicos dizem—”
Em resposta, Raju pediu que o homem chegasse mais perto e sussurrou, “Me ajuda a levantar,” e ergueu-se apoiado em seu braço. Ficou em pé. Teve que ser sustentado de cada lado, por Velan e um outro. No mais profundo silêncio, a multidão o seguiu. Todos caminhavam em um ritmo solene, silencioso. O céu oriental estava vermelho. Muitos no acampamento ainda dormiam. Raju não conseguia caminhar, mas insistiu em se arrastar assim mesmo. Arquejava com o esforço. Desceu os degraus do rio, parando para tomar fôlego a cada passo, e finalmente chegou a sua poça d’água. Entrou, fechou os olhos, e se voltou para as montanhas, os lábios murmurando a oração. Velan e o outro o seguravam pelos braços. O sol da manhã havia nascido a essa altura; um vasto fecho de luz iluminava o ambiente. Estava difícil manter Raju em pé, ele tendia a cair. Seguravam-no como se fosse um bebê. Raju abriu os olhos, olhou em volta, e disse, “Velan, está chovendo nas montanhas. Sinto a chuva surgindo embaixo dos meus pés, subindo pelas minhas pernas—” Seu corpo cedeu. (p.196)

The last sentence of the novel is a key to its openendedness and ultimate interpretation of the plot. The source reads: “‘I can feel it coming up under my feet, up my legs—’ He sagged down.” In fact, the whole interpretation of the novel comes down to this very last three-worded sentence which in Portuguese would become a single-worded sentence if the choice were “Desabou”. The choice here was to keep the form and render it also in a three worded sentence: “Seu corpo cedeu”. The very last word concentrates crucial meaning. It is a matter of life and death for Raju, a matter of deciding between opposite worldviews for the reader and *the* matter of the toughest of choices for the translator. The very last one in a string of taxing decisions. Needless to say, it is an ambiguous word. Its ambiguity must not be resolved in the translation at the cost of impairing the reader’s freedom to make of Raju’s destiny whatever we want. The challenge lies in the verb “to sag”. It is in the semantic field of the loss of stability, going downwards, becoming weaker, general loss of firmness. Most collocations in the body context have to do with aging and methods to prevent body parts from “sinking” or hanging down. It could be rendered in a variety of ways, from “ceder” and “sucumbir” to “cair”, “descer”. Other words spring to mind: “afundar”, “perder as forças”, “desfalecer”. Each of them adds a different array of associations and opens or closes a palette of interpreting possibilities. But then, the core of a translator’s is made of tough choices. Raju sagged, but the translator cannot.

2.2.3.1 Repetition

As a reader/translator one must perfect the art of being suspicious, always checking every shade of doubt about the use of one particular word against its use in the larger context of the novel. Sometimes the author uses a certain word in the early characterization and then comes back to this word in several other instances in the bulk of the

novel, as an echo of its first usage. These repetitions, that may escape the other readers are loud to the reader/translator, and posits him or her with decisions to make. The biggest challenge of the translator, nonetheless, is not to only find words that create the same effect on the reader in the target language.

Let us examine a couple of cases in which repetition is important to the impact of the novel:

Os sintomas de sempre estavam presentes, é claro: sem apetite, sem sono tranquilo, sem paradeiro (não conseguia ficar quieto no mesmo lugar), sem paz de espírito, sem calma, sem jeito para falar—sem, sem, sem, muitos sem. (pp.106-107)

The usual symptoms were present, of course, no taste for food, no sound sleep, no stability (I couldn't stay put in any one place), no peace of mind, no sweetness of temper or speech—no, no, no, a number of nos. (pp.106-107)

The repetition of “no” was replaced by the repetition of “sem”. Another possibility would be: “falta de apetite, noites mal dormidas, agitação (não conseguia ficar parado no mesmo lugar), mente inquieta, irritação, fala conturbada”. This alternative is arguably more accurate, but was discarded in favor of keeping the rhythm of the source text as much as possible.

Let us now look at another example:

A rigor, era uma atividade irregular. Mas o chefe de estação era um sujeito amistososo, que não só tinha crédito ilimitado para qualquer compra que ele e seus filhos fizessem em minha loja, como também gozava do privilégio de ler qualquer publicação da pilha que aumentava na frente da minha loja. (p.36)

One of the several instances of repetition that poses a hard choice on the translator. The source text reads: “[...] unlimited credit for what he and his children took from

my shop, but also enjoyed the privilege of drawing his reading material from the stack growing in front of *my shop*. [italics mine]" The repetition of "from my shop" in English is not half as taxing as the repetition of "minha loja." The repetition in Portuguese sounds weird, and the translator is tempted to replace it, even if at the cost of altering what I deem to be an intended effect of the source text. In keeping with my general guideline of favoring the source text, I did not omit the repetition in order to stay close to the original flavour, refraining from the urge to "improve" the text.

The next two excerpts show the use of repetition as a comic device.

Eles sentaram e ficaram olhando. As crianças sentaram e ficaram olhando. O mestre sentou e ficou olhando. (p.37)

Here we have a typical instance when the repetition of words: "They sat there looking on. The children sat there looking on. The master sat there looking on. (p.37.) This kind of construction abounds in the novel. The repetition achieves the same effect in Portuguese.

Let us see this other one:

Essas eram as perguntas de rotina de um tipo rotineiro. (p. 45)

The source text reads: "These were routine questions from a routine type. (p. 45)"

Maybe the alternative renderings "Essas eram as perguntas de sempre de um tipo comum." ou "Essas eram as perguntas de rotina de um sujeito típico." sound more common in Portuguese, but they fail to keep the intended rhythmic effect of the repetition.

Finally, let us consider a representative case of the systematic repetition of a lexical item:

Uma multidão permanente se aglomerava em volta do santo e o contemplava com profunda veneração. (p.190)

A multidão seguiu com atenção cada centímetro desse movimento, e alguém na multidão brincou, “Ah! O professor também vai fazer penitência e deixar de comer!” E todos riram. (p.195)

The word “crowd” pervades the novel, in every chapter, sometimes in the same sentence as in the examples above. Its iteration is part of the text overall effect, conveying the idea of sameness and repetitive behavior of large amounts of people, which is enhanced in the last chapter. The ratio of appearance is more than five times per page. It is of course possible to alternate the word “multidão” with “no meio do povo”, “gentarada”, etc, but this would be to alter the source text unduly. The English language has no shortage of words in the same lexical field in the source text (swarm, host, flock, pack, multitude, army, muster, throng, horde, lot, mass, party) to name but a few. If the author of the source text chose to make systematic and consistent use of “crowd”, it is a stylistic resource, a literary device which cannot be tampered with.

2.2.4 Notes on technical and graphic issues

“Mother” and “father” are arguably the most emotionally loaded words in every language, and their variants are hardly ever employed without a good reason. In the novel their use follows a peculiar pattern. The first instance of the word “Father”, on page 13, is capitalized and not preceded by the possessive pronoun “my”, as in “my father”. Since the

Portuguese syntax does not accept the sentence string “esperando a volta de pai*”, but accepts “esperando a volta de papai”, I first considered the use of the term “papai” to mark the fact that here the author used this specific form instead of “my father.” I later decided that to employ “meu pai” instead, because “papai” would be a more suited equivalent for the usage of “pa”, “dad”, “daddy”, “mom”, “mommy”, and none of these forms is used by the author.

Sentava-se ao meu lado, esperando a volta de meu pai. (p.13)

She sat at my side, awaiting Father's return. (p.13)

Meu pai falou, sem entusiasmo, “Para que trazer à baila tudo isso agora?” (p. 31)

Father said, rather weakly, “Why drag in all that now?” (p. 31)

Here again we see the use of “Father”, capitalized, and not “my father” as in the previous instances in this chapter and elsewhere in the novel. Narayan does not seem to abide the standard capitalization rules for family members. These rules state that these words are to be capitalized when referring to one’s own relatives or if they are used as proper nouns. If used as common nouns, they are left in lower case. Still according to the standard rule, when used as common nouns these words are not capitalized. Narayan has an idiosyncratic usage of these words, as the following example shows:

Chegou ao ponto de se dirigir a você como mamãe. (p.136)

She reached the stage of addressing you as Mother. (p.136)

As we see, the word “mother” also shows a peculiar pattern, and it is only capitalized in this novel when there is an ironic touch to her authority. This usage suggests a stylistic choice that must be present in the translation, in this case by using “mamãe.”

Another stylistic motivated use of upper case is shown in the example below:

O Cobrador e o Superintendente da Polícia e o Presidente do Conselho Administrativo Municipal, e muitos comerciantes locais, agitando seus convites verdes, estavam reunidos na estação. (p. 27)

The collector and the Police Superintendent and the Municipal Chairman, and many of the local tradesmen, who flourished green invitation cards in their hands, were assembled at the station. (p. 27)

Although these titles are not normally capitalized in Portuguese, I kept the capitalization of the source text because here the upper case is used as a resource that adds to the social satire.

Another case of unusual capitalization:

Voltamos os dois para o hotel. De volta ao Vinte e oito. O quarto agora me parecia hostil. (p.119)

The source text reads “Twenty-eight”, capitalized, but formerly the room was referred to as “room 28”. I kept the same rendering of the numbers.

Besides the idiosyncratic use of capitalization, italics are also a matter that cannot be disregarded.

“Parece um *marajá*” observando Raju de longe da cadeira. (p.3)

The word “maharaja” is printed in italics in the source text as it is the case of all the words in Hindi or Tamil which are not names of places or names of gods. Since the Portuguese spelling of the word “marajá” is widespread and accepted by all major

dictionaries, I made an exception to my policy of keeping italics only for the Indian words that are so printed in the source text. Houaiss offers two meanings for “marajá”, both of them commonplace in current usage, the first referring to a title of Indian feudal princes and the other to a civil servant whose salary and fringe benefits are undeservedly high. Here Raju means the first, but interestingly enough there is also a shade of the Brazilian allusion of someone boasting an undeserving high position. Other words were changed to Portuguese spelling on the same grounds: Buda instead of Buddha, for instance.

Some other details concerning italics:

Vestia saris de cores vivas e rendas douradas, trançava e pendurava flores no cabelo cacheado, usava brincos de diamante e um pesado colar de ouro. (p.4)

Apart from place and god names, “sari” is the only Indian word which is not in italics in the source text. Houaiss lists the word and does not italicize it either, which indicates it has already been fully absorbed in Portuguese. The short definition is: “Traje nacional das mulheres indianas, constituído de uma longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo.”

The following case is of a different nature:

Os organizadores estavam providenciando uma van para os músicos [...] (p.166)

Houaiss has it in italics, but I believe the word van is already common enough in Portuguese to dispense with the italics, where the italics is kept for the really foreign sounding Indian words.

Este receio me fez correr para o alfaiate e encomendar algumas camisas com bolsos e calças de veludo cotelê; [...](p.90)

Although Houaiss favours the French spelling, “côtelê”, internet in Portuguese displays 11.800 instances of “cotelê”.

Ela também ia querer um *pundit* para ajudá-la a interpretar os textos, que eram escritos em um estilo sintetizado e arcaico. “Você me arranja um *pundit* em Sânscrito?” perguntou. (p.96)

In italics in the source text, alongside the other Indian that are not names gods, deities and names of places, the word *pundit* does not sound odd or particularly foreign today. The Oxford English Dictionary states that the word was first used in reference to authorities of the supreme court in colonial India who advised the English officials on issues concerning the Hindu legal system. In Indian English use, "pundit" also referred to a local who worked for the British as a guide in the excursions beyond the borders of the empire, hence the current sense of the word expert or specialist. Houaiss spells it “pandit”. The entry reads: “substantivo masculino/Regionalismo: Índia. /homem estimado por sua sabedoria e/ou conhecimentos, frequentemente usado como título honorífico”.

In principle, a translation that claims to be source-oriented like this one would keep measurements of distance unaltered. Here is one of the few cases I have made a concession:

“Bem,” ele falava arrastado, “são cento e doze quilômetros ida e volta; é uma hora agora. (p.42)

The source text reads “70 miles” Here and throughout the novel I chose to convert all measures to the metric system to spare the Brazilian reader the math. I deem it

important that the reader have an accurate notion of the distances Gaffur dares to take with his makeshift cars. His boldness or recklessness in driving is part of the way the character functions in the novel, and a notion of the driving distances he covers adds to the reader's perception.

I would like to conclude this technical and maybe less fun section on a lighter note, quoting the full joke in which the word “close-up”, also italicized by Houaiss is left unmarked for the same reasons explained above. This quote rounds up the discussion and takes us back to section 2.2.1.1. Alongside the graphic aspect, it contains one of the finest instances of irony, the narrator here quotes the peasant's naïve reaction to the modernity of film zooming. But there is no mockery, but rather a lovingly, slightly amused, detached tone.

Quando mostraram um enorme close-up de um mosquito como causa da malária, ouviu-se um camponês dizer, “Que mosquitos enormes! Não me espanta que as pessoas peguem malária nesses países. Nossos mosquitos aqui são tão pequenos que não fazem mal a ninguém,” o que deixou o palestrante da malária tão deprimido que ficou em silêncio por dez minutos. (p.190)

3. THE PRODUCT

Capítulo 1

Raju recebeu bem a intromissão—aliviava a solidão do lugar. O homem contemplava seu rosto, respeitoso. Raju achou graça e ficou constrangido. “Pode sentar, se quiser,” disse Raju, para quebrar o gelo. O outro aceitou a sugestão, agradecido, e desceu os degraus que levam ao rio para lavar os pés e o rosto, voltou, secando-se com a ponta de uma toalha xadrez amarela pendurada no ombro, e se instalou dois degraus abaixo da laje de granito onde Raju estava sentado, de pernas cruzadas como se fosse em um trono, ao lado do antigo santuário. Os galhos das árvores que margeavam o rio farfalhavam e sacudiam com a agitação de pássaros e macacos se acomodando para a noite. Rio acima, além das montanhas, o sol se punha. Raju esperou que o outro dissesse alguma coisa. Mas ele era muito cortês para iniciar a conversa.

Raju perguntou, “De onde você é?” receando que o outro fizesse a mesma pergunta.

O homem respondeu, “Sou de Mangal—”

“Onde fica Mangal?”

O outro acenou com o braço, indicando um lugar na direção do rio, além da margem íngreme. “Não é longe daqui,” disse ele. O homem deu mais informações sobre si mesmo. “Minha filha mora aqui perto. Eu tinha ido fazer uma visita; agora estou indo para

casa. Saí para jantar. Ela insistiu para que eu jantasse lá, mas recusei. Se tivesse ficado, teria que voltar para casa quase à meia-noite. Não tenho medo de nada, mas para que andar por aí quando é hora de estar na cama dormindo?”

“Você é muito sensato,” disse Raju.

Ficaram ouvindo os guinchos dos macacos por algum tempo, e o homem acrescentou, como uma reflexão tardia, “Minha filha é casada com o filho de minha própria irmã, então não tem problema.[2] Seguido visito minha irmã e também minha filha; e ninguém tem nada com isso.”

“De qualquer modo, por que alguém se importaria se você visitasse uma filha?”

“Não se deve visitar um genro com muita frequência,” explicou o morador do povoado.

Raju gostou dessa conversa incoerente. Estava sozinho ali há mais de um dia. Era bom ouvir uma voz humana outra vez. Depois disso, o morador do povoado retomou o estudo de seu rosto com extremo respeito. E Raju coçou o queixo deliberadamente para certificar-se que uma barba apostólica não havia crescido ali de uma hora para outra. Ainda estava liso. Havia mandado fazer a barba pela última vez apenas dois dias antes e pago com as moedas arduamente ganhas durante sua vida na prisão.

*

Falante como de hábito, e com a navalha afiada raspando a espuma, o barbeiro perguntou, “De saída, imagino?” Raju revirou os olhos e ficou em silêncio. A pergunta o irritou, mas não quis deixar transparecer nada; afinal, o sujeito segurava uma faca. “Recém-saído?” repetiu o barbeiro, obstinado.

Raju viu que não adiantava perder a paciência com esse tipo de homem. Estava diante da experiência. Perguntou, “Como você sabe?”

“Há vinte anos faço barbas aqui. Não notou que esta é a primeira barbearia depois dos portões da cadeia? Ter seu negócio no lugar certo é meio caminho andado. Mas isso provoca inveja nos outros!” disse ele, fazendo pouco caso de um exército de barbeiros invejosos.

“Não barbeia os apenados?”

“Só depois que saem. É o filho de meu irmão que trabalha lá. Não quero competir com ele e não quero entrar na cadeia todo dia.”

“O lugar não é tão ruim,” disse Raju, por detrás da espuma.

“Então volte,” disse o barbeiro, e perguntou, “O que foi? O que a polícia disse?”

“Não toque nesse assunto,” disse Raju, irritado, e tentou manter um silêncio hostil e ameaçador até o fim da sessão.

Mas o barbeiro não era de se intimidar tão facilmente. Seu contato de toda vida com homens rudes o havia tornado insensível. Disse, “Dezoito meses ou vinte e quatro? Aposto que é ou um ou outro.”

[3] Raju admirou o homem. Era um mestre. Não adiantava perder a paciência. “Você é tão sábio e bem informado. Por que faz perguntas?”

O barbeiro gostou do elogio. Seus dedos fizeram uma pausa em suas operações; inclinou-se para encarar Raju e dizer, “Só para fazer você falar, só por isso. Está escrito na sua cara que é um tipo de dois anos, o que quer dizer que não é um assassino.”

“Como pode saber?” disse Raju.

“Teria outra aparência depois de sete anos na cadeia, que é o que se pega por assassinato sem provas definitivas.”

“O que mais que eu não fiz?” perguntou Raju.

“Não deu um grande golpe; mas talvez uma coisa pequena, sem maior importância.”

“Continue, o que mais?”

“Não raptou nem sequestrou ninguém, nem incendiou uma casa.”

“Por que não diz o motivo exato de ter sido preso por dois anos? Pago quatro annas¹ se adivinhar.”

“Isso não é hora para apostas,” disse o barbeiro, e continuou, “O que vai fazer a partir de agora?”

“Não sei. Tenho que ir para algum lugar, imagino,” disse Raju, pensativo.

“Se quiser voltar para seus velhos companheiros, por que não mete a mão no bolso de alguém no mercado, ou entra por alguma porta aberta e pega qualquer tralha e espera que as pessoas chamem a polícia? Vão levar você para onde quer ir.”

“O lugar não é tão ruim,” repetiu Raju, acenando levemente na direção dos muros da prisão. “Muita gente boa por lá—mas detesto ser despertado às cinco todo dia.”

“Hora em que um larápio noturno gosta de voltar para casa, imagino,” disse o barbeiro com uma insinuação pesada. “Bem, está pronto. Pode levantar,” disse ele, guardando a navalha. “Parece um marajá ”—observando Raju de longe da cadeira.

*

O morador do povoado, sentado um degrau abaixo, continuava olhando para seu rosto com devoção, o que intrigava Raju. “Por que me olha desse jeito?” perguntou de repente. [4]

O homem respondeu, “Não sei. Não quero ofendê-lo, senhor.” Raju resolveu desabafar, “Estou aqui porque não tenho para onde ir. Quero manter distância das pessoas que podem me reconhecer.” Mas hesitou, imaginando o impacto de suas palavras. Tinha a impressão de que feriria os mais profundos sentimentos do outro se pronunciasse a palavra “prisão”, mesmo que num sussurro. Tentou pelo menos dizer, “Não sou tão importante como você imagina. Sou apenas um sujeito comum.” Antes que achasse as palavras, o outro disse, “Tenho um problema, senhor.”

“Fale sobre isso,” disse Raju; o velho, velho hábito de oferecer orientação aos outros impondo-se. Turistas que recomendavam seus serviços no passado diziam, “Se tiver sorte de

ter Raju como guia, vai conhecer tudo. Ele não só vai mostrar a você todos os lugares que valem a pena, mas também ajudar de todas as maneiras possíveis.” Para ele era natural envolver-se com os interesses e atividades dos outros. “Se não fosse por isso,” Raju ponderava com frequência, “Teria crescido como milhares de outras pessoas normais, sem preocupações na vida.”

*

Meus problemas não teriam começado (disse Raju mais tarde, ao narrar a história de sua vida para esse homem chamado Velan) se não fosse por Rosie. Por que resolveu chamar-se Rosie? Não vinha de uma terra estrangeira. Era uma indiana simplesmente, que estaria bem servida com Devi, Meena, Lalitha², ou qualquer um dos milhares de nomes que temos em nosso país. Ela escolheu chamar-se Rosie. Ao ouvir seu nome, não imagine que vestisse minissaia ou cabelo curto. Sua aparência combinava com a dançarina ortodoxa que era. Vestia saris³ de cores vivas e rendas douradas, trançava e pendurava flores no cabelo cacheado, usava brincos de diamante e um pesado colar de ouro. Na primeira oportunidade, disse a ela que era uma grande dançarina, e que promovia nossas tradições culturais, o que a deixou satisfeita.

Milhares de pessoas devem ter dito a ela a mesma coisa desde então, mas aconteceu de eu ser o primeiro da fila. Todo mundo gosta de ouvir elogios, e mais do que todos, imagino, as dançarinas. Elas adoram ouvir a toda hora como dançam bem. Elogiava sua arte sempre que conseguia roubar um momento a sós e sussurrava nos seus ouvidos, fora do alcance daquele marido dela. Ah, que homem! [5] Nunca na vida havia encontrado uma criatura mais esquisita. Em vez de chamar a si mesma Rosie, seria mais lógico que ela o chamasse Marco Polo⁴. Ele se vestia como alguém prestes a empreender uma expedição—com seus óculos escuros de lentes pesadas, jaqueta pesada, e um capacete pesado sobre os quais pairava uma capa a prova d’água verde brilhante perpetuamente esticada, o que lhe dava a aparência de um

viajante espacial. Eu não fazia, é claro, nenhuma ideia da aparência original de Marco Polo, mas quis chamar esse homem de Marco Polo logo de cara, e nunca mais me dei ao trabalho de associar a ele nenhum outro nome.

No instante em que pus os olhos nele, naquele dia memorável na nossa estação ferroviária, soube que ali havia para mim um freguês para toda a vida. Um homem que preferia se vestir como um clichê de turista era justo o que um guia desejava ardentemente a vida inteira. Você talvez pergunte por que ou quando virei guia. Era um guia pela mesma razão pela qual outros são sinalizadores, carregadores, ou guardas. É o destino. Não ria de minhas associações com a ferrovia. A ferrovia entrou no meu sangue muito cedo na vida. Locomotivas, com seu tremendo barulho e fumaça, cativaram meus sentidos. Sentia-me em casa na plataforma da estação, e considerava o chefe de estação e o carregador as melhores companhias para um homem, e suas conversas sobre a ferrovia as mais inteligentes. Cresci no meio deles. Morávamos em uma casinha na frente da estação de Malgudi⁵. Meu pai construiu nossa casa com suas próprias mãos muito antes que se pensasse em trens. Escolheu esse terreno porque era fora da cidade e pôde comprá-lo barato. Escavou o solo, amassou o barro com água do poço, e ergueu as paredes; o teto foi feito com palha de coqueiro. Plantou mamoeiros ao redor, que davam frutos, os quais ele cortava e vendia em fatias—só uma fruta rendia oito annas se fosse talhada com destreza. Meu pai tinha uma lojinha feita de tábuas de caixote e sacos de estopa; e lá passava o dia todo vendendo hortelã, frutas, tabaco, folhas de betel⁶, grão-de-bico torrado, medido em minúsculos cilindros de bambu, e o que mais os transeuntes da Estrada Principal pediam. Era conhecida como “venda da barraca.” Uma multidão de camponeses e condutores de carroça de boi sempre se reuniam na frente de sua loja. Um homem de fato muito ocupado. Ao meio-dia, quando ia para casa almoçar, me chamava e fazia a declaração de costume, no mesmo horário. [6] “Raju, fique no meu lugar.

Certifique-se de que recebeu dinheiro por qualquer coisa que venda. Não acabe com todas aquelas comidas, estão lá para vender, não para comer; me chame se tiver dúvidas.”

E eu toda hora chamava bem alto, “Pai, balas de hortelã, quantas por meio *anna*?” enquanto o freguês esperava pacientemente.

“Três,” gritava de dentro de casa, com a boca cheia de comida. “Mas se levar três quartos de *anna*, dê...” Citava um desconto complicado, que eu nunca conseguia calcular.

Apelava para o freguês, “Me dá só meio *anna*,” e entregava-lhe três balas. Se por acaso acontecia de tirar quatro balas do vidro grande, engolia a quarta para minimizar a complicação.

Um galo excêntrico da vizinhança anunciava o raiar do dia, provavelmente quando achava que já havia dormido o suficiente. Dava um grito ensurdecido que fazia meu pai pular da cama e me acordar.

Depois de me lavar no poço e esfregar cinza sagrada na testa, me detinha perante as imagens emolduradas dos deuses que ficavam penduradas bem no alto da parede; e recitava tudo que é tipo de verso sagrado em um tom retumbante. Depois de assistir minha performance por algum tempo, meu pai ia para o pátio dos fundos tirar leite da búfala. Mais tarde, voltando com o balde, sempre comentava, “Tem alguma coisa muito errada com esse animal dessa vez. Não queria dar nem meia medida hoje.”

Minha mãe invariavelmente respondia, “Eu sei, eu sei. Está ficando teimosa, é isso. Sei como dar um jeito nela,” falava de um modo sinistro e misterioso, pegando o balde e o levando para a cozinha. Voltava no instante seguinte com um copo cheio de leite quente para mim.

O açúcar ficava guardado em uma lata velha, que parecia enferrujada, mas continha um açúcar de primeira. A lata ficava em uma prateleira de madeira num canto da cozinha manchado de fumaça, fora do meu alcance. Imagino que mudavam o lugar da prateleira cada

vez mais para cima à medida que eu crescia, pois lembro que nunca consegui alcançar aquela lata enferrujada a não ser com a ajuda de meus pais.

Quando o céu clareava, meu pai já me esperava no *pyol*⁷. [7] Sentava lá com um graveto ao seu lado. As noções modernas de psicologia infantil eram desconhecidas naquela época; a vara era um equipamento indispensável ao educador. “Quem não apanha, não aprende,” dizia meu pai, citando um antigo provérbio. Ensinava-me o alfabeto tâmil⁸. Escrevia as primeiras duas letras de cada lado da minha lousa. Eu tinha que desenhar os contornos das letras sem parar, até que ficassem irreconhecíveis de tão borradas e distorcidas. Vez que outra meu pai arrancava a lousa de minhas mãos, dava uma espiada, me fuzilava com os olhos, e dizia, “Que porcaria! Você nunca vai ser nada na vida se desfigurar as letras sagradas do alfabeto.” Então limpava a lousa com um pano úmido, escrevia as letras de novo, e me devolvia com a ordem, “Se estragar estas, não respondo por mim. Faça o traçado das letras exatamente como escrevi. Nem pense em modificá-las,” e brandia a vara, ameaçador.

Eu dizia, obediente, “Sim, pai,” e começava a escrever de novo. Posso me ver ainda, botando a língua para fora, torcendo a cabeça para um lado, apoiando todo o peso do corpo no giz—o giz da lousa rangendo quando tentava guiá-lo pelos traços, e meu pai berrando, “Não faça todo esse barulho com esse seu giz horroroso. O que deu em você?”

Depois vinha a aritmética. Dois mais dois, quatro; quatro mais quatro, tanto. Um tanto vezes outro tanto, dava mais; tirava um pouco, dava menos. Ah, meu Deus, os números me davam uma dor de cabeça danada. Enquanto os passarinhos lá fora cantavam e voavam no ar fresco, eu amaldiçoava o destino que me restringia à companhia de meu pai. Ele ficava cada vez mais impaciente. Como se em resposta às minhas preces silenciosas, um primeiro freguês aparecia na porta da lojinha e minhas lições acabavam de repente. Meu pai fazia um último comentário, “Tenho mais o que fazer de manhã do que ensinar um cabeça-oca a virar gênio.”

Embora as lições me parecessem intermináveis, logo que me via, minha mãe dizia, “Então já foi dispensado! Só imagino o que possa ter aprendido em meia-hora!”

Eu dizia, “Vou brincar lá fora e não incomodo mais. Mas chega de aulas, por favor!” Com isso, ia para a sombra do tamarindo⁹ do outro lado da rua. Era uma árvore velha e frondosa, com muitas folhas, no meio das quais [8] macacos e passarinhos viviam, se acasalavam e tagarelavam sem parar, alimentando-se das folhas e frutas. Porcas e seus porquinhos vinham de não sei onde e farejavam o chão repleto de folhas caídas, e eu brincava lá o dia inteiro. Acho que incluía os porcos em jogos imaginários e fazia de conta que eles me carregavam nas costas. Os fregueses de meu pai me cumprimentavam ao passar por ali. Tinha bolitas, um aro de ferro para rolar; e uma bola de borracha, que me mantinham ocupado. Mal sabia que horas eram ou o que acontecia ao meu redor.

Às vezes, meu pai me levava junto quando ia fazer compras na cidade. Alugava uma carreta de boi para a viagem. Eu ficava em volta, ansioso, implorando com os olhos (tinha sido ensinado a não pedir para ir junto) até que meu pai dizia, “Suba, moleque.” Trepava na carroça antes que terminasse a frase. Os sinos no pescoço do boi retiniam, as rodas de madeira rangiam e levantavam a poeira da estrada de chão batido; eu agarrava os mastros laterais e sentia os ossos sacudirem. Ainda assim, gostava do cheiro de palha da carroça e a paisagem do trajeto. Homens e veículos, porcos e meninos—o panorama da vida me fascinava.

No mercado meu pai me fazia sentar em uma plataforma de madeira ao alcance das vistas de um negociante seu conhecido, e ia fazer as compras. Com os bolsos cheios de amendoim frito e balas, eu mascava e observava o movimento do mercado—gente comprando e vendendo, discutindo e rindo, praguejando e gritando. Enquanto meu pai fazia compras, lembro que uma pergunta ficava martelando na minha cabeça: “Pai, se você mesmo é dono de uma loja, por que compra em outras?” Nunca tive resposta. Sentava lá, contemplando o mormaço da tarde, o barulho indistinto do mercado apaziguava meus sentidos, a claridade

poeirenta logo me deixava sonolento, então adormecia, encostado na parede daquele lugar desconhecido em que meu pai havia escolhido me deixar.

*

“Tenho um problema, senhor.” disse o homem.

Raju assentiu e acrescentou, “Todos temos,” em um súbito acesso de sabedoria pontifical. [9] Desde o instante em que esse homem viera sentar diante dele, fitando seu rosto, experimentava uma sensação de importância. Sentia-se como um ator de quem se espera uma fala adequada. No momento a fala apropriada era, “Se me mostrar uma pessoa sem problemas, então te mostrarei o mundo perfeito. Sabe o que o grande Buda¹⁰ disse?” O outro se aproximou ainda mais. “Uma vez uma mulher chegou chorando para o grande Buda, apertando no peito seu bebê morto. Buda disse, ‘Vá a todas as casas desta cidade e encontre uma onde a morte é desconhecida; se achar tal lugar, traga-me de lá um punhado de mostarda, então ensinar-lhe-ei a vencer a morte’”.

O homem estalou a língua em sinal de aprovação e perguntou, “E o que aconteceu com o bebê morto, senhor?”

“Ela teve que enterrá-lo, é claro,” disse Raju. “Assim sendo,” concluiu, ao mesmo tempo em que ele mesmo duvidava da relevância da comparação, “se me apontar um único lar sem qualquer problema, direi a você como obter a solução universal para todos os problemas.”

O homem ficou impressionado com o peso dessa declaração. Fez uma reverência cerimoniosa e disse, “Não disse meu nome, senhor. Me chamo Velan. Meu pai se casou três vezes na vida. Sou o primeiro filho de sua primeira esposa. A filha mais nova de sua última esposa também mora com a gente. Como chefe da família, dei a ela todo o conforto em casa, arranjei-lhe todas as joias e roupas que uma jovem precisa, mas...” Fez uma pequena pausa

antes de revelar a grande surpresa. Mas Raju completou a frase por ele, “A menina não demonstra gratidão.”

“Justamente, senhor!” disse o homem.

“E não quer aceitar seus planos para o casamento?”

“Ah, isso também é verdade, senhor,” disse Velan, atônito. “O filho do meu primo é um bom rapaz. Até mesmo a data do casamento estava acertada, mas sabe, senhor, o que a menina fez?”

“Fugiu da história toda,” disse Raju, e perguntou, “Como você a trouxe de volta?”

“Depois de procurar por três dias e três noites, a enxerguei no meio da multidão em um festival em um povoado distante. Estavam puxando a carruagem do templo pelas ruas e todos os cinquenta moradores [9] estavam reunidos. Examinei tudo que era rosto na multidão e finalmente a avistei assistindo um show de marionetes. Daí, sabe o que ela fez?” Raju decidiu deixar que o outro tivesse o prazer de dizer as coisas ele mesmo, e Velan terminou sua história com, “Ela fica emburrada em seu quarto o dia todo. Não sei mais o que fazer. Talvez esteja possuída. Se atinasse no que fazer com ela, seria uma grande ajuda, senhor.”

Raju disse, com um cansaço filosófico, “É comum isso acontecer na vida. Não devemos nos perturbar por qualquer coisa.”

“O que devo fazer com ela, senhor?”

“Traga-a aqui; deixe-me falar com ela,” disse Raju, em tom pomposo.

Velan levantou-se, fez uma mesura, e tentou tocar os pés de Raju, que ficou horrorizado com o gesto. “Não permitirei que ninguém faça isso. Só Deus merece tal adoração. Ele nos destruirá se tentarmos usurpar Seus direitos.” Sentiu que estava atingindo a estatura de um santo. Velan desceu os degraus humildemente, atravessou o rio, escalou a margem do outro lado, e logo desapareceu. Raju refletiu. “Devia ter perguntado a idade da garota. Espero que não seja atraente. Já tive problemas demais nessa vida.”

Ficou lá sentado um tempão, contemplando a correnteza do rio na noite; o farfalhar das figueiras e dos pipais¹¹ por vezes era sonoro e assustador. O céu estava claro. Não tendo nada para fazer, começou a contar as estrelas. Disse consigo mesmo, “Serei recompensado por prestar esse importante serviço à humanidade. As pessoas dirão, "Eis um homem que sabe o número exato de estrelas no céu. Se tiver qualquer problema nesse sentido, é melhor consultá-lo. Ele será seu guia noturno para os céus.” Pensou consigo mesmo, “A coisa certa a fazer é começar por um canto e continuar pedaço por pedaço. Nunca contar do topo até o horizonte, mas sempre do horizonte até o topo.” Estava desenvolvendo uma teoria. Começou a contagem acima de uma fileira de palmeiras¹² à esquerda, subindo ao longo do rio, passando para o outro lado. “Uma...duas...cinquenta e três...” De repente percebeu que se fixasse o olhar, um novo grupo de estrelas tornava-se visível; quando chegava a assimilá-las na contagem, percebia que tinha perdido de vista o ponto inicial e estava enredado em números sem fim. Sentiu-se exausto. Estirou-se na laje de pedra e adormeceu sob o céu aberto. [11]

*

Às oito horas o sol brilhava bem no seu rosto. Abriu os olhos e viu Velan respeitosamente em pé em um degrau abaixo. “Trouxe minha irmã,” disse, e empurrou-lhe uma menina de quatorze anos, que havia feito tranças bem apertadas e se enfeitado com joias. Velan explicou, “Essas joias, fui eu quem deu, comprei com meu próprio dinheiro, porque, afinal de contas, é minha irmã.”

Raju sentou-se, esfregando os olhos. No momento ainda não estava pronto para assumir os problemas do mundo. Sua necessidade imediata era privacidade para suas abluções matinais. Disse a eles, “Entrem ali e me esperem.”

Encontrou-os esperando no salão do velho templo. Raju sentou-se em uma plataforma ligeiramente mais alta no meio do salão. Velan depositou diante dele uma cesta cheia de

bananas, pepinos, pedaços de cana-de-açúcar, amendoim frito, e um recipiente de cobre transbordando de leite.

Raju perguntou, “Para que tudo isso?”

“Ficaremos muito contentes se aceitar, senhor.”

Raju ficou olhando para a cesta. Vinha a calhar. Conseguia comer e digerir qualquer coisa hoje em dia. Havia aprendido a não ser exigente. Antigamente, teria dito, “Quem comeria isso? Sirva-me café e *idli*¹³, por favor, a primeira refeição do dia. Essas outras coisas são boas para beliscar mais tarde.” Mas a vida na cadeia o havia ensinado a engolir qualquer coisa a qualquer hora. Às vezes um companheiro de cela dividia com ele alguma coisa intragável que havia contrabandeado, com a anuência de um carcereiro, tal como suflê de ovelha de seis dias com óleo rançoso; e Raju lembrava como comia aquilo com gosto às três da madrugada—uma hora antes que os outros acordassem e exigissem sua parte. Agora, qualquer coisa era bem-vinda. Perguntou, “Por que fazem tudo isso por mim?”

“São produtos da nossa terra e temos orgulho em oferecê-los ao senhor.”

Raju não precisou perguntar mais nada. Aos poucos passou a se enxergar como líder nessas ocasiões. Já havia começado a achar que a adulação a sua pessoa era inevitável. [12] Sentou-se em silêncio por alguns momentos, fitando o presente. De súbito, pegou a cesta e entrou em um refúgio no interior do templo. Os outros o seguiram. Raju parou diante de uma imagem de pedra em um canto escuro. Era um deus alto com quatro mãos, segurando um cetro e uma roda¹⁴, com a cabeça lindamente esculpida, mas abandonada um século atrás. Raju depositou cerimoniosamente a cesta de víveres ao pé da imagem e disse, “Primeiro para *Ele*. Que as oferendas sejam para *Ele* primeiro; comeremos o que sobrar. Ofertando a Deus, sabiam que multiplicamos, em vez de dividir? Conhecem a história?” E começou a narrar a história de Devaka¹⁵, um homem do tempo antigo que pedia esmolas no portão do templo todos os dias e não consumia nada do que lhe davam sem antes ofertar seu presente ao deus.

No meio da história ele se deu conta de que não lembrava nem seu fim e nem seu propósito. Interrompeu-se e fez silêncio. Velan esperou pacientemente pela continuação. Era o discípulo perfeito; uma história inacabada ou moral incompleta nunca o irritavam; tudo fazia parte do esquema da vida. Quando Raju virou-se e caminhou majestosamente de volta para os degraus do rio, Velan e sua irmã o seguiram sem uma palavra.

*

Como poderia lembrar de uma história contada por minha mãe há tanto tempo atrás? Ela me contava uma história todas as noites enquanto esperávamos meu pai fechar a lojinha e voltar para casa. A tenda ficava aberta até a meia-noite. Carroças de boi em longas caravanas chegavam dos povoados distantes tarde da noite, carregadas de cocos, arroz, e outros produtos para o mercado. Tiravam a canga dos animais debaixo do pé de tamarindo para que passassem a noite, e os condutores iam aos pares ou pequenos grupos até a tenda, para conversar ou comprar artigos para comer ou fumar. Meu pai adorava discutir com eles sobre o preço dos grãos, a chuva, a colheita, e o estado dos canais de irrigação. Ou então, falavam sobre velhos litígios. Ouviam-se repetidas referências a juízes, depoimento de testemunhas juramentadas; e apelos, interrompidos por risadas estrondosas—em geral provocadas pela lembrança de alguma lei absurda ou brecha na legislação.

Meu pai esquecia de comer e dormir quando tinha companhia. Minha mãe diversas vezes me mandava lá para ver se conseguia fazê-lo entrar. Era um homem de temperamento instável e ninguém podia adivinhar como reagiria a interrupções, por isso minha mãe me orientava a ir, observar seu estado de humor, e suavemente lembrá-lo da comida e de seu lar. [13] Eu ficava embaixo do toldo da lojinha, tossindo e limpando a garganta, na esperança de fazer contato visual. Mas a conversa o absorvia por inteiro; ele nem olhava em minha direção, e eu acabava prestando atenção, apesar de não entender nem uma palavra do que diziam.

Após algum tempo ouvia-se a voz de minha mãe ecoar suavemente no ar noturno, chamando, “Raju, Raju,” e meu pai interrompia suas atividades para me olhar e dizer, “Diga para sua mãe que não me espere. Diga para ela deixar no forno um prato com um pouco de arroz e leiteiro¹⁶ com um pedaço só de picles de limão¹⁷. Volto para casa mais tarde.” Era quase uma regra cinco dias por semana. Sempre acrescentava, “Não que esteja com fome essa noite.” E daí acho que continuava a discutir seus problemas de saúde com os amigos.

Mas eu não ficava para ouvir mais. Corria de volta para casa. Havia um trecho escuro entre a luz da tenda e a luz mortiça da lanterna na soleira de nossa casa, coisa de menos de um metro, imagino, mas suave frio ao passar por ali. Achava que animais selvagens e criaturas sobrenaturais surgiriam para me agarrar. Minha mãe ficava na porta me esperando e dizia, “Não está com fome, suponho! Isso lhe dá a desculpa para conversar com o pessoal do povoado a noite toda, e então entrar para uma hora de sono e acordar com o cacarejar daquele galo idiota de não sei onde. Vai acabar com a saúde.”

Eu a seguia até a cozinha. Ela colocava meu prato ao lado do dela no chão, deixava a panela de arroz ao alcance, e nos servia ao mesmo tempo; terminávamos de jantar sob a lanterna de latão coberta de fuligem pendurada em um prego na parede. Desenrolava uma esteira para mim na sala da frente, e eu deitava para dormir. Sentava-se ao meu lado, esperando a volta de meu pai. Sua presença me trazia uma sensação de aconchego indescritível. Sentia que devia aproveitar sua proximidade, e reclamava, “Tem uma coisa incomodando no meu cabelo,” então ela passava os dedos pelos fios e coçava minha nuca. E então exigia: “Uma história.”

Ela iniciava imediatamente, “Era uma vez um homem chamado Devaka...” Ouvia seu nome mencionado quase [14] todas as noites. Era um herói, santo, ou coisa parecida. Nunca fiquei sabendo exatamente o que ele fez ou por quê, o sono me dominava antes mesmo que minha mãe terminasse a introdução.

*

Raju sentou-se no degrau e observou o rio brilhando ao sol da manhã. O ar estava fresco, e ele preferiria estar sozinho. Seus visitantes sentaram pacientemente em um degrau abaixo, esperando que ele os atendesse, como pacientes em um consultório médico. Raju tinha seus próprios problemas para resolver. De repente, ficou irritado com a responsabilidade que Velan lhe impunha, e disse francamente, “Não vou pensar nos seus problemas, Velan; não agora.”

“Posso saber por quê?” perguntou, humilde.

“Porque sim,” falou Raju, dando o assunto por encerrado.

“Quando posso incomodá-lo, senhor?” perguntou ele.

Raju respondeu, em tom grandioso, “Quando for a hora certa.” Essa frase tirou o assunto do âmbito do tempo e o pôs na esfera da eternidade. Velan aceitou a resposta com resignação e levantou-se para ir embora. Foi quase comovente. Raju sentiu-se em débito com ele pelos viveres que havia trazido, por isso disse, para tranquilizá-lo, “Essa é a irmã sobre quem me falou?”

“É, sim senhor, é sim.”

“Sei qual é o seu problema, mas gostaria de pensar um pouco sobre o assunto. Não podemos forçar soluções tão vitais. Cada questão tem seu momento oportuno. Entende?”

“Sim, senhor,” disse Velan. Levou os dedos à testa e disse, “O que quer que esteja escrito aqui vai acontecer. Como poderíamos evitar?”

“Não podemos evitar os acontecimentos, mas entendê-los”, respondeu Raju, afetado. “E para atingir um entendimento correto, leva tempo.” Raju sentiu-se como se tivesse criando asas. Em seguida, imaginou que poderia flutuar no ar e pousar na torre do antigo templo. Nada o surpreenderia. De repente se pegou perguntando, “Estive na prisão ou em alguma espécie de transmigração?”

Velan parecia aliviado e orgulhoso de ouvir tantas palavras de seu mestre. Lançou um olhar significativo para sua irmã complicada, e, constrangido, obrigou-a a fazer uma saudação. Raju afirmou, encarando a garota, “O que tem que acontecer, vai acontecer; não há poder na terra ou no céu que possa mudar o curso deste rio.” Eles olharam para o rio, como se a solução para seus problemas estivesse lá, e viraram-se para partir. Raju observou-os atravessar o rio e escalar a margem do outro lado. Logo estavam fora do alcance de seu olhar.

Capítulo 2 [p. 16]

Percebemos uma movimentação no terreno em frente à nossa casa. Um grupo de homens vinha da cidade todas as manhãs e trabalhava na área o dia inteiro. Ficamos sabendo que estavam construindo uma ferrovia. Eles vinham lanchar na tenda do meu pai, que perguntava ansioso, “Quando os trens chegarão até aqui?”.

Se estivessem de bom humor, respondiam, “Daqui uns seis ou oito meses, quem sabe”. Ou, se estivessem de mau humor, “Não pergunte para nós. Daqui a pouco você vai querer que a gente traga uma locomotiva até a sua tenda!” e davam uma risada cruel.

O trabalho progredia rapidamente. Perdi um pouco da liberdade embaixo do tamarindo porque caminhões estacionavam lá. Subia neles e brincava. Ninguém se importava. Passava o dia todo subindo e descendo dos caminhões, e minhas roupas ficavam embarradas. A maioria dos caminhões trazia terra vermelha, que se acumulava no terreno. Em pouco tempo uma pequena montanha surgiu na frente da nossa casa. Foi maravilhoso. Quando subia no topo desse monte conseguia enxergar lugares distantes, a silhueta enevoadas das Montanhas Mempi. Andava tão ocupado quanto os trabalhadores. Passava todo meu tempo junto com os operários dos trilhos, ouvindo suas conversas e compartilhando suas piadas. Vieram mais caminhões, trazendo madeira e ferro. Uma variedade de cargas se amontoava por todo lado. Logo em seguida comecei a colecionar lascas de metal, porcas e parafusos, e os guardava no baú de minha mãe, onde havia um espaço reservado para mim entre os antigos saris de seda que ela nunca usava.

*

Um garoto pastoreando suas vacas aproximou-se do lugar ao pé do monte onde eu me divertia sozinho. Suas vacas estavam pastando logo adiante, onde os homens trabalhavam, e o sujeitinho havia ousado subir na rampa em que eu estava brincando. Estava começando a

adquirir um sentimento de propriedade pela ferrovia, e não queria intrusos ali. Fechei a cara e gritei, “Cai fora.”

“Por quê?” perguntou. “Minhas vacas estão aqui, estou cuidando delas.”

“Tire as vacas daqui,” eu disse. “Senão elas vão ser atropeladas pelo trem, que está por chegar.”

“Deixa elas. O que você tem a ver com isso?” disse ele, o que me irritou tanto que dei um berro e rebati com “Você é um filho da...” e um monte de outras expressões recém-aprendidas. O garoto, em vez de me derrubar, foi correndo para meu pai. “Seu filho está dizendo palavrões.”

Meu pai deu um salto ao ouvir isso. Dei azar. Mal havia retomado a brincadeira quando ele veio voando na minha direção e perguntou, “De que você chamou esse menino?” Tive o bom senso de não repetir. Pisquei, calado, e o garoto repetiu exatamente o que eu havia dito, o que produziu um efeito surpreendentemente violento em meu pai. Me agarrou pelo pescoço com palma da mão, e perguntou, “Onde você aprendeu isso?” Apontei para os homens trabalhando nos trilhos. Ele olhou, ficou em silêncio por um segundo, e disse, “Ah, então é isso!” Você não vai mais ficar vagabundeando, aprendendo palavrões. Vou tratar disso. Vai para o colégio amanhã e todos os dias.

“Pai!” exclamei. Estava me dando um castigo duro. Ser removido de um lugar que adorava para um que detestava!

*

Havia um grande alvoroço todos os dias antes da minha saída para o colégio. Minha mãe me dava comida cedo e enchia uma vasilha de alumínio com o lanche da tarde. Colocava cuidadosamente meus livros e uma lousa dentro de uma bolsa e a pendurava em meus ombros. Me vestia com camisa e bermudas limpas; meu cabelo era penteado para trás a partir da testa, com todos os cachos caindo na nuca. Nos primeiros dias gostei de toda essa atenção,

mas logo criei uma aversão normal; preferia ser negligenciado e ficar em casa a ser mimado e mandado para o colégio. Mas meu pai era um disciplinador severo; talvez fosse um esnobe e quisesse vangloriar-se de que seu filho frequentava um colégio. [18] Ficava de olho em mim até se certificar de que havia saído, todas as manhãs. Sentava em sua lojinha e continuava chamando a cada minuto, “Ô moleque, já saiu?”

Era uma caminhada interminável até chegar ao colégio. Nenhum outro garoto ia na mesma direção. Falava sozinho pelo caminho, parava para observar os passantes ou uma carroça sacolejando, ou um gafanhoto entrando em um bueiro. Andava tão devagar e hesitante que quando virava na Rua do Mercado ouvia meus colegas recitando a lição em uníssono, porque o velho homem, nosso mestre, que nos dava aula, achava importante extrair o máximo de barulho de seus alunos.

Não sei com quem meu pai se aconselhou para me mandar para ser educado aqui, já que a moderna Escola Missionária Albert¹⁸ era bem perto. Teria me orgulhado em ser um aluno da Escola Missionária Albert. Mas toda hora ouvia meu pai afirmar, “Não quero mandar meu filho para lá; parece que eles tentam converter nossos meninos ao Cristianismo e passam o tempo todo insultando nossos deuses.” Não sei de onde tirou essa ideia; de qualquer modo, ele estava firmemente convencido de que o colégio que escolheu era o melhor do universo. Gabava-se em público, “Muitos alunos que passaram pelas mãos desse antigo mestre agora são altos oficiais em Madras¹⁹, funcionários da receita e homens assim...” Era pura imaginação dele, ou invenção do velho que me ensinava. Não passava pela cabeça de ninguém que isso fosse de forma alguma um colégio, muito menos um colégio de destaque. Era o que se chamava de um colégio *pyol* porque as aulas aconteciam no *pyol* da casa do mestre. Ele morava na Travessa Kabir²⁰, em uma casa velha e estreita com um *pyol* de cimento na frente, bem embaixo do qual corria o esgoto. Reunia um punhado de meninos da minha idade no *pyol* todas as manhãs, reclinado em uma almofada num canto, e gritava com a

garotada, brandindo uma vara de junco o tempo todo. Aulas de todas as séries aconteciam ao mesmo tempo, e ele dava atenção a um grupo por vez. Eu pertencia à turma mais básica dos mais jovens, recém aprendendo o alfabeto e os números. Ele nos fazia ler nossos livros em voz alta e copiar as letras nas nossas lousas, conferia todas e corrigia com um peteleco de vara aqueles que diziam tolices. Era um homem muito agressivo. [19] Meu pai, que quis me poupar da linguagem dos operários da ferrovia, certamente não fez uma escolha melhor ao me mandar para esse velho, que tinha o hábito de chamar os alunos de burros e rastreava suas genealogias de ambos os lados com minúcias.

O que o irritava não era meramente os erros que cometíamos, mas nossa própria presença. Acho que só o fato de nos avistar, esses garotos pequenos e toscos, sempre desajeitados e arrastando os pés, já lhe dava nos nervos. Claro, fazíamos bastante barulho no seu *pyol*. Quando entrava em casa para uma sesta curta, ou para fazer suas refeições, ou para atender um dos vários compromissos domésticos, nos rolávamos uns sobre os outros, brigávamos, nos arranhávamos, uivávamos e berrávamos. Ou tentávamos invadir sua privacidade, espiando. Uma vez nos esgueiramos para dentro e fomos de peça em peça até chegar à cozinha e o vimos sentado na frente do forno, assando alguma coisa. Paramos na porta e dissemos, “Ah, mestre, o senhor também sabe cozinhar!” e rimos do nosso comentário.

Ele voltou-se furioso e ordenou, “Saíam moleques, não venham aqui; isso não é a sala de aula,” e disparamos de volta para nosso lugar, onde ele nos encontrou mais tarde e torceu nossas orelhas até que gritássemos. Disse, “recebo vocês aqui, seus diabos, porque quero que se tornem civilizados, mas o comportamento de vocês é...” e listava nossos crimes e pecados.

Nos arrependíamos, ele abrandava e dizia, “Daqui por diante, que eu não os pegue mais em nenhum lugar além daquela soleira. Vou entregar vocês à polícia se passarem da porta.” Deu certo. Nunca mais espíamos para dentro da casa, mas sempre que virava as costas,

concentrávamos a atenção no esgoto que corria embaixo do *pyol*. Arrancávamos páginas dos cadernos, fazíamos barquinhos e os deixávamos flutuar esgoto abaixo, e logo a brincadeira se tornou prática habitual, e virou uma espécie de corrida de barcos; ficávamos de barriga para baixo observando os barquinhos flutuar na água do esgoto. Ele nos advertia, “Se caírem no esgoto, vão parar no rio Sarayu²¹, lembrem-se, e vou ter que dizer para seus pais procurá-los lá, imagino!” e ria com a cruel possibilidade.

Seu interesse por nós consistia em uma rupia por mês e qualquer coisa em espécie que pudéssemos levar. Meu pai enviava todo mês dois torrões de açúcar de palmeira²², outros levavam arroz e legumes e qualquer outra coisa que ele por vezes requisitasse. Sempre que sua despensa ficava vazia, ele chamava um ou outro para um canto e dizia, “Se você for um bom garoto, corra até sua casa e me traga um pouquinho, só um tantinho, preste atenção, de açúcar. Vamos ver se você é esperto!” Adotava um tom gentil e persuasivo nessas ocasiões, e nos sentíamos honrados em poder servi-lo, e amolávamos nossos pais para que nos dessem os presentes, e brigávamos para ter o privilégio de servi-lo. Nossos pais se mostravam sempre dispostos a prestar favores ao mestre, possivelmente gratos por ele tomar conta de nós a maior parte do dia, desde a manhã até as quatro da tarde, quando nos dispensava e nós voltávamos para casa correndo.

Apesar da violência e evidente desorientação, imagino que tenha feito progressos sob a tutela do mestre, pois dentro de um ano estava capacitado para a primeira série na Escola Secundária Municipal; lia livros mais grossos, e sabia multiplicar de cabeça até vinte. O velho mestre em pessoa me acompanhou até a Escola Municipal, que havia sido recém-fundada, e fez minha matrícula; me levou para nova sala de aula, eu e outros dois, e nos abençoou antes de se despedir. Foi uma surpresa agradável para nós ver que ele podia ser tão bondoso.

Velan não cabia em si com as notícias de um milagre. Parou na frente de Raju com as mãos e disse, “Senhor, as coisas se ajeitaram.”

“Fico contente—como?”

“Minha irmã se apresentou na reunião de família e admitiu seus erros. Concordou em...” e continuou explicando. A garota havia aparecido de repente perante a família reunida naquela manhã. Encarou todo mundo e disse, “Tenho sido irresponsável ultimamente. Vou fazer o que meu irmão e os mais velhos querem que eu faça. Eles sabem o que é melhor para nós.”

“Mal pude acreditar,” explicou Velan. “Me belisquei para ver se estava sonhando ou acordado. O caso dessa garota tinha lançado nuvens negras sobre nossa casa. A não ser pelo processo de partilha e todas as complicações decorrentes dele, nunca tivemos nenhum tormento comparável. Veja só, queremos bem a garota, e era dolorido ver que passava o tempo todo emburrada em um quarto escuro, sem cuidar da aparência, sem se importar com roupas, sem apetite. Fizemos o possível para que se animasse mas depois fomos obrigados a desistir. Todos nós sofremos muito por causa dela, por isso ficamos surpresos hoje de manhã quando ela apareceu com o cabelo untado e trançado, e enfeitado com flores. Radiosa, ela disse, ‘Tenho causado aborrecimento a vocês ultimamente. Peço desculpas a todos. Vou fazer tudo que os mais velhos mandarem.’ Claro que, logo que nos recuperamos da surpresa, perguntamos, ‘Está disposta a casar com seu primo?’ Ela não respondeu logo, mas ficou parada com a cabeça baixa. Minha esposa a puxou para um lado e perguntou se podíamos avisar a outra família, e ela concordou. Espalhamos a mensagem auspiciosa, e logo vai ter um casamento em nossa casa. Estou com o dinheiro, joias, e tudo mais, prontos. Vou chamar os flautistas e tocadores de tambor amanhã de manhã e terminar logo com isso de uma vez. Já consultei o astrólogo, e ele diz que é uma data auspiciosa. Não quero atrasar a ocasião feliz nem por um segundo.

“Com medo que ela possa mudar de ideia outra vez?” perguntou Raju. Sabia por que Velan estava apressando as coisas desse jeito. Era fácil adivinhar o motivo. Mas o comentário deixou o outro admirado, e perguntou, “Como adivinhou meus pensamentos, senhor?”

Raju permaneceu em silêncio. Não podia abrir a boca sem provocar admiração. Era uma situação perigosa. Estava tentado a se menosprezar um pouco. Foi ríspido com Velan, “Não tem nada de extraordinário na minha suposição,” e a resposta veio imediatamente, “Não diga isso, senhor. As coisas podem parecer fáceis para um gigante, mas pobres mortais comuns como nós nunca sabemos o que passa na cabeça das outras pessoas.”

Para desviar a atenção, Raju perguntou, casual, “Você sabe a opinião do noivo? Acha que ele está preparado? O que ele acha da recusa dela?”

“Depois que a garota mudou de ideia, mandei nosso sacerdote discutir o assunto com ele, e voltou dizendo que o rapaz está disposto a casar. Prefere não pensar no que se passou. O que passou, passou.”

“Verdade, verdade,” disse Raju, não tendo mais nada a acrescentar e não querendo dizer qualquer coisa que soasse inteligente demais. Estava começando a temer sua própria inteligência ultimamente. [22] Temia abrir a boca. Um voto de silêncio seria a solução, mas havia um perigo maior no silêncio.

Toda essa prudência não o salvou. Os problemas de Velan terminaram bem. Um dia ele veio convidar Raju para o casamento da irmã e foi preciso insistir muito e por um longo tempo até convencer o outro a deixá-lo em paz. No entanto, Velan trouxe frutas em uma enorme bandeja coberta com pano de seda, o tipo de oferenda que Raju descrevia para a edificação dos turistas, quando mostrava antigos palácios ou templos. Aceitou o presente graciosamente.

Não foi ao casamento da garota. Não queria ser visto no meio da multidão, e não queria reunir muita gente sem torno de si, como o homem que havia operado uma

transformação em uma garota teimosa. Mas seu distanciamento não o salvou. Se não podia ir ao casamento, o casamento iria até ele. Logo que pôde, Velan levou a garota, o marido e um enorme grupo de parentes ao templo. Parece que a própria garota considerava Raju seu salvador. Havia dito a todo mundo, “Ele não fala com ninguém, mas se olha para você, você se transforma.”

*

Seu círculo gradualmente se alargava. Velan, no fim de um dia de labuta na agricultura, vinha sentar-se no degrau inferior. Se Raju falasse, ele escutava; caso contrário aceitava o silêncio com a mesma gratidão, levantava-se sem uma palavra, ao escurecer, e ia embora. Aos poucos, despercebidos, alguns outros começaram a chegar com regularidade. Raju não tinha o direito de questioná-los: a margem do rio era um lugar público, o próprio Raju era um intruso. Eles simplesmente sentavam lá no degrau abaixo e ficavam olhando Raju, e não paravam mais de olhar para ele. Raju não precisava dizer nem uma palavra para ninguém: só ficava lá sentado no mesmo lugar, contemplando o rio, a outra margem, e se esforçava em pensar para onde deveria ir a seguir e o que fazer. Eles mal cochichavam uma ou outra palavra com receio de perturbá-lo. Raju estava começando a ficar constrangido nessas ocasiões, e imaginava se haveria uma maneira de se livrar da presença deles. Durante o dia ficava praticamente sozinho, mas no fim da tarde, depois de cumprir o dia de trabalho, os moradores do povoado apareciam.

Uma tarde antes da chegada do grupo, ele foi para o pátio do templo e se escondeu atrás de um pé de hibisco gigantesco carregado de flores vermelhas. Ouviu-os chegar, ouviu suas vozes nos degraus do rio. Estavam falando em voz baixa e abafada. Fizeram a volta no prédio e passaram pelo pé de hibisco. Ao se agachar como um animal acuado, o coração de Raju palpitava. Prendeu a respiração e esperou. Já havia planejado uma explicação para o caso de ser descoberto ali. Diria que estava imerso em pensamentos profundos e que a sombra

do hibisco era propícia para tais contemplações. Mas felizmente não o procuraram ali. Pararam perto do arbusto, falando em um sussurro abafado e receoso. Um deles disse, “Para onde pode ter ido?”

“É um homem adulto, pode ir a qualquer lugar; pode ter mil coisas para fazer.”

“Ah, você não sabe de nada. Ele renunciou ao mundo; não faz nada além de meditar. Que pena que não está aqui hoje!”

“Só de sentar lá com ele por alguns minutos—ah, que transformação aconteceu em nossa família! Sabe que aquele meu primo mudou de ideia e me devolveu a nota promissória ontem de noite? Enquanto estava de posse da nota, parecia que eu tinha posto uma faca na mão dele para nos apunhalar.”

“Não temos mais nada a temer; sorte nossa que esta grande alma tenha vindo morar entre nós.”

“Mas desapareceu hoje. Será que nos deixou para sempre?”

“Seria uma desgraça se tiver ido embora.”

“Suas roupas ainda estão no salão do templo.”

“Ele não tem medo de nada.”

“O almoço que trouxe ontem foi comido.”

“Deixe lá o que trouxe hoje; certamente vai sentir fome quando voltar de seu passeio.”

Raju ficou agradecido a este homem pela lembrança.

“Sabe que às vezes esses iogues conseguem viajar ao Himalaia só com o pensamento?”

“Não acho que ele seja esse tipo de iogue,” disse outro.

“Quem pode saber? As aparências enganam,” disse um deles. Daí foram para seu lugar de costume e ficaram lá sentados. Por um bom tempo Raju ouviu sua conversa. [24] Depois

foram embora. Raju ouviu seus pés chapinhando na água. “Vamos embora antes que escureça. Dizem que tem um crocodilo velho nessa parte do rio.”

“Um conhecido meu ficou preso pelo tornozelo, bem aqui.”

“E daí, o que aconteceu?”

“Foi puxado para fora do rio no dia seguinte...”

Raju ouvia suas vozes se distanciando. Cauteloso, deu uma espiada de seu esconderijo. Dava para ver os vultos na outra margem. Esperou até que desaparecessem completamente. Entrou e ascendeu um lampião. Estava com fome. Haviam deixado sua refeição embrulhada em uma folha de bananeira sobre o pedestal da antiga imagem de pedra. Cheio de gratidão, Raju rezou para que Velan nunca chegasse à conclusão que ele fosse bom demais para precisar de comida e vivesse de átomos do ar.

*

Na manhã seguinte, levantou cedo e tomou seu banho ritual, lavou suas roupas no rio, ascendeu o fogão, preparou café, e sentiu-se completamente em paz com o mundo. Tinha que decidir seu futuro hoje. Deveria ir para sua cidade natal e aguentar as risadinhas e olhares por alguns dias, ou então ir para outro lugar. Para onde poderia ir? Não estava acostumado a ganhar a vida com trabalho duro. No momento, a comida vinha até ele sem que precisasse pedir. O único outro lugar em que isso acontecia era a cadeia. Para onde poderia ir agora? Lugar nenhum. Vacas pastando à distância davam uma sensação de quietude sublime. Deu-se conta que não tinha alternativa: tinha que assumir o papel que Velan imaginara para ele.

Com a decisão tomada, preparou-se para encontrar Velan e seus amigos no final da tarde. Sentou-se como de costume na laje de pedra com beatitude e calma no rosto. O que o incomodava na verdade era que poderia soar inteligente demais em tudo que dissesse. Havia adotado o silêncio como precaução. Mas esse receio não existia mais. Decidiu parecer tão inteligente quanto pudesse, soltar pérolas de sabedoria de seus lábios, assumir todo o

esplendor disponível, e fornecer a eles toda a orientação que pedissem sem restrições. [25]Decidiu organizar o palco do espetáculo com mais cuidado. Em vista disso, transferiu seu assento para o átrio interno do templo. Ficava melhor como cenário. Sentou-se lá um pouco antes da hora de Velan e os outros chegarem. Antevia sua chegada com certo entusiasmo. Ensaiou sua expressão e a pose para recebê-los.

O sol se punha, tingindo a parede de rosa. Os topos dos coqueiros ao redor estavam dourados. Os gritos dos pássaros iam a um crescendo antes de abrandar para a noite. Escureceu. Mas nem sinal de Velan nem de ninguém. Eles não vieram naquela noite. Ele ficou sem comida, mas essa não era a preocupação principal; ainda tinha algumas bananas²³. E se não viessem mais? O que aconteceria? Entrou em pânico. Passou a noite em claro, aflito. Todos seus velhos medos retornaram. Se voltasse para a cidade teria que reaver sua casa com o sujeito da hipoteca. Teria que lutar por um espaço para morar em sua própria casa ou arranjar dinheiro para resgatá-la. Perguntava-se se deveria atravessar o rio, entrar no povoado e procurar Velan. Não parecia uma atitude digna. Poderia parecer mesquinho, e eles poderiam ignorá-lo completamente.

Viu um garoto pastoreando suas ovelhas na outra margem. Bateu palmas e gritou, “Venha aqui.” Desceu os degraus e berrou para o outro lado do rio, “Sou o novo sacerdote desse templo, garoto, venha cá. Tenho uma banana para você. Venha buscá-la.” Acenou com a fruta, sabendo que talvez fosse um risco; era a última do seu estoque e podia perdê-la de vista nesse instante, e também ao garoto, e Velan talvez nunca ficasse sabendo o quanto precisava dele, enquanto ele, Raju, definharia de fome até que achassem seus ossos esbranquiçados no templo se juntassem às ruínas circundantes. Acenou com a banana pensando desse jeito. O menino foi atraído pelo gesto e logo atravessou o rio. Era baixo e estava molhado até as orelhas. Raju disse, “Tire o turbante e se seque, menino.”

“Não tenho medo de água,” disse ele.

“Não devia ficar tão molhado.”

O garoto esticou a mão para pegar a banana e disse, “Sei nadar. Sempre venho nadar.”

[26]

“Mas nunca vi você aqui antes,” disse Raju.

“Não venho aqui. Nado mais adiante.”

“Por que não vem aqui?”

“Esse é um local de crocodilos,” disse ele.

“Mas nunca vi nenhum crocodilo.”

“Vai ver qualquer hora,” disse o garoto. “Minhas ovelhas geralmente pastam lá adiante. Vim ver se um homem estava aqui.”

“Por quê?”

“Meu tio me pediu para ficar de olho. Disse, ‘Leve suas ovelhas para a frente daquele templo e veja se tem um homem lá.’ Por isso vim aqui hoje.”

Raju deu a banana para o garoto e disse, “Diga para seu tio que o homem voltou e diga que venha aqui hoje à tarde.”

Não esperou para perguntar quem era o tio. Quem quer que fosse, era bem-vindo. O garoto descascou a banana, engoliu-a inteira, e começou a mastigar a casca também. “Por que come a casca? Vai fazer mal,” disse Raju.

“Não vai não,” respondeu o garoto. Parecia ser um garoto decidido, que sabia o que queria.

Raju deu um conselho vago, “Seja um bom menino. Agora vá. Diga a seu tio—”

O garoto se foi, depois de preveni-lo, “Fica de olho nelas até eu voltar.” E apontou para seu rebanho na encosta em frente.

Capítulo 3 [p.27]

Um belo dia, além do pé de tamarindo, o prédio da estação ficou pronto. Os trilhos de aço brilhavam sob o sol; os postes de sinalização erguiam-se com suas listras vermelho e verde e seus faróis coloridos; e o mundo ficou impecavelmente dividido entre este lado da ferrovia e o lado de lá. Estava tudo pronto. Passávamos todo o tempo livre caminhando ao longo dos trilhos por uns dois quilômetros até o canal. Andávamos para cima e para baixo na nossa plataforma, uma muda de flamboaiã²⁴ foi plantada no pátio da estação. Entrávamos no corredor, espiando a sala destinada ao chefe de estação.

Um dia nos deram um feriado. “O trem chega a nossa cidade hoje,” o povo dizia, entusiasmado. A estação foi decorada com bandeirinhas e guirlandas. Um flautista tocava, bandas retumbavam. Quebraram-se cocos nos trilhos, e a locomotiva apareceu, puxando alguns vagões. Muitos dos figurões da cidade estavam lá. O Cobrador e o Superintendente da Polícia e o Presidente do Conselho Administrativo Municipal, e muitos comerciantes locais, agitando seus convites verdes, estavam reunidos na estação. A polícia cercou a plataforma e não deixou a multidão entrar. Me senti traído. Fiquei revoltado por me proibirem de entrar na plataforma. Consegui passar por entre as grades no ponto mais distante, e quando a locomotiva chegou eu estava lá para recepcioná-la. Provavelmente era pequeno demais para que notassem minha presença.

Trouxeram mesas com aperitivos para os convidados oficiais; e vários se levantaram para discursar. A única palavra que entendi foi “Malgudi”, repetida em seus discursos. Houve aplausos. A banda começou a tocar, a locomotiva apitou, o sino tocou, os guardas sopraram seus apitos, e os homens que estavam comendo os aperitivos embarcaram no trem. [28]Pensei em embarcar também, mas havia muitos policiais para me impedir. O trem se moveu e logo

sumiu. Então permitiram que a enorme multidão subisse na plataforma. A tenda de meu pai teve um recorde de vendas naquele dia.

Quando o chefe de estação e o carregador se instalaram nas suas casinhas de pedra nos fundos da estação, de frente para a nossa, meu pai já havia enriquecido a ponto de adquirir uma *jutka*²⁵ e um cavalo para ir à cidade fazer compras.

Minha mãe mostrou indiferença. “Para que esse incômodo extra em casa, cavalo e ração para cavalo e tudo mais, quando uma parelha de búfalos já dá trabalho que chega?”

Ele não respondeu em detalhes, somente descartou suas objeções com um, “Você não entende nada disso. Tenho muita coisa para fazer na cidade todos os dias. Tenho que ir ao banco a toda hora.” Pronunciou a palavra “banco” com uma ênfase orgulhosa, mas minha mãe não se impressionou.

Desse modo, um estábulo de palha foi acrescentado ao nosso pátio, onde um pônei marrom ficou amarrado, e meu pai providenciou um cavalição para cuidar do animal. Nos tornamos o centro das atenções na cidade por causa dessa charrete, mas minha mãe nunca a aceitou. Achava que era uma vaidade anormal em meu pai e não havia explicação que a fizesse mudar de ideia. Em sua opinião meu pai havia superestimado seus negócios, e o atazanava sempre que ele estava em casa e a charrete não estivesse em uso. Ela supunha que ele que fosse andar com o veículo pelas ruas da cidade o tempo todo. Ele não levava mais que uma hora por dia com seus negócios e sempre voltava para casa a tempo de cuidar da loja, que agora deixava a cargo de um amigo algumas horas por dia. A insistência de minha mãe estava surtindo efeito, acredito, pois meu pai perdeu muito de sua agressividade e ficava cada vez mais na defensiva nas ocasiões em que voltava para casa, tendo deixado a charrete sem uso embaixo do pé de tamarindo. “Pegue a charrete e vá ao mercado, se quiser,” dizia com frequência, mas minha mãe desprezava a oferta, explicando, “Onde você quer que eu vá todo dia? Vá lá que seja útil para ir ao templo em uma sexta-feira. Mas daí a manter um

equipamento tão dispendioso o ano inteiro, só para uma visita ao templo de vez em quando? Cavalos e ração para cavalos, você sabe quanto custa?” Felizmente, no fim das contas o veículo acabou não sendo um peso morto. Exausto com a oposição insistente de minha mãe, meu pai considerou seriamente se desfazer do cavalo e (uma proposta fantástica) converter a charrete em uma carroça de boi, com uma mola em arco na parte de cima da roda, que um ferreiro, seu conhecido dos portões do mercado, havia prometido fazer para ele.

O garoto que se ocupava do cavalo riu da ideia, e disse que era um plano impossível, convencendo meu pai que o ferreiro ia reduzir a charrete a uma peça de mobília que só teria utilidade para descansar à sombra do pé de tamarindo. “Você também ia acreditar se ele promettesse transformar o cavalo em um boi!” disse ele, e então fez uma proposta que apelava para o instinto comercial de meu pai. “Deixe-me alugá-la no mercado. Toda a ração e pasto por minha conta—apenas me deixe usar seu estábulo. Pago duas rupias por dia e uma rupia por mês pelo uso do estábulo, e o que ganhar além de duas rupias é meu.”

Foi uma solução maravilhosa. Meu pai podia usar a charrete sempre que quisesse, e ganhava uma quantia por ela todos os dias, sem despesas. Ao fim de alguns dias, o condutor apareceu alegando falta de passageiros. Houve uma discussão acirrada na parte da frente da minha casa, na semiescuridão, entre o condutor e meu pai, quando este tentava arrancar suas duas rupias. Finalmente minha mãe se intrometeu, dizendo, “Não confie nesses sujeitos. Hoje, com toda aquela multidão do festival, ele diz que não ganhou dinheiro. Dá para acreditar?”

Minha mãe estava convencida que o condutor da charrete tinha gasto o lucro em bebida. Meu pai retrucou, “E daí se ele bebe? Não é da minha conta.”

Todo dia a discussão se renovava. Toda noite o homem se escondia embaixo da árvore e se encolhia de medo e implorava perdão. Era óbvio que estava embolsando nossos recursos. Pois dali a poucas semanas o homem apareceu e disse, “Esse cavalo está emagrecendo e não corre direito, e está ficando teimoso. É melhor que a gente o venda logo e consiga outro,

porque todos os passageiros que pegam a *jutka* reclamam e no fim pagam menos por causa do desconforto que sofreram. [30] E as molas em cima das rodas também precisam ser trocadas.” O homem estava sempre sugerindo que o equipamento fosse vendido e um novo fosse comprado. Sempre que dizia isso ao alcance dos ouvidos de minha mãe ela perdia a paciência e gritava com ele, dizendo que um cavalo e uma carroça já eram despesa que chegue. Essa situação levou meu pai a considerar o acordo todo como um peso morto sem remédio, até que o homem deu a entender que tinha uma oferta de setenta rupias por ambos o cavalo e a carroça. Meu pai conseguiu aumentar para setenta e cinco e finalmente o homem apareceu com o dinheiro e levou embora o equipamento. Obviamente tinha poupado nosso dinheiro o suficiente para a empreitada. De qualquer forma, estávamos felizes por ter se livrado da coisa. Foi uma transação bem calculada, já que logo que os trens começaram a chegar na nossa estação com regularidade, descobrimos que nossa *jutka* estava dando lucro com o transporte de passageiros para a cidade.

*

Meu pai teve o privilégio de abrir uma loja na estação ferroviária. E que loja! Com chão de cimento e prateleiras embutidas. Era tão espaçosa que quando meu pai transferiu todos os artigos da tenda, eles só ocuparam um quarto do lugar; tinha tanto espaço vago ao longo da parede que ele ficou deprimido ao contemplar o vazio. Pela primeira vez começou a se dar conta que afinal não era proprietário de um negócio tão grande.

Minha mãe veio assistir a operação e provocou: “Com esse estoque você pensa em comprar automóveis, e sabe o que mais.” Nunca tinha proposto a compra de um automóvel, mas ela gostava de implicar com ele.

Meu pai falou, sem entusiasmo, “Para que trazer à baila tudo isso agora?” Estava ruminando uma ideia. “Vou precisar de pelo menos quinhentas rupias a mais em mercadoria para preencher todo esse espaço.”

O chefe de estação, um velho de turbante verde enrolado na cabeça e óculos de aro prateado, veio vistoriar a loja. Meu pai tornou-se extremamente respeitoso ao vê-lo. Atrás dele estava Karia, o carregador, em sua camisa azul e turbante. Minha mãe se retirou sem ser notada e voltou para casa. O chefe de estação observou a loja à distância com a cabeça para o lado como se fosse um artista analisando sua obra. O carregador, sempre fiel, seguiu seu exemplo, pronto para concordar com qualquer coisa que ele falasse. O chefe de estação disse, “Encha todo aquele espaço—caso contrário a ATS²⁶ pode mudar de ideia e fazer perguntas, se intrometendo em todos nossos negócios. Não foi fácil conseguir essa loja para você...”

Meu pai me deixou na loja e foi para a cidade fazer as compras. “Não exponha muito arroz e coisas do gênero—deixe essas coisas para a outra loja,” aconselhou o chefe de estação. “Passageiros de estação ferroviária não vão querer tamarindo e lentilhas durante a viagem.” Meu pai aceitou suas instruções cegamente. O chefe de estação era agora seu Deus tangível, e ele obedecia as suas ordens alegremente. Por causa disso, logo pendiam dos pregos da outra loja de meu pai cachos de banana maiores, pilhas de laranjas de Mempu²⁷, enormes cubas de frituras, e balas coloridas e doces em potes de vidro, pães e bolinhos. A vitrina era muito apetitosa, e ele havia enchido várias prateleiras com carteiras de cigarro. Tinha que prever e suprir a demanda de todo tipo de passageiro.

Deixou a antiga tenda a meu encargo. Seus antigos fregueses vinham jogar conversa fora e fazer compras, como era de costume. Mas não me acharam a altura deles. Eu achei aborrecido escutar sua conversa de litígios e irrigação. Não tinha idade suficiente para entender seus problemas e as sutilezas de suas transações. Escutava-os sem reagir, e logo perceberam que eu não era boa companhia. Deixaram-me em paz e migraram para a outra loja, procurando a companhia de meu pai. Mas acharam o lugar inabitável. Sentiam-se como estranhos lá. Era um ambiente muito sofisticado para eles.

Sem demora, como quem não quer nada, meu pai estava de volta em seu banquinho na tenda, deixando que eu tomasse conta dos negócios na loja nova. Tão logo uma certa ponte em Malgudi ficou pronta, começou o serviço regular em nossos trilhos; era emocionante assistir as atividades do chefe de estação e do carregador de camisa azul quando “recebiam” e “liberavam” dois trens inteiros por dia, o trem do meio-dia de Madras e o da tarde vindo de Trichy²⁸. Passei a trabalhar na loja em tempo integral. Como você deve ter adivinhado, toda essa expansão dos negócios de nossa família me ajudou a atingir um fim desejável—largar a escola sem chamar a atenção.

Capítulo 4 [p.32]

A banana fez milagres. O garoto foi de casa em casa, anunciando que o santo estava de volta ao seu posto. Homens, mulheres e crianças acorreram em massa. Tudo que queriam era poder olhar para ele e ver o esplendor de seu rosto. As crianças à sua volta o fitavam, temerosas. Raju tentou administrar a situação, beliscando algumas bochechas e dizendo umas bobagens, chegou mesmo a imitar a fala dos bebês para suavizar o desconforto da situação. Aproximou-se dos garotos mais novos e perguntou, “O que vocês estão estudando?” no estilo dos grandes homens que havia visto nas cidades. Mas foi um erro imitar aquela pergunta aqui, porque os garotos riram, se entreolharam e disseram, “Nada de colégio para nós.”

“O que fazem o dia todo?” perguntou, sem interesse real pelos problemas deles.

Um dos mais velhos se adiantou e disse, “Não podemos mandar nossos meninos para o colégio como vocês fazem nas cidades; eles têm que levar o gado para pastar.”

Raju estalou a língua em sinal de reprovação. A multidão estava inquieta e apreensiva. Raju explicou pomposamente, “Meninos precisam antes de tudo aprender a ler. Devem, é claro, ajudar os pais, mas precisam também ter tempo para estudar.” Acrescentou, inspirado, “Se não tiverem tempo para ler durante o dia, por que não se reunir à noite para estudar?”

“Onde?” um deles perguntou.

“Quem sabe aqui.” disse Raju, apontando para o enorme salão. “Talvez possam chamar um de seus professores. Não tem um mestre-escola na comunidade?”

“Tem, tem,” várias vozes exclamaram ao mesmo tempo.

“Peçam a ele para vir falar comigo,” ordenou Raju com firmeza, com ares de presidente convocando um ajudante de professor faltoso.

Na tarde seguinte um sujeito tímido, de cabelo curto coberto por um turbante, apareceu no salão do templo. Raju havia recém terminado uma lauta refeição e estava

curtindo a sesta no salão, estirado no fresco chão de granito. O sujeito tímido parou ao lado de um antigo pilar e pigarreou. Raju acordou e lhe lançou um olhar inexpressivo. Não era o costume lá, naquela comunidade, perguntar quem ou por quê, quando tantos iam e vinham. Raju acenou com o braço, convidando o outro a sentar-se, e voltou a dormir. Mais tarde, ao acordar, viu que o sujeito continuava sentado perto dele.

“Sou o professor,” disse o homem, e no estado semiadormecido e confuso que se encontrava, o velho medo de professores voltou: por uma fração de segundo esqueceu que todos aqueles anos haviam ficado para trás. Sentou-se.

O mestre teve um sobressalto e disse, “Não se incomode. Posso esperar.”

“Tudo bem,” disse Raju, recobrando a compostura e entendendo melhor o que se passava a sua volta. “Você é o mestre-escola?” perguntou condescendente. Remoheu os pensamentos por alguns momentos, então fez uma pergunta genérica, “Como vão as coisas?”

O outro homem respondeu, “Do mesmo jeito que sempre estiveram.”

“Você está satisfeito?”

“O que importa?” disse o outro. “Apenas tento fazer o melhor que posso e ajo honestamente.”

“Se não é assim, de que adianta fazer o que quer que seja?” perguntou Raju. Estava ganhando tempo. Não estava ainda raciocinado direito depois do sono profundo, e o problema da educação dos garotos não era sua prioridade no momento. Disse, hesitante, “No fim das contas, o nosso dever—“

“Dou o melhor de mim,” disse o outro na defensiva, não querendo ceder. Depois desse debate, que durou meia hora, o próprio mestre-escola do povoado esclareceu sua posição. “Parece que você sugeriu que os garotos se reunissem aqui para tivessem aulas à noite.”

“Ah! É! disse Raju. “Sim, claro, mas é um assunto [34] em que a decisão final é toda sua. Afinal de contas, autoajuda é a melhor ajuda; posso estar aqui hoje, mas amanhã ninguém

garante. A organização fica a seu cargo. O que quero dizer é que se precisar de um local—fique à vontade.” Fez um gesto largo como quem concede uma dádiva para a comunidade como um todo.

O professor ficou pensativo por alguns momentos e hesitou, “Não tenho certeza, porém—”

Mas de repente Raju ficou argumentativo e resoluto. Disse com autoridade, “Gosto de ver os jovens se tornarem alfabetizados e inteligentes.” Acrescentou com ardor porque soava bem, “É nosso dever fazer com que todos sejam felizes e sábios.”

Esse altruísmo avassalador foi demais para o mestre-escola. “Farei o que puder,” disse, “sob sua orientação.” Raju consentiu com a posição dizendo, “Eu mesmo sou apenas um instrumento aceitando orientação.”

O resultado foi que o professor voltou para casa como um novo homem. No dia seguinte estava de novo entre os pilares do templo rodeado por uma dúzia de crianças. Tinham as testas borradas com a cinza sagrada, e suas lousas rangiam no silêncio da noite enquanto o professor passava a lição; Raju, sentado na plataforma, assistia com benignidade. O professor se desculpou pelo número: tinha reunido apenas uma dúzia de garotos. “Têm medo de atravessar o rio na escuridão; ouviram falar que o crocodilo vive aqui.”

“Que mal pode lhe causar um crocodilo se sua mente está aberta e sua consciência em paz?” disse Raju, pomposo. Era uma ideia maravilhosa para expressar. Estava surpreso com a quantidade de sabedoria brotando das profundezas de seu ser. Disse ao professor, “Não desanime se há apenas uma dúzia. Se fizer seu trabalho com sinceridade, na verdade valerá tanto quanto servir esse número multiplicado centenas de vezes.”

O professor sugeriu, “Não me entenda mal, mas poderia conversar com esses garotos sempre que puder?” Isso deu a Raju a chance de transmitir aos garotos suas opiniões sobre a vida e eternidade. Falou a eles sobre santidade, limpeza, abordou o Ramayana²⁹, os

personagens dos épicos; palestrou sobre todo tipo de coisa. Estava hipnotizado pelo som da própria voz; via-se crescer em importância quando os rostos das crianças, reluzentes na semiescuridão, voltavam-se para sua pessoa. Ele, mais do que ninguém, ficou impressionado com a dimensão que a coisa toda tomou.

*

Agora que penso sobre isso, fico convencido de que no fim das contas não fiz um fiasco tão grande. Me parece que geralmente não temos a medida correta de nossa própria sabedoria. Lembro de como havia alimentado minha mente até então. Li uma certa quantidade de coisa boa nos tempos que cuidava da loja da estação ferroviária. Ficava sentado na loja, vendendo pães e água gaseificada. Às vezes os estudantes deixavam seus livros comigo para vender. Embora meu pai tivesse nossa loja em alta conta, eu não podia concordar com ele. Vender pão e bolacha e aceitar dinheiro em troca me parecia uma ocupação enfadonha. Sempre senti que era bom demais para a tarefa...

Meu pai morreu no período de chuvas daquele ano. Teve um fim súbito. Havia vendido suas mercadorias e conversado com seus amigos na sua tenda até tarde da noite; depois contou o dinheiro, entrou em casa, comeu arroz com leite, deitou-se para dormir e nunca mais acordou.

Minha mãe se adaptou à condição de viúva. Meu pai deixou recursos suficientes para que vivesse com conforto. Eu ficava junto dela sempre que podia. Com seu consentimento, fechei a tenda de meu pai e me estabeleci na estação ferroviária. Foi aí que comecei a diversificar. Estocava revistas velhas e jornais, comprava e vendia livros didáticos. Claro que minha freguesia não era grande, mas o trem trouxe mais e mais estudantes, e o trem local das 10:30 era cheio de jovens que frequentavam as Faculdades Missionárias Albert, recém-inaugurada em Malgudi. Gostava de conversar com as pessoas. Gostava de ouvir as pessoas falarem. Gostava dos fregueses que abriam a boca não só para por uma banana dentro, mas

que tinham alguma coisa a dizer sobre outros assuntos que não apenas as condições da safra, preço dos produtos, ou litígios. Creio que após a morte de meu pai, seus velhos amigos desanimaram e desapareceram um por um, principalmente por falta de plateia.

Os estudantes se reuniam na minha loja enquanto esperavam os trens. Aos poucos apareceram livros onde antes havia cocos. As pessoas se desfaziam de livros usados ou livros roubados comigo. Eu pechinchava bastante, fingia indiferença ao comprar e era solícito ao vender. [36] A rigor, era uma atividade irregular. Mas o chefe de estação era um sujeito amistoso, que não só tinha crédito ilimitado para qualquer compra que ele e seus filhos fizessem em minha loja, como também gozava do privilégio de ler qualquer publicação da pilha que aumentava na frente da minha loja. Minha atividade de livreiro foi um desdobramento natural da minha procura por papel velho para embrulho. Quando as pessoas compravam alguma coisa, detestava que levassem a mercadoria nas mãos. Gostava de embrulhar direitinho, tão bem quanto conseguisse, mas enquanto meu pai estava no comando, ele dizia, “Quem trazer um pedaço de papel, que embrulhe suas compras; mas não posso fazer isso por ele. O lucro sendo do jeito que é, não podemos nos dar ao luxo de gastar com papel de embrulho. Se um sujeito comprar óleo, que traga uma panela para levá-lo para casa. Por acaso fornecemos vasilha também?” Enquanto ele praticou essa filosofia foi impossível encontrar um pedacinho de papel, sequer um, em nossa loja. Depois de sua morte, adotei uma nova política. Espalhei aos quatro ventos que estava à procura de papel velho e livros, e logo arrecadei uma grande quantidade. Nas horas vagas, organizava o material. No intervalo entre os trens, quando a plataforma ficava tranquila, não havia nada mais prazeroso do que pegar um punhado de livros variados e se reclinar na minha cadeira para ler, volta e meia fazendo uma pausa para espiar pelo vão da porta o imenso pé de tamarindo lá fora. Lia coisas que me interessavam, que entediavam, me confundiam, e cochilava na cadeira. Lia coisas que traziam à tona pensamentos nobres, lia sobre filosofias atraentes, ficava olhando ilustrações de

templos antigos e ruínas e construções novas e navios de guerra, e soldados, e garotas bonitas que me absorviam a imaginação. Aprendi muito com papel para embrulho.

*

As crianças ficaram encantadas com a aula de Raju (até o mestre ficou boquiaberto, ouvindo extasiado). Foram para casa e descreveram as maravilhas que tinham ouvido. Estavam impacientes para voltar no dia seguinte e ouvir mais. Logo os pais se juntaram às crianças. Deram a desculpa de que “as crianças voltam para casa muito tarde, veja só, mestre, e ficam com medo de voltar sozinhas— especialmente de atravessar o rio à noite —”

[37]“Excelente, excelente,” disse Raju. “Ia mesmo sugerir isso. Fico contente que tenham tido a ideia. Não faz mal. Na verdade, vocês também tem a ganhar ao manter os ouvidos abertos. Com os ouvidos abertos e a boca fechada dá para chegar longe,” disse ele, encontrando um aforismo brilhante.

Um círculo formou-se ao redor dele. Eles sentaram e ficaram olhando. As crianças sentaram e ficaram olhando. O mestre sentou e ficou olhando. O salão do templo resplandecia com as lanternas que os moradores do povoado haviam trazido. Parecia um lugar onde uma grande assembleia estava para começar. Raju sentiu-se como um ator que tinha subido em um palco, e, enquanto o público aguardava, não tinha nenhuma palavra para dizer nem um gesto para fazer. Disse ao mestre, “acho que você deve levar as crianças para o canto deles, para a aula normal; leve uma das lanternas com você.”

Enquanto falava, não podia deixar de pensar que estava dando uma ordem a respeito de filhos que não eram seus, para um professor que não precisava lhe obedecer, apontando para uma lanterna que também não era sua. O professor quis obedecer, mas os garotos não se mexiam. Disse, “Precisam primeiro assistir aula e depois vou lá falar para vocês. Agora vou primeiro falar para os mais velhos—o que disser a eles não vai interessar a vocês.” E as crianças levantaram e seguiram o professor para um canto afastado do salão principal.

Velan arriscou uma sugestão, “Faça um palestra, senhor.” E como Raju ouvia sem transparecer nenhuma emoção, mas parecendo estar em contemplação profunda, Velan acrescentou, “Para podermos desfrutar de sua sabedoria.” Os outros murmuraram concordando.

Raju ficou preocupado. “Tenho que representar o papel que esperam de mim; não tenho saída.” Quebrou a cabeça secretamente, tentando achar um jeito de começar. Poderia falar sobre as atrações turísticas de Malgudi, ou deveria dar lições de moral? Tipo, era uma vez havia um tal e tal, tão bom ou tão ruim que quando veio a fazer isso ou aquilo sentiu-se tão desesperadamente só que começou a rezar, e assim por diante? Fiquei entediado. O único assunto sobre o qual podia falar com alguma autoridade agora parecia ser a vida na cadeia e suas vantagens, especialmente para alguém confundido com um santo. Eles esperavam respeitosamente por sua inspiração. “Ah, idiotas,” teve vontade de gritar. [38] “Por que não me deixam em paz? Se me trazem comida, deixem lá e não me incomodem, obrigado.”

Depois de um longo e ressentido silêncio, ele se saiu com as seguintes palavras: “Tudo tem que esperar sua hora.” Velan e seus amigos que estavam na primeira fila pareceram preocupados por uns instantes; respeitosos, sem dúvida, mas não faziam a menor ideia aonde ele estava querendo chegar. Depois de mais uma pausa, acrescentou, pomposamente, “Vou falar a vocês quando nascer outro dia.”

Alguém perguntou, “Por que outro dia, senhor?”

“Porque sim,” disse Raju, misteriosamente. “Enquanto esperam as crianças terminarem a lição, aconselho que passem o tempo refletindo sobre todas suas palavras e ações desde a manhã até agora.”

“Que palavras e ações?” alguém perguntou, genuinamente perplexo com o conselho.

“As suas próprias,” disse Raju. “Relembre e reflita sobre todas as palavras que você proferiu desde o raiar do dia--“

“Não lembro exatamente...”

“Bem, por isso mesmo digo que reflitam, recordem. Se não lembram direito das suas próprias palavras, como vão lembrar as palavras de outras pessoas? Esse gracejo agradou o público. Ouviu-se algumas risadas abafadas. Quando o riso cessou, Raju disse, “Quero que todos vocês pensem de maneira independente, com sua própria cabeça, e não se deixem levar a cabresto como se fossem gado.”

Houve murmúrios de discordância cortês sobre este conselho. Velan perguntou, “Como podemos fazer isso, senhor? Cultivamos a terra e cuidamos do gado—até aí tudo bem, mas como vamos pensar filosofias? Não é o nosso papel, mestre. Não é possível. São os sábios como o bondoso senhor que devem pensar por nós.”

“E por que nos pede para relembrar tudo que dissemos desde o raiar do dia?”

O próprio Raju não estava certo sobre o motivo de seu conselho, então acrescentou, “Se fizerem isso, saberão o porquê.” A essência da santidade parecia residir na habilidade de proferir frases difíceis de entender. “Antes de tentar, como vão saber o que podem e o que não podem fazer?” perguntou. Estava arrastando esses homens inocentes mais e mais fundo no pântano de pensamentos obscuros.

[39]”Não consigo lembrar do que disse há alguns momentos; tantas outras coisas vêm à cabeça.” queixou-se uma de suas vítimas.

“Justamente. É isso mesmo que gostaria que você superasse,” disse Raju. “Se não tentar, não vai saber como é bom.” Escolheu três homens do grupo.”Quando vierem a mim amanhã ou outro dia, cada um de vocês tem que repetir para mim pelo menos seis palavras que disseram desde a manhã. Estou pedindo para lembrarem de só seis palavras,” disse ele, argumentando como se estivesse fazendo grandes concessões, “não seiscentas.”

“Seiscentas! Existirá alguém que consiga lembrar seiscentas, senhor?” perguntou um outro, maravilhado.

“Bem, eu consigo,” disse Raju. E obteve o estalar de línguas em sinal de aprovação, que considerou legitimamente devido. Logo as crianças estavam lá, uma dádiva para Raju, que levantou-se de seu assento como quem diz, “É isso por hoje,” e caminhou na direção do rio, os outros atrás. “Essas crianças devem estar com sono. Levem-nas para casa em segurança, e venham novamente.”

*

Quando a próxima assembleia se reuniu, ele ofereceu um programa específico. Batucou um ritmo suave com as mãos e cantou uma canção sagrada com um refrão que seu público conseguia repetir. O teto antigo ecoava com as vozes dos homens, mulheres, e crianças repetindo textos sagrados em uníssono. Alguém havia trazido lâmpadas de bronze altas e as ascendeu. Por sua própria conta as pessoas trouxeram pequenas imagens emolduradas de deuses e as pendurou nos pilares do templo. Logo mulheres começaram a vir em grupos durante o dia para lavar o chão e decorá-lo com desenhos em farinha colorida; penduraram flores e folhagens e grinaldas por todo lado. O templo ficou irreconhecível. Alguém também cobriu a plataforma no meio do salão com um tapete de cor suave; tapetinhos foram desenrolados para o público sentar.

Raju logo se deu conta de que seu status espiritual seria aprimorado se ele deixasse crescer uma barba e cabelos compridos para cobrir a nuca. Um santo barbeado de cabelo curto era uma anomalia. Aguentou os vários estágios de sua construção com sangue-frio, [40] sem se importar com a fase de pelos espetados pela qual teve que passar antes que uma autêntica barba cobrisse seu rosto e descesse ao peito. Quando chegou no ponto de poder alisar a barba, pensativo, seu prestígio tinha crescido além de suas mais loucas expectativas. Sua vida tinha perdido suas limitações pessoais; suas assembleias haviam se tornados tão grandes que transbordaram pelos corredores do lado de fora e as pessoas sentavam até bem na beira do rio.

Com exceção de Velan e uns poucos outros, Raju nunca se preocupou em lembrar rostos e nomes ou mesmo saber com quem estava falando. Parecia pertencer ao mundo agora. Sua influência era ilimitada. Não só cantava versos sagrados e discursava sobre filosofia, como chegou a ponto de receitar remédios; mães traziam-lhe crianças que não dormiam bem à noite; ele apertava suas barrigas e receitava uma erva, dizendo, “Se mesmo assim não aliviar, traga-o de volta para mim.” Acreditavam que quando ele passava a mão na cabeça de uma criança, ela melhorava em vários aspectos. Claro que o povo levava a ele suas rixas e contendas a respeito da divisão de propriedades hereditárias. Tinha que reservar horas de sua tarde para essas atividades. Mal podia se dar ao luxo de uma vida privada hoje em dia. Chegou a um ponto que precisava levantar cedo e se apressar com sua toailete pessoal antes que seus visitantes chegassem. Era estressante. Suspirava fundo de alívio e voltava a ser ele mesmo, comer como um ser humano comum, gritar e dormir como um homem normal, depois que as vozes no rio cessavam ao anoitecer.

Capítulo 5 [p.41]

Fiquei conhecido por Raju da Ferrovia. Completos estranhos, tendo ouvido falar no meu nome, começaram a perguntar por mim quando seus trens chegavam à estação ferroviária de Malgudi. Tem gente que está destinada a não ser deixada em paz. Sou um desses, acho eu. Embora nunca procure conversa com estranhos, eles de algum modo vêm me procurar. Homens que acabavam de chegar paravam na minha loja para um refrigerante ou cigarros e dar uma olhada na pilha de livros, e quase sempre perguntavam, “Qual é a distância de...?” ou “Que caminho pego para ir...?” ou “têm muitos lugares históricos aqui?” ou “Ouvi dizer que a nascente desse seu rio Sarayu aqui é em algum lugar naquelas montanhas e que é um lugar lindo.” Esse tipo de pergunta logo me levou a perceber que não tinha prestado muita atenção nessas coisas. Nunca disse, “Não sei.” Não é da minha natureza, acredito. Se tivesse a tendência de dizer “Não sei sobre o que você está falando,” minha vida teria tomado um rumo diferente. Em vez disso, dizia, “Ah, sim, um lugar fascinante. Não conhece? Tem que achar tempo para visitar, se não toda a viagem até aqui será um desperdício.” Lamento ter dito isso, uma falsidade total. Não que quisesse dizer uma falsidade, só queria ser agradável.

Naturalmente me perguntavam como chegar lá. Eu dizia, “É só seguir até a Praça do Mercado e perguntar para um dos motoristas de táxi...” Esta não era uma indicação muito satisfatória. Logo um sujeito queria que eu mostrasse o caminho até a Praça do Mercado e o táxi. Tinha um filho mais novo do carregador que dava plantão sinalizando quando um trem estava por chegar, que não tinha nenhuma tarefa específica o resto do tempo. Pedia para o jovem cuidar da loja enquanto eu ajudava o viajante a encontrar um táxi.

No chafariz do mercado estava a postos o velho tubarão Gaffur, procurando uma vítima. Ele havia se especializado em recolher todos os veículos abandonados no país e reconstruí-los; dava vida nova a eles e os dirigia nas estradas das montanhas e nas florestas.

Costumava fazer ponto no parapeito do chafariz, enquanto seu carro torrava na rua ao lado do esgoto. “Gaffur, chamava. “Aqui está um excelente cavalheiro, um amigo meu. Ele quer ver... Você precisa levá-lo e trazê-lo em segurança—por isso trouxe ele pessoalmente para você, embora não seja hora em que deva me afastar da minha loja.” Regateava os preços, deixava que o cliente mencionasse um valor e sempre tentava fazer com que Gaffur abaixasse a tarifa até chegar a ele. Quando o cliente hesitava ao ver o veículo, tomava a palavra de Gaffur e explicava, “Gaffur não é tolo de ter esse tipo de carro. Procurou em todo lugar para achar esse modelo específico; esse é o único carro que consegue chegar a todos aqueles lugares onde em alguns trechos não há nem estradas, mas Gaffur leva e traz você de volta a tempo de jantar hoje à noite. Não é mesmo, Gaffur?”

“Bem,” ele falava arrastado, “são cento e doze quilômetros ida e volta; é uma hora agora. Se sairmos imediatamente e não furar pneu no caminho...” Mas eu o interrompia tanto que Gaffur nunca chegava a terminar a frase. Quando voltavam, não era exatamente hora do jantar, a não ser que fosse esticada para incluir meia-noite, mas Gaffur sempre o trazia de volta intacto, buzina o carro para me acordar, pegava seu dinheiro, e ia embora. O próximo trem para o sujeito seria às oito da manhã seguinte. Ele tinha que se esticar embaixo do toldo da minha loja e assim passar a noite. Se ficasse com fome, abria minha loja e vendia para ele frutas ou coisas do gênero.

Viajantes são uma turma entusiasmada. Não se importam com qualquer inconveniência desde que tenham alguma coisa para ver. Por que razão uma pessoa se dispõe a passar sem comida nem conforto e sacolejar por cento e tantos quilômetros para ver um lugar, nunca consegui entender, mas não era da minha conta perguntar os motivos; assim como não me importava com o que as pessoas comiam ou fumavam na minha loja, só me tocava fornecer os suprimentos e nada mais. Parecia-me tolice viajar centenas de quilômetros para ver a nascente do Sarayu se ele tinha se dado ao trabalho de descer a montanha e chegar

até nossa porta. [43] Não tinha nem ouvido falar da nascente até aquele momento; mas o homem que foi até lá disse maravilhas do lugar. “Só lamento não ter trazido minha esposa e minha mãe para ver o local.” Mais tarde na vida, descobri que todo mundo que via um lugar interessante sempre lamentava que não tinha ido com a esposa ou filha, e falava como se tivesse roubado a alguém uma coisa boa da vida. Mais tarde, quando já havia me tornado um guia turístico maduro, seguidamente induzia meu cliente a um tipo de melancolia ao comentar, “Eis algo que deveria ser apreciado por toda a família,” e o homem jurava que voltaria com toda sua parentela na próxima estação.

O homem que havia ido até a nascente falou sobre ela a noite inteira: como havia um pequeno santuário em na parte mais alta da bacia do rio. “Só pode ser a nascente do Sarayu mencionada nas histórias mitológicas da deusa Parvathi³⁰ pulando no fogo; o relevo em um dos pilares do santuário mostra justamente a deusa mergulhando no fogo e água surgindo do local,” etc. De vez em quando alguém com pendor acadêmico vinha e fazia uns acréscimos aos fatos, tais como que o domo do santuário ter sido construído no terceiro século antes de Cristo ou que o estilo das cortinas indica o terceiro século depois de Cristo. Mas para mim dava tudo no mesmo, e a idade que atribuía a qualquer lugar específico dependia do meu humor na hora e do tipo de pessoa que estava acompanhando. Se o cliente fosse do tipo acadêmico, tinha o cuidado de evitar qualquer menção a fatos e dados e me limitava a descrições genéricas, deixando que o próprio sujeito falasse. Pode estar certo que ele adorava a oportunidade. Por outro lado, se estivesse acompanhando um tipo inocente, dava asas à imaginação. Destacava o que estivesse mostrando como o mais importante, mais alto, o único no mundo. Inventava estatísticas. Dizia que uma relíquia era do século treze antes de Cristo ou século treze depois de Cristo, dependendo do meu estado de espírito do momento. Se estivesse entediado ou cansado da pessoa que estava conduzindo, às vezes jogava um balde de água fria dizendo, “Deve ser algo construído nos últimos vinte anos que ficou em ruínas por

falta de manutenção. Há um grande número de locais assim por todo lado.” [44] Mas foram anos até que chegasse a esse nível de segurança e indiferença.

O filho do carregador ficava na loja o dia inteiro. Todas as noites conferia rapidamente o dinheiro e o estoque. Não havia uma combinação definida sobre como ele seria pago pelo serviço. Volta e meia dava a ele um dinheirinho. Somente minha mãe protestava. “Por que quer que ele trabalhe para você, Raju? Ou dê a ele uma comissão definida ou faça você mesmo o trabalho, em vez de ficar perambulando pelo interior. Qual é a vantagem disso, afinal de contas?”

“Você não sabe, mãe,” disse, jantando tarde. “É um serviço muito melhor esse que estou fazendo do que o outro. Conheço um monte de lugares e ganho por isso; vou com eles nos seus carros ou de ônibus, falo com eles, às vezes faço refeições junto com eles, e ganho por isso. Sabe como sou famoso? Vem gente de Bombaim³¹, Madras e outros lugares, a centenas de milhas de distância. Me chamam de Raju da Ferrovia e fiquei sabendo que sou conhecido até em Lucknow.³² Não é pouca coisa ficar famoso, não é mesmo, em vez de vender fósforos e cigarro?”

“Pois não era bom o suficiente para seu pai?”

“Não discuto isso. Vou tomar conta da loja também.” Isso deixava a velha senhora satisfeita. Uma vez que outra ela falava sobre a filha do irmão do povoado antes de apagar o lampião. Nutria a esperança que um dia eu consentisse em casar com a garota, embora nunca tenha tocado no assunto diretamente. “Sabe que Lalitha ganhou um prêmio na escola? Hoje recebi uma carta do irmão sobre isso.

*

Logo ao primeiro sinal do trem eu já detectava o cheiro de um cliente. Possuía um tipo de instinto de adivinhador de água. Se farejasse bons negócios, me deslocava na direção do trem; tinha o dom de parar exatamente onde um possível turista desembarcaria para me

procurar: não era somente a câmera fotográfica ou os binóculos pendurados no ombro que revelavam a presença de um cliente; mesmo sem nada disso eu sabia identificá-lo. Se você me visse me afastando na direção da barreira enquanto a locomotiva ainda estivesse deslizando pelos trilhos até a plataforma poderia estar certo que não havia nenhum cliente para mim no trem. Em poucos meses me tornei um guia experiente. Antes me considerava um guia amador e um lojista profissional, mas agora aos poucos começava a me ver como um comerciante de meio expediente e um guia turístico em tempo integral. Mesmo quando não havia nenhum turista para guiar, não voltava para minha loja, mas para Gaffur no parapeito do chafariz, e o ouvia falar sobre automóveis abandonados.

Classifiquei todos meus clientes. Eram variados, não tenha dúvidas. Alguns eram entusiastas da fotografia; esses sujeitos nunca olhavam para nenhum objeto a não ser através das lentes. No instante em que desciam do trem, antes mesmo de pegar a bagagem, perguntavam, “Tem um lugar onde revelam filme?”

“Claro, a Agência de Fotografia de Malgudi. Uma de nossas maiores...”

“E se precisar de mais rolos de filme—tenho, é claro, um bom estoque comigo, mas se faltar... Você acha que eles têm super-panchro³³ três cores ou coisa parecida?”

“Claro, são especialistas nisso.”

“Eles revelam e me mostram uma cópia enquanto espero?”

“Claro que sim, em menos de vinte segundos—eles são muito bons nisso.”

“Ótimo. Então, onde você vai me levar primeiro?”

Essas eram as perguntas de rotina de um tipo rotineiro. Tinha prontas todas as respostas satisfatórias. Geralmente enrolava um pouco para responder à última pergunta. Dependia. Aguardava até extrair do sujeito certas informações antes de arriscar a resposta. As informações eram sobre quanto tempo e dinheiro ele tinha disponível. Malgudi e arredores eram meu grande espetáculo. Podia deixar o sujeito dar só uma espiada ou mostrar o

panorama inteiro. Era adaptável. Podia dar a eles um relance de umas poucas horas ou imergi-los em um cenário de rio e montanhas ou arqueologia a semana inteira. Não podia realmente decidir quanto oferecer ou reter até descobrir quanto dinheiro o homem trazia, se tinha um talão de cheques, e se tinha fundos. Esse era outra questão delicada. Às vezes um viajante se oferecia para passar um cheque para um ou outro homem, e, é claro, nosso Gaffur ou a loja de fotografia ou o zelador do bangalô no topo das montanhas Mempi não confiariam tanto em um estranho para aceitar seu cheque. Eu tinha que rejeitar essa oferta com o máximo de tato, dizendo, “Ah, o sistema bancário em nossa cidade é provavelmente o pior que você já viu. [46] Às vezes leva vinte dias para compensar um cheque, mas esses pobres sujeitos, como podem esperar?”—uma coisa um tanto alarmante, mas não me importava com a reputação dos bancos em nossa cidade.

Logo que um turista chegava, eu observava como ele lidava com a bagagem, se pegava um carregador ou se preferia pendurar uma mala em cada dedo. Tinha que registrar tudo isso em uma fração de segundos, e depois, lá fora, se ia a pé até o hotel ou se chamava um táxi ou se pechinchava com o *jutka* de um cavalo. Claro que me encarregava disso tudo por ele, mas sempre com distanciamento. Fazia tudo isso por ele simplesmente porque ele procurou pelo Raju da Ferrovia no momento em que pisou na plataforma e eu sabia que ele vinha com boas referências, viesse ele do norte ou sul, de longe ou de perto. E no hotel, ficava ao meu cargo arranjar para ele o melhor quarto ou o pior quarto, conforme sua preferência. Aqueles que ficavam com o dormitório mais barato diziam, “Afinal, é só para dormir, vou ficar na rua o dia todo. Seja como for, para que desperdiçar dinheiro em um quarto que ficará trancado o dia todo? Não concorda?”

“Concordo, sem dúvida.” assentia, ainda sem dar uma resposta a “Aonde você vai me levar primeiro?” Como se ainda submetesse o homem a um período de experiência, sob cuidadoso escrutínio. Nunca fazia sugestões até esse ponto. É inútil esperar que um homem

recém-chegado de viagem de trem tenha clareza mental. Ele precisa se lavar, trocar de roupa, se revigorar com *idli* e café, e só então se pode esperar que uma pessoa no sul da Índia pense claramente sobre qualquer coisa deste mundo e do próximo. Se me oferecesse um lanche, deduzia que era um tipo relativamente liberal, mas não aceitava até mais tarde, quando tivéssemos consolidado a amizade. No devido momento, perguntava sem rodeios, “Quanto tempo pretende ficar nesta cidade?”

“Três dias no máximo. Dá para ver tudo nesse período?”

“Certamente, mas tudo depende do que você mais deseja conhecer.” E daí o colocava no confessionário, por assim dizer. Inferia seus interesses. Malgudi, dizia, tinha muitas coisas a oferecer do ponto de vista histórico, das paisagens, construções modernas, e assim por diante; ou se alguém viesse como peregrino, [47] poderia levá-lo a dezenas de templos por todo o município num raio de oitenta quilômetros, podia encontrar águas sagradas para ele se banhar em todo o curso do Sarayu, começando, é claro, com a nascente no alto do Monte Mempi.

Uma coisa que aprendi em minha carreira de guia turístico é que não há duas pessoas interessadas na mesma coisa. Gostos, assim como na comida, diferem também quanto a excursões. Alguns querem ver uma cachoeira, outros querem uma ruína (ah, como ficam em êxtase ao olhar para reboco rachado, estátuas quebradas e tijolos esfarelados), alguns querem um deus para adorar, alguns procuram uma usina hidrelétrica, e outros só querem um lugar agradável, tal como o bangalô no topo do Monte Mempi, todo envidraçado, com uma visão panorâmica de cem milhas e de onde se pode ver os animais selvagens rondando. Destes também tem dois tipos, um é o poeta que se satisfaz em olhar e voltar para o hotel, e o outro é o que quer admirar a natureza e também se embebedar lá em cima. Não sei por que é assim: um belo local poético como a Casa do Monte Mempi provoca em certos temperamentos reações inesperadas. Sei de alguns que levam mulheres para lá; um local amadeirado,

tranquilo, com vista para um vale, era de se imaginar próprio para contemplação ou poesia, mas só tinha efeito afrodisíaco. Bem, não era da minha conta fazer comentários. Meu papel não era mais que levá-los lá e fazer com que Gaffur voltasse para pegá-los na hora certa.

Fiquei com um certo medo do homem que estava examinando, o qual tinha uma lista completa de todos os locais e insistia em tirar o máximo proveito de seu dinheiro. “Qual é a população da cidade?” “Qual a área?” “Não invente. Sei exatamente quando aquilo foi construído—não no século II mas sim no século XII.” Ou corrigia a pronúncia de certas palavras. “Rota não é...” Eu era dócil e submisso na sua presença, aceitando suas correções com gratidão, e ele sempre acabava perguntando, “Que adianta se considerar um guia se você não sabe...?” etc., etc.

Você pode muito bem se perguntar como eu encarava isso tudo. Bem, não há uma resposta fixa. Dependia das circunstâncias e do tipo de gente que estava conduzindo. Geralmente cobrava no mínimo dez rupias pelo prazer de minha companhia, e um pouco mais se tivesse que levá-los longe; além disso, Gaffur, [48] o dono da loja de fotografia, o gerente do hotel, e a quem mais eu apresentasse um cliente, esperavam um pagamento de acordo com certa tabela. Aprendia ao ensinar e ganhava para aprender, e a coisa toda era muito divertida.

Havia ocasiões especiais, como a armadilha para elefantes³⁴. Durante os meses de inverno, o pessoal do Departamento Florestal elaborou um esquema detalhado para capturar elefantes. Eles ficavam de tocaia, cercavam, e conduziam uma manada inteira para dentro de um cercado, e o público acorria em massa para assistir à operação. No dia marcado para o evento, vinha gente de todo o país e se dirigiam a mim para conseguir um lugar próximo ao cercado na vasta floresta de bambu de Mempi. Gozava de uma influência especial junto aos homens responsáveis pelo evento: isso implicava várias viagens prévias ao acampamento na floresta, prestando pequenos serviços aos funcionários, indo buscar na cidade o que quer que eles precisassem, e quando chegava a hora de organizar a plateia para o evento, somente

aqueles que iam comigo tinham permissão para passar pelos portões das áreas delimitadas. Todo mundo ficava feliz, e ocupado e bem pago. Guiava os visitantes em grupos e ficava rouco repetindo, “Vejam bem, a manada selvagem é vigiada por meses...” e assim por diante. Não pense que eu me importasse pessoalmente com a vida dos elefantes; qualquer coisa que fosse do interesse dos meus turistas também era do meu. A questão das minhas próprias preferências era secundária. Se alguém quisesse ver um tigre ou atirar nele, sabia como providenciar: conseguia uma ovelha para servir de isca, e mandava construir plataformas altas para que os bravos caçadores pudessem atirar no pobre bicho quando viesse comer a ovelha, embora não gostasse de ver nem a ovelha nem o tigre morrer. Se alguém quisesse ver uma cobra-real expandir seu enorme capuz, arranjava um sujeito que oferecia o show.

Teve uma garota que veio lá de Madras e tão logo pôs os pés em Malgudi me perguntou, “Dá para me mostrar uma naja—tem que ser uma cobra-real—que dance ao som de uma flauta?”

“Por quê?” perguntei.

“Gostaria de ver, só isso,” disse ela.

O marido disse, “Temos outras coisas para fazer, Rosie. Isso pode esperar.” [49]

“Não estou pedindo que esse cavalheiro arranje uma imediatamente. Não estou exigindo. Estou só perguntando, só isso.”

“Se está interessada, vá por conta própria. Não conte comigo para ir com você. Não suporto cobras—seus interesses são mórbidos.”

Antipatizei com o homem. Estava insultando uma criatura tão divina. Me solidarizei com a garota—era tão encantadora e elegante. Depois de sua chegada deixei de usar minha jaqueta-safari cáqui e *dhoti*³⁵ e me dei ao trabalho de me tornar mais apresentável. Vesti uma *jibba*³⁶ de seda e um *dhoti* entrelaçado e me arrumei tão bem que minha mãe comentou

quando me viu saindo de casa, “Ah, está como um noivo!” e Gaffur piscou e fez várias insinuações quando fui encontrá-lo no hotel.

Sua chegada foi uma espécie de surpresa para mim. O homem foi o primeiro a aparecer. Eu o havia hospedado no Anand Bhavan Hotel³⁷. Depois de um dia passeando, uma tarde ele disse de repente, “Tenho que ir ao encontro do trem de Madras. Outra pessoa está vindo.”

Nem parou para me perguntar a que horas o trem chegaria. Parecia saber tudo de antemão. Um homem muito estranho, que nem sempre se preocupava em explicar o que estava fazendo. Se tivesse me avisado que ia encontrar uma criatura tão elegante na nossa estação talvez tivesse me vestido de forma apropriada. Aconteceu que estava usando a jaqueta-safari cáqui e *dhoti* de sempre, uma combinação horrível e pouco atraente em qualquer circunstância, mas a mais sensata e conveniente para meu tipo de trabalho. No instante em que ela desceu do trem, desejei estar escondido em algum canto.

Não que fosse muito glamorosa, se é isso que você imagina, mas tinha um porte, delicado e esguio, muito bem proporcionado, olhos brilhantes, pele não branca, mas com uma luminosidade que a tornava apenas parcialmente visível—como se você a visse através de uma película de suco de coco maduro. Perdoe-me se meu tom for poético demais para seu gosto. Dei uma desculpa e despachei-os para o hotel, e corri para casa para por em ordem minha aparência.

Fiz uma breve pesquisa com a ajuda de Gaffur. Ele me levou a um sujeito na rua Ellaman, cujo primo que trabalhava na prefeitura sabia de um encantador de serpentes que tinha uma cobra-real. Levei adiante a investigação enquanto deixava o visitante decifrando episódios do Ramayana esculpidos na parede de pedra no templo Iswara³⁸ na extensão norte—havia centenas de relevos minúsculos ao longo da parede. Mantiveram o homem completamente absorvido, ele parava e estudava cada pedacinho. Eu conhecia todos esses

painéis e poderia dizer sua sequência de olhos fechados, mas ele me poupou o trabalho, sabia tudo sobre os relevos.

Quando voltei de minha breve investigação, deparei com a garota um pouco afastada dele com todos os sinais de tédio em seu rosto. Sugeri, “Se der para sair por uma hora, posso te mostrar uma cobra.”

Ela pareceu se alegrar. Bateu no ombro do homem que se inclinava para ver um friso e perguntou, “Quanto tempo você pretende ficar aqui?”

“No mínimo duas horas,” ele disse, sem se virar.

“Vou dar uma volta,” disse ela.

“Como quiser,” disse ele. E, dirigindo-se a mim, “Vá direto para o hotel. Sei voltar sozinho.”

Pegamos nosso guia na prefeitura municipal. O carro seguiu sobre a areia, atravessou um trecho do bosque Nallappa³⁹ e subimos a margem do outro lado, o trajeto todo entalhado no chão pelas rodas de carroças de madeira. Gaffur deu uma olhada azeda para o homem sentado do seu lado, “Quer reduzir meu carro a uma carroça de boi, nos arrastando para lá e para cá nesse lugar?” Aonde vamos? Não vejo nada mais do que crematórios aqui,” disse, apontando para a fumaça subindo por detrás de uma construção abandonada do outro lado do rio. Não gostei dessas palavras de mau agouro proferidas diante do anjo do banco detrás. Tentei disfarçá-las rapidamente, falando outra coisa bem alto.

Chegamos a um agrupamento de casebres no outro lado do rio. Várias cabeças vieram espiar logo que o carro parou, e um punhado de crianças nuas cercaram o carro, embasbacadas com seus ocupantes. Nosso guia pulou para fora e marchou para o ponto mais longe na rua do povoado, voltando com um homem com a cabeça enrolada em um turbante. A não ser pelo turbante e cuecas, estava nu.

“Esse sujeito tem uma cobra-real?” Olhei para ele de cima a baixo e disse, hesitante, “Quero vê-la.”

Ao que os garotinhos replicaram, “Ele tem uma enorme na casa dele; é verdade.” E eu perguntei para a senhora, “Vamos lá vê-la?”

Partimos. Gaffur disse, “Vou ficar aqui, se não esses macacos vão acabar com o carro.”

Deixei que os outros dois se adiantassem e cochichei para Gaffur, “Por que você está tão azedo hoje, Gaffur? Afinal de contas, você já pegou estradas piores e nunca reclamou!”

“Estou com molas e amortecedores novos. Sabe quanto custam?”

“Ah, você logo recupera o valor deles; não se preocupe!”

“O que alguns dos seus passageiros precisam é de um trator e não de um automóvel. Aquele sujeito!” Estava vagamente descontente. Sabia que sua raiva não era contra nós, mas contra nosso guia, porque em seguida acrescentou, “Acho que seria bom fazê-lo voltar para a cidade a pé. Por que alguém viria tão longe para ver um réptil?” Desisti, era inútil tentar melhorar seu humor. Talvez tivesse se incomodado com sua mulher antes do expediente.

A garota estava embaixo da sombra de uma árvore enquanto o homem cutucava a serpente para que saísse de sua cesta. Era bem grande, e sibilava e expandia o capuz enquanto os garotinhos gritavam, fugiam e voltavam. O homem berrou para eles, “Se provocarem, ela sai correndo atrás de vocês!”

Eu disse para os garotos ficarem quietos, e perguntei para o sujeito, “Tem certeza que não a deixa escapar?”

A garota sugeriu, “Você tem que tocar a flauta, fazê-la jogar a cabeça para trás e dançar.” O homem pegou sua flauta⁴⁰, tirou um som estridente e a cobra se ergueu, se atirou para cá e para lá e começou um gingado. A cena toda me era repulsiva, mas parecia fascinar a garota. Ela observava o balanço da cobra, extasiada. Ergueu o braço e o balançou suavemente

imitando o movimento; balançou o corpo todo no ritmo—somente por um segundo, mas foi o suficiente para me convencer de que era a melhor dançarina do país.

Eram quase sete da tarde quando voltamos ao hotel. Logo que chegamos, ela parou e murmurou um “obrigada” para ninguém em especial e subiu as escadas. O marido, à espera na entrada, disse, “É só isso por hoje. Você pode providenciar o recibo completo das despesas mais tarde, creio eu. Gostaria de usar o carro amanhã às dez horas.” Deu as costas e voltou para o quarto.

Fiquei chateado com ele nesse momento. Quem ele pensava que eu era? Esse sujeito, me dizendo que queria o carro a essa ou aquela hora—estava me tomando por um cafetão? Fiquei furioso, mas, na verdade, eu era mesmo um cafetão, não tinha nada melhor para fazer do que passar meu tempo entre Gaffur e um encantador de serpentes, e uma turista, fazendo biscates. O homem nem se prestou para me dizer alguma coisa sobre ele mesmo, ou onde queria ir na manhã seguinte; um sujeito incomum!

Um sujeito odioso. Nunca havia detestado nenhum cliente tanto assim antes. Disse para Gaffur quando estávamos voltando, “Amanhã de manhã! Pede o carro como se fosse propriedade do avô dele! Faz ideia de onde ele quer ir?”

“Por que deveria me importar com isso? Se quiser o carro e pagar, tudo bem. Simples assim. Não me preocupo com quem paga por uma coisa desde que me contratem...” Continuou resmungando sobre sua filosofia pessoal e não me dei ao trabalho de ouvir.

Minha mãe me esperava como de costume. Ao servir a comida, perguntou, “Provavelmente são da Birmânia⁴¹, povo que reverencia serpentes.” Disse, “Tinha um primo que morou em Birmânia uma época e me contou sobre as mulheres serpentes de lá.”

“Não diga bobagens, mãe. Ela é uma boa garota, não uma devota de serpentes. É uma dançarina, acho.”

“Ah, dançarina! Talvez; mas não se meta com essas dançarinas. Elas não prestam.”

Comi em silêncio, tentando reviver em minha mente a presença perfumada da garota.

No dia seguinte às dez estava no hotel. O carro do Gaffur já estava na frente; ele berrou, “Aha! de novo,” ao me ver. “Grande garoto! Hm, tentando uns melhoramentos!” Usava expressões como se estivesse falando de automóveis. Piscou para mim.

Ignorei tudo e perguntei de um modo profissional, “Estão lá dentro?”

“Acho que estão, não saíram ainda, é só o que sei,” disse Gaffur. Vinte palavras quando bastava uma. Havia algo errado com ele. Estava ficando tagarela. Foi então que tive uma súbita ponta de ciúmes ao me dar conta que talvez ele também tivesse sido afetado pela presença da donzela e teve vontade de se exhibir para ela. Fiquei enciumado e descontente e disse a mim mesmo, “Se Gaffur começar a se comportar desse jeito, me livro dele e pego outro, não tem problema.” Um motorista de táxi falador e metido não me servia.

Subi ao quarto 28 no segundo andar do hotel e bati na porta, resoluto. “Espere,” disse a voz lá de dentro. Era a voz do homem, não da garota, com esperava. Esperei por alguns minutos, ansioso. Consultei o relógio. Dez horas. E esse homem dizia, “Espere.” Estaria ainda na cama com ela? Era uma ocasião apropriada, me pareceu, para derrubar a porta e entrar. A porta abriu, e ele saiu, pronto e vestido. Fechou a porta atrás de si. Fiquei horrorizado. Estava a ponto de perguntar, “E ela?” Mas controlei meu impulso. Desci com ele, acanhado.

Ele me olhou com aprovação, como se tivesse me vestido para agradar a *ele*. Antes de entrar no carro, disse, “Hoje quero estudar aqueles frisos novamente por algum tempo.”

“Tudo bem, tudo bem,” pensei, “estudar os frisos ou o que mais quiser. Por que precisa de mim para isso?”

Como se em resposta aos meus pensamentos, ele disse, “Em seguida—“ Tirou do bolso um pedaço de papel e leu.

Esse homem ia ficar contemplando parede toda a vida e deixá-la mofando em um quarto de hotel. Sujeito estranho! Por que não a trouxe com ele? Provavelmente era distraído. Perguntei, “Não vem mais ninguém?”

“Não,” respondeu secamente, como se lesse meus pensamentos. Olhou para o papel que tinha na mão e perguntou, “Sabe da existência de pinturas rupestres nessa região?”

Ri da pergunta. “Claro, nem todo mundo tem vontade de visitar lugares assim, mas já houve uns poucos visitantes diferentes que insistiram em vê-las. Mas—mas—leva o dia todo, e talvez não dê para voltar antes da noite.”

Ele entrou de novo no quarto, e retornou cabisbaixo após alguns minutos. Enquanto isso, com a ajuda de Gaffur, calculei as despesas que a viagem acarretava. Sabíamos que o caminho passava pelo bangalô da floresta do Monte Mempi. [54]Seria preciso pernoitar lá e descer alguns quilômetros. Sabia onde ficavam as cavernas, mas seria a primeira vez que as veria com meus próprios olhos. Era como se Malgudi revelasse uma nova atração a cada oportunidade.

O homem sentado no banco de trás do carro disse, “Você provavelmente não tem noção de como lidar com mulheres, não é mesmo?”

Gostei que ele estava tendo uma atitude mais humana. Disse, “Não faço ideia,” e ri, imaginando que ele fosse ficar satisfeito se eu demonstrasse apreciar sua piada. Daí ousei perguntar, “Qual é o problema?” Minhas roupas novas e posturas me deram uma coragem inusitada. Com minha jaqueta-safári caqui não teria ousado sentar ao lado dele ou falar dessa maneira.

Ele me olhou com o que parecia ser um sorriso amigável. Inclinou-se e disse, “Se um homem quer ter paz de espírito tem que esquecer o belo sexo.” Era a primeira vez em nossa ligação de três dias que ele falava comigo tão francamente. Tinha sido sempre soturno e seco. Deduzi que a situação devia ser bem grave para ele soltar a língua desse jeito.

Gaffur sentado no seu lugar segurando o queixo. Não olhava para nós. Toda sua atitude dizia, “Lamento perder minha manhã com folgados como vocês.” Uma ideia audaciosa estava tomando forma em minha mente. Se desse certo, poderia levar a um fim triunfante, se desse errado, o homem podia me jogar longe ou chamar a polícia. Disse, “Posso tentar em seu lugar?”

“Você faria isso?” perguntou, se animando. “Vá em frente se tiver coragem.”

Não quis ouvir mais nada. Saltei do carro e subi as escadas escalando quatro degraus de cada vez. Parei no Número 28 para recobrar o fôlego, e bati.

“Não me perturbe, não quero ir com você. Me deixe em paz,” veio a voz da garota lá de dentro.

Hesitei, imaginado o que dizer. Foi minha primeira fala sozinho com a criatura divina. Podia tanto passar vergonha ou atingir o paraíso. Como deveria me apresentar? Será que ela sabia meu nome famoso? Disse, “Não é ele, sou eu.” [55]

“O quê?” perguntou a voz doce, confusa e irritada.

Repeti, “Não é ele, sou eu. Não reconhece a minha voz? Não levei você para ver o encantador de serpentes ontem? Passei a noite toda em claro,” acrescentei, baixando a voz e sussurrando por uma fresta na porta. “O jeito que você dançou, suas formas e seu porte me atormentaram a noite inteira.”

Mal tinha acabado de falar quando a porta entreabriu e ela olhou para mim. “Ah, você!” disse ela, os olhos se iluminando ao me reconhecer.

“Meu nome é Raju,” disse eu.

Ela me olhou de alto a baixo. “Claro, conheço você.” Sorri cordialmente, meu melhor sorriso, como se a pedido de um fotógrafo. Perguntou, “Onde está ele?”

“Esperando por você no carro. Não vai se aprontar e vir junto?” Estava desganhada, os olhos vermelhos de lágrimas recentes, e vestia um sari de algodão desbotado; sem

maquiagem nem perfume, mas eu estava pronto para aceitá-la do jeito que estava. Falei, “Você pode vir assim como está e ninguém vai se importar.” E acrescentei, “Quem ousaria decorar um arco-íris?”

Ela disse, “Acha que pode me agradar como esse papo? Acha que pode me convencer a mudar de ideia?”

“Acho,” disse. “Por que não?”

“Por que quer que eu saia com ele? Me deixe em paz,” disse, arregalando os olhos, o que me deu outra oportunidade de sussurrar perto de seu rosto, “Porque a vida é tão vazia sem a sua presença.”

Poderia ter me empurrado, gritando, “Como ousa falar desse jeito!” e batido a porta na minha cara. Mas não. Apenas disse, “Não sabia que você poderia ser um sujeito tão inoportuno. Então espere um minuto.” Entrou no quarto. Quis gritar com todas as forças, “Deixe-me entrar,” e bater na porta, mas tive o bom senso de me conter. Ouvi passos e vi que o marido tinha vindo ver o resultado.

“Bem, ela vem ou não vem? Não vou desperdiçar toda—“

“Não fale nada,” disse. “Vai sair daqui em instantes. Por favor, volte para o carro.

“Sinceramente!” Murmurou espantado. “Você é um mago!” Deu as costas silenciosamente e voltou para o carro. Em seguida a senhora [56] surgiu como uma visão, e disse, “Vamos. Se não fosse por você, teria surpreendido a todos.”

“O quê?”

“Teria ido para casa no próximo trem.”

“Vamos para um local maravilhoso. Por favor, seja o docinho de sempre, por mim.”

“Está bem,” disse, e desceu as escadas; eu fui atrás. Ela abriu a porta do carro, entrou direto e sentou-se, o marido se afastou para dar espaço a ela. Dei a volta pelo outro lado e sentei ao lado dele. Não ia conseguir sentar ao lado de Gaffur a esta altura.

Gaffur olhou para atrás para perguntar se agora podíamos partir. “Não conseguiremos voltar hoje a noite se formos até a Casa do Monte.”

“Vamos tentar, podemos tentar voltar,” suplicou o homem.

“Vamos tentar, mas não custa se preparar para passar a noite se necessário. Tragam uma muda de roupa. Não custa. Vou pedir a Gaffur para passar na minha casa.”

A senhora disse, “Um minuto, por favor.” Correu para o quarto e voltou com uma mala pequena. Disse ao homem, “Coloquei suas roupas aqui também.”

O homem disse, “Muito bem,” e sorriu, e ela sorriu e no riso desapareceu uma parte da tensão da manhã. Ainda assim, havia um mal-estar no ambiente.

Pedi a Gaffur que encostasse na estação ferroviária, com o carro de costas para minha casa. Não queria que vissem minha casa. “Um momento, por favor.” Voei para a estação. Logo o garoto da loja me avistou e abriu a boca para dizer alguma coisa. Ignorei-o, corri para casa, peguei uma mala, e saí a toda, dizendo para minha mãe na cozinha, “Talvez não volte para casa hoje à noite. Não me espere.”

*

Chegamos na Casa do Monte mais ou menos às quatro horas da tarde. O zelador ficou feliz ao nos ver. Volta e meia eu o remunerava generosamente com o dinheiro dos meus clientes. Sempre fiz questão de avisar meus clientes com antecedência, “Agradem aquele zelador e ele vai cuidar bem de vocês e arranjar até mesmo os artigos mais impossíveis.” Repeti a fórmula agora e o marido—a partir de agora chamado de Marco—disse, “Vá em frente e pague o homem. Conto com você para nos ajudar com tudo por aqui.[57] Saiba que tenho um único princípio na vida. Não perco tempo com miudezas. Não me importo com as despesas.”

Pedi para Joseph, o zelador, para buscar comida e víveres no seu povoado, a duas milhas de distância. Perguntei a Marco, “Quer deixar um dinheiro comigo? Presto conta mais tarde. Assim não preciso incomodar você toda hora para pequenas despesas.”

Não se poderia prever como ele reagiria a tal pedido. Era instável—às vezes alardeava sua indiferença ao dinheiro, para em seguida apresentar todos os sintomas de avareza e agir como um auditor, mas no fim pagava por tudo, se, como descobri, tivesse um recibo. Não dava um ana sem recibo, mas, se lhe desse um pedaço de papel, seria provavelmente capaz de entregar toda sua fortuna.

Mas aprendi o truque. Enquanto ele gaguejava, falei, “Vou me assegurar que tenha recibos adequados para cada pagamento.” Ele ficou satisfeito e abriu a carteira.

Tive que liberar o táxi. Gaffur voltaria na tarde seguinte. Fiz Gaffur assinar um recibo, e dei dinheiro para Joseph buscar comida de um hotel no povoado. Agora que estava encarregado das providências para acomodação, não tive muito tempo para admirar o rosto da minha amada, embora lançasse olhares na sua direção.

“As cavernas ficam a uma milha daqui, para aquele lado,” disse Joseph. “Não podemos ir lá agora. Amanhã cedo. Se saírem depois do café da manhã, podem estar de volta para o almoço.”

A Casa do Monte ficava encarapitada no penhasco mais alto das montanhas Mempí⁴²—a estrada terminava na casa; havia uma parede envidraçada ao longo da varanda do lado norte, através da qual podia-se ver o horizonte a milhas de distância. Abaixo de nós a selva se estendia até o vale, e em um dia claro também era possível ver o Sarayu cintilando no sol e seguindo seu curso lá longe. Era o paraíso para quem gostava de cenários selvagens e de observar animais, que rondavam do lado de fora do vidro à noite. A garota estava em êxtase. Nossa casa era rodeada de farta vegetação. Corria como uma criança de planta para planta

com gritinhos de alegria, enquanto o homem observava indiferente. Qualquer coisa que a interessasse parecia irritá-lo.

[58]Ela estacou de repente, fitando a planície banhada pelo sol quilômetros abaixo. Temi que ao cair da noite ela ficasse assustada. Ouvimos os chacais uivando, e todo tipo de rugido e rosnado. Joseph nos trouxe um cesta de comida e deixou-a em cima da mesa. Trouxe leite, café, e açúcar, para a manhã, e me mostrou onde era o fogão a carvão.

A senhora exclamou, “Ninguém deve levantar até que eu chame. Vou preparar café para todos.”

Joseph disse, “Por favor tranquem a porta por dentro,” e acrescentou, “Se sentarem na varanda, verão tigres e outros animais rondando por aí. Mas não devem fazer barulho; esse é o segredo.” Vimos Joseph pegar uma lanterna e descer os degraus; podíamos ver a luz fraca da sua lanterna iluminar a vegetação do caminho e desaparecer.

“Pobre Joseph, que coragem descer sozinho!” disse a garota, ao que o marido respondeu despreocupadamente, “Não me surpreende. Provavelmente nasceu e se criou aqui. Você o conhece?” perguntou, virando-se para mim.

“Conheço; ele nasceu naquele povoado e veio cuidar desse lugar quando criança. Deve ter no mínimo sessenta anos.”

“Como é que se tornou Cristão?”

“Havia uma missão aqui por perto; missionários se estabelecem em todo tipo de lugar, você sabe,” disse.

Joseph havia nos dado dois lampiões de latão cheios de querosene. Pus um na mesa da cozinha, e o outro pus no quarto do homem, deixando o resto da casa no escuro. Através do vidro, podíamos ver as estrelas lá fora. Sentamos em torno da mesa. Sabia onde estavam os pratos. Pus a mesa e servi a comida—ou melhor, tentei servir a comida. Era cerca de sete e meia da noite. Havíamos visto um pôr do sol maravilhoso. A seguir, havíamos admirado o

jogo de cores púrpura no céu do norte; vimos o topo das árvores se acenderem com os raios vermelhos desgarrados depois que o sol saiu de vista, e encontramos uma linguagem comum para expressar nossa admiração.

O homem apenas concordava. Fiquei tão lírico que ele falou de repente, “Ei, Raju, então você também é poeta!” um elogio que aceitei com a modéstia conveniente.

No jantar, peguei um prato e tentei servir. Ela disse, “Não, não. Deixe-me servir vocês dois, e serei a última a comer, como uma boa dona de casa.”

“Ah, essa é uma boa ideia,” disse o homem jocosamente. Ela estendeu a mão para eu passar o prato. Mas insisti em fazer isso eu mesmo. Ela se lançou para a frente de súbito e arrancou o prato da minha mão. Ah, aquele toque fez minha cabeça girar por um instante. Não via nada claramente. Tudo desapareceu em uma doce bruma escura, como sob o efeito de clorofórmio. Minha memória revisitou o toque durante todo o jantar: não estava consciente do que comemos ou do que eles estavam falando. Fiquei sentado de cabeça baixa. Estava ansioso para ver seu rosto e encontrar seu olhar. Não tenho lembrança de quando terminamos de jantar e quando ela retirou os pratos. Só tinha consciência de seus movimentos suaves. Meus pensamentos concentravam-se no seu toque dourado. Uma parte de minha mente dizia o tempo todo, “Não, não. Não está certo. Marco é seu marido, lembre-se. Nem pensar.” Mas era impossível evitar meus pensamentos. “Ele pode dar um tiro em você,” disse minha consciência cautelosa. “Ele tem uma arma?” comentou outra parte de minha mente.

Após o jantar, ela disse, “Vamos para a varanda envidraçada. Estou louca para ver os animais selvagens. Você acha que eles aparecem a essa hora?”

“Sim, se tivermos paciência e sorte,” disse. “Mas você não vai ficar com medo? Tem que esperar no escuro.”

Ela riu dos meus receios e convidou Marco para ir com ela. Mas ele disse que queria ficar sozinho. Puxou uma cadeira para o lampião, tomou seu portfólio, e logo estava absorto

em seus papéis. Ela disse, “Cubra seu lampião. Não quero que espante meus animais.” Deu passos leves em direção à varanda, pegou uma cadeira, e sentou. No caminho, disse para mim, “Você tem documentos para se ocupar?”

“Não, não,” disse, hesitando no meio do caminho entre meu quarto e o dela.

“Venha, então. Certamente você não vai me deixar a mercê das feras rondando.” Olhei para o homem para saber o que ele tinha a dizer, mas estava absorvido em seus papéis. Perguntei, “Quer alguma coisa?”

“Não.”

“Estarei na varanda.”

“Vá em frente,” disse, sem levantar os olhos de seus papéis.

[60]Ela sentou perto do painel de vidro, olhando atentamente para fora. Suavemente, pus uma cadeira ao seu lado, e sentei. Momentos depois, ela disse, “Deserto. Será que os bichos vêm mesmo aqui, ou é uma dessas lendas?”

“Não, muitas pessoas já viram—“

“Quais bichos?”

“Leões...”

“Leões aqui?” disse ela, e começou a rir. “Li que só tem na África. Mas isso é mesmo—“

“Não, me perdoe. Quis dizer tigres, e panteras, e ursos, e às vezes elefantes também podem ser vistos cruzando o vale ou vindo beber água no lago.”

“Estou disposta a passar a noite inteira aqui,” disse ela. “Ele ficará contente por ficar sozinho, claro. Aqui pelo menos temos silêncio e escuridão, coisas bem-vindas, e algo para esperar ver sair das trevas.”

Não achei nada que pudesse responder. Estava embevecido pelo seu perfume. As estrelas brilhavam no céu através do vidro.

“Será que um elefante consegue entrar quebrando o vidro?” perguntou, bocejando.

“Não; tem um fosso do outro lado. Não podem se aproximar de nós.”

Olhos cintilantes brilharam na vegetação. Ela puxou minha manga e sussurrou entusiasmada, “Há algo ali—o que poderia ser?”

“Provavelmente uma pantera,” disse para continuar a conversa. Ah, os sussurros, as estrelas, a escuridão—comecei a ofegar excitado.

“Pegou um resfriado?” perguntou ela.

“Não,” respondi.

“Por que está com a respiração pesada?”

Quis colocar meu rosto perto dela e sussurrar, “Sua dança estava magnífica. Você tem talento. Dance de novo qualquer hora. Deus abençoe você. Não quer ser meu amor?” Mas felizmente me contive. Ao me virar, vi que Marco vinha vindo com passos suaves. “Estão com sorte?” perguntou em voz baixa.

“Apareceu alguma coisa, mas se foi. Sente aqui” disse, dando-lhe a cadeira. Ele sentou, esquadrinhando a cena através do vidro.

Na manhã seguinte, encontrei a atmosfera pesada e sombria—toda a animação da noite anterior havia sumido. Quando seu quarto abriu, só ele apareceu, completamente pronto e vestido. Havia preparado café no fogão a carvão. Aproximou-se e estendeu a mão mecanicamente como se eu fosse o sujeito do outro lado do balcão em uma cafeteria. Servi uma xícara de café. “Joseph trouxe tiffin.⁴³ Não vai provar?”

“Não, vamos indo. Estou ansioso para ver as cavernas.”

“E a senhora?” perguntei.

“Deixe-a em paz,” disse ele, impaciente. “Não posso me dar ao luxo de desperdiçar meu tempo com ela.” No mesmo estado que ontem! Esse parecia ser o espírito da manhã todos os dias. Ele havia sentado ao lado dela na varanda na noite anterior de um modo tão

cordial! Haviam ido ao hotel em tão bons termos naquela noite! O que acontecia exatamente durante a noite que os fazia querer se engalfinhar na manhã seguinte? Ficavam acordados na cama e brigavam, ou ela o cansava com admoestações de esposa? Quis gritar, “Ah, monstro, o que você faz com ela para que acorde de mau humor? Que tesouro tem em mãos, sem dar-se conta de seu valor—como um macaco arrumando uma guirlanda de rosas!” Então um pensamento eletrizante me ocorreu—era provável que ela estivesse fingindo estar brava de novo, para que eu pudesse intervir.

Ele largou a xícara e disse, “Vamos agora.” Receei perguntar pela esposa outra vez. Ele balançava um pequeno bastão, impaciente. Seria possível que o tenha usado nela à noite?

Mesmo em meu estado alterado, não cometi o erro de perguntar novamente, “Devo chamá-la?” já que isso poderia levar a uma situação bem séria. Perguntei somente, “Ela sabe sobre o café?”

“Sabe, sabe,” exclamou, impaciente. “Deixe aí; ela vai beber. Tem juízo suficiente para cuidar de si mesma.” Ele balançou o bastão, e partimos. Somente uma vez voltei-me para olhar para trás, na esperança que ela aparecesse na janela e nos chamasse. “Cheguei até aqui pela companhia desse monstro?” perguntei a mim mesmo enquanto o seguia encosta abaixo. Que oportuno seria se ele escorregasse e rolasse morro abaixo! Maus pensamentos, maus pensamentos. Ele ia na minha frente. Éramos como um par de caçadores africanos—realmente, seu traje, [62] com capacete e jaqueta grossa, como já disse antes, era de *shikari*⁴⁴ selvagem africano.

A caverna ficava a meio caminho do vale, em uma trilha entre arbustos. Logo comecei a me irritar com a rapidez com que ele andava, como se soubesse o caminho, balançando o bastão e abraçando o *portfolio*. Se conseguisse demonstrar metade da ternura daquele abraço em outro lugar! Perguntei de supetão, “Conhece o caminho?”

“Ah, não,” disse ele.

“Você está me guiando!” disse eu, imprimindo na frase toda a ironia que fui capaz.

Ah!” Exclamou ele, confuso, e disse, abrindo passagem, “Pois bem, guie-nos,” e acrescentou em uma associação irrelevante, “luz caridosa.”

A entrada da caverna ficava atrás de um arbusto de lantana-cambará.⁴⁵ Havia uma enorme porta aberta, com dobradiças enferrujadas. E, claro, os inevitáveis tijolos e reboco esfarelados estavam lá. Era uma caverna com uma única pedra encobrendo o teto; e o motivo de alguém ter se dado ao trabalho de construir uma coisa assim em um lugar tão remoto sempre me escapou.

Ele ficou lá fora examinando a entrada. “Veja, essa entrada só pode ter sido uma improvisação posterior; a caverna em si, eu sei, deve pertencer ao século I a. C. Veja só, aquele tipo de pórtico alto e vestíbulo com alto-relevo popularizou-se no século VII ou VIII, quando os soberanos do sul da Índia passaram a apreciar...” Não parava de falar. Coisas velhas e decadentes pareciam soltar sua língua e incendiar sua imaginação, em vez de coisas vivas que se moviam e balançavam as pernas. Tinha pouco a fazer como guia; ele sabia muito mais sobre tudo!

Quando entrou, esqueceu completamente o mundo exterior e seus moradores. O teto era baixo, mas cada centímetro de parede estava tomado por imagens pintadas. Ele iluminou a parede com a lanterna. Tirou do bolso um espelho e o pôs lá fora para refletir os raios de sol nas pinturas. Morcegos esvoaçavam ao redor; o assoalho irregular estava cheio de buracos. Mas ele não se incomodava com nada. Ocupou-se medindo, anotando, fotografando, falando o tempo todo, sem se importar se seu estava ou não escutando. [63]

Eu fiquei entediado com sua dedicação à coleta de ruínas. As pinturas na parede representavam episódios dos épicos e mitologia, e todo tipo de padrões e motivos, com homens, mulheres, e reis e animais, em perspectiva e proporção estranhas e peculiares, e

antigas como as rochas. Eu já havia visto centenas como essas, e não tinha interesse nelas assim como não tinha interesse em outras coisas.

“Tenha cuidado,” eu disse. “Pode haver répteis nessas fendas.”

“Ah, não,” disse ele com indiferença; répteis geralmente não aparecem em lugares tão interessantes; além disso, tenho isso.” Sacudiu seu bastão. “Eu me viro. Não tenho medo.”

Falei de improviso, “Acho que estou ouvindo o ronco de um carro. Se for Gaffur, eu gostaria de estar no bangalô, você se incomoda se eu for? Eu volto.”

Marco disse, “Diga a ele que espere. Não o deixe ir.”

“Quando voltar, vá pelo mesmo caminho para não se perder.” Ele não respondeu, apenas retomou seus estudos.

Voltei correndo e fui descansar um pouco no pátio dos fundos para recuperar o fôlego. Entrei, penteando o cabelo com a mão e me recompondo. Ao entrar, ouvi sua voz. “Procurando por mim?” Estava sentada em uma pedra grande à sombra de uma árvore. Deve ter me visto subindo. “Enxerguei você a um quilômetro de distância—mas você não podia me ver,” disse ela, como quem descobre um defeito.

“Você estava no pico e eu estava no vale,” disse. Subi até ela e fiz perguntas gentis sobre seu café. Ela parecia ao mesmo tempo triste e pensativa. Sentei em uma pedra perto dela.

“Voltou sozinho. Imagino que ele esteja contemplando parede,” disse ela.

“É,” respondi.

“Ele faz isso em tudo que é lugar.”

“Bem, imagino que tenha interesse, apenas isso.”

“E eu, pelo que me interessa?”

“O que interessa você?”

“Qualquer coisa, menos paredes de pedra velhas e frias,” disse ela.

Olhei para o relógio. Já fazia uma hora que o havia deixado. Estava perdendo tempo. O tempo escorria entre meus dedos. Se quisesse me dar bem, tinha que aproveitar essa chance. [64] “Todas as noites vocês ficam acordados e brigam, não é?” ousei perguntar.

“Quando ficamos sozinhos e começamos a conversar, acabamos discutindo e brigando a propósito de tudo. Não concordamos sobre maioria dos assuntos, então ele me deixa sozinha e depois volta, e daí fica tudo bem, é isso.”

“Até a noite seguinte.” eu disse.

“É, é.”

“É impensável que alguém ache possível brigar ou discutir com você—estar com você deve ser o auge da felicidade.”

Ela disse, agressiva, “Que quer dizer com isso?”

Me expliquei sem rodeios. Estava pronto para por tudo a perder hoje se tivesse que acontecer, mas iria falar e contar para ela. Se quisesse me chutar, poderia fazê-lo depois de me ouvir. Me abri com ela. Elogiei sua dança. Falei de meu amor, mas habilmente introduzi a declaração como um recheio entre um elogio e outro. Falava dela como uma artista em um instante, e em outro como uma namorada. Algo assim, “Que dança da cobra magnífica” Ah, não parei de pensar em você a noite inteira. Artista internacional número um! Não percebe como desejo você o tempo todo!”

Funcionou. Ela disse, “Você é um irmão para mim” (“Ah, não,” quis gritar), “vou contar a você o que acontece.” Fez um relato das suas brigas diárias.

“Por que você se casou, afinal?” Perguntei, imprudente.

Ela continuou taciturna e disse, “Não sei. Simplesmente aconteceu.”

“Casou com ele só por causa do dinheiro,” disse, “e foi aconselhada pelo seu tio e os outros.”

“Veja bem,” começou, puxando minha manga. “Consegue adivinhar a que casta pertença?”

“A melhor, qualquer que seja, e não acredito em classe ou casta. Você honra sua casta, qualquer que seja.”

Pertenço a uma família tradicionalmente dedicada aos templos como dançarinas; minha mãe, minha avó, e, antes dela, sua mãe. Já em menina dançava em nosso templo no povoado. Sabe como nossa casta é vista?”

“É a casta mais nobre do planeta,” disse.

“Somos vistas como prostitutas,” ela disse, francamente, e fiquei eletrizado ao ouvir suas palavras. [65] “Não nos consideram respeitáveis; não nos consideram civilizadas.”

“Todas essas ideias tacanhas podiam ser verdade nos velhos tempos, mas é diferente hoje em dia. As coisas mudaram. Hoje não há mais castas.⁴⁶”

“Minha mãe planejou uma vida diferente para mim. Me matriculou na escola bem cedo; estudei bastante. Fiz mestrado em economia. Mas depois da faculdade, a questão era se deveria me tornar uma dançarina ou fazer outra coisa. Um dia vi no nosso jornal um anúncio—do tipo comum, como já deve ter visto: “Procura-se: garota bonita com curso superior para casar com solteiro rico com interesses acadêmicos. Sem restrição *de casta*; boa aparência e curso superior essenciais.” Perguntei a mim mesma, “Tenho boa aparência?”

“Ah, quem duvidaria?”

“Tirei uma fotografia empunhando o diploma universitário e enviei para o anunciante. Bem, nos encontramos, ele examinou ambos, eu e meu diploma, e fomos ao cartório e casamos.”

“Apaixonou-se por ele à primeira vista?”

“Não me pergunte isso agora.” Interrompeu-me. “Discutimos bastante antes de tomar uma decisão. A questão era, se seria bom casar com alguém de classe e meios tão superiores.

Mas todas as mulheres da família ficaram impressionadas, entusiasmadas com o fato de que um homem como ele fosse casar com alguém da nossa classe, e ficou decidido que seria necessário que eu desistisse de nossa arte tradicional, valia a pena o sacrifício. Ele tinha uma casa grande, um automóvel, alta posição social; tinha uma casa nos arredores de Madras, morava lá sozinho, sem ninguém da família; vivia com seus livros e papéis.”

“Então você não tem sogra!” Exclamei.

“Teria preferido qualquer tipo de sogra se isso significasse um marido real, vivo,” disse ela. Olhei para ela para adivinhar o que queria dizer, mas ela baixou os olhos. Podia apenas imaginar. Ela disse, “Só se interessa por pintura e arte antiga e coisas assim.”

“Mas não uma que se mova com suas pernas, imagino,” disse eu.

Suspirei fundo, tomado pela tristeza de sua vida. Pus minha mão em seu ombro e fiz uma carícia suave. [66] “Fico mesmo muito triste em pensar em você, uma joia tão preciosa, perdida no mundo. No lugar dele, a faria rainha do universo.” Ela não repeliu minha mão. Deixei-a viajar e senti a maciez de sua orelha e movi os dedos pelos cachos de seus cabelos.

O carro de Gaffur não apareceu. Um motorista de caminhão de passagem trouxe o recado que houve uma avaria mecânica e que viria no dia seguinte. Ninguém se importou, na verdade. Joseph cuidou muito bem de nós. Marco disse que lhe dava mais tempo para estudar as paredes. Eu não me importei. Tive a oportunidade de observar os animais selvagens através do vidro toda a noite, segurando a mão dela, enquanto Marco trabalhava em seu quarto, estudando suas anotações.

Quando finalmente o carro de Gaffur apareceu, Marco disse, “Quero ficar aqui; vai levar mais tempo do que imaginei. Poderia buscar minha mala preta no hotel? Tenho alguns papéis lá dentro. Preferiria que você ficasse aqui também, se for possível.”

Fingi hesitar, e então olhei para a garota por um instante. Havia um apelo mudo em seus olhos. Disse que sim.

“Pode considerar parte de seu trabalho profissional,” disse ele, “a não ser que sinta que vá prejudicar seus outros negócios.”

“Tudo bem,” respondi, hesitante. “É verdade, mas também gostaria de ser útil a você. Quando me encarrego de alguém, sempre sinto que estão sob minha responsabilidade até que partam em segurança.”

Ao entrar no carro, ela disse ao marido, “Também vou voltar para a cidade; preciso de algumas coisas que estão na minha mala.”

Acrescentei, “Talvez não possamos retornar hoje.”

Ele perguntou a mulher, “Você se vira?”

“Sim,” disse ela.

Ao descer a estrada da morro várias vezes flagrei Gaffur nos olhando pelo retrovisor, e nos mexemos para sair de seu campo de visão. Chegamos ao hotel ao entardecer. Segui-a até o quarto. “Devemos retornar hoje à noite?” Perguntei.

“Por quê?” indagou ela. “Suponha que o carro de Gaffur enguice no caminho? Melhor não se arriscar naquela estrada. Vou passar a noite aqui.”

Fui para casa trocar de roupa. Minha mãe ficou cheia de assunto desde o momento que me enxergou, e cheia de perguntas. Pus tudo de lado. Me lavei e me vesti com pressa e peguei outra troca de roupas especiais. [67] Dei para minha mãe uma trouxa com as roupas usadas. “Diga para aquele garoto da loja para levá-las ao *dhobi*⁴⁷ para lavar e passar com capricho. Talvez precise delas amanhã.”

“Tá virando um dândi?” disse ela, me examinando. “Por que está sempre correndo agora?” Dei uma desculpa qualquer e sai de novo.

Contratei Gaffur para minhas próprias voltas aquele dia. Fui um guia de verdade. Nunca mostrei a cidade para alguém com tanto empenho. Levei Rosie a tudo que é lugar, mostrei a torre da prefeitura—mostrei o Sarayu, sentamos na areia e comemos um pacote

grande de amendoim torrado. Ela agia como um bebê—entusiasmada, excitada, adorando tudo. Levei-a para conhecer as Suburban Stores e disse-lhe para comprar o que quisesse. Provavelmente era a primeira vez que ela estava vendo o mundo. Ela ficou extasiada. Gaffur me advertiu ao me pegar sozinho por um instante fora da loja, “Ela é uma mulher casada, lembre-se.”

“E daí?” disse. “Por que me diz isso?”

“Não leve a mal, senhor,” disse ele. “Vá devagar; é tudo que posso dizer.”

“Você tem a mente doentia, Gaffur. Ela é como uma irmã para mim,” disse, para tentar fazer com que calasse a boca.

Ele só disse, “Está certo. O que eu tenho com isso? Afinal, aquele homem está lá, o que de fato casou com ela. E eu tenho minha própria esposa para cuidar.”

Deixei-o e voltei para a loja. Ela escolheu um broche prateado em forma de pavão. Paguei e o prendi em seu sári. Jantamos no terraço do Taj⁴⁸, de onde ela podia ver o rio Sarayu serpenteando ao longe. Quando chamei sua atenção para isso, ela disse, “Bonito. Mas já vi vales, árvores, e riachos o suficiente para o resto da vida.” Rimos. Estamos entrando em uma fase de risos constantes.

Ela gostou de passear pelo mercado, comer no hotel lotado, perambular à toa, pegar um cinema—esses prazeres comuns pareciam ter estado fora de seu alcance até então. Dispensei o carro no cinema. Não queria que Gaffur visse meus movimentos. Andamos até o hotel depois do filme. Mal havíamos notado que filme era. Ficamos em um camarote.⁴⁹ [68] Ela vestia um sári de crepe amarelo claro que a deixava tão atraente que as pessoas a olhavam todo o tempo.

Seus olhos brilhavam com vivacidade e gratidão. Percebi que estava em dívida comigo.

Era quase meia-noite. O homem na recepção do hotel nos viu passar sem demonstrar interesse. Recepcionistas de hotel aprendem a não fazer perguntas. Na frente da porta número

28, hesitei. Ela abriu a porta, entrou, e hesitou, deixando-a semiaberta. Ficou parada me olhando por uns instantes, como no primeiro dia.

“Devo ir embora?” perguntei num sussurro.

“Sim, boa noite,” murmurou.

“Não posso entrar?” perguntei, tentando parecer o mais triste possível.

“Não, não. Vá embora,” disse. Mas, em um impulso, a empurrei suavemente, entrei e tranquei a porta para o mundo.

Capítulo 6 [p.69]

Raju perdeu a conta do tempo decorrido nessas atividades—um dia era igual ao outro e sempre cheio de gente. Muitos meses (ou talvez anos) passaram. Contava as estações pelas marcas especiais que se destacavam, tais como a colheita em janeiro, quando seus discípulos traziam-lhe cana-de-açúcar e açúcar de palmeira cozido com arroz; quando seus discípulos traziam-lhe doces e frutas, sabia que era o ano novo Tâmil⁵⁰; quando era época do festival *Dasara*⁵¹ traziam lanternas extras e as acendiam, e as mulheres ficavam atarefadas durante todos os nove dias, decorando o templo com papel colorido e enfeites vistosos; e para o festival *Deepavali*⁵² traziam-lhe roupas novas e busca-pés e ele convidava as crianças para uma sessão especial de fogos de artifício. Assim ele contava aproximadamente a passagem do tempo, do começo ao fim do ano, pelas estações do sol, chuva, e neblina. Contava esses ciclos e depois perdia a conta. Percebeu que não era necessário manter um calendário.

Sua barba agora acariciava-lhe o peito, seu cabelo caía pelas costas, e ao redor do pescoço usava um colar de contas para as orações. Seus olhos irradiavam suavidade e compaixão, a luz da sabedoria emanava dele. Os moradores do povoado trazia-lhe tantas coisas que ele perdeu interesse na acumulação. Distribuía o que quer que tivesse aos presentes na reunião do final do dia. Trazia-lhe enormes guirlandas de crisântemo, e cestas de pétalas de jasmim e rosas. Ele devolvia tudo para as mulheres e crianças.

Protestou a Velan um dia, “Sou um homem pobre e vocês são homens pobres; por que me dão tudo isso? É preciso parar com isso.” Mas não era possível dar fim ao hábito; adoravam trazer-lhe presentes. Passou a ser chamado de Swami⁵³ pela sua pela congregação e o lugar onde morava passou a ser chamado de Templo. Estava se tornando linguagem corrente. “O Swami disse isso ou aquilo,” ou “Estou indo para o Templo.” As pessoas gostavam tanto desse lugar que caiaram as paredes e desenharam nelas mãos vermelhas.⁵⁴

Na primeira metade do ano chovia ao entardecer, uma chuva que se derramava barulhenta por algumas horas no ritmo de trovões formidáveis; mais para o fim do ano a chuva era mais suave, com um tamborilado uniforme. Mas chuva alguma afetava a congregação. As pessoas vinham abrigadas embaixo de enormes esteiras de bambu, ou guarda-chuvas ou palha de coqueiro. O salão lotava ainda mais durante a estação das chuvas, já que as pessoas não podiam se espalhar pelo pátio. Mas isto fazia com que a reunião ficasse mais aconchegante, interessante e agradável; e o assoviar da chuva e do vento nas árvores e o rio se avolumando (o que os levava a carregar suas crianças nos ombros e atravessar o rio somente em certos pontos mais rasos) emprestava um charme peculiar aos trabalhos. Raju adorava esta estação, pelo verde por toda parte, pela variedade de formatos de nuvens no céu, que ele podia observar através das colunas dos salões.

Mas de repente notou que no fim do ano o céu não se escurecia com nuvens. O verão parecia prolongar-se. Raju perguntou, “Onde estão as chuvas?”

Velan fez uma cara preocupada. “As primeiras chuvas passaram totalmente ao largo, Swamiji⁵⁵; e a plantação de painço, que deveria estar sendo colhida agora, está queimada nos talos. É uma grande desgraça.”

“Mil mudas de banana estão mortas,” disse outro. “Se isso continuar, não sei não.” Pareciam angustiados.

Raju, sempre profetizando, consolou, “Tais coisas são comuns; não se preocupem demais. Vamos torcer pelo melhor.”

Deram para discutir. “Sabe, Swamiji, nosso gado que sai para pastar remexe na terra e na lama e volta, sem ter pasto para comer?”

Raju tinha uma palavra de consolo para cada reclamação. Voltavam para casa satisfeitos. “Você sabe das coisas, mestre,” diziam e iam embora. Raju lembrou que por essa época, para tomar banho, tinha que descer três degraus a mais para chegar na água. Desceu e

ficou mirando o curso do rio. [71] Olhou para sua esquerda, onde o rio parecia serpentear de volta para cadeia de montanhas de Mempî, para sua nascente, para onde tantas vezes havia levado turistas. Uma bacia tão pequena, mal chegava a cem metros quadrados com seu pequeno santuário—o que teria acontecido lá para fazer esse rio encolher tanto aqui? Notou que as margens estavam largas, mais pedras à mostra, e a encosta do outro lado parecia ter ficado mais alta.

Outros sinais também podiam ser notados agora. No Festival da Colheita, a alegria habitual não se fez presente. “A cana de açúcar secou completamente; este pouquinho foi só o que conseguimos trazer. Por favor aceite.”

“Dê para as crianças,” disse Raju. Os presentes estavam encolhendo em tamanho e volume.

“O astrólogo disse que teremos chuvas cedo no ano que vem,” disse um deles. O assunto era sempre as chuvas. As pessoas escutavam revelações e filosofias com interesse apenas parcial. Sentavam em volta, expressando seus medos e esperanças. “É verdade, Swami, que o movimento dos aviões perturba as nuvens e por isso a chuva não cai? Aviões demais no céu.” “É verdade, Swami, que as bombas atômicas são responsáveis pela seca das nuvens?” Ciência, mitologia, boletim meteorológicos, bons e ruins, e todo tipo de possibilidades eram associadas à chuva. Raju explicava a cada um da melhor maneira que podia, mas percebia que suas palavras nunca os desviava de seus pensamentos.

Decretou, “Não podem pensar nisso demais. O deus da chuva às vezes provoca aqueles que ficam obcecados pensando nele. Como se sentiriam se alguém ficasse mencionando e repetindo seus nomes dia e noite sem parar por dias a fim?” Apreciaram a graça da analogia, e seguiram seus caminhos. Mas a situação estava chegando a um ponto em que não havia palavra de conforto ou disciplina mental que ajudasse. Alguma coisa acontecia em um plano superior sobre o qual ninguém tinha controle nem escolha, e onde uma atitude

filosófica não fazia nenhuma diferença. O gado era incapaz de dar leite; não tinha energia para arrastar o arado pelos sulcos; rebanhos de ovelhas enfraqueciam e começavam a perder lã, com seus ossos da pelve à vista. [72]

Os poços nos povoados estavam secando. Grupos grandes de mulheres com jarros chegavam no rio, que rapidamente estreitava. De manhã à noite elas vinham em ondas e levavam água. Raju assistia sua chegada e saída enquanto passavam enfileiradas no terreno alto em frente, parecendo pitorescas, mas sem a tranquilidade inerente em uma pintura. Brigavam por prioridade de acesso às cacimbas, e havia medo, desespero, e lamentações em suas vozes.

A terra secava rapidamente. Um búfalo morto foi encontrado em uma trilha. Velan levou a notícia ao Swami de manhã cedo. Ficou parado em pé enquanto ele dormia e disse, “Swami, quero que venha conosco.”

“Por quê?”

“O gado começou a morrer,” disse com serena resignação.

“O que posso fazer a respeito disso?” Raju quis perguntar, sentando na cama. Mas não poderia falar tal coisa. Disse, consolador, “Ah, não; não pode ser.”

“Um búfalo morto foi encontrado na trilha da floresta passando nosso povoado.”

“Você mesmo viu?”

“Vi, Swami, vim de lá.”

“Não pode estar tão ruim, Velan. Deve ter morrido de alguma outra doença.”

“Por favor, venha junto e veja, e se puder nos dizer por que morreu, vai aliviar nossa preocupação. Um homem culto como você pode julgar.”

Estavam claramente perdendo a cabeça. Estavam entrando na fase do pesadelo. O Swami sabia tão pouco a respeito de gado, vivo ou morto, que não adiantava nada ir ver esse, mas já que eles queriam, pediu para Velan esperar um pouquinho e foi com ele. A rua do

povoado parecia abandonada. Crianças brincavam na poeira, porque o mestre havia ido à cidade com um pedido de ajuda endereçado às autoridades da receita, por isso a escola estava fechada. Mulheres passavam com potes de água na cabeça. Por sinal, “Mal consegui um pote hoje,” diziam umas. “Onde o mundo vai parar? Tem que nos mostrar o caminho, Swami.” [73]

Raju só erguia a mão e acenava como que dizendo, “Fiquem em paz; vai dar tudo certo; vou dar um jeito nisso com os deuses.” Uma pequena multidão seguiu a ele e a Velan até a trilha na floresta, repetindo as mesmas coisas. Um deles contou de ocorrências piores no povoado mais próximo; havia um surto de cólera e milhares estavam morrendo, e assim por diante; foi repreendido pelos outros por ser alarmista. Raju mal prestou atenção nas besteiras que diziam ao seu redor.

Lá estava, além do povoado, em uma trilha acidentada que levava à floresta, um búfalo com os ossos à vista. Corvos e abutres, já pairando sobre o local, esvoaçaram quando os homens chegaram. Havia um cheiro nauseabundo, que desde então Raju passou a associar à estação. Não poderia ser aliviado com profecias. Pôs o pano da roupa sobre o nariz e olhou fixo para a carcaça por alguns momentos. “De quem era esse animal?” Perguntou.

Entreolharam-se. “Não é nosso,” disse um deles. “Pertence ao povoado vizinho.” Houve um alívio. Se era do povoado vizinho, era muito distante. Qualquer coisa, qualquer explicação, qualquer desculpa servia para consolar o povo agora.

“Não era de ninguém,” disse outro. “Parece um búfalo selvagem.”

Melhor ainda. Raju ficou aliviado com a possibilidade de haver outras soluções e explicações. Acrescentou, examinando o animal de novo, “Deve ter sido mordido por um inseto venenoso.” Era uma explicação confortadora, e ele voltou sem deixar que seu olhar pousasse sobre os galhos secos das árvores, ou sobre o solo coberto de lama esbranquiçada sem um sinal de verde.

Essa interpretação do Swami agradou o público. Trouxe-lhes tremendo consolo. A tensão subitamente amainou. Quando o gado era recolhido à noite, era observado sem ansiedade. “Tem o suficiente para o gado comer,” diziam. “Swami diz que o búfalo morreu de mordida venenosa. Ele sabe.” Para corroborar, contaram-se muitos casos de mortes de animais por causas misteriosas. “Tem cobras que mordem através dos cascos.” “Tem certos tipos de formigas com mordida fatal para os animais.” [74]

Mais bichos foram encontrados mortos aqui e ali. Quando o solo era arranhado só saía uma nuvem de poeira. A provisão do ano anterior, na maioria das casas, não foi repostada e o nível estava caindo. O dono do armazém do povoado estava segurando o estoque para obter preços melhores. Quando lhe pediram uma medida de arroz, cobrou 14 *annas*. O homem que queria o arroz perdeu a cabeça e deu-lhe um bofetada. O comerciante veio com um facão e atacou o freguês; e os que se solidarizaram com o homem se reuniram na frente do armazém e o invadiram. Os parentes do dono e simpatizantes saíram à noite com barras de ferro e facas e começaram a atacar o outro grupo.

Velan e seus homens também pegaram machados e partiram para a briga. Gritos, uivos e pragas encheram o ar. O pouco feno que ainda havia foi queimado, e a noite escura se incendiou. Raju ouviu os gritos, levados pelo ar noturno, e depois viu as chamas iluminando a paisagem além da colina. Apenas algumas horas antes, estava tudo tranquilo e em paz. Sacudiu a cabeça, falando sozinho, “O povo do povoado não consegue se tranquilizar. Estão cada vez mais agitados. Desse jeito, acho que vou ter que procurar outro lugar.” Voltou a dormir, incapaz de se interessar pelos acontecimentos no povoado.

Mas chegaram notícias logo de manhã cedo. O irmão de Velan contou para ele, enquanto estava ainda semiadormecido, que Velan estava de cama com machucados na cabeça e queimaduras, e fez uma lista de mulheres e crianças feridas na briga. Estavam se reunindo para atacar o outro grupo à noite.

Raju estava impressionado com o rumo que as coisas estavam tomando. Não sabia o que esperavam dele agora, se abençoar a expedição ou impedi-la. Pessoalmente, achava que o melhor para eles seria se matarem a pau. Isso os impediria de se preocupar demais com a seca. Sentiu pena do estado de Velan. “Os ferimentos são graves?” perguntou.

O irmão de Velan falou que, “Ah, não. Só uns cortes aqui e ali,” como se não estivesse satisfeito com as cicatrizes.

Raju considerou por um momento a hipótese de visitar Velan, mas sentiu uma enorme relutância em se mexer. Se Velan estivesse machucado, ia sarar; só isso. [75] E quanto às descrições dos ferimentos de seu irmão, verdadeiras ou falsas, eram-lhe convenientes. Não havia urgência em ir visitar Velan. Temia que se eles se acostumassem com visitas, não teria mais sossego, os moradores do povoado achariam sempre um motivo para chamá-lo. Perguntou ao irmão de Velan, “Como é que você conseguiu sair ileso?”

“Ah, também estava lá, mas não me bateram. Se tivessem, eu teria abatido dez deles. Mas meu irmão, ele se descuidou.”

“Magro como um cabo de vassoura, mas fala como um gigante,” pensou Raju, e aconselhou, “Diga para seu irmão passar turmérico⁵⁶ nos ferimentos.” Pelo tom casual com que o homem falava, Raju imaginou se ele mesmo não havia golpeado Velan pelas costas; qualquer coisa parecia possível nesse povoado. Todos os irmãos do lugar estavam envolvidos em litígios uns contra os outros; e qualquer um seria capaz de qualquer coisa nas atuais circunstâncias excepcionais. O irmão de Velan se levantou para ir embora. Raju disse, “Diga para Velan ficar na cama em repouso absoluto.”

“Ah, não, mestre. Como é que ele poderia repousar? Ele faz parte do grupo hoje à noite e não vai descansar enquanto não queimar suas casas.”

“Isso não está certo,” disse Raju, meio irritado com toda essa beligerância.

O irmão de Velan era um dos moradores de menos luzes. Tinha cerca de vinte e um anos e era meio retardado, havia sido criado como agregado na casa de Velan, mais uma das provações na vida deste. Passava os dias levando o gado do povoado para pastar nas montanhas: buscava-os em várias casas cedo da manhã, conduzia-os para o pé dos montes, vigiava-os, e os trazia de volta ao entardecer. Passava o dia deitado na sombra de uma árvore, comendo um prato de painço cozido quando o sol estava a pino, e esperando o sol descer na direção oeste para conduzir o gado para casa. Fora o gado, quase não tinha ninguém com quem falar o dia inteiro, e falava com ele de igual para igual; xingava o gado e sua descendência sem reservas. Qualquer tarde, no silêncio da floresta, se alguém tivesse ocasião de observar, podia-se ouvir os montes ecoando os palavrões e insultos que lançava aos animais ao segui-los com sua vara. [76] Consideravam-no habilitado para essa tarefa simples, e cada casa pagava-lhe quatro *annas* por mês. Não lhe confiavam nenhuma tarefa que exigisse maior responsabilidade. Era um dos raros homens no povoado que nunca visitava o Swamiji, preferia ficar dormindo em casa no final do dia. Mas agora havia vindo, quase que pela primeira vez. Os outros estavam angustiados e ocupados com seus preparativos para a próxima briga, e ele era um daqueles cujo trabalho havia sido afetado pela seca; ninguém via motivo para mandar o gado fuçar a areia seca e pagar quatro *annas* por mês ao abobado.

Havia vindo essa manhã, não porque havia sido enviado com uma mensagem para o Swamiji, mas porque estava desocupado e de repente resolveu que bem que podia visitar o templo e receber a bênção do Swami. A briga era a última coisa sobre a qual teriam pensado em consultar o Swami, embora depois de terminada talvez lhe dessem uma versão atenuada. Mas esse garoto teve a iniciativa de trazer a notícia e apoiava o feito. “Mas, Swami, por que cortaram o rosto de meu irmão?” Acrescentou, sério, “Têm permissão para fazer isso tudo?”

Raju argumentou pacientemente, “Você bateu no dono do armazém primeiro, não foi?”

O garoto tomou a resposta literalmente e disse, “Não fui eu, quem bateu nele foi...”
Mencionou o nome de vários moradores.

Raju estava muito entediado para corrigi-lo e melhorar sua compreensão. Disse apenas, “Não é certo; ninguém deve brigar.” Sentiu que era impossível doutriná-lo sobre a ética da paz, portando disse simplesmente, “Ninguém deve brigar.”

“Mas eles brigam!” argumentou o garoto. “Vêm e batem na gente.” Parou, pensando as próprias palavras, e acrescentou, “E logo vão nos matar.”

Raju se irritou. Não gostava da ideia de tanto tumulto. Poderia afetar o isolamento do lugar e atrair a polícia. Não queria que ninguém viesse ao povoado. De repente Raju teve uma ideia. Agarrou o braço do outro acima do cotovelo e disse, “Vá e diga a Velan e aos outros que não quero que briguem desse jeito. Mais tarde direi o que devem fazer.” O garoto estava pronto para repetir seus argumentos costumeiros. Mas Raju disse, impaciente, “Não fale. Escute o que eu digo.”

“Sim, mestre, “ disse o garoto, meio assustado com a súbita veemência.

“Diga a seu irmão, já, onde quer que esteja, que se não obedecerem nunca mais vou comer.”

“Comer o quê?” perguntou o garoto, confuso.

“Diga que vou parar de comer. Não pergunte o quê. Não vou comer até que obedçam.”

“Obedecer? O quê?”

Isso era claramente além da compreensão do garoto. Quis perguntar de novo, “Comer o quê?” mas o medo o impediu. Arregalou os olhos. Não conseguia associar a briga com a comida desse homem. Só queria soltar o braço do tremendo aperto acima do cotovelo esquerdo. Viu que tinha cometido um erro ao vir sozinho falar com esse homem—a barba, quase encostando nele, o amedrontava. Talvez esse homem fosse devorá-lo. Ficou

desesperado para escapar dali. Disse, “Tudo bem, senhor. Vou dizer,” e no instante em que Raju o largou, saiu correndo, em segundos cruzava o areal e desapareceu.

Ofegava ao correr para a assembleia dos mais velhos. Estavam sentados solenemente ao redor da plataforma no centro do povoado, discutindo as chuvas. Havia uma plataforma de tijolo em torno de uma figueira de bengala, em cujas raízes havia várias imagens engastadas; eram objetos de devoção ungidos com frequência. Era uma espécie de largo da prefeitura para Mangala.⁵⁷ Local fresco, sombreado e espaçoso; havia sempre um grupo de homens conversando a respeito de questões locais de um lado; e de outro, mulheres descansando as cestas carregadas que levavam na cabeça; e crianças brincando de pegar; e cachorros do povoado cochilavam.

Lá estavam os anciões do povoado, discutindo sobre a chuva, a briga ao anoitecer, e todas as estratégias a seu respeito. Ainda tinham dúvidas sobre a empreitada. O quê o Swami diria dela era coisa a ser considerada para depois. Talvez ele não aprovasse. Seria melhor não pedir sua opinião antes que eles mesmos tivessem certeza do que iriam fazer. [78] Que o outro grupo merecia uma punição estava fora de questão. Entre os que falavam havia vários com cortes e machucados. Mas tinham medo da polícia; lembravam de uma ocasião em que houve uma briga de facções, e o governo destinou uma força policial quase permanente e obrigou os moradores a alimentá-los e pagar pelo seu sustento.

Neste conselho de guerra irrompeu o irmão de Velan. A atmosfera ficou tensa. “Que foi, meu irmão?” perguntou Velan.

O garoto parou para recuperar o fôlego antes de falar. Eles o levantaram pelos ombros e o sacudiram, o que o deixou mais confuso e tagarela. Finalmente disse, “O Swami, o Swami, não quer mais comida. Não levem mais comida para ele.”

“Por quê? Por quê?”

“Porque, porque—não chove.” Acrescentou, ligeiro, lembrando da briga, “Nada de briga, diz ele.”

“Quem te pediu para ir lá?” perguntou seu irmão, com um tom prepotente.

“Eu—eu não, mas quando eu—acabei indo lá, ele me perguntou e eu contei para ele—

“

“O que você contou para ele?”

De repente o garoto ficou cauteloso. Sabia que ia apanhar se falasse que tinha mencionado a briga. Não gostava de ser agarrado pelos ombros—na verdade, era avesso a ser agarrado de qualquer forma; mas lá o Swami apertou seu cotovelo e roçou a barba na sua cara, e aqui esses homens estavam torcendo seus ombros. Lamentou ter se envolvido nisso. Era melhor não se meter com eles. Iam arrancar fora seus ombros se soubessem que havia contado ao mestre sobre a briga. Então, escondeu tudo da melhor maneira que pode imaginar. Piscou. Perguntaram de novo, “O que você contou para ele?”

“Que não chove,” disse ele, mencionando o assunto mais fácil que lhe ocorreu.

Eles deram uns tapas em sua cabeça e disseram com desprezo, “Grande profeta para anunciar as novidades! Como se ele ainda não soubesse!” Começaram a rir. O garoto também deu uma risada sem graça e tentou se refazer.

[79]Então lembrou-se da mensagem de que tinha sido incumbido, e achou que seria mais seguro se dissesse alguma coisa sobre ela, senão o grande homem poderia ficar sabendo e rogar-lhe uma praga. Por isso disse, retornando ao ponto de partida, “Ele não quer mais comida até que fique tudo bem.”

Pronunciou essa frase de um jeito tão solene e enfático que eles perguntaram, “O que ele disse? Conte com exatidão.”

O garoto refletiu por uns instantes e disse, “Diga para seu irmão não me trazer mais comida. Não comerei. Se eu não comer, vai ficar tudo bem; e então tudo vai melhorar.”

Ficaram olhando para ele, confusos. Ele sorriu, contente com a atenção recebida. Eles ficaram pensativo por alguns momentos.

E dai um deles disse, “Essa Mangala é uma região abençoada por ter um homem como o Swami em nosso meio. Nada de ruim vai nos acontecer enquanto ele estiver conosco. Ele é como Mahatma. Quando Mahatma Gandhi parou de comer, quanta coisa aconteceu na Índia!⁵⁸ Esse homem é igual. Se jejuar, vai chover. É por amor que se submete a isso. Sem dúvida vai trazer chuva e nos ajudar. Uma vez um homem jejuou por vinte e um dias e provocou um dilúvio. Somente grandes almas podem tomar a si feitos assim—“ O ambiente ficou eletrizado. Esqueceram a briga e todos seus problemas e rixas.

O povoado se agitou. Todo o resto perdeu a importância. Alguém avisou que um crocodilo havia sido encontrado morto na areia rio acima, torrado pelo sol sem o abrigo da água. Um outro veio com a notícia de que no leito de um lago quase seco em um povoado próximo apareceu um antigo templo, submerso há um século, quando o lago se formou. A imagem de Deus ainda estava intacta no altar interior, preservada apesar de submersa há tanto tempo; os quatro coqueiros ao redor do templo ainda estavam lá... E assim por diante. Mais e mais detalhes surgiam a toda hora. Centenas de pessoas agora andavam pelo leito do lago para visitar o templo, e alguns descuidados perderam a vida, enredados na areia movediça. Tudo isso agora provocava o interesse do público, mas não medo. Agora eram até capazes de ser mais indulgente com o dono do armazém que havia atacado seu freguês. [80]“Afinal de contas, o fulano de tal não devia tê-lo chamado de filho da puta; não é uma palavra decente.”

“Claro, parentes devem se apoiar mutuamente. Senão, para que servem?” Velan remoia pensamentos sobre o corte na testa, e outros poucos de repente se lembraram de seus machucados. Não conseguiam decidir até que ponto poderiam perdoar. Consolavam-se com a ideia de que um bom número no outro grupo também estaria cuidando dos ferimentos agora; era um pensamento muito gratificante. Inesperadamente, resolveram que deveria ter uma

terceira parte para vir e arbitrar, para que a briga fosse esquecida, desde que o outro grupo pagasse pelo feno queimado e desse um banquete para os homens deste grupo. E levaram tempo discutindo as condições do acordo de paz, e levantaram-se todos ao mesmo tempo, anunciando, “Vamos todos render homenagem ao Swami, nosso salvador.”

*

Raju aguardava pelos seus presentes de costume e pela comida. Tinha, não há dúvida, frutas e outras coisas comestíveis em sua cesta, mas esperava que trouxessem outro cardápio. Havia sugerido a eles que tentassem obter farinha de trigo, farinha de arroz e temperos. Queria experimentar receitas novas para variar. Tinha um jeito sutil de expressar seus pedidos especiais. Em geral começava levando Velan para um canto e dizendo, “Veja só, se pudessem me arranjar um pouquinho de farinha de arroz e pimenta malagueta, mais umas coisinhas, poderia preparar uma receita nova. Nas quartas-feiras...” E declarava algum princípio de vida como por exemplo que em uma quarta-feira especial ele sempre preferia preparar sua comida com farinha de arroz e tal e tal temperos; e mencionava-os com um ar bem sério para que seus ouvintes considerassem aquilo uma necessidade espiritual, uma coisa da disciplina interior do homem para manter sua alma em forma e sua harmonia com os Céus funcionando. Tinha desejo de *bonda*⁵⁹, que costumava comer na loja da estação ferroviária quando aparecia lá um homem vendendo lanches para os viajantes, em um tabuleiro de madeira. Era feito de farinha, batata, uma rodela de cebola, uma folha de coentro, e uma pimenta-malagueta—e ah! Que delícia!—embora provavelmente fosse frito em qualquer coisa; era o tipo de camelô que não hesitaria em fritar uma coisa em querosene, se ficasse mais barato. [81] Apesar de tudo, fazia coisas deliciosas, e quando Raju perguntava ao ambulante como ele as preparava, dava-lhe uma receita começando por, “Só um pouquinho de gengibre,” e prosseguia com isso e aquilo. Ao discorrer sobre o *Bhagavad-Gita*⁶⁰ para seu público uma tarde dessas, Raju teve um desejo repentino de experimentar essa receita por conta própria—agora estava equipado com

um fogão a carvão e frigideira, e o que poderia ser mais musical que uma massa bem sovada caindo no óleo fervente? Havia enumerado suas necessidades a Velan tão delicadamente quanto possível.

Quando ouviu as vozes atrás da colina, sentiu-se aliviado. Recompôs-se para representar papel de profissional, e alisou a barba e o cabelo, e sentou-se com um livro na mão. Quando as vozes se aproximaram, olhou para cima e notou que um grupo maior que o habitual estava atravessando o areal. Ficou perplexo por um segundo, mas achou que talvez estivessem comemorando o fato de ele ter impedido uma briga. Ficou feliz por ter feito alguma coisa, afinal de contas, e salvado o povoado. Aquele idiota do irmão de Velan afinal não parecia tão abobado. Esperava que trouxessem arroz em suas bolsas. Seria inadequado perguntar logo de cara; eles provavelmente deixariam na cozinha.

Diminuíram o passo e as vozes se aproximaram do templo. Até as crianças baixaram a voz ao se aproximar da augusta presença.

Sentaram-se em um semicírculo silencioso como antes, cada um no seu lugar. As mulheres logo se puseram a varrer o chão e colocar óleo nas lamparinas. Por dez minutos, Raju nem olhou nem falou com eles, só virava as páginas de seu livro. Ficou curioso para ver que partes do corpo de Velan estavam intactas. Deu uma espiada, e viu as cicatrizes na testa, e deu mais uma olhada rápida em torno e descobriu que na verdade havia menos estrago do que imaginara. Retomou os estudos, e somente depois de dez minutos de leitura levantou os olhos como de costume e inspecionou a assembleia. Examinou seu rebanho, fixou o olhar em Velan em especial, e disse, “Lord Krishna⁶¹ aqui diz—“ Pôs a página na luz e leu um trecho. “Sabem o que isso significa?” Iniciou um discurso semifilosófico sobre diversos temas incoerentes, começando por comer boa comida e chegando à confiança absoluta na bondade de Deus.

[82] Ouviam-no sem interromper, e somente quando fez uma pausa após quase uma hora foi que Velan disse, “Suas preces sem dúvida serão atendidas e salvarão nosso povoado. Todos nós no povoado rezamos noite e dia para que você cumpra seu compromisso em segurança.”

Raju não entendeu o que ouviu. Mas imaginou que votos tão pomposos e bombásticos faziam parte de seus costumes e que estavam apenas agradecendo-lhe por chamá-los a razão e desistirem da briga. A assembleia se tornou bastante loquaz e choveram louvores de todos os lados. Uma mulher veio e tocou seus pés. Outra imitou-a. Raju exclamou, “Já não avisei que nunca permitirei tal coisa?” Nenhum ser humano jamais deve se prostrar ante outro ser humano.”

Dois ou três homens se aproximaram, um deles dizendo, “Você não é um ser humano comum. Você é um Mahatma⁶². Devemos nos considerar verdadeiramente abençoados por tocar o pó de seus pés.”

“Ah, não. Não diga isso—“ Raju tentou afastar os pés. Mas a multidão o cercou. Tentou cobrir os pés. Não achava lugar para escondê-los. Eles o puxavam de todos os lados e pareciam a ponto de lhe beliscar para que lhes oferecesse os pés. Percebeu que não poderia fugir desta demonstração e que seria melhor deixá-los fazer o que quisessem. Quase todos na multidão tocaram seus pés e se afastaram, mas não por muito tempo; o cercavam e não davam sinais de ir embora. Fitavam seu rosto e não paravam de examiná-lo de um jeito novo; havia no ar uma seriedade maior do que nunca.

Velan disse, “Sua penitência é como a de Mahatma Gandhi. Em você, ele nos deixou um discípulo para nos salvar.” Em seu linguajar rústico, com as melhores palavras que conseguiam exhibir, estavam agradecendo. Por vezes falavam todos juntos em um barulho indistinto. Entendeu que falavam com emoção verdadeira. Falavam com gratidão, embora seu discurso soasse retumbante. A tagarelice era confusa. Mas a devoção era inquestionável.

[83]Havia tanta emoção em sua atitude que ele começou a achar que afinal estavam certos em tocar seus pés; na verdade, parecia possível que ele mesmo se curvasse, tirasse o pó de seus próprio pés, e pressioná-los contra seus olhos. Começou a sentir que sua personalidade irradiava uma glória... A multidão não foi embora no horário de costume, mas foi-se deixando ficar.

Velan imaginou que Raju estivesse jejuando hoje, e pela primeira vez nesses meses deixou de trazer-lhe comida. Que fosse. Ao dar tanta importância ao seu jejum, não poderia de todo jeito perguntar, “Onde estão os ingredientes para o *bonda*? Seria inconveniente. Poderia muito bem cuidar disso depois. Haviam imaginado que estivesse jejuando para impedir a briga, e não iria declarar a eles que já fizera duas refeições durante o dia. Deixaria que se iludissem, e mesmo que seus olhos saltassem de exaustão, cairia bem. Agora que estava tudo terminado, por que não iam embora? Fez sinal para Velan se aproximar. “Por que não manda as mulheres e crianças para casa? Não está ficando tarde?”

A multidão partiu quase a meia-noite, mas Velan permaneceu onde havia sentado a noite toda, encostado em um pilar. “Não está com sono?” Raju perguntou?

“Não, senhor. Ficar acordado não é nada, considerando o que está fazendo por nós.”

“Não dê tanta importância a isso. É apenas um dever, só isso, e não estou fazendo nada mais do que deveria. Pode ir para casa, se quiser.”

“Não, senhor. Vou amanhã quando o chefe vier me render. Ele vem às cinco e fica até de tarde. Daí vou para casa, cuidar de meu trabalho, e volto, senhor.”

“Ah, não precisa ficar ninguém aqui. Me viro muito bem sozinho.”

“Tenha a bondade de deixar isso com a gente, senhor. Só estamos cumprindo nosso dever. Você está fazendo um grande sacrifício, senhor, e o mínimo que podemos fazer é ficar do seu lado. Teremos o mérito de olhar para seu rosto, senhor.”

Raju ficou realmente emocionado com essa atitude. Mas decidiu que era hora de ir até o fim com aquilo.[84] Então disse, “Você tem razão. ‘Quem serve aquele que faz o sacrifício tem o mesmo mérito.’ afirmam nossas escrituras, e você não está errado. Agradeço a Deus que meus esforços tenham sido bem-sucedidos, e vocês estão em paz uns com os outros; esta é minha maior preocupação. Agora que terminou, está tudo bem. Podem ir para casa. Amanhã farei minha refeição de costume, e ficarei bem. Lembre-se de me trazer farinha de arroz, pimenta verde, e—“

Velan era muito respeitoso para expressar sua surpresa em voz alta. Mas não conseguiu mais se controlar. “Espera chuva amanhã, senhor?”

“Bem...” Raju pensou por um instante. Que assunto novo é esse que se infiltrou na pauta?” “Quem pode dizer? É a vontade de Deus. Pode ser.” Foi aí que Velan chegou mais perto e contou o que seu irmão tinha dito a eles, e o efeito no povo ao redor. Velan deixou bem claro o que esperavam que o salvador fizesse—entrar na água até a altura dos joelhos, olhar para o céu, e pronunciar orações por duas semanas, em jejum completo nesse período—e, vejam só, as chuvas viriam, desde que o homem do sacrifício tivesse a alma pura, fosse uma grande alma. A região inteira estava agora em uma alegre efervescência, porque uma grande alma havia se disposto a se submeter à provação.

O entusiasmo com que falou levou Raju às lágrimas. Lembrou-se que a pouco tempo atrás ele havia lhes falado sobre tal penitência, seu valor e técnica. Havia sido uma descrição em parte inventada e em parte baseada em relatos tradicionais que ouvira de sua mãe. Havia preenchido um programa inteiro e o ajudado a distrair seu público evitar que pensassem na seca. Havia dito a eles, “Quando chegar a hora, vai dar tudo certo. Até o homem que trará a chuva aparecerá de repente.” Eles interpretaram essas palavras e as aplicaram à presente situação. Sentiu que havia se colocado em uma posição da qual não poderia sair. Não poderia trair sua surpresa. Sentiu que afinal tinha chegado a hora de ser sério—fazer valer suas

próprias palavras. Precisava de tempo—e solidão para refletir sobre tudo. Desceu de seu pedestal; este era o primeiro passo. [85] Aquele bando havia adquirido um encanto, e se permanecesse nele as pessoas não o escutariam como um mortal comum. Agora entendia a enormidade de sua própria criação. Havia criado um gigante com seu ínfimo ser, um trono de autoridade com uma laje de pedra. Deixou o banco de súbito, como se tivesse sido picado por uma vespa, e aproximou-se de Velan. Baixou a voz com humildade verdadeira e medo; com jeito sério. Velan continuava sentado como uma sentinela petrificada.

“Ouça, Velan; é essencial que fique sozinho esta noite. É essencial que fique sozinho amanhã também. Então venham me ver amanhã à noite. Falarei com vocês amanhã à noite. Até lá, nem você nem ninguém devem me visitar.”

Essas frases soaram tão misteriosas e importantes que Velan levantou sem uma palavra. “Vejo o senhor amanhã à noite. Sozinho?”

“Sim, sozinho; completamente sozinho.”

“Muito bem, mestre; deve ter seus motivos. Não cabe a nós perguntar o que ou o porquê. Grandes multidões estarão chegando. Vou por homens ao longo do rio para mandá-los de volta. Será difícil, mas se é uma ordem sua, terá de ser cumprida.” Fez uma reverência solene e partiu. Raju ficou um tempo parado olhando-o ir embora. Entrou em um aposento interno, que usava como quarto, e se deitou. O corpo doía por sentar o dia inteiro; e estava exausto com os vários encontros inesperados. No quarto escuro, quando o barulho dos morcegos esvoaçando ao redor e os sons longínquos do povoado cessaram, fez-se um grande silêncio. Sua mente estava atormentada pelos problemas. Tentou dormir. Passou as próximas três horas afogado em pensamentos entrecortado por pesadelos.

Então esperavam que ele jejuasse por quinze dias com água até os joelhos oito horas por dia? Sentou-se. Arrependeu-se de ter dado a ideia. Havia soado pitoresco. Mas se soubesse que seria aplicada a ele, provavelmente teria dado uma fórmula diferente: que todos

os moradores se associassem para ajudá-lo a comer *bonda* por quinze dias sem parar. Eles que se virassem para manter o suprimento. E daí o santo homem ficaria em pé no rio dois minutos por dia, e isso traria a chuva mais cedo ou mais tarde. Sua mãe costumava dizer, “Se houver um homem bom em qualquer lugar, as chuvas virão por sua causa e para o benefício do mundo inteiro,” citando um poema Tâmil. Ocorreu-lhe que a melhor coisa a fazer seria fugir da situação toda. Poderia sair caminhando, pegar um ônibus em algum lugar, e partir para a cidade, onde não chamaria muito a atenção—só mais um *sadhu*⁶³ barbado, apenas isso. Velan e os outros iriam procurá-lo e concluir que havia desaparecido nos Himalaias. Mas como proceder? Até onde poderia ir? Poderia ser encontrado dentro de meia-hora. Não era uma solução prática. Poderiam arrastá-lo de volta e puni-lo por tê-los feito de bobos. O medo nem era bem esse; talvez estivesse pronto para assumir o risco, se houvesse meia chance de escapar... Mas ficou comovido pela lembrança da enorme multidão de mulheres e crianças tocando seus pés. Ficou comovido ao pensar na sua gratidão. Ascendeu o fogo e preparou sua comida, tomou banho no rio (em um local onde tinha que escavar a areia e esperar cinco minutos para que a água enchesse seu caneco), e engoliu a refeição antes que alguém aparecesse por acaso. Guardou uma reserva de comida, escondida em um recôndito sagrado, para uma segunda refeição à noite. Na hora pensou que se o deixassem sozinho pelo menos durante a noite, poderia dar um jeito e sobreviver à provação. A provação seria então somente ficar com água até os joelhos (se encontrassem água), murmurando a litania por oito horas. (Isso poderia ser convenientemente modificado na prática.) Poderia ficar com câimbras, mas teria que aguentar alguns dias, e então acreditava que a chuva cairia por causas naturais mais cedo ou mais tarde. No que fosse possível, não gostaria de enganá-los totalmente quanto ao jejum.

Quando Velan chegou à noite, confidenciou para ele, “Velan, você tem sido um amigo para mim. Agora precisa me ouvir. O que faz você pensar que posso trazer a chuva?”

“Aquele garoto nos contou. Você não disse isso para ele?”

Raju hesitou sem dar uma resposta direta. Talvez mesmo nessa altura pudesse concertar a coisa toda com uma declaração sincera. Raju hesitou por uns instantes. Por hábito, sua natureza evitava a verdade nua e crua mesmo agora. Respondeu evasivo, “Não é isso que estou perguntando. Quero saber o que o levou a pensar isso de mim.”

Velan piscou desnorteado. Não entendeu direito o que o grande homem queria dizer. Achou que devia ser alguma coisa muito nobre, é claro, mas era incapaz de responder à pergunta. Disse, “Que mais poderíamos fazer?”

“Chegue mais perto. Sente-se e me ouça. Pode dormir aqui. Estou pronto para jejuar pelo seu povo e fazer o que for preciso para ajudar essa região—mas só um santo pode fazer isso. Não sou um santo.” Velan pronunciou vários sons de protesto. Raju realmente lamentou estar destruindo sua fé; mas era o único jeito de escapar da provação. Era uma noite fria. Raju pediu para Velan ir com ele até os degraus do rio. Sentou-se, e Velan sentou em um degrau abaixo. Raju desceu e sentou-se ao seu lado. “Você precisa me escutar, por isso não se afaste, Velan. Preciso falar em seus ouvidos. Tem que prestar atenção no que vou dizer. Não sou um santo, Velan, sou apenas um ser humano comum como todo mundo. Escute minha história. Verá por você mesmo.” O rio escoando em gotinhas não fazia barulho. As folhas secas da figueira de bengala farfalhavam. Um chacal uivou. E a voz de Raju tomou conta da noite. Velan escutava sem pronunciar uma palavra de surpresa, ou interjeição, todo humildade. Apenas parecia um pouco mais sério que o normal, e apareceram rugas de preocupação em seu rosto.

Capítulo 7 [p. 88]

Marco me acolheu como um membro da família. Ao invés de guia turístico, parece que virei uma espécie de guia particular para uma família só. Marco era totalmente imprestável, um homem sem nenhum senso prático. Só o que sabia fazer era copiar coisas antigas e escrever sobre elas. Essa atividade ocupava sua mente por inteiro. Todos os aspectos práticos da vida pareciam impossíveis para ele; coisas simples como procurar comida e abrigo ou comprar uma passagem de trem lhe pareciam tarefas gigantescas. Talvez tenha se casado para ter alguém encarregado da vida prática, mas infelizmente fez uma escolha errada -- essa menina era também ela uma sonhadora de marca maior. Só tinha a ganhar com um marido que tomasse conta de sua carreira; aí é que um sujeito prático como eu teria um valor incalculável. Praticamente abandonei todos meus serviços de rotina para lhes servir.

Ficou mais de um mês na Casa do Monte e eu fui encarregado de todos os seus negócios. Nunca reclamou de nenhuma despesa desde que houvesse um recibo. Eles mantiveram seu quarto no hotel. O carro de Gaffur foi contratado de modo permanente, quase como se Marco fosse o proprietário. O carro fazia no mínimo uma viagem entre a Casa do Monte e a cidade. Joseph cuidava de Marco tão bem que ninguém mais precisava se ocupar dele. Ficou subentendido que eu deveria devotar bastante tempo a ele e sua esposa sem prejuízo de quaisquer outros serviços que tivesse. Ele me pagava uma diária e também deixava que eu fizesse “meus serviços rotineiros”. Os tais serviços rotineiros agora pareciam grande coisa, mas na verdade se reduziam a fazer companhia para Rosie e distraí-la. A cada dois dias visitava o marido. Mostrava-se especialmente solícita para com ele nesta época. Exagerava nos seus cuidados. Fazia todas as suas vontades. Para ele não fazia diferença. Sua mesa era atulhada de anotações e dados, e ele dizia, “Rosie, não chega perto, não quero que você mexa nisso. Aos poucos vou ajeitando.” Nunca me dei ao trabalho de saber exatamente o

que ele fazia. Não era da minha conta. Nem a mulher dele parecia se importar com o trabalho que o marido empreendia. Ela perguntava, “Que tal a comida?” Estava experimentando uma nova técnica com ele, depois do início da nossa intimidade. Arrumava o quarto dele. Falava com Joseph sobre sua comida. Às vezes dizia, “Vou ficar aqui e fazer companhia para você.” E Marco assentia de um jeito casual e distraído. “Tudo bem, se você quiser. Bem, Raju, você fica ou volta?”

Resisti ao impulso de ficar, porque sabia que lá embaixo da montanha a teria só para mim. Seria gentil deixá-los a sós. Então dizia, sem olhar para ele, “Preciso voltar. Tenho outros clientes chegando hoje. Espero que você não se importe.”

“De modo algum. Você é um homem de negócios. Não deveria monopolizá-lo tanto.”

“A que horas precisará do carro amanhã?”

Ele olhava para a mulher e ela dizia apenas, “Amanhã, tão cedo quanto possível.” Ele geralmente dizia, “Traga-me umas folhas de papel carbono, está bem?”

Enquanto o carro descia a montanha, Gaffur me espiava pelo espelho. Era bem mais reservado com ele nessa época. Não queria falatório sobre coisa alguma. Tinha medo de fofoca. Ainda estava sensível para essas coisas e ficava nervoso quando estava a sós com Gaffur e ficava aliviado quando seus comentários se restringiam a automóveis; mas não estava nele falar apenas sobre isso. Começava por automóveis mas logo mudava de assunto. “Você tem que me liberar por uma hora amanhã para ajustar os freios. Afinal são freios mecânicos, você sabe; ainda acho que sejam melhores do que os hidráulicos. Do mesmo jeito que uma esposa velha e sem estudo é melhor do que o novo tipo de mulher. Ah, as jovens modernas são muito atrevidas. Não deixaria minha mulher morar em um quarto de hotel sozinha se tivesse que ficar de plantão no topo de uma montanha!”

O comentário me constrangia e habilmente mudava de assunto. “Você acha que *designers* de carro têm menos experiência que você?”

“Ah, acha que esses engenheiros sabem mais do que eu? [90] Um homem como eu que tem que chutar e empurrar um carro para mantê-lo na estrada tem experiência, pode ter certeza...” Estava salvo; tinha desviado sua atenção de Rosie. Ficava tenso. Meu estado de espírito estava alterado. Nem mesmo isso escapou a Gaffur. Seguidamente ele resmungava quando descíamos a montanha, “Você está ficando presunçoso ultimamente, Raju. Não é mais o amigo que era.” Era verdade. Estava perdendo minha paz de espírito. Rosie não me saía da cabeça. Deleitava-me com as últimas horas passadas junto dela ou então saboreava a expectativa do que faríamos a seguir. Debatia-me com vários problemas. O marido era o menor deles. Era um bom homem, completamente absorto em seu trabalho, provavelmente um sujeito com uma extraordinária aptidão para a confiança. Mas estava ficando nervoso e sensível e tomado por várias formas de ansiedade. Imagine, imagine--imagine? O que? Nem mesmo eu poderia precisar. Estava atormentado pelo medo. Não conseguia nem mesmo organizar direito minhas preocupações. Estava confuso. De repente era tomado por receios, às vezes achava que não tinha cuidado direito da minha amada. Ficava apavorado ao pensar que talvez não tivesse barbeado direito o queixo, e que ela iria passar os dedos até meu lábio superior e me rejeitar. Às vezes me sentia um trapo. A *jibba* de seda e o *dhoti* com renda na bainha eram exagerados ou fora de moda. Estava a ponto de me rejeitar porque não era moderno o suficiente para ela. Este receio me fez correr para o alfaiate e encomendar algumas camisas com bolsos e calças de veludo cotelê; e investir em loções após barba, loções faciais e perfumes de todo tipo. Minhas despesas aumentavam rapidamente. A loja era minha principal fonte de renda, juntamente com as diárias que Marco me pagava. Sabia que deveria conferir as contas da loja com um pouco mais de atenção. Estava deixando coisas demais para o garoto administrar. Minha mãe seguidamente me alertava, sempre que conseguia falar comigo, “Você tem que ficar de olho naquele garoto. Vejo muita gente parasitando em volta da loja. Tem ideia de quanto dinheiro ele está recebendo e do que está acontecendo por lá?”

Em geral dizia para ela que “sabia lidar com essas coisas. Não pense que sou tão descuidado.” E ela me deixava em paz. E então ia para a loja, assumia um tom bem agressivo e conferia as contas. O garoto mostrava algumas contas, algum dinheiro, uma lista do estoque, alguma coisa que precisava para tocar o negócio, e alguns dos seus problemas. Não tinha paciência para escutar seus problemas. Estava ocupado e absorto nos meus pensamentos, então dizia para ele não me perturbar com detalhes insignificantes e dava a impressão (apenas a impressão, e nada além disso) de ser louco por contabilidade.

Ele sempre dizia, “Dois passageiros vieram perguntar pelo senhor.”

Ah, que chateação, quem quer saber de passageiros? “O que eles queriam?” Perguntava com pouco interesse.

“Três dias de passeio turístico, senhor. Foram embora decepcionados.”

Estavam sempre lá. Minha reputação tinha sobrevivido ao meu interesse pelo trabalho. Raju da Ferrovia era um nome consagrado, e peregrinos e viajantes continuavam a procurar sua ajuda. O garoto persistia. “Queriam saber onde o senhor estava.” Isso me fez refletir. Não queria que esse pateta os mandasse para o meu quarto 28 no hotel. Felizmente, ele não sabia. Caso contrário podia ter mandado. “O que devo dizer para eles seu Raju?” Sempre me chamava de “Raju-sir.” Era seu jeito de combinar respeito com intimidade.

Simplesmente respondi, “Diga que estou ocupado; só isso. Não tenho tempo, estou muito ocupado.”

“Posso servir de guia para eles, senhor?” perguntou entusiasmado. Esse sujeito estava agindo com meu sucessor em meus empregos um por um. Só faltava agora pedir permissão para fazer companhia para a moça! Fiquei irritado com seu pedido e perguntei, “Quem vai tomar conta da loja?”

“Tenho um primo. Ele pode dar um cuidar da loja por uma ou duas horas enquanto estiver fora.”

Não consegui pensar em uma resposta. Não conseguia me decidir. A coisa toda era muito irritante. Minha vida antiga, a qual agora não me interessava mais, estava a espreita; minha mãe me confrontando com inúmeros problemas: imposto municipal, as telhas da cozinha precisando de reparos, a loja, contas, cartas da vila, minha saúde, e mais isso e mais aquilo; para mim ela era uma criatura saída de um sonho, murmurando sons vagos; e esse garoto tinha sua própria maneira de me encurralar e me atacar. E além disso Gaffur com seus comentários manhosos e olhares, sempre beirando a fofoca—. Ah, estava cansado disso tudo. Não tinha ânimo para nada. [92] Tinha outras coisas na cabeça. Até minhas finanças pareciam irreais para mim, embora, se me prestasse a dar uma olhada nas minhas economias, mesmo que de relance, notaria que o nível dos depósitos estava baixando. Mas não queria examinar muito de perto desde que o homem atrás do balcão me desse a quantia que eu pedisse. Graças aos hábitos austeros de meu pai, tinha uma conta bancária. A única realidade na minha vida e na minha consciência era Rosie. Todos meus poderes mentais no momento estavam concentrados em mantê-la ao meu alcance, e mantê-la sorrindo o tempo todo, e nenhuma das duas coisas era fácil. Estava assolado pela ideia de que o homem da recepção e os garotos do hotel estavam de olho em mim e falando pelas minhas costas.

Não queria ser visto entrando no quarto 28. Estava ficando constrangido. Adoraria se a arquitetura do prédio pudesse ser alterada de modo que pudesse subir sem que o recepcionista me visse. Tinha certeza de que ele estava anotando o horário da minha chegada com Rosie, e o da minha saída. Sua mente mórbida e perscrutadora, tinha certeza, devia estar investigando todos os detalhes da minha vida atrás das portas fechadas do quarto 28. Não gostava do jeito que me olhava cada vez que passava: não gostava do formato de seus lábios--sabia que estava rindo por dentro de uma piada às minhas custas. Seria ótimo se pudesse ignorá-lo mas era um parceiro antigo, a quem eu devia uma ou outra frase genérica. Ao passar por ele, tentava parecer casual, e parava para dizer, “Sabia que Nehru⁶⁴ vai para Londres?”, ou os novos

impostos vão acabar com qualquer iniciativa,” e ele concordava comigo e explicava alguma coisa, e ficava nisso. Ou discutíamos os planos do governo da Índia sobre turismo ou acomodações hoteleiras, e precisava deixá-lo falar—o pobre sujeito nunca suspeitou o quão pouco eu me importava com turismo ou impostos ou qualquer outra coisa agora. Às vezes considerava a hipótese de trocar de hotel. Mas não era fácil. Tanto Rosie quanto o marido pareciam bastante afeiçoados a esse hotel. Ele era de certo modo avesso a mudanças, embora nunca descesse do alto da montanha, e a garota parecia ter se acostumado com este quarto e com a vista para um bosque de coqueiros lá fora, com gente tirando água da fonte para irrigá-los. Era uma fascinação que nunca consegui entender nem explicar.

Achava difícil entender a mulher de outras maneiras também. Notei que aos poucos ela estava perdendo seu jeito livre e tranquilo dos primeiros dias. Permitia que fizéssemos amor, claro, mas estava começando a demonstrar uma consideração excessiva com seu marido na montanha. No meio de minhas carícias, se desvencilhava de mim de repente e dizia: “Diga para Gaffur trazer o carro. Quero ir vê-lo.”

Não tinha ainda chegado à fase de perder a cabeça e falar duro com ela. Portanto respondia calmamente, “Gaffur só estará aqui a essa hora amanhã. Você recém subiu ontem. Por que quer ir de novo? Ele só te espera amanhã.”

“Está bem,” ela dizia, e ficava pensativa. Não gostava de vê-la daquele jeito, sentada na cama remoendo pensamentos, o cabelo despenteado, o vestido todo amassado. Ela abraçava os joelhos com as mãos.

“O que te preocupa?” tinha que perguntar. “Não vai me contar? Vou te ajudar sempre.”

Ela sacudia a cabeça e dizia, “Afinal de contas, ele é meu marido. Tenho que respeitá-lo. Não posso deixá-lo lá.”

Meu conhecimento sobre mulheres era parco e se reduzia a uma só, por isso não sabia como interpretar suas declarações. Não sabia se ela estava fingindo, se sua atitude de agora era fingimento ou se seu relato de todas as deficiências do marido era falso, só para me seduzir. Era tudo complexo e nebuloso. Tinha que dizer: “Rosie, você sabe perfeitamente que mesmo se Gaffur viesse, não poderíamos subir o monte a esta hora.”

“Está bem, está bem, entendo,” ela respondia e mergulhava em um silêncio misterioso novamente.

“O que te preocupa?”

Ela começava a chorar. “Afinal... Afinal... É certo o que estou fazendo? Afinal ele tem sido tão bom para mim, me dá conforto e liberdade. Que marido no mundo deixaria sua esposa morar sozinha em um hotel, a centenas de quilômetros de distância?”

“Não são centenas, apenas cinquenta e oito,” corrigia. “Quer que eu peça café ou alguma coisa para comer?”

“Não,” dizia logo, mas continuava o fio de seus pensamentos. “Por ser um bom homem ele pode não se importar, mas não é o dever de uma esposa cuidar e ajudar seu marido, qualquer que seja o jeito com que ele a trate?” A última frase era para anular com antecedência qualquer lembrete de minha parte sobre a indiferença do marido para com ela.

Era uma situação confusa. Naturalmente, não podia me intrometer neste assunto: não havia nada que pudesse acrescentar ou subtrair ao que ela dizia. A distância parecia emprestar algum encanto a sua tese no momento. Mas sabia que bastavam algumas poucas horas junto com ele para que descesse a montanha destratando-o da pior maneira, enfurecida. Às vezes desejava honestamente que o homem descesse de suas alturas, e a levasse embora. Isso pelo menos acabaria com essa incerteza de uma vez por todas e me ajudaria a retornar para minhas obrigações na plataforma. Poderia fazer isso agora mesmo. O que me impedia de deixar essa garota em paz? Quanto mais Marco se demorava em seu trabalho, mais espichava essa agonia.

Mas ele parecia prosperar em sua solidão; provavelmente era tudo o que queria na vida. Mas por que não tomava uma atitude em relação à esposa? Um sujeito cego. Às vezes ficava furioso ao pensar nele. Tinha me colocado em uma situação aflitiva. Era forçado a perguntar para ela: “Por que você não fica lá em cima com ele, afinal?”

Ela respondia simplesmente, “Ele passa a noite inteira escrevendo, e— “

“Se ele passa a noite inteira escrevendo, durante o dia você devia conversar com ele,” eu dizia com um ar inocente.

“Mas ele passa o dia todo na caverna!”

“Bem, você pode ir junto e visitá-la também, por que não? Deve interessá-la.”

“Enquanto ele copia, ninguém pode falar com ele.”

“Não fale com ele, mas observe os objetos você mesma. Uma boa esposa deve se interessar por todas as atividades do marido.”

“Verdade,” dizia, e simplesmente suspirava. Essa minha atitude era completamente errada e inexperiente; não levava a lugar algum, apenas a deixava mais ressentida.

*

Seus olhos brilharam com uma nova esperança quando mencionei a dança. Afinal de contas foi a sua arte que eu primeiro admirei; ultimamente, em nosso esforço para viver como amantes, este assunto tão importante foi deixado em segundo plano. Sua alegria em encontrar lojas, cinemas, e carícias a fez esquecer por algum tempo sua obsessão principal. Mas não durou muito. Ela me perguntou uma noite, direto ao ponto, “Você também é como ele?”

“De que maneira?”

“Você também detesta me ver dançar?”

“De jeito nenhum. Por que você diz isso?”

“No início você falava como um grande amante da arte, mas agora esse assunto nunca te ocorre.”

Era verdade. Dei uma desculpa, apertei suas mãos entre as minhas, e jurei solenemente, “farei qualquer coisa por você. Darei a vida para vê-la dançar. Diga-me o que fazer. Eu farei por você.”

Ela se animou. Seus lábios brilharam com um novo fervor com a menção à dança. Então fiquei acordado até tarde com ela, ajudando-a em suas divagações. Havia encontrado a chave de sua afeição e a utilizei ao máximo. Sua arte e seu marido não tinham lugar em seu pensamento ao mesmo tempo; um expulsava o outro.

Ela estava cheia de planos. Às cinco da manhã começaria a treinar e continuaria por três horas. Teria um salão à parte, suficientemente longo e largo para seus movimentos. Sob seus pés seria necessário um tapete grosso, nem muito duro nem muito macio, e que não enrolasse enquanto ensaiasse seus passos. Em um canto da sala haveria uma estátua de bronze de Nataraja⁶⁵, a deusa dos dançarinos, a deusa cuja dança primordial criara as vibrações que puseram os mundos em movimento. Haveria um longo porta-incenso, com bastões de incenso sempre queimando. Após o ensaio matinal, chamaria o motorista.

“Você terá um carro?”

“Obviamente, senão como é que vou andar por aí? Quando tiver tantos compromissos, será necessário ter um carro. Será indispensável, não acha?”

“Com certeza. Vou lembrar disso.”

Então ela passaria uma ou duas horas durante a manhã estudando as antigas obras sobre a arte, *Natya Shastra*⁶⁶ de *Bharat Muni*⁶⁷, de mil anos atrás, e vários outros livros, porque sem um estudo adequado dos métodos antigos seria impossível [p. 96] manter a pureza das formas clássicas. Todos os livros estavam na casa de seu tio, e ela ia escrever pedindo que ele os enviasse quando necessário. Ela também ia querer um *pundit*⁶⁸ para ajudá-la a interpretar os textos, que eram escritos em um estilo sintetizado e arcaico. “Você me arranja um *pundit* em Sânscrito?” perguntou.

“Claro que arranjo, há muitos por aí.”

“Também vou querer que ele leia para mim episódios do *Ramayana* e do *Mahabharata*⁶⁹, porque são um baú do tesouro, e podemos tirar deles tantas ideias para novas composições.

Um curto descanso depois do almoço; e às três horas ela ia sair e fazer compras, e dar um passeio e voltar para casa ao anoitecer ou ir ao cinema, a não ser, é claro, que houvesse uma apresentação à noite. Se houvesse uma apresentação, ela gostaria de descansar até as três da tarde e chegar ao teatro somente meia hora antes do espetáculo. “Seria o suficiente porque já teria feito a maquilagem e me vestido antes de sair de casa.”

Pensava em todos os detalhes, e sonhava com isso dia e noite. Sua necessidade mais imediata seria um grupo de bateristas e músicos para acompanhá-la no ensaio matinal. Quando estivesse pronta para enfrentar o público, me avisaria e então eu arranjaria suas apresentações públicas. Sentia-me desnorteado com seu entusiasmo. Gostaria de pelo menos conseguir acompanhar sua linguagem. Senti que deveria aprender e cultivar o jargão indispensável o quanto antes. Sentia-me um tolo por assisti-la e ouvi-la sem ter nada para dizer. Havia, claro, duas atitudes a tomar: fazer de conta que entendia e confiar na sorte ou abrir o jogo. Fiquei escutando ela falar por dois dias e finalmente confessei, “sou um leigo, não sei muito sobre os detalhes técnicos da dança; gostaria que você me ensinasse alguma coisa.”

Não queria que ela interpretasse o desabafo como uma aversão da minha parte pela arte. Isto poderia empurrá-la de volta aos braços do marido, por isso fiz questão de enfatizar minha paixão pela arte. Minhas palavras levaram a uma intimidade renovada. Este interesse em comum nos aproximou mais. Onde quer que estivéssemos ela me falava sobre as várias sutilezas da arte, seus detalhes técnicos, e explicava o jargão como se eu fosse uma criança. Parecia prestar cada vez menos atenção aos lugares por onde andávamos. Ao nos

acomodarmos no carro de Gaffur ela disse, “você sabe o que é *pallavi*⁷⁰? O esquema temporal é o que realmente importa. Não se segue sempre o estilo simples de um-dois, um-dois; há outros elementos intercalados, e em ritmos diferentes.” Ela cantarolava as sílabas, “Ta-ka-ta-ki-ta, Ta-ka.” Eu ria. “Você sabe, encaixar o movimento dos pés exatamente nessas cinco ou sete batidas requer muita prática, e quando o ritmo varia...” Esse tipo de coisa era algo que Gaffur podia ouvir sem problemas, quando subíamos a montanha, quando saíamos de uma loja, quando íamos ao cinema. No meio de um filme, ela exclamou de repente, “meu tio tem guardada uma canção muito antiga, em uma folha de palmeira. Ninguém a conhece. Minha mãe era a única pessoa no país inteiro que conhecia a canção e sabia dançá-la. Eu também vou conseguir aquela canção com meu tio. Vou te mostrar como é. Vamos voltar para o quarto? Não quero mais ver esse filme. É sem-graça.

Voltamos imediatamente para o quarto 28, onde me pediu para ficar sentado, e foi para a antessala, e voltou com o vestido dobrado e esticado para a apresentação. Disse, “Vou mostrar como é. Claro, não estou fazendo isso nas melhores condições. Precisaria de pelo menos um baterista... Arrede aquela cadeira, e sente na cama. Preciso de espaço.”

Ficou em pé no final do corredor e cantou a canção com leveza, em uma voz baixa suave, uma canção tirada de uma antiga composição em sânscrito sobre um jovem e sua amada nas margens do Jamuna⁷¹; e começou com tal entusiasmo que quando ela ergueu e baixou o pé um pouquinho, tinindo as tornozelas, fiquei eletrizado. Embora fosse um ignorante, me emocionei com os movimentos, ritmo e batida, apesar de não entender direito o significado das palavras. Volta e meia ela parava para explicar: “*Nari* quer dizer garota—e *mani* é uma joia... A frase inteira quer dizer: “É impossível para mim carregar este fardo de amor em que você me sufoca.” Ela ofegava ao explicar. Havia gotas de suor em sua testa e lábios. Dançou mais uns passos, fez uma pausa e explicou, “Amante sempre quer dizer Deus,” e se deu ao trabalho de dar mais explicações sobre as complexidades do ritmo. O chão

retumbava com as batidas de seus pés. Temi que os ocupantes do andar de baixo nos pedissem para parar, mas ela nem ligava, nunca se preocupava com nada. Pude ver, através de seu esforço, a grandeza da composição, seu simbolismo, a infância de um deus muito jovem e sua realização no casamento, a passagem dos anos da juventude à decadência, mas mantendo no coração o frescor de um lótus⁷² em um lago. Quando imitava o lótus com os dedos, você quase ouvia o reverberar das águas ao redor. Continuou com a apresentação por quase uma hora; o que me dava o maior prazer do mundo. Podia honestamente declarar que ao ouvir sua apresentação, minha mente, pelo menos naquela hora, ficava livre de todos os pensamentos carniais; eu a via como pura abstração. Ela me fazia esquecer onde estava. Ficava sentado de boca aberta admirando-a. Subitamente ela parou e se jogou em cima de mim com todo seu peso “Você é um amor. Está me dando nova chance na vida.”

*

Da próxima vez que subimos a montanha nossa estratégia estava pronta. Iria deixá-la lá e voltaria para a cidade. Ela ficaria por dois dias, enfrentaria o isolamento e a irritação e falaria com o marido. Era imperativo que antes de darmos qualquer passo adiante ela esclarecesse tudo com o marido. Conversaria com ele por dois dias. Então eu subiria e encontraria com eles, e então combinaríamos as próximas fases do plano para sua carreira. De súbito, tornou-se bastante otimista a respeito do marido, e frequentemente se debruçava sobre mim para sussurrar, “Acho que ele vai concordar com nossa proposta,” de modo que Gaffur não ficasse sabendo, ou desse asas a pensamentos fantasiosos. “Ele não é mau. É tudo encenação. Só faz de conta que não está interessado. Não diga nada a ele. É melhor que só eu fale. Deixe ele comigo.” E assim ela falava até chegarmos ao topo. “Ah, olha aqueles pássaros! Que cores! Sabe, tem uma pequena composição sobre um papagaio no braço de uma donzela. Vou dançar para você uma hora dessas.”

Ele exibia um bom humor inacreditável. Cumprimentou a esposa com uma ternura jamais vista. “Sabe que há uma terceira caverna; uma espécie de câmara leva até ela. Raspei a camada de cal, e lá estava um afresco completo de notação musical em figuras simbólicas. O estilo é do século quinto. Estou intrigado a respeito desta enorme diferença de época,” disse ele, cumprimentando-nos na varanda mesmo. Havia trazido uma cadeira e estava olhando o vale, com papéis no colo. Ergueu no ar sua última descoberta. Sua esposa olhou-a com o devido êxtase e exclamou, “Notações musicais! Que coisas maravilhosas! Prometa que vai me levar para vê-las!”

“Está bem, venha comigo amanhã de manhã. Vou explicar para você.

“Ah, ótimo! E ela exclamou, com uma voz bastante afetada,”Vou tentar cantá-las para você.”

“Duvido que consiga. É mais difícil do que você pensa.”

Parecia agitada e ansiosa para agradá-lo. Não era bom sinal. De certo modo essa animação toda não me agradava. Ele se virou para mim e perguntou, “E você, Raju? Gostaria de ver minha descoberta?”

“Claro, mas tenho que voltar para a cidade tão logo quanto possível. Só vim trazer a senhora, porque ela estava tão ansiosa; e para ver se o senhor precisa de alguma coisa e saber se está tudo a seu contento.”

“Ah, perfeito, perfeito! exclamou.”Aquele Joseph é um homem maravilhoso. Não o vejo, não o ouço, mas faz tudo para mim na hora certa. É assim que eu gosto, você sabe. Anda com rodinha nos pés, eu acho.”

Foi o que pensei quando vi a demonstração de Rosie no quarto do hotel, todos seus movimentos tão contrários aos fatos sólidos como músculos e ossos, paredes e chão.

Marco continuou elogiando Joseph. “Jamais poderei lhe agradecer o bastante por ter encontrado este lugar e um homem como Joseph. Ele é realmente uma maravilha. Que pena que esteja desperdiçando seu talento neste topo de montanha!”

“Você é muito generoso,” disse. “Certamente ele ficará exultante em ouvir sua opinião.”

“Ah, eu lhe disse isso sem reservas. Também o convidei para juntar-se a minha família quando quiser se resolver ir morar na planície.”

Estava excepcionalmente falante e cordial. Sua índole se iluminava com a solidão e afrescos de caverna. Quão feliz ele teria sido, pensei, se tivesse Joseph por esposa! Minha mente se ocupava desses pensamentos enquanto ele falava. Rosie se portou como uma boa esposa, dizendo, “espero que tenha comida, e tudo esteja em ordem. Se tiver leite, devo fazer café para vocês? Correu para dentro e voltou dizendo, “Tem leite sim. Vou fazer café para todos. Não leva mais que cinco minutos.”

[p.100] Por alguma razão, eu não estava nem um pouco tranquilo hoje. Trazia a mente tensa e ansiosa. Estava apreensivo sobre o que ele iria dizer para Rosie e com medo que a magoasse. Também, ao mesmo tempo, com medo de que se ele fosse gentil demais, ela não me desse mais atenção. Queira que fosse bom para ela, ouvisse suas propostas, e ainda assim, a deixasse sob meus cuidados! Não há combinação de circunstâncias fantasiosas mais impossíveis!

Enquanto Rosie se ocupava do café lá dentro, ele trouxe outra cadeira para mim. “Sempre trabalho aqui,” disse ele. Senti que homenageava o vale com sua condescendência. Pegou um maço de folhas de um álbum, e algumas fotografias. Havia feito extensas anotações sobre todas as pinturas da caverna. Preenchera folha após folha com descrições, transcrições e coisas assim. Eram obscuras, porém li até o fim fingindo interesse. Gostaria de fazer perguntas sobre o que significavam, mas novamente me calei, pois não conhecia a linguagem.

Gostaria de ter frequentado uma escola que ensinasse palavras difíceis; isto teria me tornado capaz de falar com qualquer pessoa em pé de igualdade. Ninguém dava ouvidos a minha alegação de ignorância nem se dava ao trabalho de me ensinar, como Rosie. Eu o escutava. Ele lançava datas, evidências, generalizações e descrições de uma variedade de pinturas e entalhes. Não ousava perguntar qual era a utilidade prática tudo aquilo que estava fazendo. Quando chegou o café, trazido por Rosie em uma bandeja (ela deslizou pela sala suavemente, como se para mostrar que podia competir com os passos de Joseph; me assustei quando pôs as xícaras embaixo do meu nariz), ele disse, “Quando isto for publicado, vai mudar todas nossas ideias atuais sobre a história da civilização. Certamente vou mencionar no livro minha dívida com você por descobrir este lugar.”

*

Dois dias mais tarde estava lá de novo. Fui ao meio-dia, horário em que tinha certeza de que Marco estaria na caverna, de modo que ficaria a sós com Rosie por alguns momentos. Eles não estavam no bangalô. Joseph estava lá, preparando a refeição do meio-dia no quarto dos fundos. Disse, “Eles desceram e não voltaram ainda.”

Olhei para o rosto de Joseph procurando um sinal de como andavam as coisas. Mas ele pareceu evasivo. Perguntei alegremente, “Como vão as coisas, Joseph?”

[p. 101] “Muito bem, senhor.”

“Aquele homem o tem em ótima consideração!” disse para agradá-lo.

Mas ele não se comoveu. “E daí! Faço apenas a minha obrigação. Na minha profissão, uns me detestam, outros me adoram, mas não me importo com quem diz o quê. Mês passado teve um grupo que queria me agredir porque disse que não podia agenciar garotas para eles, mas acha que me intimidei? Mandei que fossem embora na manhã seguinte. Esse é um lugar para as pessoas morarem. Eu proporciono todo o conforto de bom grado. Às vezes custa oito annas para conseguir uma panela de água, e tenho que mandar latas e panelas por qualquer

ônibus ou caminhão que desça a montanha, e esperar que voltem--mas os hóspedes nem desconfiam da dificuldade. Não é para eles ficarem sabendo. A minha parte é providenciar as coisas, a deles é pagar a conta. Que isso fique bem claro. Eu cumpro com minha obrigação e eles têm que cumprir com a deles. Mas se me tomarem por um cafetão, fico muito furioso.”

“Certamente, ninguém ia gostar disso,” disse, só para interromper o monólogo. “Espero que esse homem não incomode você de jeito nenhum.”

“Ah, não, ele é um doce. Um bom homem; seria ainda melhor se sua esposa o deixasse em paz. Estava tão feliz sem ela. Por que você a trouxe de volta? Ela me parece ser muito chata e irritante.”

“Muito bem, vou levá-la e deixar o homem em paz,” disse, me dirigindo à caverna. A trilha na grama estava lisa e branca com as pisadas de Marco. Passei pelo mato e estava atravessando uma faixa de areia quando dei com ele vindo na direção oposta. Usava roupas pesadas como de costume, balançando o portfólio na mão. Rosie seguia uns passos atrás. Não pude ler nada em seus rostos.

“Olá!” exclamei jovialmente, olhando para ele. Ele olhou para mim, parou, abriu a boca para dizer alguma coisa, engoliu as palavras, pôs-se de lado para me evitar, e retomou a caminhada. Rosie seguiu como se estivesse sonâmbula. Nem mesmo se virou para me ver. Segui logo atrás de Rosie, e entramos no bangalô em uma espécie de caravana. Achei que o melhor seria seguir seu exemplo de silêncio, e aparentar tão carrancudo e mal-humorado quanto eles. Combinaria bem com o grupo.

[102] De cima da varanda ele se virou para falar conosco. Disse, “Nenhum de vocês dois precisa entrar.” Foi direto para seu quarto e fechou a porta.

Joseph apareceu na porta da cozinha, secando um prato. “Estou esperando instruções para o jantar.”

Sem uma palavra, Rosie subiu os degraus, passou pela varanda, abriu a porta do quarto dele, entrou e fechou a porta. Esse silêncio absoluto estava me dando nos nervos. Era totalmente imprevisível e não sabia como reagir. Pensei que ele fosse brigar conosco, ou discutir, ou fazer alguma coisa. Mas esse comportamento me desconcertava.

Gaffur apareceu mordiscando um talo entre os dentes para perguntar, “Que horas vamos descer?”

Sabia que não era por isso que tinha aparecido, mas para ver a cena. Devia estar fazendo tempo bisbilhotando com Joseph; e eles devem ter reunido informações sobre a garota. Eu disse, “Por que a pressa, Gaffur?” e acrescentei amargo, “Já que podem ficar e assistir um belo show.”

Ele chegou perto de mim e disse, “Raju, isso não vai acabar bem. Vamos dar o fora. Deixe-os em paz. Afinal, são marido e mulher; vão acabar se entendendo. Vamos lá! Volta para teu trabalho normal. Você era tão feliz e despreocupado!”

Não tive resposta. Era um conselho sensato. Mesmo naquele momento, tudo teria sido diferente se Deus tivesse me dado o tino para seguir o conselho de Gaffur. Teria ido embora tranquilamente, deixando que Rosie resolvesse seus problemas com o marido. Teria evitado muitas reviravoltas em minha vida. Disse para Gaffur, “Espere perto do carro, eu chamo você,” mantendo um tom de voz calmo.

Gaffur foi embora, resmungando. Logo em seguida ouvi a buzina—igual aos motoristas de ônibus enfurecidos quando seus passageiros param em uma lanchonete de beira da estrada. Resolvi ignorá-lo. Vi a porta do outro lado abrir-se. Marco apareceu na varanda da frente e disse, “Motorista, está pronto para partir?”

“Sim senhor.” disse Gaffur.

“Muito bem,” disse o homem. Pegou suas coisas e caminhou em direção ao carro. Eu o vi através da janela de vidro da sala. Não entendi. Tentei atravessar a sala e sair pela porta,

mas estava trancada. Rapidamente voltei, desci as escadas correndo, e fiz a volta até o carro de Gaffur. Marco já estava no seu banco. Gaffur ainda não tinha dado a partida. Estava com medo de perguntar pelos outros, mas ganhava tempo procurando a chave. Deve ter se surpreendido com o efeito de sua buzina. Sabe-se lá por que ele fez isso; talvez estivesse testando ou brincando à toa ou querendo lembrar a todos que o tempo estava passando.

“Aonde você vai?” Perguntei a Marco, tomando coragem e enfiando a cabeça dentro do carro.

“Vou ao hotel fechar a conta.”

“Como assim?” perguntei.

Ele me olhou de cima a baixo, feroz. “Não devo explicações. Aluguei um quarto e vou pagar a conta; só isso. Motorista, pode me apresentar sua conta de uma vez. Tenha um recibo em mãos para receber o pagamento.”

“Não vem ninguém mais?” arriscou Gaffur, olhando na direção do bangalô.

O homem simplesmente disse “Não,” e acrescentou, “se vier alguém mais, eu saio”.

“Motorista,” disse com um súbito tom de autoridade. Gaffur ficou surpreso quando o chamei de motorista. “Leve este homem onde quer que ele queira ir e me devolva o carro amanhã -- e acerte todas suas contas com ele. Abra uma conta separada para as minhas viagens.” Poderia ter feito uma demonstração de arrogância ainda maior dizendo que tinha trazido o carro para meu próprio uso etc., mas achei que não precisava. Ao observar Marco, sem que me desse conta, tive um impulso repentino. Abri a porta do carro e puxei-o para fora.

Apesar do capacete e óculos pesados, ele era frágil—raspagem de frisos e visitas a cavernas em excesso o tinham emagrecido. “O quê?” Você está tentando me coagir?” gritou.

“Quero falar com você. Quero que você fale. Não pode simplesmente ir embora desse jeito.” Vi que ele arfava. Fiquei mais calmo e disse, suavizando o tom, “Entre e faça sua refeição e diga o que pensa. Vamos conversar, discutir a situação, e depois [104] faça o que

quiser. Não pode abandonar uma esposa neste lugar e ir embora.” Olhei para Gaffur e disse, “Você não está com pressa, está?”

“Não, não. Vá comer e volte, senhor, tem tempo de sobra.”

“Vou pedir a Joseph para trazer sua comida,” acrescentei. Arrependi-me de não ter tomado as rédeas da situação antes.

“Quem é você?” Marco perguntou de repente. “O que você tem a ver comigo?”

“Muito. Ajudei você. Dediquei meu tempo aos seus interesses. Assumi muitas responsabilidades por você, estas últimas semanas.”

“Esteja dispensado do serviço a partir desse minuto,” exclamou. “Vamos acertar as contas agora e não me incomode mais.” Mesmo em seu estado mais alterado e agitado ele não esquecia seus recibos.

Eu disse, “Não seria melhor ver isso com calma, sentar e fazer os cálculos? Tenho comigo um dinheiro que você me deu antes.”

“Está bem.” resmungou ele. “Vamos acabar logo com isso e depois suma da minha vista.”

“Sem problemas,” disse. “Mas veja bem, esse bangalô tem duas suítes e posso perfeitamente alugar uma delas.”

Joseph apareceu nos degraus. “Vocês vão querer jantar hoje à noite?”

“Não,” disse ele.

“Sim, talvez,” disse eu. “Pode ir embora Joseph, se estiver com pressa. Se ficar, mando chamá-lo. Abra a outra suíte ponha a conta no meu nome.”

“Sim, senhor.” Ele destrancou outra porta e entrou a passos largos, como se fosse o proprietário. Deixei a porta aberta. O quarto era meu e era livre para deixar a porta aberta se achasse melhor.

Olhei pela janela. Os raios de sol ao oeste douravam o topo das árvores. Era uma vista de tirar o fôlego. Gostaria que Rosie pudesse vê-la. Ela estava lá dentro. Eu tinha perdido o direito de entrar no quarto deles. Sentei na cadeira de madeira na minha suíte e fiquei pensando sobre o que fazer. O que era mesmo que tinha feito agora? Não tinha nenhum plano claro. Tinha sem dúvida sido bem sucedido em tirá-lo do carro. Mas não deu em nada. Saiu e se trancou em seu quarto, e eu no meu. Se o tivesse deixado partir, poderia pelo menos ter tido a chance de convencer Rosie a falar a seu respeito. Agora tinha estragado tudo. Será que deveria sair e pedir a Gaffur para tocar a buzina de novo para que o homem desentocasse do quarto?

Assim passou meia hora. Não havia nem sinal de fala ou movimento. Saí do quarto na ponta dos pés. Fui até a cozinha. Joseph tinha ido embora. Levantei a tampa das panelas. Tinha comida. Pelo jeito ninguém havia comido. Só deus sabe o quanto estavam famintos. Subitamente fiquei com pena do homem. Rosie já devia ter desmaiado. Ela tinha o hábito de pedir alguma coisa para comer a cada duas horas. No hotel eu seguidamente pedia uma bandeja para ela; se estivéssemos na rua, toda hora eu parava para comprar uma fruta ou um refresco. Agora a pobre garota devia estar exausta, ainda mais com a caminhada de ida e volta até a caverna. De repente fiquei furioso ao pensar nela. Por que ela não comia ou falava comigo claramente em vez de se comportar como uma surda-muda? Será que um monstro tinha cortado sua língua? Cogitei com espanto genuíno. Pus a comida nos pratos, pus os pratos em uma bandeja, fui até a porta. Hesitei por um segundo--só por um segundo; se hesitasse mais, sabia que jamais entraria. Empurrei a porta com o pé. Rosie estava deitada na cama com os olhos fechados. (Estaria desmaiada? Supus por um segundo.) Nunca a tinha visto em estado tão lamentável antes. Ele estava sentado em sua cadeira, cotovelos na mesa, segurando o queixo. Nunca o tinha visto tão alheio antes. Senti pena dele. Me senti culpado. Por que não tinha ficado de fora dessa história? Larguei a bandeja na sua frente.

“Parece que andaram esquecendo de comer hoje. Quando se está aflito, não é motivo para deixar de comer.”

Rosie abriu os olhos. Estavam inchados. Tinha olhos grandes e vivos, mas agora pareciam ter dobrado de tamanho, e estavam arregalados, opacos e vermelhos, de meter medo. Estava o quadro da dor. Sentou-se e disse numa voz grossa e rouca, “Não perca mais tempo conosco. Volte. É tudo que tenho a dizer.” A voz tremia um pouco. “Estou falando sério. Deixe-nos agora.”

O que deu nesta mulher? Estava em conluio com o marido? Ela tinha toda a autoridade para me mandar embora. [106] Provavelmente estava arrependida de sua insensatez por ter me dado esperanças. Tudo que pude responder foi, “Primeiro, você precisa comer. Por que razão está jejuando?”

Ela simplesmente repetiu, “Quero que vá embora. Está ouvindo?”

Perdi as forças e me acovardei com seu tom. Murmurei, “Quero dizer, você está--ou ele pode querer descer, então—“

Ela estalou a língua com nojo. “Não entende? Queremos que vá embora.”

Fiquei irritado. Essa mulher que tinha estado nos meus braços quarenta e oito horas atrás estava se exibindo. Várias comentários insultuosos e incriminadores me ocorreram. Mas mesmo naquele estresse tive o bom senso de engolir as palavras, e, sentindo que seria perigoso me deixar ficar ali por mais tempo, dei meia volta e andei rapidamente até o carro. “Vamos, Gaffur.”

“Só um passageiro?”

“Sim.” Bati a porta e sentei.

“E eles?”

“Não sei. Melhor acertar com eles mais tarde.”

“Se tiver que vir aqui de novo para falar com eles, quem paga a tarifa da viagem?”

Fiz uma cara feia. “Anda, homem. Você pode acertar depois.”

Gaffur sentou no carro com um ar de filósofo, e deu a partida. Tinha a esperança, ao me virar, que ela estivesse me olhando da janela. Mas não tive essa sorte. O carro ganhava velocidade. Gaffur disse, “Está na hora de seus parentes mais velhos encontrarem uma noiva para você.” Não disse nada em resposta, e sua voz soou quase no escuro, “Raju, sou mais velho que você. Acho que foi a melhor coisa que você fez. Será mais feliz daqui por diante.”

*

[107]A profecia do Gaffur não se concretizou nos próximos dias. Não lembro de período mais infeliz em minha vida. Os sintomas de sempre estavam presentes, é claro: sem apetite, sem sono tranquilo, sem paradeiro (não conseguia ficar quieto em um lugar), sem paz de espírito, sem calma, sem jeito para falar—sem, sem, sem, muitos sem. Retomei meus afazeres normais com todo o empenho. Mas tudo parecia tão irreal. Dispensei o garoto da loja, ficava sentado lá e servia os fregueses e recebia o dinheiro, mas sempre com a impressão de que era uma ocupação tola. Andava para cima e para baixo na plataforma quando o trem chegava. Claro que sempre podia pegar alguém para mostrar a cidade.

“Você é o Raju da Ferrovia?”

“Sou,” e daí o pai de família gordo, esposa, e dois filhos.

“É que estamos vindo de ... e Fulano de Tal disse que você é a pessoa certa para nos ajudar... Veja bem, minha esposa está louca para tomar um banho sagrado na fonte do Sarayu e eu gostaria de visitar uma reserva de elefantes, e qualquer outra coisa que você sugerir será muito bem-vinda. Mas lembre-se, somente três dias. Não consegui nem mesmo uma hora de licença a mais; tenho que estar no escritório as...”

Mal prestava atenção no que eles diziam. Sabia de cor todas suas falas; prestava atenção somente no tempo disponível, e no quanto podiam desembolsar. Nem mesmo isto me interessava de verdade. Era mais mecânico que intencional. Chamava Gaffur, sentava no

banco da frente, ciceroneava o grupo. Ao passar pelo Distrito Novo, apontava, sem mesmo virar a cabeça, “Sir Frederick Lawley⁷³.” Quando passávamos pela estátua, sabia exatamente a pergunta que ouviria, “De quem é essa estátua?” e sabia quando a próxima pergunta estava vindo e tinha a resposta pronta, “O homem que Robert Clive⁷⁴ encarregou de administrar o distrito. Construiu todos os tanques e represas e desenvolveu este distrito. Um bom homem. Por isso a estátua.” No templo de Iswara, datado do século X, na rua Vinayak,⁷⁵ recitava a descrição do friso na parede: “Se você olhar de perto, vão ver o épico Ramayana inteiro entalhado ao longo da parede,” e assim por diante. Levei-os à fonte do Sarayu nos cumes enevoadas do Monte Mempi, assistia a senhora mergulhar na bacia, o homem dizendo que não queria e logo seguindo o exemplo da mulher. Então os levava para o santuário interno, mostrava a antiga imagem de pedra no pilar, com Shiva⁷⁶ absorvendo o rio Ganges em seus cabelos emaranhados...

Pegava meu pagamento, e a comissão de Gaffur e tudo mais, e os levava na estação no dia seguinte. [108] Fazia isso tudo mecanicamente, sem prazer. Estava, é claro, pensando em Rosie o tempo todo. “Aquele homem provavelmente matou-a de fome, enlouqueceu-a, ou deixou-a ao relento para ser devorada pelos tigres,” dizia comigo mesmo. Andava perdido e desesperançado e minha mãe tentava descobrir por quê. Ela perguntava, “O que há de errado com você?”

“Nada,” respondia. Minha mãe estava tão pouco habituada a me ver em casa que ficava surpresa e perturbada. Mas me deixava em paz. Eu comia, dormia, perambulava pela plataforma da estação, ciceroneava os turistas, mas nunca estava em paz comigo mesmo. Minha mente estava agitada o tempo todo. Era uma obsessão natural. Não sabia nem o que havia acontecido, o que todo aquele silêncio e calma anormal significava. Havia sido um desfecho totalmente inesperado. Do modo que havia visualizado, que havia imaginado do meu jeito sonhador otimista, ele me mostraria a esposa e diria, “Estou satisfeito que você

queira tomar conta dela e de sua arte; gostaria de ter tranquilidade para me dedicar ao estudo da caverna; você é um bom sujeito, é muita bondade sua fazer isso por nós.” Ou, por outro lado, ele poderia ter arregaçado as mangas e me expulsado—uma coisa ou outra, mas nunca imaginei este tipo de impasse. E pior, a garota apoiando-o com tal fúria. Estava estarecido com a duplicidade de seu coração. Me martirizava sem parar, juntando os dados e lendo seus significados. Deliberadamente evitava tocar no assunto com Gaffur. Ele respeitava meus sentimentos e nunca mencionou nada, ainda assim a cada dia eu esperava ansiosamente que dissesse alguma coisa sobre eles. Alguns dias, quando precisava dele, não estava disponível. Nessas ocasiões sabia que ele devia ter ido a Casa do Monte. Evitava chegar perto do Anand Bhavan. Se algum dos meus clientes quisesse um hotel, agora eu os mandava para o Taj. Não precisava me preocupar com eles sem necessidade. Marco tinha dito que fecharia a conta pessoalmente--bem, você pode estar certo que ele o fez. A mim cabia ir lá apenas para pegar uma comissão, assim como fazia com Gaffur. Mas estava pronto para abrir mão de tudo. Não tinha disposição de ânimo para ganhar dinheiro. No mundo de trevas em que estava mergulhado não havia lugar para dinheiro. Deve ter havido algum dinheiro, imagino, em algum lugar. Minha mãe conseguia manter a casa como sempre, e a loja continuava existindo. Sabia que Gaffur também tinha recebido seu pagamento. Mas ele nunca disse uma palavra sobre isso. Tanto melhor. Não queria ser lembrado da vida que se foi.

Havia me acostumado tanto com aquela existência romântica e glamourosa que me sentia enfastiado e assustado com o tédio da vida normal.. Aos poucos, ciceronear turistas tornou-se uma grande chateação. Comecei a evitar a estação ferroviária. Deixava o filho do carregador recepcionar os turistas. Ele já tinha tentado o serviço antes. Claro, é possível que os turistas sentissem saudades da minha conversa e descrições, mas ultimamente andava sem graça, e agora provavelmente preferiam o garoto, já que este era no mínimo tão curioso e

interessado em ver os lugares quanto eles. Talvez já estivesse começando a responder pelo nome de Raju da Ferroviária também.

Quantos dias se passaram assim? Só trinta, embora a mim pareçam anos. Uma tarde, estava deitado no chão de minha casa; semiacordado porque notei a partida do correio para Madras às quatro e meia. Quando o chug-chug do trem cessou, tentei dormir novamente, tendo sido perturbado por sua chegada barulhenta. Minha mãe apareceu e disse, “Tem alguém perguntando por você.” Não esperou por perguntas, mas entrou na cozinha.

Levantei e fui até a porta. Lá estava Rosie na entrada, com uma mala aos seus pés e uma bolsa embaixo do braço. “Rosie, por que você não disse que viria? Entre, entre. Por que ficar parada aí? Aquela era só a minha mãe.” Carreguei sua mala para dentro. Podia adivinhar muita coisa sobre ela. Não queria fazer muitas perguntas. Não queria saber nada. Andava em volta dela, de um lado para outro, perdi completamente a cabeça. “Mãe!” gritei, “Aqui está Rosie! Ela vai se hospedar em nossa casa.”

Minha mãe veio da cozinha formalmente, deu um sorriso de boas-vindas, e disse, “Sente-se no tapete. Qual é o seu nome?” perguntou educadamente, e foi pega de surpresa ao ouvir o nome “Rosie.” Esperava um nome mais ortodoxo. Pareceu aflita por um momento, imaginando como iria hospedar uma “Rosie” em sua casa.

Fiquei em pé, sem jeito. Não tinha me barbeado desde a manhã; não tinha me penteado; meu *dhoti* estava desbotado e amarrotado; a camisa que vestia tinha vários furos nas costas e no peito. [110] Cruzei os braços sobre o peito para esconder os buracos. Não teria causado pior impressão mesmo que tivesse me esforçado. Fiquei com vergonha do tapete rasgado--estava lá desde que a casa foi construída--a sala escura com paredes e ladrilhos sujos de fumaça. Todo o trabalho que tinha feito para impressioná-la foi por terra em um instante. Se ela se desse conta que este era meu ambiente natural, só Deus sabe como reagiria. Estava feliz por pelo menos estar vestindo minha camisa rasgada em vez de estar com o torso nu,

como era meu costume em casa. Minha mãe raramente notava os pelos em meu peito, mas Rosie, oh—

Minha mãe estava ocupada na cozinha, mas deu um jeito de sair por um momento para cumprir a formalidade de receber um hóspede. Um hóspede é um hóspede, mesmo que seja uma Rosie. Por isso minha mãe apareceu e sentou-se no tapete como quem se acomoda para um bate-papo. A primeiríssima pergunta que ela fez foi, “Quem veio com você, Rosie?” Rosie corou, hesitou, e olhou para mim. Dei uns passos para trás para que ela me visse apenas indistintamente, e não notasse meu desmazelo.

Respondi, “Acho que ela veio sozinha, mãe.”

Minha mãe estava atônita. “Garotas hoje em dia! Como vocês são corajosas! No meu tempo, a gente não ia nem até a esquina desacompanhada. E eu fui ao mercado só uma vez na minha vida, quando o pai de Raju estava vivo.”

Rosie piscou e ouviu em silêncio, sem saber como reagir a essas palavras. Simplesmente abriu bem os olhos e ergueu as sobrancelhas. Eu a observava. Parecia um pouco mais pálida e levemente ansiosa--não o monstro de olhos inchados e tom grosseiro daquele outro dia. Seu tom estava doce como sempre. Parecia levemente fraca, mas como se não tivesse nenhuma preocupação neste mundo. Minha mãe disse, “A água está fervendo, vou trazer café Você gosta de café?” Fiquei aliviado porque a conversa tomou um tom ameno. Tive esperança que minha mãe continuasse a falar sobre si mesma em vez de fazer perguntas. Mas não era para ser. Perguntou em seguida, “De onde você vem?”

“De Madras.” Respondi prontamente.

“O que a trouxe aqui?”

“Ela veio visitar uns amigos.”

“Você é casada?”

“Não,” respondi prontamente. [111]

Minha me olhou. Parecia querer dizer alguma coisa. Rapidamente desviou o olhar, e, dirigindo-se gentilmente a visita, perguntou, “Você não entende Tâmil?”

Percebi que devia ficar calado agora. Deixei que Rosie respondesse em Tâmil, “Sim, é a nossa língua em casa.”

“Quem mais mora na sua casa?”

“Meu tio, minha tia, e—” Sua voz foi sumindo, e minha mãe atirou a próxima terrível pergunta. “Como se chama seu pai?”

Era uma pergunta apavorante para a garota. Ela conhecia somente sua mãe e sempre falava nela. Nunca a questioneei sobre isso. A garota ficou em silêncio por um momento e disse, “Eu... não tenho pai.”

Minha mãe ficou imediatamente muito pesarosa e exclamou, “Pobrezinha, sem pai nem mãe. Com certeza seu tio está cuidando bem de você. Você é formada⁷⁷?”

“Sim,” corrigi. “Ela tem mestrado.”

“Bem, bem, menina valente. Então não lhe falta nada no mundo. Você não é como nós, mulheres sem formação. Vai se dar bem em qualquer lugar. Você pode comprar sua passagem de trem, chamar um policial se alguém incomodá-la, ter seu dinheiro. O que vai fazer? Vai trabalhar para o governo e ganhar dinheiro? Menina valente.” Minha mãe ficou cheia de admiração por ela. Levantou, foi lá dentro, e trouxe uma xícara de café para ela. A menina bebeu tudo, agradecida. Eu pensava na melhor maneira de sair de fininho e me vestir direito. Mas não tinha jeito. O senso arquitetônico de meu pai não tinha ido além de construir uma sala grande e uma cozinha. Claro, havia o *pyol* na frente onde as visitas e os homens geralmente sentavam. Mas como poderia pedir a Rosie que fosse para lá? Era público demais— o garoto da loja e todos seus amigos viriam, olhar para ela embasbacados e perguntar se era casada. Era uma situação um pouco difícil para mim. Nós havíamos nos acostumados a uma vida em comum naquela sala. Nunca nos ocorreu outra coisa. Nunca

quisemos mais do que isso. Meu pai vivia na loja, eu brincava embaixo da árvore, recebíamos as visitas masculinas no *pyol* lá fora e deixávamos a sala interna para minha mãe ou qualquer senhora que viesse visitar. [112] Na hora de dormir, entrávamos. Se fizesse calor, dormíamos no *pyol*. A sala era uma passagem, um quarto de vestir, uma sala de estar, escritório, tudo ao mesmo tempo. Meu espelho de barbear ficava pendurado em um prego; minhas melhores roupas em um gancho; na hora do banho eu corria para uma peça no pátio dos fundos, meio ao céu aberto, e jogava na minha cabeça água tirada direto do poço. Corria para lá e para cá e fazia minha toalete enquanto minha mãe entrava e saía da cozinha ou dormia ou se sentava à toa na sala. Tínhamos nos habituado com a presença um do outro e não nos importávamos nem um pouco com isso. Mas agora, com Rosie lá?

Minha mãe, como se adivinhasse meu embaraço, disse para a garota, “Vou lá no poço. Você vem comigo? Você é uma moça da cidade. Precisa conhecer alguma coisa da vida de aldeia também.” A garota rapidamente levantou e a seguiu; torci para que não fosse submetida a um interrogatório no poço. Mal viraram as costas e comecei a me mexer, corri para lá e para cá, raspei o queixo muito rápido, me cortei um pouco, tomei banho, me pentei, e vesti roupas melhores, e ao chegarem do poço estava em condições de ser visto pela Princesa da Terra. Fui até a loja e mandei o garoto buscar Gaffur.

“Rosie, se você quiser se lavar e se trocar, fique a vontade. Espero lá fora. Vamos sair logo em seguida.”

Talvez fosse um luxo injustificável contratar Gaffur para um passeio. Mas não tive outro jeito. Não podia falar com ela em nossa casa, e não podia fazê-la andar pelas ruas. Apesar de ter feito isso antes, hoje parecia diferente. Senti-me um pouco constrangido em ser visto com ela.

Disse para Gaffur, “Ela voltou.”

Ele respondeu, “Eu sei. Eles estavam no hotel, e ele foi embora no trem para Madras.”

“Você não me contou nada.”

“Por que deveria? Você ia ficar sabendo de todo jeito.”

“O que, o que aconteceu?”

“Pergunte para a senhora, agora que você a tem em seu poder.” Soava ressentido.

Disse a ele, pacificador, “Ah, não seja azedo, Gaffur... Quero o carro hoje a noite.”

“Estou a seu serviço, senhor. Para que tenho o táxi se não é para levá-lo onde mandar?” [113] Ele piscou e fiquei aliviado ao vê-lo em seu bom humor de sempre. Quando Rosie apareceu na porta, entrei e disse para minha mãe, “Voltaremos, mãe, depois de um pequeno passeio.”

“Para onde?” perguntou Gaffur, olhando-nos pelo espelho. Como hesitamos, ele perguntou maldosamente, “Devo levá-los à Casa do Monte?”

“Não, não,” exclamou Rosie, ficando muito atenta à menção do lugar. “Enjoei de lá.” Não insisti no assunto.

Ao passar pelo Taj, perguntei, “Gostaria de jantar aqui?”

“Sua mãe me ofereceu café; é o suficiente. Que mãe encantadora você tem!”

“O único problema é que ela lhe faz perguntas sobre casamento!” Rimos nervosos dessa piada.

“Gaffur, continue até o rio,” disse. Ele passou pela rua do mercado, buzinando impaciente entre a multidão. Estava apinhado essa hora. Muita gente andava pela rua. As luzes estavam acesas. As luzes das lojas reluziam e iluminavam a rua. Fez uma curva a direita em Ellaman Street—aquela via estreita onde moravam os comerciantes de óleo, a rua mais antiga da cidade, com crianças brincando, vacas descansando, e burros e cachorros bloqueando a passagem tão estreita que os carros quase encostavam nas paredes das casas. Gaffur sempre pegava esse caminho para o rio, embora houvesse um acesso melhor. Ele tinha um certo prazer em assustar e dispersar os pedestres com sua buzina. Ellaman Street

terminava no último poste de luz, e a rua imperceptivelmente se misturava com a areia. Freou no último poste e o solavanco quase nos jogou para fora do carro. Ele estava excepcionalmente bem-humorado hoje; seu temperamento estava sujeito a altos e baixos, e ninguém poderia prever como se comportaria em um dado momento. O deixamos embaixo do poste. Eu disse, “Queremos dar uma caminhada.” Sua resposta foi uma piscada maliciosa.

Escureceu. Ainda havia uns poucos grupos sentados na areia aqui e ali. Alguns estudantes passeavam. Crianças brincavam e corriam em círculos gritando. Nos degraus do rio, alguns homens tomavam seu banho vespertino. Bem longe, no bosque Nallappa o gado estava atravessando o rio [114] com seus sinos badalando. Viam-se estrelas no céu. O relógio da prefeitura bateu sete horas. Uma noite perfeita--como sempre foi por muitos anos. Havia visto a mesma cena esta mesma hora por muitos anos. Essas crianças não cresciam nunca? Sentia-me um pouco sentimental e poético, provavelmente por causa da companhia ao meu lado. Meus sentimentos e percepção pareciam ter se tornado repentinamente aguçados. “É uma noite bonita,” falei, para puxar assunto. Ela disse, lacônica “É.” Procuramos um lugar isolado, longe da rota dos estudantes.

Estendi meu lenço, e disse, “Sente Rosie.” Ela pegou o lenço e sentou. A escuridão crescente veio a calhar. Sentei-me perto dela e disse, “Agora me conte tudo desde o início até o fim.”

Ficou pensando por certo tempo e falou, “Ele foi embora no trem esta tarde, isso é tudo.”

“Por que você não foi com ele?”

“Não sei. Foi para isso que eu vim. Mas não aconteceu assim. Bem, não tem importância. Não estávamos destinados a ficar juntos.”

“Conte-me o que aconteceu. Por que você foi tão grosseira comigo naquele dia?”

“Achei que fosse melhor esquecermos um ao outro e que fosse melhor eu voltar para ele.”

Não sabia como continuar esse interrogatório. Não tinha um método para obter informações—sobre tudo que havia se passado. Murmurava e hesitava e me atrapalhava com as perguntas, até que de repente percebi que não chegaria a lugar algum. Queria uma narração cronológica que ela parecia incapaz de oferecer. Ela ficava balançando para a frente e para atrás, falando em retalhos que eu tentava amarrar. Me irritei. Disse, “Responda-me agora, passo-a-passo. Dê uma resposta para cada pergunta. Eu deixei você com ele para falar sobre a proposta que havíamos discutido. O que você disse a ele?”

“O que havíamos combinado, que ele precisava deixar que eu dançasse. Ele estava bem contente até eu mencionar a dança. Não falei mais nisso o resto do dia e até o final do dia seguinte. Deixei que falasse sobre o que andava fazendo. Ele me mostrou os desenhos que havia copiado, as anotações que havia feito, e falou sobre sua importância até tarde da noite. Disse que tinha a responsabilidade de reescrever a história. [115] Falou sobre os planos de publicar seu trabalho. Disse que depois iria para o México, e para alguns países do extremo oriente para estudar assuntos afins e acrescentá-los a sua obra. Fiquei entusiasmada, embora não entendesse tudo que ele dizia. Senti que, afinal de contas, estávamos começando a nos entender—lá naquela casa isolada, com as folhas das árvores farfalhado e raposas e animais rondando, e luzes piscando lá longe no vale. Na manhã seguinte fui com ele na caverna para olhar as notas musicais que tinha descoberto. Precisamos passar além da caverna principal para entrar numa catacumba por uma escada que estava desmoronando. Um lugar horrível, assustador. Nada no mundo iria me convencer a entrar em um lugar como aquele, abafado, horrível, e escuro. “Pode haver najas aqui,” disse. Ele ignorou meus medos. “Então você vai se sentir em casa.” disse, e então nós rimos. Daí ele ascendeu uma lanterna e me mostrou uma parede na qual havia raspado o limo e descoberto novas pinturas. Eram as pinturas antigas

grotescas de sempre, de várias figuras, mas ele conseguiu decifrar as letras ao redor delas, e interpretá-las como notas musicais. Nada que fizesse sentido ou fosse útil para mim. Eram versos abstratos sobre umas teorias de um sistema musical arcaico ou alguma coisa assim. Eu disse, “Se fossem sobre dança, talvez eu pudesse tentar—” Ele olhou para mim com severidade. A palavra ‘dança’ sempre o irritava. Tive medo de continuar o assunto. Mas lá, agachada naquele solo milenar, entre teias de aranha e morcegos, naquela luz fraca da lanterna, tive coragem de insistir. “Deixa eu dançar?”

“Sua resposta veio imediatamente, com um olhar raivoso, a velha carranca voltando. ‘Por quê?’”

“‘Acho que seria feliz se pudesse fazer isso. Tenho tantas ideias. Gostaria de tentar. Assim como você está tentando—’

“‘Ah, você quer competir comigo, é isso? Isto aqui é uma área do conhecimento, não acrobacia de rua.’

“‘Você acha que dança é acrobacia de rua?’

“‘Não estou a fim de discutir sobre tudo isso com você. Um acrobata em um trapézio fica fazendo a mesma coisa toda sua vida; bem, sua dança também é assim. O que há de inteligente ou criativo nisso? Você repete seus truques a vida inteira. Assistimos uma apresentação de macaco, [115] não por ser artístico mas por ser um macaco atuando. Engoli todos os insultos e o deixei fazer seu trabalho. Mudei de assunto, e ele voltou ao normal. Depois do jantar naquela noite ele retomou os estudos e eu voltei a observar os animais selvagens na varanda. Como sempre, não tinha nada para ver, mas fiquei sentada lá repassando na minha cabeça tudo o que ele havia dito e tudo o que eu havia dito, e imaginando como prosseguir com a conversa. Ignorei todos os insultos e problemas na esperança de que, se chegássemos a nos entender no fim, tudo seria esquecido. Estava sentada lá quando ele chegou por trás, pôs a mão no meu ombro, e disse, “Achava que havíamos

chegado a um acordo definitivo sobre aquele assunto. Você prometeu ou não prometeu que não falaria mais nisso novamente?”

O relógio na torre da prefeitura bateu oito horas e o povo tinha sumido. Estávamos sozinhos na areia. E eu ainda não havia aprendido nada sobre Rosie. Gaffur buzinou. Sem dúvida era tarde, mas se fosse para casa ela não poderia falar. Disse, “Vamos passar a noite no hotel?”

“Não. Gostaria de voltar para sua casa. Disse para sua mãe que voltaria.”

“Está bem,” disse, lembrando minha disponibilidade financeira. “Vamos ficar aqui mais meia hora. Agora, me conte.”

“O tom dele,” retomou, “estava tão meigo que senti que não devia me importar, mesmo se tivesse que abandonar meus próprios planos de uma vez por todas: se ele fosse assim gentil, não queria mais nada--estava quase decidindo não pedir mais nada a ele. Ainda assim, como uma última cartada, falei, encorajada pelo seu tom, ‘Gostaria que você assistisse só um pedacinho--que eu geralmente danço para invocar a memória de minha mãe. Era a coreografia dela, você sabe.’ Levantei e puxei-o pela mão até nosso quarto. Arredei a cadeira e outras coisas. Ajustei o vestido. Empurrei-o para que sentasse na cama, como havia feito com você. Cantei aquela canção sobre o amante e sua garota nas margens do Jamuna e dancei a coreografia para ele. Ficou sentado me olhando friamente. Não cheguei a completar a quinto passo e ele disse, ‘Pare, já vi o suficiente.’

“Parei, perplexa. Estava certa de que ele seria seduzido pela dança e me diria para dançar por toda minha vida. [117] Mas disse, ‘Rosie, você tem que entender, isto não é arte. Você não tem formação suficiente. Deixe disso.’

“Mas foi aí que dei uma mancada. Disse desdenhosa, ‘Todos gostam, menos você.’

“ ‘Por exemplo?’

“ ‘Bem, Raju me viu atuando, e ficou maravilhado. Sabe o que ele disse?’

“ ‘Raju! Onde você dançou para ele?’

“ ‘No hotel.’ E daí ele disse, ‘Venha, sente aqui,’ apontando para a cadeira, como em um exame médico. Submeteu-me a um interrogatório cerrado. Acho que levou a noite inteira. Perguntou detalhes de todos nossos movimentos desde nossa chegada, a que horas você ia ao hotel cada dia, quando saía, onde ficava no quarto, e por quanto tempo, e assim por diante; e tive que responder tudo. Eu sucumbi e comecei a chorar. Ele deduziu de minhas respostas indícios suficientes do que estivemos fazendo. Finalmente, disse, ‘Não sabia que aquele hotel atendia amantes da arte tão fervorosos! Fui um idiota em pressupor decência.’ Ficamos sentados lá até de madrugada. Ele na cama, e eu na cadeira. Fui vencida pelo sono e descansei a cabeça na mesa, e quando acordei ele tinha saído para a caverna.

“Joseph havia deixado café para mim. Me arrumei e fui procurá-lo. Senti que tinha dado a pior mancada da minha vida. Havia sido imprudente ao falar com ele do mesmo modo como havia sido imprudente e incorreta em todos meus atos. Percebi que tinha cometido um grande pecado. Caminhei como em um sonho para dentro da caverna. Estava muito perturbada. Não queria mais nada na vida a não ser fazer as pazes com ele. Não queria dançar. Me senti perdida... Estava apavorada. Senti uma espécie de pena dele também--ao lembrar como havia passado a noite inteira sentado imóvel na cama enquanto eu estava na cadeira. O olhar de desespero e choque em seu rosto me assombrava. Desci até o vale--mal percebendo por onde andava. Se um tigre houvesse cruzado comigo, mal teria percebido... Encontrei-o sentado em sua caverna, no seu banquinho portátil de sempre, copiando seus desenhos. Estava de costas para a entrada quando cheguei. Mas quando entrei na passagem mais estreita, bloqueei a luz e ele se virou. Olhou para mim friamente. Fiquei parada como uma prisioneira na corte. [118] ‘Vim pedir desculpas sinceras. Quero dizer que farei qualquer coisa que me pedir. Cometi um erro estúpido...’

“Ele voltou ao trabalho sem dizer uma palavra. Continuou como se estivesse sozinho. Esperei lá. Finalmente, quando terminou seu dia de trabalho, pegou seu portfólio e papéis e se encaminhou para a saída. Pôs seu capacete e óculos e passou por mim como se eu não existisse. Tinha ficado parada ali por pelo menos três horas, pensei. Ele havia medido, copiado, anotado e examinado com uma lanterna, mas sem prestar a mínima atenção em mim. Quando voltou para o bangalô, fui atrás dele. Foi aí que você nos viu. Fui para o quarto dele. Ele sentou na sua cadeira e eu na cama. Nenhuma palavra, nem conversa. Você entrou no quarto de novo. Sinceramente, tive esperança que você nos deixasse e fosse embora, e que pudéssemos nos reconciliar... Assim foi dia após dia. Fui ficando, tinha esperança. Descobri que ele não comia a comida tocada por mim. Por isso deixei que Joseph o servisse. Comia só, na cozinha. Se eu deitasse na cama, ele dormia no chão. Então comecei a dormir no chão, e ele se deitava na cama. Ele não me olhou nem falou comigo uma só vez. Tratava com Joseph, e desceu algumas vezes, deixando-me sozinha no bangalô. Voltava e se ocupava com suas coisas sem se preocupar comigo. Mas eu o seguia, dia após dia, como um cachorro—esperando seu perdão. Ele me ignorava completamente. Nunca imaginei que um ser humano pudesse ignorar a presença de outro ser humano tão completamente. Seguia-o como uma sombra, deixando de lado meu orgulho e respeito próprio; tinha esperança que no fim das contas ele mudasse de ideia. Não saía do lado dele nem por um instante, seja no seu quarto ou na caverna. Era muito estressante ficar em silêncio naquele lugar vasto e solitário. Pensei que tinha ficado muda. Joseph era o único com quem trocava umas palavras sempre que aparecia, mas era um homem reservado e não me encorajava. Passei três semanas nesse estado, em um voto de silêncio. Não aguentava mais. Então uma noite em que ele estava sentado à mesa, disse, ‘Já não me puniu o suficiente?’ Depois de tantas semanas, minha voz soou estranha, e, para mim, como se fosse de outra pessoa. Parecia muito alta naquele lugar silencioso e me assustou. Ele teve um sobressalto ao me ouvir, virou-se, olhou-me e disse, ‘Esta é minha

última palavra para você. Não fale comigo. Você pode ir aonde quiser e fazer o que quiser.”

[119]

“Quero ficar com você. Quero que esqueça tudo. Quero que me perdoe--‘ disse. De alguma forma, comecei a gostar muito dele. Bastaria que ele me perdoasse e me aceitasse de volta.’

“Mas ele disse, ‘Sim, estou tentando esquecer--inclusive o fato anterior de ter um dia tomado uma esposa. Também quero ir embora daqui--mas tenho que terminar meu trabalho; é por isso que estou aqui. Você está livre para ir embora e fazer o que quiser.’

“ ‘Sou sua esposa e estou com você.’

“ ‘ Está aqui porque não sou violento. Mas não é minha esposa. É uma mulher que vai para a cama com qualquer um que elogie sua macaquice. Só isso. Não quero, não quero você aqui, mas se ficar, não fale. Só isso.’

“Fiquei muito magoada. Imaginava que Otelo fosse mais gentil com Desdêmona. Mas suportei tudo. Tinha uma esperança irracional de que no final ele cederia, de que quando a gente fosse embora ele mudaria. Tão logo voltássemos em casa, tudo ficaria bem.”

“Um dia ele começou a fazer as malas. Tentei ajudá-lo, mas ele não deixou, então fiz minhas malas também, e fui atrás dele. O carro do Gaffur chegou. Voltamos os dois para o hotel. De volta ao Vinte e oito. O quarto agora me parecia hostil. Ele ficou por um dia, acertando as contas; e na hora do trem partir, foi para a estação com a bagagem. Fui atrás dele calada. Esperei pacientemente. Sabia que iria voltar para nossa casa em Madras. Eu queria muito voltar para casa. O carregador me olhou por um segundo e separou minha mala. Quando o trem chegou o carregador embarcou somente a bagagem dele, e ele tomou seu lugar em um vagão. Não sabia o que fazer. Peguei minha mala e o segui. Quando tentei entrar no vagão ele disse, ‘Não tenho passagem para você,’ e mostrou uma única passagem e fechou a porta na minha cara. O trem partiu. Vim para sua casa.”

Ficou sentada por algum tempo. Eu a consolava. “Você está no lugar certo. Esqueça todo seu passado. Vamos dar uma lição naquele cafajeste logo, logo.” [120] Fiz uma declaração pomposa. “Antes, vou fazer com que o mundo a reconheça como a maior artista de todos os tempos.”

*

Em pouco tempo minha mãe entendeu tudo. Quando Rosie foi tomar banho, me confrontou e disse, “Isso não pode continuar assim por muito tempo, Raju--você tem que por um fim nisso.”

“Não interfira, mãe. Sou adulto. Sei o que estou fazendo.”

“Não pode ter uma dançarina em casa. Toda manhã com toda aquela dança e tudo mais! A que ponto chegamos!”

Encorajado por mim, Rosie havia começado a praticar. Levantava às cinco da manhã, tomava banho, e rezava ante a imagem de um deus no oratório de minha mãe, e começava a sessão de treinamento que durava no mínimo três horas. A casa ressoava com o tilintar de suas tornozelas. Ignorava completamente o ambiente à sua volta, a atenção concentrada em seus movimentos e passos. Depois disso, ajudava minha mãe, esfregava, limpava, lavava, varria, e arrumava tudo na casa. Minha mãe estava satisfeita com ela e a tratava bem. Nunca imaginei que minha mãe fosse criar problema agora, mas aí estava. Eu disse, “O que deu em você de repente?”

Minha mãe fez uma pausa. “Esperava que você tivesse o bom senso de tomar uma atitude sobre isso. Não pode continuar assim para sempre. O que as pessoas vão dizer?”

“Quem são ‘as pessoas?’” Perguntei.

“Bem, meu irmão e seus primos e outros que nos conhecem.”

“Não me importo com a opinião deles. Simplesmente não se preocupe com essas coisas.”

“Ah! O que está me mandando fazer é muito estranho, meu filho. Não posso aceitar.”

O cantarolar suave no banheiro cessou; minha mãe abandonou o assunto e saiu quando Rosie emergiu do banho, fresca e radiante. Olhando para ela, poderia se dizer que não tinha uma preocupação sequer nesse mundo. Estava bem feliz por fazer o que fazia hoje em dia, não estava nem um pouco preocupada com o passado, e aguardava ansiosamente pelo futuro. Era totalmente dedicada a minha mãe. [121]

Mas infelizmente minha mãe, apesar das suas demonstrações de carinho, estava começando a endurecer. Andava dando ouvidos a fofocas, e não conseguia se conformar com a ideia de morar com uma mulher impura. Temia que ela me confrontasse, e tentava não ficar a sós com ela. Mas sempre que tinha chance, dava um jeito de sussurrar no meu ouvido. “Ela é uma verdadeira mulher-serpente, estou avisando. Não me agradei dela desde a primeira vez que você falou a seu respeito.”

Estava me irritando com as reprovações e a hipocrisia de minha mãe. A menina, na maior inocência, parecia feliz e despreocupada e totalmente afeiçoada a ela. Temia que minha mãe mudasse de atitude de repente e pedisse abertamente para ela ir embora. Mudei minha tática e disse, “Você está certa, mãe. Mas entenda, ela é uma refugiada, e não podemos fazer nada. Temos que ser hospitaleiros.”

“Por que ela não volta para o marido e se ajoelha a seus pés? Veja bem que viver com um marido não é brincadeira, como essas garotas modernas imaginam. Nenhum marido digno desse nome foi conquistado só na base de pó e batom. Seu pai, por exemplo, mais de uma vez...” Ela contava uma história sobre os problemas criados pela atitude irracional e obstinada de meu pai a respeito de alguma questão familiar e como ela tinha resolvido a situação. Ouvia a história pacientemente e com admiração, e isso a distraía por algum tempo. Em seguida, começou a aludir a problemas entre marido e mulher sempre que falava com Rosie, e passava o tempo todo contando histórias sobre maridos: bons maridos, maridos bravos, maridos

sensatos, maridos insensatos, maridos violentos, maridos meio malucos, maridos temperamentais, e assim por diante; mas era sempre a esposa, com sua determinação, perseverança, e paciência, que o trazia à razão. Citava inúmeros episódios mitológicos do Savitri Seetha⁷⁸, todas as outras heroínas famosas. Aparentemente eram conversas comuns, a propósito de nada, mas os motivos de minha mãe eram ingenuamente óbvios. Seus rodeios eram tão atrapalhados que qualquer um via onde ela queria chegar. Supostamente não sabia das tribulações de Rosie, mas falava como se soubesse. Eu sabia que Rosie padecia com essas lições, mas [122] não podia fazer nada. Tinha medo de minha mãe. Poderia ter mantido Rosie em um hotel, talvez, mas fui forçado a ter uma visão mais realista de minhas finanças agora. Estava impotente vendo Rosie sofrer, e meu único consolo é que sofria junto com ela.

*

Minhas preocupações aumentavam. O garoto da loja estava se tornando mais exigente. Minhas vendas andavam em baixa, a ferroviária havia permitido mais vendedores ambulantes nas plataformas. A entrada de dinheiro vivo estava diminuindo e somente as vendas a prazo cresciam. Os atacadistas que forneciam minhas mercadorias pararam de me dar crédito. O método de contabilidade do garoto era tão caótico que eu não sabia se estava ganhando ou perdendo dinheiro. Ele gerava dinheiro do balcão de maneira aleatória, e havia enormes espaços vazios nas prateleiras por toda a loja. O garoto provavelmente estava embolsando dinheiro e comendo a mercadoria. Sem crédito com os atacadistas, o público reclamava que nada que eles queriam estava disponível. De uma hora para outra a ferrovia retirou a licença de funcionamento da loja. Apelei para o velho chefe de estação e para o carregador, mas eles não podiam fazer nada; a ordem veio de cima. A licença foi para um novo contratante.

Não podia suportar o fato de perder o vínculo com a ferrovia. Fiquei desesperado e furioso. Derramei lágrimas ao ver um outro homem no lugar onde eu e meu pai sentávamos. Dei um tapa na cara do garoto e ele gritou, e seu pai, o carregador, partiu para cima de mim e

disse, “Isso é o que ele ganha por ajudar você! Sempre avisei o garoto--Ele não recebia salário, de qualquer jeito.”

“Pagamento para ele? Ele comeu todo o dinheiro, crédito e tudo que era artigo comestível na loja. Engordou com isso! Ele tem que me pagar pela sua gula, que levou meu negócio à falência.”

“Não foi ele que levou você à falência, mas o *saithan*⁷⁹ aí dentro, que faz com que você fale desse jeito.” Ele se referia a Rosie, tenho certeza; ela estava espiando pela porta de nossa casa. Minha mãe assistia do *pyol* bastante aflita. Era o menos edificante dos espetáculos.

Não gostei da alusão do carregador, então disse algo agressivo e tentei atacá-lo. O chefe de estação apareceu na cena e disse, “Vocês estão perturbando aqui, vou ter que proibir sua entrada.”

O novo lojista assistiu a cena com indiferença. Um sujeito de bigode--não gostei de seu olhar atravessado. Virei para ele furioso, largando o carregador, e gritei, “Lembre-se que você vai passar pela mesma situação, um dia. Não fique tão seguro de si.”

Ele girou os bigodes e disse, “Como todo mundo pode almejar a mesma sorte que você?” Piscou maliciosamente, e aí perdi totalmente a cabeça e me joguei em cima dele. Ele me repeliu com um contragolpe com a mão esquerda como se abatesse uma mosca, e me jogou para trás, e caí por cima de minha mãe--que havia corrido até a plataforma, coisa que nunca havia feito em sua vida. Felizmente, não a derrubei.

Ela se segurou no meu braço e berrou, “Venha para dentro, você vem ou não vem?” E o carregador, o homem bigodudo, e todo mundo praguejou, “Você se salvou hoje, por causa daquela venerável velha senhora.” Ela me arrastou para dentro de casa; levava embaixo do braço um maço de papel, uma caixa registradora, e um ou outro objeto pessoal que guardava na loja, com esses entrei em casa, sabendo que minha ligação com a ferroviária agora acabara

definitivamente. Fiquei com o coração pesado. Sentia-me tão deprimido que nem me virei para ver Rosie, que ficou ali parada, me fitando atônita. Me atirei em um canto da sala e fechei os olhos.

Capítulo 8 [p.124]

Meu credor era o Sait⁸⁰, um atacadista da Rua do Mercado. Ele me procurou no dia seguinte. Ouvi uma batida na porta, e lá estava ele. Eu estava assistindo o ensaio de Rosie, recostado no tapete contra a parede. Fiquei envergonhado ao ver o Sait na minha porta. Sabia o motivo da visita. Trazia um grosso livro contábil enrolado em um pano azul. Parecia feliz em me ver, como se houvesse imaginado que fosse fugir da raia. Por alguns instantes fiquei sem saber o que dizer. Não queria parecer confuso. Depois do episódio da ferrovia, ainda estava recobrando o senso de perspectiva. Ao assistir à dança de Rosie, parecia ter uma noção mais clara do que deveria fazer. O som de suas tornozelas, e a música sussurrada que cantava, seu ritmo e movimentos, ajudavam. Senti que novamente me tornava um homem importante. Minha mãe, felizmente, não havia dito uma palavra desde a noite passada, o que me poupou muito constrangimento e stress. Minha mãe não conseguia deixar de falar com Rosie; apesar de todo o preconceito, gostava da garota de verdade e não conseguia deixar de tratá-la bem. Não tinha coragem de deixá-la passar fome ou ofendê-la de algum jeito. Se ocupava com ela somente no que dizia respeito à alimentação e alojamento, e a deixava em paz. Só que não conseguiria se controlar se falasse comigo depois da cena da estação ferroviária. Tenho certeza que pensava que eu, com minha inconstância, havia posto a perder o que seu marido havia construído com tanta dedicação. Mas felizmente não descontou na pobre garota, mas a deixou em paz—depois da sua cota habitual de homílias e parábolas, as quais Rosie ouviu de bom humor.

O Sait era um homem magro com um turbante multicolorido na cabeça. Era um comerciante bem-sucedido, generoso ao dar crédito, mas, é claro, esperava pagamento correto das dívidas. Estava na minha porta. Eu sabia o motivo. Fui extremamente cordial, e disse, "Entre, entre, entre. Sente-se. Que raro prazer!" Arrastei-o e o acomodei no *pyol*.

Era um bom amigo, e hesitou em falar das dívidas. Houve um silêncio embaraçoso. Por alguns instantes ouvia-se somente o tilintar das tornozeleiras de Rosie. Ele escutou-os e disse, “O que é isso?”

“Ah!” exclamei, casualmente. “Um ensaio de dança.”

“Ensaio de dança!” Espantou-se. Era a última coisa que esperava em uma casa como a minha. Ficou um tempo sentado, pensando, como se tentasse entender. Abanou a cabeça. Com certeza já tinha ouvido a história do “*saitan* interior”. Absteve-se de perguntar em relação a isso, como coisa que não era da sua conta, e disse, “O que deu em você, Raju? Não me paga há meses, e você costumava ser tão pontual!”

“Os negócios não andam bons, meu velho,” disse, afetando resignação e humor.

“Não, não é isso, É preciso—”

“Ah, e aquele rapaz em que confiava, me passou a perna.”

“De que adianta culpar os outros?” perguntou. Parecia um homem implacável, dedicado a me acostrar. Pegou seu caderno, abriu-o, a apontou para o final de uma coluna. “Oito mil rupias! Não posso deixar como está por muito tempo. Você vai ter que fazer alguma coisa quanto a essa situação.”

Estava cansado de ouvir que tinha que fazer “alguma coisa” sobre alguma coisa. Minha mãe começou com isso em relação à garota, outro sobre outra coisa, a garota havia começado a dizer, “Temos que fazer alguma coisa,” e agora esse homem; seu conselho me irritou e disse, ríspido, “Eu sei.”

“O que você propõe?”

“É claro que você será pago—“

“Quando?”

“Como posso dizer?... Tem que esperar.”

“Tudo bem. Quer mais uma semana?” perguntou.

“Semana!” Ri da piada. Ele pareceu magoado. Parecia que magoava todo mundo nessa época. [126]

Ele ficou bem sério e disse, “Você acha que é motivo de riso? Acha que vim aqui para divertir você?”

“Por que levanta a voz, Sait? Somos amigos.”

“Amizade não tem nada a ver com isso,” disse ele, baixando a voz. Quando falou alto, não se podia ouvir o tilintar lá dentro. Mas quando baixou a voz, podíamos ouvir os passos de Rosie ao fundo. Um sorriso, talvez, esboçou-se em meus lábios ao visualizar sua imagem do outro lado da parede. Ele se irritou de novo com isso. “O que, senhor, você ri quando digo que quero dinheiro, você sorri como se estivesse sonhando. Está nesse mundo ou num paraíso? Vim para tratar de negócios hoje, mas não é possível. Muito bem, não me culpe.” Enrolou seu livro contábil e levantou-se para ir embora.

“Não vá, Sait. Por que se irrita?” perguntei. Tudo que dizia parecia ter um tom de leviandade. Ele empertigou-se ficou ainda mais sério. Quanto mais ele fazia cara feia, menos eu conseguia me conter. Não sei que diabo me provocava tanto riso nesse momento tão impróprio. Estava borbulhando de riso. Contive uma tremenda ânsia de rir. De alguma forma, a seriedade dele me provocava o riso. Finalmente, quando foi embora, furioso, a solene gravidade desse homenzinho com o livro contábil embaixo do braço e seu turbante multicolorido me pareceu tão absurda que tive uma convulsão de tanto rir. Ele voltou-se, lançou-me um olhar rápido, e se foi.

Sorrindo, reentrei em casa e voltei para o tapete. Rosie parou um instante para perguntar, “Alguma coisa engraçada?” Ouvi você rindo.”

“É, é, dei risada de um coisa.”

“Quem era ele?” perguntou.

“Um amigo,” disse. Não queria que ela soubesse de meus problemas. Não queria que ninguém se incomodasse com essas coisas. Não queria me incomodar com nada. Viver com Rosie sob o mesmo teto me bastava. Não queria mais nada da vida. Estava deslizando para o paraíso dos tolos. Ao não falar em dinheiro, achei que havia descartado o assunto—uma ideia estúpida. O mundo além de Rosie me parecia tão irreal que me foi possível conceber tal ideia. Mas não por muito tempo.

[127] Em uma semana ou dez dias, vi-me envolvido com o tribunal. Meu senso de humor azedou completamente minhas relações com Sait, e ele havia imediatamente entrado na justiça. Minha mãe ficou histérica. Não tinha um único amigo nesse mundo além de Gaffur. Procurei-o um dia no parapeito do chafariz e expliquei minha situação. Estava voltando do tribunal. Ele foi muito solidário, e disse, “Você tem um advogado?”

“Tenho. Aquele lá, perto do armazém marrom.”

“Ah—ele é especialista em prorrogação. Consegue postergar o caso por anos e anos. Portanto, não se preocupe. É uma ação civil ou criminal?”

“Criminal! Eles inventaram que, quando veio me cobrar, eu ameacei bater nele. E era o que deveria ter feito!”

“Que pena! Se fosse um caso civil, poderia se arrastar por anos, e você não seria afetado bem até que acabasse. Esta com *aquela* em casa?” perguntou, malicioso. Fiz uma cara furiosa. E ele acrescentou, “Como posso culpar uma mulher por você ser o que é?... Por que não procura os turistas de novo?”

“Não posso chegar perto da ferrovia agora. Os funcionários vão depor contra mim, para provar que bato nas pessoas.”

“É verdade?”

“Hum. Se pegar o filho do carregador, quebro o pescoço dele.”

“Não faça isso, Raju; não te ajuda em nada. Já arrumou confusão que chegue. Tome jeito. Por que não ser sensato?”

Refleti sobre isso. Disse, “Se tivesse quinhentas rupias, poderia começar uma vida nova. Descrevi um plano para utilizar-se dos serviços de Rosie e ganhar dinheiro. Pensar nela me animou. “Ele é uma mina de ouro,” exclamei. “Se tivesse dinheiro para iniciar com ela—ah!” Minhas visões elevavam-se às alturas. Disse a ele, “Saiba que *Bharat Natyam*⁸¹ é na verdade o grande negócio artístico hoje em dia. Há uma demanda tão grande que as pessoas pagam o que pedirem para assistir o melhor. Não posso fazer nada porque não tenho dinheiro. Não pode me ajudar, Gaffur?” Ele achou graça do meu pedido. Era minha vez de me irritar com risada. Disse, “Eu que fiz tanto pelos teus negócios.”

[128] Era, na essência, um bom homem. Apelou para meu bom senso. “Não sou rico, Raju. Você sabe que pego dinheiro emprestado até para a manutenção do carro. Se tivesse quinhentas rupias, meus passageiros andariam sobre pneus melhores. Não, não, Raju... Escute meu conselho. Mande-a embora e trate de voltar para a vida comum, para a vida real. Não me fale nessa história de arte. Não é para nós.”

Ao ouvir isso, fiquei tão irritado que disse alguma coisa para magoá-lo. Ele voltou para o banco do motorista com o rosto sério. “Se quiser uma corrida qualquer hora, me chame; é tudo que posso fazer para ajudá-lo. E lembre-se, não estou cobrando de você velhas dívidas—“

“Apresente a conta das viagens à Casa do Monte na audiência judicial,” disse, arrogante.

“Muito bem,” disse ele, e deu a partida no carro. “Chame se precisar do carro; está sempre aqui. Peço a Deus que lhe abra os olhos.” Partiu. Vi que era outro amigo que saía da minha vida.

Infelizmente, não foi o último. Logo foi a vez de minha mãe. Estava enlevado, assistindo Rosie dançar uma composição chamada “Os pés dançantes.” Rosie disse que havia introduzido algumas variações, e queria ouvir minha opinião. Estava me tornando uma espécie de especialista nessas questões. Assistia com olhar crítico, mas o que via eram as curvas que me tentavam a abraçá-la ali mesmo. Mas minha mãe andava para lá e para cá, nessa época tínhamos que encaixar nossos momentos românticos a qualquer hora, e aproveitar a oportunidade quando essa aparecesse—por exemplo, quando minha mãe ia buscar água. Sabíamos exatamente quanto tempo demoraria e aproveitávamos ao máximo. Era cansativo, mas inusitado, e fazia com que esquecesse dos meus problemas. Sempre que a via balançando o corpo, se não houvesse ninguém por perto, interrompia sua performance o tempo todo, embora devesse observá-la do ponto de vista de um crítico. Ela se desvencilhava de mim com um “O que deu em você?” Era uma artista devotada; sua paixão pelo amor físico estava se regularizando e deixou de ser uma obsessão para ela.

Ainda tinha um pouco de dinheiro na poupança, embora não dissesse a ninguém. Alguns dias depois da visita do Sait, retirei todo o dinheiro do banco. Não queria que fosse confiscado. Era o que nos mantinha. Tinha um advogado de meia pataca cuidando do meu caso no tribunal. [129] Tive que dar a ele parte do dinheiro para taxas judiciais e coisas assim. Tinha um escritório no sótão de uma loja de artigos de algodão na Rua do Mercado—um lugar sufocante, com uma prateleira de livros, uma mesa, uma cadeira, e um banco para os clientes. Ele tinha me achado já no primeiro dia, enquanto vagueava como os olhos aterrorizados, obedecendo às primeiras intimações. Entrou nas minhas graças quando esperava no corredor. Perguntou, “Você bateu mesmo no Sait? Diga-me a verdade.”

“Não, senhor. É mentira.”

“Não há dúvida que querem forçar uma ação criminal para acelerar o processo. Vamos questionar isso primeiro, e depois a ação civil; temos muito tempo. Não se preocupe. Eu dou um jeito em tudo isso. Quanto dinheiro tem em seu bolso?”

“Só cinco rupias.”

“Passe para cá.” Se tivesse dito “duas” provavelmente se contentaria com elas. Embolsou as rupias, veio com um papel para eu assinar, e disse, “É isso aí. Dá para arrumar seus negócios.”

No tribunal pediram-me para ficar atrás de um cercadinho enquanto o juiz me examinava. O Sait estava lá com seu caderno, e tinha o advogado ele, é claro; trocamos um rápido olhar. Seu advogado disse alguma coisa; meu advogado de cinco rupias disse outra, gesticulando na minha direção; e o auxiliar da corte bateu no meu ombro e me disse para andar. Meu advogado fez um sinal para mim. Tudo terminou antes que eu conseguisse entender o que estava acontecendo. Meu advogado me esperava lá fora. “Conseguimos uma postergação. Mais tarde darei informações sobre a próxima data. Encontre-me no escritório, acima do armazém de algodão—a entrada é pelas escadas na rua lateral.” E se foi. Se a chateação toda se limitasse a isso, achei que me sairia bem sem problemas. Estava em excelentes mãos.

Ao voltar para casa, disse para minha mãe, “Nada com que se preocupar, mãe; está indo tudo bem.”

“Ele pode nos expulsar dessa casa. Para onde iremos então?”

“Ah, isso tudo leva muito tempo. Não se preocupe à toa,” exclamei.

Ela me largou de mão sem esperança. “Não sei o que deu em você. Não leva nada a sério hoje em dia.”

“É porque eu sei com quem devo me preocupar; isso sim,” disse, grandiloquente.

Agora nossas discussões domésticas aconteciam na presença de Rosie. Não era preciso privacidade; nos acostumamos com sua presença. Rosei agia como se não ouvisse essas questões domésticas. Olhava fixo para o chão ou para as páginas de um livro (as únicas coisa que tinha conseguido salvar da loja), e ia para um canto da sala, como se para ficar fora do alcance do ouvido. Nunca, mesmo quando estava a sós comigo, me constrangia fazendo perguntas sobre nossos assuntos.

Minha mãe se adaptou ao meu estilo de completo vagabundo, e imaginei que havia se resignado à situação. Mas ela tinha seu próprio jeito de lidar comigo. Uma manhã, quando assistia à dança de Rosie com a maior concentração, meu tio apareceu do nada. Era o irmão mais velho de minha mãe, um proprietário de terra enérgico no povoado natal que havia herdado a casa dos pais e era uma espécie de conselheiro geral e supervisor de todos os nossos assuntos de família. Casamentos, finanças, funerais, litígios, para tudo era consultado por todos os membros da família—minha mãe e suas três irmãs, espalhadas por várias partes do distrito. Ele raramente saía do povoado, já que conduzia sua liderança em grande parte por correspondência. Sabia que minha mãe tinha contato com ele—um postal por mês, com sua letra miúda, a enchia de paz e felicidade por semanas e ela falava nisso sem parar. Era com a filha dele que queria me casar—uma proposta que ela felizmente deixou de lado, haja vista os acontecimentos recentes.

Aqui estava o homem em pessoa, parado na porta e chamando com seu vozeirão, “Irmã!” Rapidamente me levantei e corri para a porta. Minha mãe veio apressada da cozinha. Rosie parou seu ensaio. O homem tinha um metro e oitenta de altura, escurecido pelo sol com o trabalho nos campos, e tinha um pequeno tufo de cabelo no crânio; vestia uma camisa com um pano por cima, seu *dhoti* era marrom, não branco como os de um morador da cidade. Carregava na mão uma bolsa de juta (com uma estampa verde de Mahatma Gandhi) e uma baú pequeno. Foi direto para a cozinha, tirou da bolsa um pepino, umas limas, e bananas e

outras verduras, dizendo, “São para minha irmã, colhidas de nossa horta.” [131] Depositou-as no chão da cozinha para sua irmã. Deu umas instruções de como prepará-las.

Minha mãe ficou muito feliz ao vê-lo. Disse, “Espere, vou preparar um café para você.”

Ele ficou lá, me explicando que tinha vindo de ônibus, o que estava fazendo quando recebeu a carta de minha mãe, e tal e coisa. Surpreendi-me ao saber que ela havia escrito pedindo que ele viesse. Não havia me contado. “Você nem me contou que havia escrito para o tio!” disse eu.

“Por que contaria?” retrucou meu tio. “Como se você fosse seu chefe!” Vi que queria puxar briga comigo. Baixou a voz em um sussurro, me pegou pelo colarinho da camisa, e perguntou, “O que é isso que andam dizendo sobre você? Muito louvável o comportamento que anda demonstrando meu rapaz! Qualquer um ficaria orgulhoso de você!” Eu me desvencilhei dele e franzi as sobrancelhas. Ele disse, “O que deu em você? Acha que já é adulto? Não tenho medo de malandros como você. Sabe como fazemos quando topamos com um terneiro xucro? Castramos. Vamos fazer o mesmo com você, caso não se comporte.”

Minha mãe continuou se ocupando da água fervente como se não percebesse o que ocorria entre nós. Pensei que viria em minha defesa, mas parecia se divertir com minha aflição, planejada por ela mesma. Fiquei confuso e com raiva. Sai dali. Esse homem me atacando em minha própria casa, minutos depois de chegar! Fiquei com muita raiva. Ao sair, entreouvi minha mãe cochichando com ele. Podia adivinhar o que estava dizendo. Voltei para meu tapete, abalado.

Rosie estava parada onde eu a havia deixado com seu quadril levemente de fora, com as mãos na cintura. Parecia um daqueles relevos nos pilares dos templos. Ao vê-la, de repente fui tomado por uma nostalgia dos dias em que levava as pessoas para ver os templos antigos e

senti falta da vida variada e dos contatos e experiências que tinha antes. Rosie parecia um pouco assustada. “Quem é ele?” perguntou em voz baixa.

“Não se incomode com ele. Deve ser louco. Não precisa se preocupar.”

Ela ficou satisfeita. Minhas palavras foram suficientes. Ela aceitou-as com fé absolutamente inquebrantável e ignorou completamente todo do resto. [132] O que me deu uma enorme autoconfiança e de alguma forma aumentou minha influência. Disse a ela, “Não precisa parar de dançar. Pode continuar.”

“Mas, mas—“ Disse ela, referindo-se a meu tio.

“Esqueça completamente de sua existência,” eu disse. Estava com espírito desafiador, mas por dentro, ainda tremo só de pensar no que meu tio diria. “Não tem que se preocupar com ninguém, a não ser eu,” falei, com súbita autoridade. (Meu tio costumava ser chamado para me amedrontar quando eu era menino.) “Esta é a minha casa. Aqui mando eu. Se não gostarem de mim, não precisam me visitar; só isso.” Dei uma risadinha pálida.

De que servia despejar todas essas declarações desafiadoras para essa garota?” Ela retomou sua dança e canto, e eu sentei para observá-la, com atenção redobrada, como se fosse seu professor. Notei que meu tio espiava da cozinha, então caprichei mais ainda nesse papel. Dava ordens para Rosie. Meu tio observava minha farsa da cozinha. Rosie continuou o ensaio como se estivesse em seu próprio quarto particular. Logo meu tio veio assistir, os olhos cheios de desprezo e cinismo. Ignorei-o completamente. Ele assistiu a dança por algum tempo, e exclamou, “Hum! Então é isso que o mantém ocupado! Hum! Hum! Nunca me passou pela cabeça que um membro de nossa família se tornaria um ajudante de palco!”

Fiquei em silêncio por alguns momentos antes de criar coragem e ânimo para atacá-lo. Ele interpretou meu silêncio como medo e veio com outro golpe violento. “O espírito de seu pai ficará feliz em ver você agora, literalmente rastejando aos pés de uma dançarina.”

Estava determinado a me provocar. Mudei de tática e disse, “Se veio visitar sua irmã, deve entrar e ficar com ela. Por que vem onde eu estou?”

“Aha!” Exclamou, satisfeito. “Gostei de ver, tem energia!” Ainda há esperança para você, embora não precise usá-la contra seu tio. Não mencionei há pouco o que nós fizemos com terneiros recalcitrantes?” Estava acorçado no chão agora, bebericando seu café.

“Não seja vulgar,” disse. “Na sua idade!”

“Ei, rapariga!” gritou para Rosie, dirigindo-se a ela com linguajar desrespeitoso. [133]“Agora pare com essa música e toda essa gesticulação e me escute. Você é da nossa família?” Esperou uma resposta. Ela parou de dançar e simplesmente o encarou. Ele disse, “Você não é da nossa família? Você é do nosso clã?” De novo, esperou pela resposta dela e respondeu ele mesmo. “Não. É da nossa casta? Não. Nossa classe? Não. Nesse caso, por que está aqui? Afinal, é uma dançarina. Não admitimos dançarinas em nossas famílias. Entende? Você parece ser uma boa menina, sensata. Não deveria entrar em uma casa como a nossa e ir ficando. Alguém a convidou? Não. Mesmo que fosse convidada, deveria ficar no seu devido lugar, e não se demorar aqui. Não pode ficar em nossa casa desse jeito. É muito inconveniente. Não deveria seduzir jovens tolos, abandonar seu marido. Está entendendo?” Ela sucumbiu à investida, cobrindo o rosto com as mãos. Meu tio estava obviamente satisfeito com o sucesso de seus esforços, e passou a concluir seu golpe. “Veja bem, não deveria fingir que chora por causa disso. Tem que entender por que falamos assim. Tem que ir embora no próximo trem. Tem que prometer que vai embora. Vamos te dar o dinheiro da passagem.”

Nesse momento, irrompeu num enorme soluço. Eu estava completamente enfurecido. Joguei-me em cima de meu tio e a o café de sua mão, gritando, “Saia desta casa.”

Ele se recompôs, dizendo, “Pode me mandar sair. Chegamos a esse ponto? Quem é você, menininho abusado, para me mandar embora? Vou fazer você ir embora. Essa casa é da minha irmã. Pode sair se quiser se divertir com dançarinas—“

Minha mãe veio correndo da cozinha com lágrimas nos olhos. Apontou direto para a soluçante Rosie, gritando, “Está satisfeita agora? Está vendo o que você fez, sua diaba, seu demônio. De onde raios você veio nos atormentar? Estava tudo tão bem e tão tranquilo—até você aparecer; você veio como uma víbora. Bah! Nunca vi ninguém causar tanta devastação em um jovem tolo! Que bom menino ele era! No instante que pôs os olhos em você, foi uma perdição. No dia mesmo que o ouvi mencionar a ‘garota da serpente’ tive um mau pressentimento. Sabia que daí não saía nada de bom.” Não interrompi minha mãe; deixei-a falar o quanto quisesse para desabafar os sentimentos reprimidos durante essas semanas. [134] Então ela passou a listar todos meus crimes, incluindo a última audiência no tribunal, e como iria perder esta casa, construída por meu pai com tanta dificuldade.

A garota olhou para ela com seu rosto inundado de lágrimas e disse entre um e outro soluço, “Eu vou embora, mãe. Não diga coisas tão cruéis. Você foi tão boa comigo até agora.”

Meu tio então interrompeu-a para dizer à irmã, “Foi esse seu erro, irmã. Essa rapariga está certa nesse ponto. Por que foi tão boa para ela? Devia ter deixado tudo bem claro desde o início.”

Eu não tinha como conter esse homem ou mandá-lo embora. Ele dizia e fazia o que bem lhe dava na telha. A não ser que o expulsasse fisicamente, não havia jeito de salvar a pobre da Rosie; mas ele poderia acabar comigo se pusesse as mãos em mim. Estava horrorizado com a reviravolta na atitude de minha mãe no momento em que conseguiu apoio na forma de um irmão. Aproximei-me de Rosie, pus meu braço em volta de seu pescoço para chocar os dois (meu tio exclamou, “esse sujeito perdeu toda a vergonha!”), e sussurrei em seus ouvidos, “Não ouça o que eles dizem. Deixe que digam o que bem entenderem. Deixe que se cansem. Mas você não sai daqui. Eu ficarei aqui, e você ficará aqui. Quem não gostar que se retire.”

Assim eles continuaram mais um pouco, e quando não tinham mais nada para dizer, voltaram para a cozinha. Eu não disse nem mais uma palavra. Apreendi um grande segredo, o de bloquear os ouvidos, e fiquei feliz que Rosie também conseguiu sobreviver a essa provação contando somente com meu apoio. Ela levantou a cabeça, ergueu-se, lançou um olhar frio ao redor. Minha mãe me chamou para almoçar quando a comida ficou pronta. Tive o cuidado de me certificar que Rosie também se alimentasse. Minha mãe só nos chamou depois de servir meu tio com os vegetais que havia trazido, preparados de acordo com suas instruções. Depois do almoço ele foi para o *pyol*, estendeu o pano que vestia no chão⁸², sentou-se para mascar *pan*,⁸³ e depois deitou-se para dormir no chão fresco. Foi um alívio ouvir seus roncos. Absoluta calma depois da tempestade. Minha mãe nos serviu a comida sem nos olhar. Um grande silêncio reinou na casa. E continuou até as três e meia da tarde.

Meu tio retomou a briga entrando e anunciando a quem interessar possa que, “Falta uma hora para o trem sair. A passageira está pronta?” Olhou para Rosie, que lia sentada perto da janela. Ela ergueu os olhos, perturbada. Fiquei ao seu lado a tarde toda. O que quer que dissessem, queria ficar ao seu lado e dar-lhe meu apoio. Enquanto meu tio permanecesse na cidade não podia baixar a guarda. Teria dado qualquer coisa para saber quando meu tio iria embora. Mas ele era um homem com vontade própria e não se importava com o meu genuíno desejo que partisse.

Rosie ergueu os olhos, um pouco assustada. Estendi a mão para dar-lhe coragem. Minha mãe saiu de seu canto e, com um olhar afetuoso para Rosie, disse, “Bem, jovenzinha, foi bom tê-la conosco, mas você sabe, já é hora de ir embora.” Agora experimentava uma tática nova, sendo gentil e fazendo de conta que Rosie tinha concordado em partir. “Rosie, querida, você sabe que o trem sai às quatro e meia. Já terminou de fazer as malas? Achei roupas suas espalhadas por aí.”

Rosie piscou, infeliz. Não sabia como responder. Intervim para dizer, “Mãe, ela não vai a lugar nenhum.”

Minha mãe me fez um apelo. “Tenha um pouco de juízo, Raju. Ela é casada com outro homem. Tem que voltar para ele.”

Havia uma lógica tão serena em suas palavras que eu não pude fazer mais nada a não ser repetir cegamente, “Ela não vai a lugar nenhum, mãe. Ela tem que ficar aqui.”

Foi aí que minha mãe tirou sua carta da manga. “Se ela não for embora, terei que deixar essa casa,” falou.

Meu tio disse, “Achava que ela era indefesa, apenas uma dependente sua?” Bateu no peito e berrou, “Enquanto estiver vivo e respirando, jamais deixarei uma irmã desamparada.”

Fiz um apelo para minha mãe. “Não precisa ir, mãe.”

“Então jogue a mala daquela rapariga na rua e a empurre até a estação ferroviária, e sua mãe fica. Por quem a toma? Acha que é do tipo que convive com qualquer espécie da dançarina—”

“Cale a boca, Tio,” eu disse, e me espantei com minha própria coragem. Temi que repetisse sua ameaça aos touros recalcitrantes. Felizmente, ele disse, “Quem você está pensando que é, frangote, para me [136] mandar calar a boca? Acha que vou te dar ouvidos? Vai mandar aquela...aquela...embora ou não? Só isso que quero saber.”

“Não, ela não vai,” disse, bem calmo.

Ele suspirou fundo, olhou furioso para a garota, olhou para minha mãe.

“Muito bem, irmã, tem que começar a fazer as malas, então. Pegaremos o ônibus da tarde.”

Minha mãe disse, “Está bem. Arrumo as malas em um minuto.”

“Não vá, mãe,” implorei.

“Veja a teimosia dessa garota. Assiste a tudo impassível,” disse meu tio.

Rosie implorou, “mãe, não vá.”

“Aha!” exclamou meu tio. Chegou ao ponto de se dirigir a você como mamãe. Daqui a pouco vai me chamar de tio, imagino.” Virou-se para mim com um sorriso de escárnio e disse, “Sua mãe não precisa sair, na verdade. Essa casa é dela até sua morte. Se ela deixasse, você ia se ver comigo hoje. Ela poderia ficar até o fim. Meu cunhado não era bobo. Ele deixou para você somente a metade da casa...” De repente, entrou em complicados detalhes jurídicos do testamento de meu pai, e descreveu como ele teria agido nessa situação se estivesse no lugar de minha mãe, e como teria disputado cada centímetro do solo e levado o caso para a Suprema Corte, e como teria mostrado a todos como lidar com malandros que em vez de respeitar as tradições da família tentavam se aproveitar dos bens duramente conquistados pelos seus ancestrais. Respirei aliviado, sua eloquência sobre detalhes jurídicos o levava a esquecer Rosie por algum tempo. Fiel à tradição dos pequenos proprietários rurais, considerava disputas legais um assunto empolgante. Mas a mágica se desfez quando minha mãe apareceu e disse, “Estou pronta.” Tinha apanhado umas roupas aqui e ali. Sua grande mala de metal, que nunca tinha saído de seu canto por décadas a fio, estava cheia e pronta para ser carregada. Ela trazia uma cesta com alça onde havia jogado alguns vasilhames de cobre e latão. Meu tio declarou, “Pertencem a nossa casa, dados por meu pai quando essa menina, minha querida irmã, casou e estabeleceu sua própria família. É nosso presente para ela, portanto não fique olhando desse jeito.”

[137] Desviei o olhar e disse, “Sem dúvida que pode levar o que quiser. Ninguém vai dizer nada.”

“Aha, orgulha-se disso, não é?” disse ele.”Esta sendo generoso com sua mãe, não é mesmo?”

Nunca o tinha visto agir de modo tão desagradável. Ele sempre nos aterrorizou quando éramos crianças, mas era a primeira vez que convivia com ele por tanto tempo já adulto.

Minha mãe estava triste em vez de brava, e parecia prestes a vir em meu socorro. Ela o interrompeu bruscamente para dizer com grande consideração na voz, “Não preciso de mais nada, isso chega.” Recolheu vários livros de rezas, que lia todo santo dia antes do almoço, meditando diante das imagens de deus. A vira anos a fio sentada no mesmo lugar, de olhos fechados, na frente do nicho na parede, e agora a ideia de que não a veria mais lá me encheu de tristeza. Fiquei atrás dela pela casa enquanto juntava suas coisas e arrumava a mala. Meu tio, como que para ficar de olho em mim, seguia meus passos. Ao que tudo indica temia que pudesse convencer minha mãe a ficar.

Apesar de sua vigilância, perguntei, “Mãe, quando voltará?”

Ela hesitou, e finalmente disse, “Vou—vou—vamos ver.”

“No momento que receber um telegrama dizendo que o espaço está liberado,” disse meu Tio e acrescentou, “Não somos do tipo que desamparam nossas irmãs, lembre-se. Aquela casa no povoado é dela e poderá voltar para lá quando quiser; para que não fique a mercê de ninguém. Nossa casa pertence a nossa irmã tanto quanto a nós,” acrescentou, arrogante.

“Não deixe de acender as lamparinas no altar dos deuses,” disse minha mãe, descendo os degraus. “Cuide de sua saúde.” Meu tio carregava as malas e ela carregava a cesta. Logo estavam no fim da rua e dobravam a esquina. Fiquei nos degraus, assistindo a cena. Rosie estava parada na soleira da porta. Tive medo de me virar e olhar para ela porque estava chorando.

*

Para todos os fins práticos, formávamos um casal. Rosie cozinhava e cuidava da casa. Eu raramente saía, a não ser para fazer umas compras. Ela dançava e cantava o dia inteiro. Fazíamos amor o tempo todo e eu estava imbuído de um romantismo que não deixava lugar para mais nada até que acordei para o fato que ela estava realmente se cansando daquilo tudo. Passaram-se alguns meses antes que me perguntasse, “Quais são os seus planos?”

“Planos!” disse o dorminhoco, acordando. “Que planos?”

Ela riu da resposta e disse, “Olhe para você, o tempo todo deitado no tapete olhando para mim ou comigo nos braços. Já ensaiei bastante—agora consigo levar um show de quatro horas, embora com acompanhantes fosse bem mais fácil—“

“Estou aqui, fazendo o acompanhamento e marcando o ritmo para você. Que outro acompanhamento quer?”

“Preciso de uma orquestra inteira. Ficamos a portas fechadas tempo suficiente,” disse ela. Estava tão séria que não teve coragem de fazer piadas de novo.

Disse, “Também estive pensando. Logo teremos que fazer alguma coisa.”

“‘Rosie’ é um nome sem graça,” Disse depois de dois dias de muito pensar. “O seu problema é que embora venha de uma família de dançarinas tradicionais, eles não souberam dar-lhe um nome. Para nossos fins públicos, precisamos mudar seu nome. Que tal Meena Kumari⁸⁴?”

Sacudiu a cabeça. “Não é melhor que o meu. Não vejo motivo para mudar de nome.”

“Você não entende minha querida. Não é um nome sério nem sensato. Se for se apresentar perante o público com esse nome, vão pensar que se trata de alguém fazendo truques baratos, como aqueles que vemos em entretenimento de cassinos. Para uma dançarina clássica, deve ter um nome poético e atraente.

Ela se deu conta de que eu tinha razão, pegou papel e lápis e começou a anotar todos os nomes que lhe vinham à cabeça. Acrescentei mais alguns. Queríamos ver como soavam e também se ficavam bem por escrito. Folha após folha foram preenchidas e descartadas. Virou um tipo de brincadeira. Parecíamos estar esquecendo nossa tarefa principal ao nos divertirmos com aquilo. Cada nome tinha seu lado ridículo, soava cômico ou levava a uma associação indesejada. Tarde da noite, ela acordou-se e perguntou, “Que tal—?”

“É o nome da esposa de um rei-demoníaco—as pessoas vão se assustar,” disse eu. [139]Finalmente, depois de quatro dias de muito pensar e eliminar nomes (um trabalho que nos deu a satisfação de estarmos envolvidos em atividades profissionais), chegamos a “Nalini⁸⁵,” um nome que teria significado, poesia, é universal e ainda assim curto e fácil de lembrar.

*

De posse de um nome novo, Rosie entrou em uma nova fase da vida. Com o novo nome, Rosie e tudo que havia sofrido na sua vida pregressa ficou fora do conhecimento público. Eu era o único que a conhecia como Rosie e a chamava assim. O resto do mundo a conhecia por Nalini. Eu passei a me mexer, comecei a sair e encontrar com pessoas na cidade. Frequentava reuniões em vários grupos—na Universidade, na prefeitura, no Clube, e procurava uma chance. Quando os alunos das Faculdades Missionárias Albert planejavam sua celebração anual, eu me imiscui em suas reuniões através de uma remota conexão com um funcionário do Grêmio estudantil, que havia sido meu colega nos velhos tempos da escola no *pyol*, e sugeri, “Por que não um recital de dança em vez da tragédia Shakespeariana de sempre?” Insisti tanto na revitalização da arte na Índia com tanta veemência que não conseguiram se livrar de mim facilmente, mas tiveram que me ouvir. Só deus sabe de onde tirei tanta eloquência. Fiz um tal sermão sobre a importância da nossa cultura e o papel que a dança nela ocupa que eles simplesmente foram obrigados a aceitar meu ponto de vista. Alguém questionou se dança clássica seria adequada para uma assembleia estudantil. Provei que dança clássica poderia ser vista como o mais alegre dos entretenimentos, dada sua versatilidade. Eu era um homem com uma missão. Vesti-me de modo sóbrio para o papel, com um tipo de camisa de seda fiada artesanalmente e um manto e um *dhoti* fiado e tecido à mão, e usava óculos sem aro—um presente de Marco em um de nossos primeiros encontros. Usava um relógio de pulso—tudo isso, em minha opinião, emprestava tanto peso ao que eu

dizia que eles tinham que me escutar respeitosamente. Eu também me sentia modificado; não era mais o velho Raju da Ferrovia e seriamente desejei que eu também pudesse enterrar meu velho eu, como fizera Rosie, sob um novo nome. Ninguém parecia se importar com meus negócios como faziam aquele pessoal na vizinhança da ferrovia, e mesmo que soubessem da minha vida, pareciam ter outras coisas com que se ocupar do que minha carreira e seus altos e baixos. Nunca havia me dado conta que sabia falar com tanta fluência sobre temas culturais. Tirei o máximo proveito do pouco do vocabulário que aprendi com Rosie [140] Descrevi “Os Pés Dançantes” e expliquei seu significado palavra por palavra e quase dancei a coreografia eu mesmo. Eles me ouviam de boca aberta. Atirei mais uma isca ao comitê: se quisessem, poderiam ir comigo assistir a uma amostra do espetáculo. Eles concordaram entusiasmados. Referia-me a ela como uma prima que estava de visita, e que era famosa em sua própria cidade.

Na manhã seguinte, Rosie arrumou tão bem a sala que nem parecia tão ruim. Decorou o lugar com flores de um flamboyant. Enfiou o buquê em um vaso de bronze em um canto; deu um toque de um certo tipo de beleza em nossa pequena casa. Ela também empurrou nossos colchonetes enrolados, caixotes, banquinhos, e mais outras tralhas para o fundo da sala e atirou um *dhoti* por cima da pilha, e brilhantemente recobriu tudo de novo com um tapete listrado achado embaixo de uma cama. Isso deu à sala um ar misterioso. Ela sacudiu o velho tapete e o enrolou de forma que as partes rasgadas não aparecessem. Deu um jeito de aprontar xícaras fumegantes de café. Foi uma preparação excelente, calculada para ganhar a simpatia do público. Os homens, dois deles, chegaram e bateram na porta. Quando abri, ali estavam eles. Rosie havia pendurado um lençol estampado na passagem para a cozinha e estava atrás dele. Abri a porta, vi os homens ali, e disse, “Ah, vocês vieram!” como se por acaso houvesse imaginado que não viriam. De alguma forma, achei que seria bom dar um ar casual à situação.

Eles deram um sorriso forçado, percebendo que cumpriam uma missão agradável para assistir uma provável beldade.

Sentei-os no tapete, conversei com eles sobre política mundial por algum tempo, e disse, “Vocês estão com tempo, imagino? Vou perguntar para minha prima se ela está livre.”

Atravessei a cortina da cozinha e ela estava lá de pé. Sorri e pisquei para ela. Ela ficou imóvel e sorriu para mim também. Estávamos nos divertindo com esse teatrinho; sentíamos como se já tivéssemos começado um espetáculo. Ela havia prendido o cabelo em um nó, enfeitado sua testa com um pequeno ponto vermelho, espalhado um pouco de pó levemente sobre o rosto, e vestido um sari de algodão azul—um efeito de simplicidade produzido com muita preparação. Depois de cinco minutos de espera silenciosa, fiz um sinal com a cabeça e ela me seguiu para a sala.

[141] O Secretário e o Tesoureiro ficaram de queixo caído. Eu disse, “Estes são os meus amigos. Sente-se.” Ela sorriu, e sentou-se em um tapetinho—modestamente longe. Percebi naquele momento que seu sorriso era um “abre-te sésamo” para seu futuro. Houve um silêncio constrangedor por alguns instantes e então eu falei, “Esses são os meus amigos. Estão organizando um show de variedades do Grêmio Estudantil e gostariam de saber se você poderia ajudá-los.”

Ela perguntou. “Variedades? Que outras coisas vão apresentar?” e franziu a sobancelha mostrando superioridade.

Eles se desculparam, dizendo, “Algumas peças de fantasia, mímica e coisas assim.”

Ela disse, “Como pretendem encaixar minha apresentação? Quanto tempo teria? Estava assumindo o controle do programa deles.

Disseram, constrangidos, “Uma hora, uma hora e meia—como quiser.”

Daí passou um sermão neles. “Entendam, uma apresentação de dança não é como um show de variedades, precisa de tempo para atingir seu efeito. É algo que tem que se desenrolar entre quem dança e quem assiste.”

Concordaram totalmente com sua opinião. Interrompi para dizer, “Hoje eles vieram para conhecer você, e assistir um pouquinho da sua arte que queira mostrar. Poderia nos dar essa honra?”

Ela fez uma cara torta, resmungou, hesitou, e não respondeu.

“O que houve?” Estão esperando uma resposta sua. São homens ocupados.”

“Ah, não. Não há necessidade de apressar a senhora. Podemos esperar.”

“Como, como—fazer então—sem música de acompanhamento—sem música não gosto—“ dizia ela, e eu falei, “Ah, esse não é um espetáculo completo. Só um pequeno—Quando for um espetáculo completo teremos músicos. De qualquer forma, você é o item mais importante.” Eu a bajulei e os outros dois alegremente imitaram; e Rosie concordou hesitante, dizendo, “Se estão tão interessados, não posso recusar. Mas não me culpem se não for bom.” Foi para atrás da cortina de novo, voltando com uma bandeja de café.

[142] Só por formalidade os cavalheiros disseram, “Para que se preocupar com café?” Eu insisti que aceitassem.

Enquanto bebericavam seus cafés. Rosie começou sua dança, acompanhando uma música que cantava suavemente. Eu me arrisquei a marcar o tempo com as mãos, como um conhecedor. Eles assistiram fascinados. Ela parou de repente, enxugou o suor da testa, respirou fundo, e, antes de continuar, disse para mim, “Não marque o tempo; isso me confunde.”

“Tudo bem,” eu disse, sorrindo sem jeito, tentando não parecer humilhado. Murmurei, “Ah, ela é tão precisa, sabem como é.” Eles sacudiram a cabeça.

Ela terminou a coreografia e perguntou, “Devo continuar? Devo apresentar o ‘Os pés dançantes’?”

“Claro, claro,” exclamei, contente por ser consultado. “Vá em frente. Eles vão gostar.”

Quando se recobram do encantamento, um deles disse, “Preciso admitir que nunca dei importância para *Bharat Natyam*, mas assistir a essa senhora nos educa. Agora sei por que deixa as pessoas extasiadas.”

O outro disse, “Meu único receio é que ela seja boa demais para nosso evento. Mas não faz mal. Vou reduzir os outros itens do programa para dar-lhe todo o tempo que quiser.”

“Temos que tomar a nós a responsabilidade de educar o gosto do público,” disse eu. “Não podemos subestimar o gosto do público. Devemos elevá-lo oferecendo somente o melhor.”

“Acho que até o intervalo teremos as variedades e aquela bobageira toda. Após o intervalo essa senhora pode fazer o show inteiro.”

Ergui os olhos para ela por um segundo como se esperasse sua aprovação, e disse, “Ela vai, é claro, ficar satisfeita em ajudá-los. Mas precisam providenciar o baterista e outros músicos para o acompanhamento,” e deste modo consegui finalmente os músicos que Rosie vinha exigindo desde o início.

Capítulo 9 [p. 143]

Minhas atividades subitamente se multiplicaram. O evento no Grêmio foi o começo. Como um foguete, ela decolou. Seu nome tornou-se propriedade pública. Não precisava mais explicar ou apresentá-la ao público. Só pensar em fazer isso já seria ridículo. Tornei-me conhecido porque andava com ela, não o contrário. Ela se tornou conhecida porque tinha talento, e o público percebeu. Agora—só agora, posso falar racionalmente sobre isso. Na época estava presunçoso com a ideia de que eu a tinha feito. Hoje em dia estou disposto a crer que nem mesmo Marco poderia tê-la reprimido para sempre; em algum momento ela se libertaria e seguiria seu caminho. Não se engane com minha atual demonstração de humildade; na época não havia limite para minha autocongratulação. Quando a assistia em um grande auditório com milhares de olhos focados nela, não tinha dúvidas de que as pessoas estivessem dizendo a si mesmas e para as outras, “Lá está ele, se não fosse aquele homem—“ E imaginava toda essa adulação girando em torno dos meus ouvidos em pequenas ondas. Em cada espetáculo, por uma questão de honra, sentava no sofá do meio da primeira fila. Fiz circular a ideia de que aquele era meu lugar de direito em qualquer ocasião, e, a não ser que eu sentasse ali, Nalini não poderia se apresentar. Ela precisava de minha presença inspiradora. Balançava a cabeça com discrição; às vezes tamborilava os dedos suavemente acompanhando o ritmo. Quando nossos olhares se cruzavam, eu sorria para ela no palco, com cumplicidade. Às vezes fazia um sinal com os olhos ou dedos, sugerindo uma modificação ou uma crítica à sua performance. Gostava do modo como o presidente da ocasião sentava ao meu lado, e se inclinava para me dizer alguma coisa. Todos gostavam de ser vistos falando comigo. Sentiam-se quase tão contentes. Eu sacudia a cabeça, [144] dava uma risada contida, e respondia alguma coisa; deixando o público atrás de nós adivinhar o conteúdo de nossa conversa, embora na verdade não fosse nada mais que “O salão parece lotado.”

Dava uma olhada na direção do canto mais remoto do lugar, como que estimando o público, e dizia, “É, está cheio,” e rapidamente me virava, já que a compostura exigia que olhasse para a frente. Nenhum espetáculo começava até que eu fizesse um sinal para o sujeito que ficava espiando atrás da cortina, e só então a cortina subia. Nunca dava o sinal antes de me certificar de que tudo estivesse pronto. Averiguava a iluminação, disposição dos microfones, e inspecionava o ambiente como se estivesse calculando a velocidade do ar, a solidez do teto, e como se duvidasse que os pilares suportariam o teto nestas circunstâncias. Com tudo isso, criava uma tensão que impulsionava a carreira de Nalini. Quando todas as condições estavam satisfeitas, a apresentação começava, e os organizadores sentiam-se como se tivessem atingido uma meta difícil. Claro, pagavam pela dança, e o público estava lá, depois de pagar por seus lugares, mas assim mesmo eu dava a nítida impressão de que estava prestando a eles um favor por permitir a dança. Era um homem rígido. Quando achava que a apresentação já tinha se prolongado o suficiente, olhava para o relógio no meu pulso e, com um suave aceno de cabeça, Nalini entendia que precisava terminar o espetáculo com o próximo item. Se alguém fizesse alguma outra sugestão, eu jamais a levava em consideração. Às vezes pedacinhos de papel voavam do fundo do salão, com pedidos para esta ou aquela dança, mas eu fazia uma cara tão feia quando um pedaço de papel aterrissava perto de mim que as pessoas acabavam ficando com medo de fazer coisas desse tipo. Em geral, pediam desculpas. “Não sei, alguém do banco de trás—só veio parar aqui—” Eu pegava o papel com uma carranca, lia com um tédio tolerante, e jogava sobre o braço do sofá; caía no tapete, para sempre esquecido. Dava a entender que tais estratégias deveriam se dirigir a seres de menor importância e que não funcionariam aqui.

Um minuto antes da cortina descer, olhava para o Secretário e fazia um sinal para que se aproximasse. Perguntava, “O carro está pronto? Por favor, que espere na outra porta, longe da multidão. Gostaria que ela saísse com tranquilidade.” Era uma declaração falsa. Na

verdade, adorava escoltá-la através da multidão embasbacada. Depois do espetáculo, [145] as pessoas ainda ficavam por ali para ver se conseguiam vislumbrar a estrela. Eu caminhava na frente ou ao seu lado sem receio. Ao final do espetáculo eles a presenteavam com uma enorme guirlanda de flores, e eu ganhava uma também. Aceitava a minha com relutância. “Não há mesmo motivo para gastar dinheiro em uma guirlanda para mim,” dizia; ou eu a segurava com desleixo ou, no meio da multidão, entregava-a para Nalini em um gesto dramático, acrescentando, “Bem, você merece duas, mesmo,” e fazia com que ela carregasse as flores para mim.

Era um mundo de representação teatral até que chegássemos na privacidade de nossa casa, momento em que ela deixava de lado as restrições e formalidades da noite e me dava um abraço arrebatado, dizendo, “Mesmo que reencarne não poderei pagar minha dívida com você.” Inchava de orgulho quando ouvia isso, e aceitava tudo como crédito merecido. Metodicamente ela começava a embrulhar as flores em uma toalha úmida para que guardassem seu frescor até a manhã seguinte.

Em dias de espetáculo ela preparava nosso jantar durante a tarde. Poderíamos facilmente ter contratado alguém para cozinhar, mas ela sempre dizia, “Afinal, para duas pessoas, não precisamos de ninguém estorvando dentro de casa. Não posso esquecer meus deveres femininos. Falava sobre o espetáculo do dia durante o jantar inteiro, criticando algum arranjo do acompanhamento musical, como esse ou aquele não havia conseguido manter o ritmo. Vivia imersa na memória de sua apresentação. E depois pegava um livro e lia até irmos para a cama.

Em poucos meses tive que sair de minha velha casa. O Sait conseguiu uma liminar e assegurou a posse da propriedade até o julgamento. Meu advogado veio me ver e disse, “Não se preocupe; isso só quer dizer que ele terá que pagar o imposto sobre a casa, inclusive os atrasados, se houver. Claro que a assinatura de sua mãe também será necessária, mas deixa

isso comigo. É apenas como se estivesse hipotecando a casa para ele. Talvez tenha que pagar aluguel para ele—um aluguel simbólico, se ficar aqui.”

“Pagar aluguel por minha própria casa!” disse eu. “Se tiver que pagar aluguel, prefiro uma casa melhor.” Para nosso prestígio crescente, a casa era inadequada. Não podíamos receber visitas. Não havia privacidade. Não havia lugar para mobília. Meu pai concebera essa casa para [146] um comerciante, não para um homem de condição importante e com prestígio, responsável por uma celebridade em ascensão. “Além disso, onde há lugar para você ensaiar?” perguntei para Nalini quando fez objeções à ideia de se mudar. De algum modo, tinha um apego profundo pela casa, o primeiro lugar que a asilou.

O advogado foi ao povoado e voltou com o documento assinado por minha mãe. “Qual foi sua reação?” não pude deixar de perguntar.

“Não foi ruim, não foi ruim,” disse o especialista em postergação. “Bem, claro que não podemos esperar que pessoas idosas pensem como nós. Tive que argumentar e convencê-la, e seu tio mostrou-se um sujeito difícil.”

Quatro dias depois veio a carta de minha mãe; escrita a lápis em um papel amarelo: “... assinei não por concordar com isso, mas porque se não assinasse o advogado não ia embora daqui, e seu tio não o deixava em paz. Essa situação me deixa confusa. Estou farta disso. Assinei sem que seu tio visse, aproveitei quando ele foi ao quintal, para que o advogado pudesse ir embora sem apanhar. De qualquer forma, o que significa isso? O advogado disse que você está procurando uma casa nova para aquela mulher. Se for assim, vou voltar a morar na minha velha casa. Afinal, quero passar o resto dos meus dias em minha própria casa.” Minha mãe foi generosa em deixar de lado sua raiva e me escrever. Fiquei emocionado com sua gentileza. Fiquei perturbado com sua intenção de voltar. Podia entender, mas resistia a aceitar a ideia. Achava melhor deixar que o Sait ficasse com a casa e acabar com o assunto de uma vez por todas. Afinal, quem queria essa casa caindo aos pedaços? Para que minha mãe

morasse na casa, teria que pagar aluguel ao Sait. Quem cuidaria dela? Eu andava muito ocupado. Racionalizei a questão de todas as formas e deixei a carta sem resposta. Mudei-me para outra casa e não tinha mais tempo para nada, e toda a agitação aquietou minha consciência. Sentia muito, mas racionalizava: “Afinal, tem o irmão em alta conta, e ele vai cuidar dela. *Por que* deveria vir aqui e morar sozinha?”

*

A casa elegante no Distrito Novo era mais coerente com nossa nova condição social. Tinha dois andares, varias dependências, gramados, jardins, e garagem. No andar de cima tínhamos nossos quartos e um sala grande onde Nalini ensaiava suas coreografias. [147] Era forrado com um tapete de seda azul grosso, menos em um espaço com piso de mármore onde ela dançava. Dei um jeito de colocar em um canto um pedestal com uma estátua de bronze de uma Nataraja dançante. Era seu escritório. Tinha agora um grupo permanente de músicos—cinco, um flautista, um baterista, etc. Ela tinha um “mestre de dança”⁸⁶ que eu descobri em Koppal⁸⁷, um homem que havia estudado em profundidade a dança tradicional por meio século e que morava em sua casa do povoado. Mandei trazê-lo a Malgudi e alojei-o em um anexo em nossa no pátio de nossa casa. Todo tipo de gente entrava e saía de nossa casa. Tinha um grande contingente de empregados—um motorista para nosso carro, dois jardineiros para o jardim, um bravo soldado nepalês com uma adaga na cintura como sentinela Gurkha⁸⁸ no portão, e duas pessoas para cozinhar porque nossas recepções começavam a ficar mais frequentes. Como disse, uma população variada estava entrando e saindo da propriedade o tempo todo: músicos, seus amigos, aqueles que vinham me ver com hora marcada; os empregados, e assim por diante. Meu escritório ficava no térreo, tinha a minha disposição um secretário, um jovem formado na faculdade local, que lidava com a correspondência.

Tinha três ou quatro categorias de visitantes. Alguns eram recebidos na varanda; esses eram músicos ou pretendentes a músico que queriam uma chance para acompanhar Nalini.

Não os tratava com muita consideração. Cerca de dez deles pediam uma entrevista comigo por dia. Sempre havia alguns na varanda, esperando por uma oportunidade de falar comigo. Eu entrava e saía, mal notando sua presença. Eles levantavam ao me ver e me saudavam respeitosamente, e se conseguiam interceptar meu olhar, fazia um teatrinho, prometia uma audiência, e então dizia, “Deixe seu endereço com meu secretário. Se puder fazer alguma coisa, digo a ele para entrar em contato com você.” Quando brandiam um maço de cartas de recomendação, dava uma espiada rápida e dizia, “Bom, bom.” Mas não posso fazer nada por você agora. Deixe seu nome no escritório”—e seguia em frente. A varanda estava entupida de bancos, nos quais as pessoas sentavam e esperavam o dia todo por uma chance de falar comigo. Mal dava atenção a elas. Deixava que adivinhassem quando estaria em minha mesa. Às vezes, compositores obscuros apareciam [148] com músicas novas, criadas especialmente para Nalini. Às vezes, quando sentava atrás da mesa, não me importava que espiassem para dentro do escritório na tentativa de falar comigo. Nunca ofereci uma cadeira para essa classe de visitantes, mas não me importava se algum puxasse uma e sentasse. Quando queria me livrar dele, jogava minha cadeira para trás e saía de repente, deixando que meu secretário o despedisse. Às vezes, ao ver pela parede envidraçada que uma grande multidão esperava por mim lá fora, recorria a uma saída estratégica por uma porta lateral, que dava direto na garagem, e de lá corria até o portão, sob o olhar impotente dos visitantes. Sentia-me imensamente superior a todos.

Além desses que vinham com suplicantes, havia outros que me procuravam com ofertas de apresentações genuínas. Formavam uma categoria de visitantes superior. Estes eu recebia no sofá da sala e eu tocava a sineta para que o café fosse servido. Oferecia café dia e noite para meu círculo privado de visitantes. Nossa conta de café sozinha chegava a trezentos por mês, o que daria para manter confortavelmente uma família de classe média. Os encontros da sala eram caros em tudo—bandejas incrustadas de latão, enfeites de marfim, fotos do

grupo ao redor de Nalini. Sentado na sala e olhando em volta, tinha a satisfação de sentir que havia chegado lá.

Qual o lugar de Nalini nisso tudo? Longe, invisível. Ela passava a maior parte do dia na sua sala de ensaios com seus músicos. Podia-se ouvir o bater dos pés e o tilintar das tornozelas no andar de cima. Afinal, estava vivendo a vida que imaginara. Os visitantes sempre tinham esperança de vê-la entrando ou saindo da casa. Eu sabia o que procuravam, com seus olhares furtivos lançados à porta do corredor. Mas me certificava que ninguém a visse. Eu detinha o monopólio sobre ela e ninguém tinha nada com sua vida. Se alguém se encorajasse a perguntar por ela, dizia, “Está ocupada,” ou “Não precisa incomodá-la. Falou comigo; é o que basta.” Ficava ofendido se alguém quisesse um contato direto. Ela era minha propriedade. Essa ideia estava começando a deitar raízes em minha mente.

Havia, no entanto, uns poucos amigos do círculo privado que eu levava aos seus aposentos no andar de cima. Era um grupo eclético. Precisavam ser meus íntimos; até então nunca havia tido amigos; agora minha amizade era desejada por todos. Gozava da intimidade com juízes, quatro políticos distritais eminentes que tinham o poder de levantar dez mil votos a qualquer momento por qualquer causa, e dois grandes proprietários de indústrias têxteis, um banqueiro, um conselheiro municipal, e o editor do *A Verdade*, uma revista semanal, na qual uma matéria sobre Nalini aparecia volta e meia. Esses homens podiam chegar na minha sala sem marcar hora, pedir café, e demorar o quanto quisessem. Me chamavam de “Raj,” com intimidade. Gostava de gozar de sua amizade porque eram homens de dinheiro ou influência.

Além deles, às vezes músicos ou atores ou outras dançarinas visitavam Nalini e ficavam horas e horas com ela. Nalini gostava imensamente de sua companhia, e eu com frequência os via em sua sala, uns deitados nos tapetes, outros em pé, todos conversando e rindo, enquanto se serviam de café e comida. Uma vez que outra subia e batia um papo com eles—sempre com a impressão que era um intruso em seu meio artístico. Às vezes ficava

irritado ao vê-los tão felizes e despreocupados. Fazia um sinal para Nalini ir ao quarto, como se para um assunto importante, e quando ela fechava a porta, sussurrava, “Quanto tempo vão ficar?”

“Por quê?”

“Estão aqui o dia inteiro e talvez fiquem até a noite—“

“Bem, eu gosto de sua companhia. Somos agraciados por suas visitas.”

“Ah, como se ninguém mais viesse nos ver.”

“Tudo bem. Como posso mandá-los embora? E fico tão feliz em estar com eles.”

“Sem dúvida; não nego. Mas lembre-se, tem que descansar e temos uma viagem de trem amanhã. Você precisa fazer as malas, e também ensaiar. Lembre-se que prometeu coreografias novas para o espetáculo em Trichi.”

“Isso é fácil!” ela dizia, dando as costas e voltando para seus amigos, fechando a porta na minha cara. Me roía por dentro. Queria que fosse feliz—mas apenas na minha companhia. Esse grupo misturado de gente do meio artístico não me agradava. Falavam muito sobre suas carreiras e Nalini poderia contar-lhes nossos segredos nos negócios.

[150] Ela nunca perdia uma chance de reunir esse tipo de amigos, onde quer que estivesse. Disse, “São pessoas abençoadas pela Deusa Saraswathi⁸⁹, e são pessoas de bem. Gosto de conversar com eles.”

“Você não conhece o mundo—são uns invejosos. Não sabe que os verdadeiros artistas nunca se reúnem? Essa gente a procura porque são inferiores.

“Estou cansada dessa conversa de superior e inferior. Em que somos tão superiores?” Perguntou, cheia de indignação.

“Veja bem, você tem mais contratos do que uma centena deles somados,” disse.

“Isso é mais dinheiro,” disse ela. “Não dou tanta importância para esse tipo de superioridade.”

Aos poucos as discussões começaram a aflorar entre nós, e isso, eu disse, deu o toque final na nossa relação marido-mulher. Seu círculo alargava-se. Artista de primeira e segunda linha, professores de música, diletantes locais, garotas que buscavam ideias para suas apresentações escolares, todo tipo de gente a procurava. Quando podia, impedia suas visitas, mas se conseguissem se infiltrar até o segundo andar, não podia fazer nada. Nalini os recebia por horas e praticamente não os deixava ir embora.

*

Éramos chamados para apresentações a quilômetros de distância. Nossos caminhões estavam sempre prontos para partir. Às vezes, quando deixávamos Malgudi, ficávamos fora por quase duas semanas. Nossos contratos nos levavam a todos os cantos do sul da Índia, com Cabo Comorin⁹⁰ em uma ponta e a orla de Bombaim na outra, e de costa a costa. Tinha um mapa e um calendário e tentava planejar nossos compromissos. Analisava os convites e sugeria datas alternativas, de modo que uma única viagem combinasse várias apresentações. Planejar o itinerário para cada temporada consumia muito da minha energia. Ficávamos fora por cerca de vinte dias no mês, e durante os dez em que estávamos em Malgudi tínhamos uma ou duas datas perto de casa, e o que sobrasse podia ser considerado descanso. Era um calendário extenuante, e, sempre que possível, meu secretário me informava sobre a correspondência diária e recebia instruções por telefone. Tinha compromissos pelos próximos três meses. [151]Tinha um calendário enorme onde marcava em vermelho as datas das apresentações, e de início o pendurei na sua sala de ensaio, mas ela reclamou, “É feio. Tire isso daí.”

“Queria que tivesse uma ideia clara de onde seriam as próximas apresentações.”

“Não é preciso,” disse ela. “O que é que vou fazer, olhando essas datas?” Enrolou o calendário e o pôs em minha mão. “Não me mostre. Ver tantos compromissos só me deixa assustada,” disse ela. Quando dizia para que se aprontasse para o trem, ela se aprontava;

quando pedia que descesse, ela descia; entrava e saia dos trens ao meu comando. Não sei se alguma vez chegou a prestar atenção em que cidade estávamos, ou em que *sabha*⁹¹ ou que associação nos patrocinava. Tanto fazia, acho eu, se fosse Madras ou Madura⁹², ou uma remota cidadezinha das montanhas como Ootacamund⁹³. Onde a ferrovia não chegava, um carro vinha nos buscar no fim da linha. Alguém nos esperava na plataforma, nos levava a uma limusine que esperava lá fora, e conduzia para um hotel ou bangalô. Os músicos que nos acompanhava eram levados em bando e alojados confortavelmente em algum lugar. Mantinha o grupo de bom humor ao me preocupar com seu conforto. “São nossos acompanhantes. Espero que tenham acomodações adequadas para eles também.”

“Claro, claro senhor. Reservamos dois quartos grandes para eles.”

“Mandem um carro mais tarde para trazê-los ao nosso hotel.” Sempre fazia questão de buscá-los e tê-los a postos duas horas antes da apresentação. Eram uns tipos sem horário, esses instrumentistas; dormiam, ou iam fazer compras, ou ficavam jogando cartas—nunca consultavam o relógio. Lidar com eles era uma arte—era preciso mantê-los de bom humor; caso contrário podiam arruinar a noite e por a culpa no destino ou no clima. Pagava bem. Fazia questão de parecer que cuidava bem deles, mas me mantinha afastado. Tinha o cuidado de evitar que criassem intimidade com Nalini.

Se a apresentação fosse às seis horas, geralmente insistia que Nalini descansasse até as quatro da tarde. Se houvesse convidados na casa, ela geralmente gostava de ficar com as mulheres em conversas intermináveis. Mas eu a puxava de lado e dizia de um jeito firme mas carinhoso, “Acho melhor você descansar um pouco; a viagem de trem a noite passada não foi muito confortável,” [152] e ela terminava a frase que estava dizendo ou ouvindo e ia para o quarto de hóspedes.

Ficava irritada com minha interferência. “Por que vem e me tira da companhia das pessoas? Por acaso sou um bebê?” Eu explicava que era para seu próprio bem se agia assim.

Sabia que era apenas uma meia verdade. Se sondasse meu coração saberia que a levava embora porque não gostava de vê-la se divertindo na companhia de outras pessoas. Queria mantê-la em uma cidadela.

Se tivéssemos que pegar um trem depois da apresentação, dava um jeito de ter um caro nos esperando para nos levar direto para a estação. No trem, mandava servir uma refeição em pratos de prata ou aço inoxidável, e jantávamos na privacidade de nosso compartimento exclusivo. Mas era uma trégua de curta duração, logo começava tudo de novo, descer em outra estação, fazer outro espetáculo, e partir novamente. Quando visitávamos lugares importantes, ela às vezes pedia para ver um templo famoso ou uma loja ou alguma atração local. Eu sempre respondia, “Está bem, está bem. Vamos ver quando podemos encaixar a visita,” mas nunca dava, já que sempre precisava pegar outro trem para cumprir outro compromisso. Estávamos passando por uma série de atos mecânicos dia após dia—as mesmas recepções na estação, organizadores exigentes, encontros, e advertências, o mesmo sofá no meio da primeira fila, discursos e comentários e sorrisos, conversas cordiais, guirlandas, fotos e flashes, cumprimentos, e sair para pegar o trem—embolsando a coisa mais importante, o cheque. Pouco a pouco comecei a falar, não “Vou a Trichy para uma apresentação de Nalini,” mas “Vou me apresentar em Trichy no domingo, segunda tem um espetáculo em...” e a seguir, “Posso dançar em sua cidade somente em...” Exigia, e recebia, o maior cachê que qualquer outro na Índia. Travava aqueles que me procuravam para pedir um espetáculo como suplicantes, tinha uma renda mensal enorme, gastava uma quantia enorme com empregados e estilo, e pagava uma quantia enorme em impostos. Apesar disso, Nalini encarava tudo com um toque de resignação em vez de saudável contentamento. Ela parecia tão feliz na nossa velha casa, mesmo quando meu tio a insultava.

*

Nalini tratava com carinho cada guirlanda que ganhava no fim das apresentações. Normalmente as podava, borrifava com água, e as guardava com cuidado, mesmo quando estávamos em um trem. Disse, segurando uma guirlanda e cheirando seu perfume no ar, “Para mim, essa é a única parte que vale a pena de tudo que fazemos.”

Estávamos em um trem quando disse isso. Perguntei, “Por que diz isso?”

“Adoro jasmim.”

“Não o cheque que vem junto?”

“O que se faz com tanto dinheiro? O dia todo e a semana inteira você fica recebendo cheques, e com cada vez mais frequência. Mas quando vai chegar a hora de aproveitar esses cheques?”

“Bem, você tem uma casa grande, um carro grande e tudo mais—isso não é aproveitar a vida?”

“Não sei,” disse ela, ainda de mal-humorada. “Como gostaria de andar no meio da multidão, passear, sentar no auditório, sair à noite sem precisar me vestir ou maquiar para o palco!”

Uma espécie perigosa de fadiga parecia estar tomando conta dela. Achei melhor não cutucar muito. Talvez quisesse menos compromissos, mas não era possível. Perguntei, “Não está dizendo que tem dor nas pernas, não é?”

Fez o efeito desejado. Feriu seu orgulho e ela disse, “Claro que não. Posso dançar por várias horas em cada apresentação. Só paro porque você manda.”

“É, é verdade,” exclamei. “Senão você se cansaria.”

“Não é só isso; você também quer pegar o trem—mas que diferença faria se pegássemos o próximo no dia seguinte não sei—“

Não deixei que completasse a frase. Chamei-a de garota esperta, de modo lisonjeiro, ri e levei tudo como piada, acariciei-a e a fiz esquecer o assunto. Achei que era um tipo de

pensamento perigoso. Me parecia absurdo que ganhássemos menos que o máximo que conseguíssemos. Minha filosofia era que enquanto durasse, tínhamos que tirar o máximo de dinheiro. Precisávamos de todo o dinheiro do mundo. Se fôssemos menos prósperos, quem se importaria comigo? Onde estariam todos os sorrisos que me aguardavam agora onde quer que fosse? E a concordância respeitosa aos meus comentários quando falava com o sujeito na cadeira ao lado? [154] A ideia de passar com menos que isso me enchia de pavor. “Se a gente não trabalhar e lucrar em ocasiões favoráveis, cometemos um pecado. Quando estivermos em baixa ninguém vai nos ajudar.” Estava planejando grandes investimentos tão logo fosse possível—logo que pudéssemos contar com um pouco mais de margem. No momento, o estilo de vida e as recepções que tinha criado estava consumindo todos nossos recursos.

Às vezes ela dizia, “Gastar dois mil por mês somente nós dois. Não tem um jeito de vivermos com mais simplicidade?”

“Deixe essas coisas comigo; gastamos dois mil porque precisamos. Temos que manter nosso status.” Depois de muito pensar, abri uma conta bancária no nome dela. Não queria meus credores me importunando de novo. Meu advogado de postergação estava trabalhando em seu ritmo próprio, às vezes me procurando para uma assinatura ou dinheiro, e lidando com a causa sem me incomodar. Nalini assinava qualquer cheque que pedisse. Uma coisa preciso dizer ainda: sempre que estava na cidade reunia um grande círculo de amigos e jogávamos cartas praticamente vinte e quatro horas sem parar. Tinha uma sala reservada para isso e dois empregados pessoais servindo chá e café e até comida no local; e tínhamos bebidas clandestinas também, embora fosse contra a lei—bem, a proibição legal não era para um homem influente como eu. Arranjei um receita médica declarando que precisava de álcool para meu bem-estar. Embora pessoalmente não gostasse de beber, amornava um copo de uísque horas a fio. “Licenciado” tornou-se um título social em nossa terra e atraía homens importantes ao meu círculo, porque a licença era difícil de conseguir. Mostrava respeito pela

lei mantendo janela que dava para a rua fechada enquanto servia bebida ao pessoal sem-licença. Todo tipo de gente me chamava de “Raj” e me dava tapinha nas costas. Jogávamos pôquer de três cartas⁹⁴ às vezes por dois dias seguidos; trocava um cheque de mil rupias com este fim, e esperava aqueles que vinham jogar comigo de igual para igual. Em consequência da intimidade com todo tipo de gente, sabia do que se passava nos bastidores do governo, no mercado, em Delhi⁹⁵, nos jóqueis-clubes, e quem seria quem na semana seguinte. Podia conseguir lugar no trem na hora, sem reserva antecipada, liberar um sujeito convocado para fazer parte de júri, reintegrar um dignatário demitido, conseguir voto para eleições cooperativas, nomear conselheiros, arranjar emprego, vaga na escola, transferência de funcionários públicos impopulares, e tudo isso me parecia ser serviços sociais importantes, uma influência que valia a pena comprar a preço de mercado.

*

No calor dessa vida fulgurante, tinha praticamente ignorado o fato que Marco ainda existia. Quase não mencionávamos seu nome. Nunca tomei conhecimento do fato que ele ainda habitava o globo, e tomei a única precaução necessária—evitava apresentações perto de sua casa. Não queria correr o risco de enfrentá-lo novamente. Não fazia ideia do que Nalini pensava. Acreditava que ainda se ressentisse ao pensar nele, e que preferisse esquecê-lo. Imaginava que todas suas ligações com ele estivessem enfraquecidas, fossilizadas, ou não existissem mais. Também imaginava que sob o nome de Nalini ela estivesse a salvo, fora de seu alcance, mas estava enganado. Nos apresentamos por uma semana inteira em Malgudi. O correio um dia trouxe-nos um livro. Geralmente eu recebia uma variedade de correspondência—catálogos, programas, versos, e coisas do gênero, tudo verificado e descartado pelo meu secretário. Alguns periódicos ilustrados em tâmil ou inglês endereçados a Nalini eram enviados ao segundo andar. Eu mal olhava aquilo tudo, a não ser cartas oferecendo trabalho, muito menos livros e periódicos. Era um homem muito ocupado, e era

impossível para mim na época sentar para ler qualquer coisa, e instruí meu secretário a não me importunar com livros. Mas um dia ele trouxe um pacote, dizendo, “Dê uma olhada nisso, senhor. Achei que pudesse ser de interesse especial.”

Segurei o livro aberto. Arranquei-o de sua mão. Era um livro da autoria de Marco, um livro cheio de ilustrações e comentários. “Veja a página 158” estava escrito à lápis. Virei as páginas, e lá estava, o título “Pinturas da Caverna de Mempi.” Na abertura do capítulo havia uma linha dizendo, “O autor reconhece sua dívida ao Senhor Raju da Estação Ferroviária de Malgudi pela ajuda.” O livro era uma cortesia de uma editora de Bombaim, enviado a pedido do autor. Era um livro estupendo de vinte rupias, cheio de ilustrações artísticas, uma monografia sobre *A História Cultural do Sul da Índia*. Provavelmente um trabalho destacado sobre o assunto, mas além do meu alcance.

[156] Disse ao secretário, “Vou ficar com ele. Tudo bem.” Virei as páginas. Por que o rapaz o tinha trazido como coisa especial? Será que sabia quem era quem? Ou—? Descartei a ideia. Devia ser porque ficou impressionado com o azul e dourado da capa e a qualidade do material. Deve ter receado que se não me mostrasse, eu exigiria explicações. Só isso. Então disse, “Obrigado, vou ler.” E daí fiquei sentado imaginando o que fazer com o livro. Deveria levá-lo ao segundo andar para Nalini ou—? Disse a mim mesmo, “Por que importuná-la com isso? Afinal de contas, é um trabalho acadêmico, que já a entediou o suficiente.” Virei as páginas novamente, para ver se havia alguma carta escondida. Não. Impessoal, como a conta de luz. Fui para a página 158 e reli sua nota. Era excitante ver meu nome impresso. Mas por que fez isso? Me perdi em devaneios imaginando seus motivos. Seria somente para manter sua palavra porque tinha prometido, ou poderia ser para mostrar que não havia me esquecido tão facilmente? De qualquer forma, achei melhor guardar o livro. Levei-o para meu lugar mais secreto e protegido da casa—o baú das bebidas, ao lado da sala de jogos, cuja chave carregava junto ao coração—escondi o volume fora do alcance da visão, e o tranquei. Nalini

nunca chegava perto dali. Não falei do livro para ela. Afinal, disse a mim mesmo, “O que ela tem a ver com isso? O livro foi mandado para mim, e o agradecimento é aos meus serviços.” Mas era como esconder um cadáver. Cheguei à conclusão de que nada nesse mundo pode ser escondido ou abafado. Todas as tentativas nesse sentido são como abrir uma sombrinha para ocultar o sol.

Três dias depois, um fotografia de Marco apareceu na *Revista Ilustrada de Bombaim*⁹⁶ na página central. A *Revista Ilustrada* era uma das publicações que Nalini sempre lia—era cheia de fotos de casamentos, reportagens, e ensaios que ela gostava. A fotografia foi publicada com uma resenha do livro, chamado de Descoberta de extrema importância para a história cultural Indiana.” Eu estava analisando as contas no saguão, longe das visitas. Ouvi barulho de passos a descer as escadas correndo. Virei-me e a vi se aproximando com a revista na mão, toda excitada. Enfiou a página na minha cara e perguntou, “Você viu isso?”

[157] Mostrei-me adequadamente surpreso e disse a ela, “Calma. Sente-se.”

“É fantástico. Trabalhou para isso toda sua vida. Imagino como seja o livro!”

“Ah, é acadêmico. Não vamos entender. Para quem gosta dessas coisas, deve ser interessante.”

“Queria tanto ver o livro! Será que não conseguimos em algum lugar?” Em um repente, chamou meu secretário, coisa que nunca havia feito. “Mani, disse ela, e mostrou a fotografia para ele, “você precisa me conseguir esse livro.”

Ele chegou mais perto, leu a passagem, pensou por uns instantes, olhou para mim, e disse, “Tudo bem, madame.”

Eu lhe disse de um jeito apressado, “Ande logo com aquela carta, e vá ao correio pessoalmente e lembre-se de acrescentar uma taxa de urgência.” Ele se foi. Ela continuou ali sentada. A não ser que fosse chamada para encontrar visitas, ela nunca descia. Que agitação era essa que a levou a fazer coisas tão inusitadas? Pensei por um momento se não devia

entregar-lhe o livro. Mas ia me pedir tantas explicações. Simplesmente omiti a coisa toda. Voltou para o quarto dela no segundo piso. Mais tarde notei que havia recortado a foto do marido e a colocado no espelho da penteadeira. Fiquei chocado. Queria encarar aquilo como uma piada, mas não consegui encontrar as palavras certas, então deixei por isso mesmo. Apenas desviava os olhos quando passava pelo espelho.

Foi uma longa semana na cidade; não fosse por isso, estaríamos ocupadíssimos com os preparativos de viagem, e provavelmente extraviado aquela edição da *Revista Ilustrada*. No terceiro dia, estávamos na cama ainda, a primeira pergunta que ela me fez foi, “Onde você guardou o livro?”

“Quem contou a você sobre isso?”

“Que interessa? Sei que foi enviado a você. Quero vê-lo.”

“Tudo bem, mostro amanhã.” Obviamente Mani era o responsável. Havia um acordo em nossa casa no qual meu secretário não tinha acesso direto a ela, mas o sistema estava falhando. Resolvi puni-lo devidamente pelo seu erro.

Ela sentou reclinada no travesseiro com um periódico na mão, aparentemente lendo, mas na verdade se preparando para a briga. [158] Fingiu ler por alguns momentos e perguntou de repente, “Por que queria esconder o livro de mim?”

Não esperava por isso, então disse, “Não podemos discutir isso amanhã? Agora estou com muito sono.”

Ela estava a fim de brigar. Disse, “Pode me dizer em uma palavra por que fez isso e dormir imediatamente.”

“Não sabia que você ia se interessar.”

“Por que não? Afinal--?”

“Você havia me dito que nunca achou que seu trabalho fosse interessante.”

“Mesmo agora, é provável que me entediasse. Mas qualquer coisa que aconteça a ele só pode me interessar. Fico feliz em saber que agora é famoso, embora não saiba de que se trata.”

“De repente acha que está interessada nele, é só isso. Mas o livro foi enviado para *mim*, não para você, lembre-se.”

“É motivo suficiente para escondê-lo de mim?”

“Posso fazer o que quiser com meu próprio livro, imagino? Só isso. Vou dormir. Se não vai lendo, mas apenas pensar, pode muito bem fazer isso no escuro, e apagar a luz.”

Não sei por que falei tão impensadamente. A luz foi apagada, mas percebi que ela ficou sentada—e chorando no escuro. Pensei por um segundo se devia pedir desculpas e confortá-la. Mas resolvi que não. Ela andava reprimindo muita tristeza ultimamente, tinha a impressão. Faria bem a ela por tudo para fora sem minha interferência. Me virei e fingi dormir. Meia hora se passou. Liguei a luz, e lá estava ela, ainda chorando quietinha.

“O que deu em você?”

“Afinal, afinal de contas, é meu marido.”

“Muito bem. Não houve nada para que você chore. Deveria estar satisfeita com sua reputação.”

“Estou,” disse ela.

“Então pare de chorar e durma.”

“Por que se irrita quando falo sobre ele?”

Percebi que não adiantava tentar dormir. Teria que enfrentar o desafio de qualquer maneira. Respondi, “Pergunta por quê? Não lembra quando e como ele abandonou você?”

[159]”Lembro, e foi merecido. Qualquer outro marido teria me estrangulado na hora. Tolerou minha presença por quase um mês, mesmo depois de saber o que eu havia feito.”

“Você fala do mesmo incidente de duas maneiras distintas. Não sei qual levar em consideração.”

“Não sei. Posso estar enganada em meu julgamento. Afinal, foi bom para mim.”

“Ele nem encostava em você.”

“Vai me provocar com isso?” Perguntou, de repente soando submissa. Não conseguia entendê-la. Tive um pensamento aterrador que por meses e meses havia comido, dormido, e vivido com ela sem entender nada que se passava em sua cabeça. Qual seu estado de espírito? Era lúcida ou louca? Era mentirosa? Fez todas essas acusações ao marido no nosso primeiro encontro só para me seduzir? Faria várias acusações a mim agora que parecia estar cansando de mim—chegando ao ponto de dizer que eu era um idiota e um imbecil? Estava confuso e infeliz. Não entendia sua súbita afeição pelo marido. Que estado de estado de ânimo repentino dominava-a agora? Fiz o que pude por ela. Sua carreira estava no auge. O que mais a preocupava? Poderia descobrir e achar uma solução? Deixei passar muita coisa em nossa atribulada vida profissional.

“Precisamos tirar umas férias em algum lugar,” eu disse.

“Onde?” Perguntou, direta.

Fui pego de surpresa. “Onde? Qualquer lugar! Algum lugar.”

“Estamos sempre indo para algum lugar. Que diferença vai fazer?”

“Vamos nos divertir, só nós, sem compromissos.”

“Não acho que seja possível se não cair doente ou quebrar o fêmur,” disse ela e deu uma risada cruel. “Sabe os bois amarrados a um moinho —eles ficam dando voltas e mais voltas, em círculos, sem começo nem fim?”

Sentei e disse a ela, “Partiremos tão logo terminem os compromissos já assumidos.”

“Em três meses?”

“Sim. Depois de terminá-los faremos uma pausa para respirar.”

[160]Ela parecia tão incrédula que acrescentei, “Bem, se não gosta de um compromisso, sempre pode dizer não.”

“Para quem?”

“Para mim, claro.”

“Claro, se você me consultasse antes de aceitar e receber um adiantamento.”

Havia algo muito errado com ela. Fui até sua cama, sentei, sacudi seus ombros um pouquinho, só para que parecesse pessoal, e perguntei, “O que há com você? Não está feliz?”

“Não. Não estou feliz. O que vai fazer a respeito?”

Joguei os braços para cima. Realmente não podia dizer nada. “Bem, se me contar o que está errado, posso ajudar. Pelo que sei, você não tem nada para lamentar—é famosa, ganha dinheiro, faz o que quer. Queria dançar; conseguiu.”

“Só de pensar nisso já fico enojada,” acrescentou. “Me sinto como um daqueles papagaios engaiolados a mostra nas feiras do interior, ou um macaco amestrado, como ele dizia—”

Ri. Achei que a melhor dissolvente seria risada em vez de palavras. Palavra tem o dom de produzir mais palavras, já a risada, uma risada barulhenta, ensurdecadora, tem o dom de engolir tudo. Tive uma convulsão de tanto rir. Ela não podia continuar irritada por muito tempo diante disso. Logo foi contagiada, um sorriso virou uma risadinha, e quando se deu conta do que acontecia, seu corpo já rolava de rir, toda a tristeza e receios explodiram em risada. Fomos dormir felizes. Eram duas da manhã.

Nossa vida caiu em uma rotina após esse pequeno incidente. Depois de um intervalo de apenas três dias, durante os quais me dediquei aos jogos de carta, evitando qualquer discussão com ela, nossos encontros eram escassos e casuais. Ela estava passando por um período de mau humor, e era mais seguro não se manter distância e não provocá-la. As apresentações das próximas semanas eram muito importantes, pois faziam parte da temporada

de música e dança do sul da Índia, e já havia recebido uma grande soma em pagamentos adiantados. Tínhamos diante de nós um programa de viagem de quase dois mil quilômetros, ida e volta desde Malgudi,[161]e se o cumpríssemos haveria tempo suficiente para ela melhorar seu humor, e então poderia empurrá-la para outro trimestre de apresentações. Não tinha a menor intenção de afrouxar essa programação. Parecia tão desnecessário, tão suicida. Minha única estratégia era mantê-la de bom humor da melhor maneira que pudesse de trimestre a trimestre.

Estávamos cumprindo nossos compromissos sem incidentes. Estávamos de volta a Malgudi. Mani estava de folga por uns dias, e eu me ocupava pessoalmente da correspondência acumulada em minha mesa. Propostas de apresentações se empilhavam em um lado. Tinha receio de aceitá-las de imediato como faria normalmente. Senti que faria bem em falar com ela antes de responder. Claro que teria que aceitá-las, mas gostaria que achasse que estava sendo consultada. Me pus a selecionar as propostas.

De repente me deparei com uma carta endereçada a “Rosie, alias Nalini.” O endereço era de um escritório de advocacia de Madras. Pensei um pouco sobre o que fazer com aquilo. Ela estava no andar de cima, provavelmente lendo um de seus inesgotáveis periódicos. Hesitei em abrir a carta. Uma parte de mim teve o impulso de entregar-lhe a carta—minha parte sensata disse, “Afim, só pode ser assunto dela. É uma adulta, com seus próprios interesses. Deixe que ela lide com isso, seja o que for.” Mas foi uma sabedoria fugaz. A carta registrada havia chegado alguns dias antes e Mani a tinha recebido e posto em cima da mesa. Tinha um laque enorme. Olhei para ele com apreensão por alguns momentos, disse a mim mesmo para não me assustar com um simples laque, e abri o envelope. Sabia que não se importaria que abrisse suas cartas. A carta veio de um advogado e dizia, “Senhora, nosso cliente nos instruiu a colher sua assinatura no requerimento anexo, para a liberação de uma caixa de joias sob custódia de Banco—, na praça do mercado. Após recebê-lo de volta, providenciaremos a

outra assinatura também, como é de seu conhecimento, trata-se de um depósito em conjunto; e após obter a liberação e feito o seguro da caixa em questão, a enviaremos para a senhora no momento oportuno.”

Fiquei encantado. Então isso significa que terá mais joias?” [162] Claro que ficaria exultante. Mas qual o tamanho da caixa? Qual o valor de seu conteúdo? Estas eram as perguntas que se agitavam em minha mente. Examinei a carta em busca de algum indício; mas o advogado foi sucinto. Peguei a carta e me virei para ir entregá-la. Mas parei na escada. Voltei para meu quarto e sentei em minha cadeira, ruminando. “Melhor pensar bem. Onde está a pressa?” Perguntei a mim mesmo. “Esperou por essa caixa tanto tempo. Só uns dias a mais não vão fazer diferença. De qualquer forma, ela nunca a mencionou, talvez não tenha interesse.” Levei a carta para meu baú de bebidas e o tranquei. Foi bom Mani não estar presente. Senão, poderia ter criado confusão.

Depois disso recebi visitas. Conversei com elas e saí de noite para ver uns amigos. Tentei me distrair de várias formas, mas o pacote me perturbava. Voltei tarde para casa. Evitei o andar de cima. Ouvi o tilintar de suas pulseiras, vi que estava ensaiando. Voltei à mesa do escritório com a carta do baú das bebidas. Abri com cuidado e reli a carta. Olhei para o requerimento anexo. Era um formulário impresso; após sua assinatura viria a de Marco. Qual o objetivo do homem em enviá-la agora? Por que essa generosidade repentina em devolver uma velha caixa? Seria uma armadilha, ou o quê? Conhecendo o homem como eu conhecia, concluí que não passava de um procedimento correto em seus negócios, igual ao reconhecimento de minha ajuda em seu livro. Era capaz de uma integridade fria, mecânica; seus recibos eram apropriados; é provável que não visse sentido em continuar responsável pela caixa de Rosie. Muito correto, também. O lugar certo para a caixa de Rosie era aqui. Mas como liberá-la? Se Rosie visse essa carta, só Deus sabe o que faria. Temia que não a encarasse com tranquilidade, de modo objetivo. Com toda certeza ia perder totalmente a

cabeça. Possivelmente a interpretaria do jeito mais extravagante e exclamar, “Veja como ele é magnânimo!” e se fazer de vítima e cavar uma briga comigo. Impossível prever o que desencadearia uma reação hoje em dia. Só uma foto dele na *Revista Ilustrada* a enlouqueceu—depois do incidente do livro estava muito cuidadoso. Nunca mostrei-lhe o livro.

No dia seguinte, imaginei que ela fosse pedi-lo, mas nunca mais o mencionou. Achei que seria mais seguro deixá-lo lá. Fui muito cuidadoso. Fazia tudo para que estivesse sempre ocupada e de bom humor, só isso; mas tinha consciência de que uma espécie de estranheza havia se criado entre nós, e eu fazia o possível para ficar indiferente. Sabia que se deixasse o tempo passar ela ficaria bem. Mas senti que mostrar-lhe essa carta seria suicídio. Ela falaria sem parar sobre sua generosidade. Ou (quem podia prever?), insistiria em pegar o trem até sua casa, jogando tudo para o alto. Mas o que fazer com a carta? “Apenas descanse na companhia das garrafas de uísque até ser esquecida,” disse a mim mesmo, com uma risada impiedosa.

No jantar, como sempre, sentamos lado a lado e conversamos sobre o tempo, política em geral, o preço e estado das verduras, e assim por diante. Mantinha a conversa exclusivamente sobre assuntos triviais. Se conseguíssemos ir até o fim de mais um dia, seria perfeito. No terceiro dia estaríamos na estrada de novo, e a agitação e tumulto da viagem nos protegeria de assuntos pessoais problemáticos.

Depois do jantar ela sentou-se no sofá da sala para mascar folhas de betel, folheou as páginas de um periódico na mesa, e depois subiu. Fiquei aliviado. O ritmo estava voltando ao normal. Fiquei um pouco no escritório, conferindo as contas. A declaração de imposto de renda devia ser enviada em poucas semanas. Estava meditando a respeito de meu livro-caixa só para ver em que pé estávamos, e como declarar nossas despesas. Após me debruçar sobre esta questão mística por algum tempo, fui lá para cima. Sabia que tinha dado a ela tempo suficiente ou para mergulhar nas páginas de um livro ou dormir. Qualquer coisa para evitar

uma conversa. Estava duvidando de minha própria atitude nessa fase. Temia deixar escapar meu segredo e falar da carta. Deitava a cabeça no travesseiro e me virava, com a fórmula, “Vou dormir, acho. Apaga a luz quando terminar?” Ela resmungava uma resposta.

Quantas joias haveria na caixa? Seriam um presente para ela ou para a mãe dela? Ou o quê? Que mulher! Nunca pensou nas joias! Talvez fossem antiquadas e ela não gostasse. Se fosse o caso, agora poderiam ser vendidas e convertidas em dinheiro vivo, e nenhum fiscal da receita sonharia com sua existência. [164]Deviam ser de valor substancial se precisavam ser guardadas sob custódia. Mas quem poderia saber? Marco era excêntrico o bastante para fazer coisas estranhas. Era o tipo de sujeito que guardaria um pacote sem valor no banco porque era a coisa certa—cer-cer—ta—a fazer-er-er—adormecia.

Acordei logo depois da meia-noite. Ela roncava. Uma ideia me perturbou. Quis verificar se havia algum prazo mencionado. E se manter a carta em segredo acarretasse alguma consequência séria? Quis descer e examinar o documento de imediato. Mas se levantasse, ela também ia acordar e fazer perguntas. Ou se não pensasse mais no assunto, o que aconteceria? A caixa permaneceria sob custódia—ou o advogado escreveria um lembrete, que poderia chegar quando eu não estivesse em casa e acabar chegando até ela, e daí as perguntas, explicações, cenas.

A coisa estava se tornando uma dor de cabeça maior do que eu imaginara a princípio. Nada que aquele homem fazia era tranquilo ou normal. Levava a complicações inacreditáveis. Quanto mais pensava no assunto, maiores proporções ele tomava até que acreditei ter dinamite em meu bolso. Tive um sono entrecortado até as cinco da manhã, e então saí da cama. Fui direto para o baú das bebidas, peguei o documento e o examinei. Li tudo cuidadosamente, linha por linha, várias vezes. Os advogados diziam, “Devolver pelo correio,” o que soava como uma instrução importantíssima para minha mente febril. Levei o documento para a mesa do escritório. Achei um pedaço de papel e fiz uma imitação cuidadosa

da assinatura de Rosie. Fazia com que assinasse tantos cheques e recibos todos os dias que estava bem familiarizado com seu jeito de assinar. Então, estiquei o requerimento com todo cuidado e escrevi na linha indicada, “Rosie, Nalini.” Dobrei-o e o coloquei no envelope endereçado que os advogados haviam incluído, lacrei, e fui o primeiro a aparecer no guichê quando a agência dos correios abriu às sete e meia.

O funcionário disse, “Tão cedo! Veio pessoalmente!”

“Meu secretário está doente. Saí para uma caminhada matinal. Por favor registre essa carta.” Tinha saído a pé de medo que ao abrir a porta da garagem ela se acordasse.

*

Não tinha noção de quando ou como a caixa de joias chegaria, mas a esperava todos os dias. “Algum pacote no correio, Mani?” [165] Perguntava o tempo todo. O que quase que ameaçava se tornar um hábito. Esperava que chegasse nos próximos dois dias. Nem sinal. Tínhamos que deixar a cidade por quatro dias. Antes de partir, deixei instruções para Mani, “Talvez chegue um pacote segurado. Diga para o carteiro deixar depositado no correio até que a gente volte na terça-feira. Eles guardam essas coisas, não é mesmo?”

“Sim, senhor. Mas se for só um pacote registrado, posso assinar pelo senhor.”

“Não, não. É um pacote segurado e tem que ser assinado por um de nós. Diga para o carteiro trazê-lo de novo na terça.”

“Sim, senhor, disse Mani, e o deixei abruptamente; senão poderia encomprar o assunto.

Voltamos na terça-feira. Logo que Rosie subiu, perguntei para Mani, “O pacote chegou?”

“Não, senhor. Esperei pelo carteiro, mas não tinha nada.”

“Disse para ele que aguardávamos um pacote segurado?”

“Sim, senhor, mas não tinha nada.”

“Estranho!” Exclamei. “Devolver,” os advogados haviam escrito. Provavelmente queriam a assinatura, só isso. Talvez Marco planejasse se apropriar da caixa e tivesse tentado esse artifício. Mas enquanto a carta do advogado estivesse comigo, não podiam fazer nada; nenhum de seus truques daria certo. Fui ao baú das bebidas e reli a carta. Havia claramente se comprometido. “Providenciaremos o envio, coberto por seguro...” Se não significasse nada em uma carta de advogado, onde mais significaria alguma coisa?” Fiquei um pouco intrigado, mas disse a mim mesmo que ia chegar mais cedo ou mais tarde—bancos e escritórios de advogados não se apressavam, tinham seu próprio ritmo de trabalho, seus próprios métodos burocráticos. Burocratas lerdos—não causa surpresa que o país estivesse afundando. Guardei e tranquei o documento. Preferia não ter que abrir o baú de bebidas cada vez que quisesse ler a carta; os empregados, conhecedores de seu conteúdo, poderiam pensar que eu tomasse um trago de uísque de cinco em cinco minutos. Minha mesa seria o lugar certo para ela, mas suspeitava que Mani poderia vê-la; se me pegasse estudando a carta toda hora, com certeza ia querer dar uma olhada, espiando por trás de meus ombros, fingindo ter alguma pergunta. Engraçadinho nojento! [166] Trabalhou para mim por meses a fio sem que eu tivesse nada contra ele, mas agora ele e todo mundo ao meu redor pareciam sinistros, diabólicos, e astuciosos.

*

Naquela noite tínhamos uma apresentação em Kalipet⁹⁷, uma cidadezinha a sessenta quilômetros de distância. Os organizadores estavam providenciando uma van para os músicos, e um Plymouth⁹⁸ para Nalini e eu, para que pudéssemos ir e voltar na mesma noite. Era um evento beneficente para a construção de uma maternidade, e haviam angariado setenta mil rupias. O preço do ingresso para os melhores lugares chegava a duzentas e cinquenta rupias, e os funcionários do governo persuadiram empresários e comerciantes a contribuir. Os empresários pagaram sem reclamar desde que seus assentos fossem os mais próximos do

palco, na primeira fila. Queriam sentar-se tão perto da dançarina quanto possível, com chances de serem vistos. Na sua imaginação, Nalini, durante a dança, notava suas presenças e depois perguntava, “Quem eram aqueles homens importantes na primeira fila?” Pobres bichos, não sabiam como Nalini encarava sua audiência. Com frequência comentava, “Por mim poderiam muito bem ser toras de madeira. Quando danço, mal noto qualquer rosto. Só vejo o escuro no fundo do auditório, só isso.”

Este era um evento de grande porte porque era de interesse oficial; os funcionários do governo estavam interessados porque o homem mais importante do lugar, que estava por trás de todas as apresentações, era um ministro do gabinete, e sua ambição na vida havia sido construir uma maternidade de primeira classe nesta região. Conhecendo as circunstâncias, havia moderado minha exigência de mil rupias para despesas, o que significava que estava livre de imposto de renda. Afinal, eu também gostava de contribuir para uma causa social, e, de qualquer modo, nós também teríamos vantagens. Mas dava tudo na mesma para Nalini. Em vez de viajar de trem, iríamos de carro, nada mais. Estava contente em voltar para casa na mesma noite.

A apresentação teve lugar em um pavilhão enorme construído especialmente com revestimento de bambu e coqueiro e decorado com tapeçarias reluzentes, bandeirinhas, flores e luzes coloridas. O palco em si estava tão bonito que Nalini, que em geral ignorava tudo menos as flores no final, exclamou, [167]“Que lugar lindo. Estou feliz em dançar aqui.” Mais de mil pessoas lotavam o auditório.

Ela começou os primeiros movimentos, como de costume, depois de um sinal meu. Entrou carregando uma lamparina de latão, com uma canção em louvor de Ganesh⁹⁹, o deus de cara de elefante, removedor de obstáculos.

Duas horas se passaram. Estava apresentando o quinto ato—excepcionalmente uma dança de cobra. Gostei de assistir. Esse dança sempre me interessava. Enquanto os músicos

afinavam seus instrumentos e tocavam a famosa canção da cobra, Nalini vinha deslizando para o palco. Abria os dedos em leque devagar, e a luz amarela, direcionada para a palma da mão virada, fazia com que parecesse um capuz de naja; ela usava um diadema para essa cena, que reluzia. A luz mudava, ela gradualmente descia ao solo, a música cada vez mais lenta, o refrão incitava a cobra a dançar—a cobra que residia nos cachos do próprio Shiva no pulso de sua esposa, Parvathi, e no lar sempre resplandecente dos deuses em Kailas¹⁰⁰. Esta era uma canção que elevava a serpente e fazia suas qualidades místicas aflorarem; o ritmo era hipnótico. Era sua obra-prima. Cada centímetro de seu corpo, dos pés a cabeça, ondulava e vibrava ao ritmo dessa música que elevava a naja de seu estado de réptil subterrâneo a uma criatura de graça e divindade e ornamento dos deuses.

A dança levou quarenta e cinco minutos ao todo; a audiência assistia em um silêncio enlevado. A dança me fascinou... Ela raramente escolhia apresentá-la, é verdade. Sempre dizia que precisava estar em um estado de espírito especial, e sempre brincava que tanta ondulação a retorcia demais e que não conseguia endireitar-se por vários dias. Fiquei contemplando a dança como se a visse pela primeira vez. O comentário de minha mãe no primeiro dia me veio à cabeça, “Uma garota-serpente! Tenha cuidado.” Pensar em minha mãe me entristeceu. Como ela teria gostado de assistir isso tudo. O que ela diria se visse Rosie agora, com sua roupa brilhante e diadema? Me arrependi da rixa entre eu e minha mãe. Ela vez que outra me escrevia um postal, e eu mandava pequenas quantias em dinheiro de vez em quando, com rápidas palavras dizendo que estava bem. Seguido ela perguntava quando conseguiria recuperar a casa para ela—bem, isto envolvia uma grande soma e dizia a mim mesmo que trataria disso logo que tivesse tempo. De qualquer modo, para que pressa?” [168] Ela estava feliz no povoado; aquele seu irmão cuidava bem dela. De certa forma nunca consegui perdoá-la pelo jeito como tratou Rosie naquele dia fatídico. Bem, agora estávamos em bons termos, mas distantes um do outro, o melhor arranjo possível. Estava olhando para

Nalini e ao mesmo tempo pensando em minha mãe. Nesse momento, um dos homens da organização chegou para mim e disse, “Está sendo procurado, senhor.”

“Por quem?”

“O Superintendente da Polícia Distrital.”

“Diga a ele que o verei assim que a cena terminar.”

Ele foi embora. O Superintendente da Polícia Distrital! Era um dos meus companheiros de jogo. O que queria comigo agora? Claro, os funcionários do governo estavam todos aqui, esperando o Ministro (um sofá foi reservado para ele), e policiais extras foram chamados para controlar a multidão e o tráfego. Depois dessa cena, quando as cortinas baixaram, ouviram-se aplausos ruidosos, e eu saí. Sim, o Superintendente do distrito estava lá. À paisana.

“Olá Superintendente, não sabia que estaria aqui; poderia ter vindo conosco no carro,” exclamei.

Ele me puxou pela manga e me levou para um canto porque tinha muita gente olhando para nós. Fomos para um local solitário sob uma lamparina lá fora, e ele sussurrou, “Sinto muitíssimo ter que dizer isso, mas tenho uma ordem de prisão para você. Veio da sede.”

Sorri sem jeito, meio sem acreditar. Achei que estivesse brincando. Ele mostrou um papel. Sim, era uma ordem de prisão de verdade, devido a uma queixa de Marco, me acusando de falsificação. Enquanto refletia, o Inspetor disse, “Assinou algum documento recentemente—pela senhora?”

“Sim; ela estava ocupada. Mas como podem chamar tal coisa de falsificação?”

“Escreveu ‘Em lugar de’ ou só escreveu o nome dela?” Me crivou de perguntas. “É uma acusação grave,” disse ele, “Espero que vá se safar, mas agora tenho que levá-lo preso.”

Me dei conta da gravidade da situação. Sussurrei, “Por favor não crie um escândalo agora. Espere até o final do espetáculo, até irmos para casa.”

[169]“Terei que ir com você no carro, e depois de lavrar a ordem, você pode pedir habeas corpus até que o caso seja julgado. Ficaré livre, mas primeiro terá que ir comigo até o juiz. Ele tem que sancionar o ato. Não tenho poderes para isso.”

Voltei para o sofá no salão. Trouxeram-me minha guirlanda. Alguém se levantou e fez um discurso de agradecimento à dançarina e ao Sr. Raju pela sua ajuda em angariar mais de setenta mil rupias. Aproveitou para soltar sua verbosidade a respeito da dança na Índia, sua importância, filosofia, e objetivo. Não parava de falar. Era o muito respeitado presidente da escola secundária local ou coisa parecida. Foi muito aplaudido no final de sua fala. Mais discursos se seguiram. Sentia-me anestesiado, mas ouvia. Não me importava o que diziam. Não me importava se o discurso fosse longo ou curto. Quando terminou, fui para o camarote de Nalini. Encontrei-a se vestindo. Várias garotas estavam a sua volta, algumas esperando por um autógrafo, outras só olhando. Disse para Nalini, “Temos que nos apressar.”

Voltei-me para o Superintendente no corredor, me recompondo, tentando parecer alegre e despreocupado. Muitos dos homens da primeira fila me cercavam para explicar seus elogios nos mínimos detalhes. “Ela simplesmente pontifica, acima de todas as outras,” disse um. “Assisto dançarinas há meio século—sou o tipo de homem que recusa uma refeição e caminha trinta quilômetros para assistir a uma dança, mas nunca vi,” etc. etc. “Essa maternidade, veja bem, será a primeira de sua classe. Temos que ter uma ala batizada de Miss Nalini. Espero que possa vir de novo. Gostaríamos que ambos estivessem presentes na cerimônia de inauguração. Pode nos dar uma fotografia dela depois?... Gostaríamos de ampliá-la para pendurar na entrada... Seria uma fonte de inspiração para muitas outras, e, quem sabe, aqui mesmo neste prédio nasça um gênio capaz de seguir os passos da sua distinta esposa.”

Não me importava com o que diziam. Simplesmente assentia e resmungava alguma coisa até que Nalini apareceu. Sabia que os homens me rodeavam e falavam comigo somente

pela esperança de ver Nalini de perto. Como sempre, ganhou a sua guirlanda; dei-lhe a minha. [170] O Superintendente nos levou ao nosso Plymouth que esperava lá fora sem chamar a atenção. Tivemos que atravessar uma multidão zumbindo como moscas ao nosso redor. O motorista abriu a porta.

“Entre. Entre,” disse a Nalini, impaciente. Sentei ao seu lado. Seu rosto estava parcialmente iluminado por uma nesga da luz de uma lâmpada de gás pendurada em uma árvore. Uma grossa poeira pairava no ar, produzida pelo tráfego; todos os veículos, carros, carroças, e *jutkas* partiam ao mesmo tempo, com um barulho ensurdecedor de buzinas e ranger de rodas. Alguns policiais estavam a postos a uma pequena distância e saudaram o Superintendente quando nosso carro partiu. Ele ocupava o banco dianteiro ao lado do motorista. Disse para ela, “Nosso amigo, o Superintendente do Distrito, vai voltar para a cidade conosco.”

Era uma viagem de cerca de duas horas. Ela falou um pouco sobre o evento. Eu fiz uns comentários sobre seu desempenho. Contei-lhe um pouco do que ouvi as pessoas dizerem sobre a dança da cobra. Ela disse, “Você nunca se cansa dela,” e então caiu em sonolência silenciosa, apenas esperando chegar ao destino, enquanto o carro zunia pela estrada interiorana, passando por filas de carroças com seus sinos tilintantes. “Soam como suas tornozeleiras,” sussurrei, em comentário deselegante.

No momento que chegamos em casa, sorriu para o Superintendente, murmurando, “Boa noite,” e desapareceu lá dentro. O Superintendente me disse, “Agora vamos no meu jipe.” Estava esperando no portão.

Despachei o Plymouth. Disse, “Superintendente, me dê um tempinho, por favor. Quero contar a ela o que está havendo.”

“Tudo bem. Não demore. Não podemos nos complicar.”

Subi as escadas. Ele seguiu. Ficou parado no patamar e eu entrei em seu quarto. Ela me ouviu como se eu falasse com um pilar de pedra. Até hoje lembro de sua expressão atônita e confusa ao tentar entender a situação. Pensei que fosse ter um ataque. Ela seguido tinha um ataque por causa de coisas corriqueiras, mas isso parecia não perturbá-la. Simplesmente disse, “Sabia o tempo todo que você não estava agindo direito. Isso é *karma*¹⁰¹. O que podemos fazer?” Ela saiu para o patamar de escada e perguntou ao policial, “O que podemos fazer a respeito disso, senhor? Não há uma saída?”

“No momento não tenho alternativa, senhora. É uma ordem de prisão inafiançável. Mas talvez amanhã seja possível requerer uma reconsideração. Mas não podemos fazer nada até amanhã, até que o caso chegue ao juiz.” Não era mais meu amigo, mas sim um técnico assustador.

Capítulo 10 [172]

Tive que passar alguns dias trancafiado, entre criminosos comuns. O Superintendente do Distrito interrompeu sua cordialidade no momento que entramos na Delegacia de Polícia Central. Simplesmente me abandonou aos procedimentos de rotina do delegado.

Rosie veio me ver na cela da delegacia e chorou. No início sentei sem olhar para ela em um canto no fundo da cela. Após alguns minutos retomei minha compostura e disse para que fosse falar com nosso banqueiro. Só o que perguntou foi, “Ah, a gente tinha tanto dinheiro! Onde foi parar?”

Voltei para casa três dias depois, mas a velha vida normal se foi. Mani trabalhava de maneira mecânica, de cabeça baixa, em sua própria sala. Não havia tarefas para ele cumprir. Recebia cada vez menos cartas. Havia um silêncio sepulcral na casa. Os pés de Nalini estavam silenciosos no andar de cima. Não havia visitas. Ela teve que raspar a conta para pagar as dez mil rupias de fiança. Se tivesse vivido como um homem normal de bom senso, não teria sido difícil conseguir essa soma. Mas acontece que eu havia comprometido tudo o que sobrava em fundos de ações imprudentes, dos quais os bancos não liberavam nada antes do prazo, e o resto havia gastado em um estilo de vida exibicionista, incluindo os adiantamentos já recebidos por futuros espetáculos.

Sugeri a Rosie, “Por que não continua com as apresentações pelo próximo trimestre? Receberíamos o restante do cachê.” Falei na hora do jantar, porque nessa fase passava o tempo todo no térreo e não a procurava. Me faltava autoconfiança para encará-la a sós em seu quarto. Até dormia no sofá da sala.

Não respondeu. Repeti a pergunta, ao que ela resmungou, quanto o cozinheiro veio buscar uma coisa, “Precisamos discutir isso na frente do cozinheiro?” Aceitei a afronta, obediente.

[173]Agora era uma espécie de agregado da casa; desde que me liberou da prisão, o comando da casa passou para ela. Eu me atormentava em silêncio ao pensar nisso. Quando passou o primeiro choque, ela endureceu. Nunca falava comigo, a não ser como se eu fosse um vagabundo que houvesse salvo da cadeia. Não havia nada que pudesse fazer. Havia rapado todos seus recursos para me soltar. Agiu no episódio de minha soltura de forma fria e objetiva. Comi em silêncio. Ela foi condescendente em permanecer na sala depois da janta. Sentou-se ali. Tinha uma bandeja de folhas de betel ao seu lado no sofá. Afastei-a e ousei sentar ao seu lado. Seus lábios estavam vermelhos por causa do suco do betel. Estava corada com o formigamento provocado pelas folhas de betel. Olhou para mim bem séria e disse, “O que foi agora?” Antes que pudesse abrir a boca, acrescentou, “Lembre-se, não deve falar nada na presença do cozinheiro. Os empregados estão fazendo muita fofoca. No dia primeiro vou mandar um deles embora.”

“Espere, espere. Não se precipite,” comecei.

“Devo esperar o quê?” Lágrimas brilharam em seus olhos; assoou o nariz. Não podia fazer nada a não ser assistir. Afinal, o comando havia passado para ela e se julgasse conveniente chorar, não podia interferir. Era forte o bastante para reprimir o choro se achasse necessário. Eu é que precisava de consolo. Estava tomado por uma súbita autopiedade. Por que ela choraria? Não estava prestes a ser presa. Não havia sido ela que correria para tudo que é lado criando encantamento e público para uma dançarina; não foi ela que havia sido diabolicamente encurralada por um homem quase esquecido como Marco—que aparentava ser um observador de pinturas rupestres, mas que se revelou ser um ser vingativo e venenoso, como a naja que aguarda sua vítima. Agora via que estava errado em pensar assim. Mas como evitar? Somente pensamentos perversos como esses e minha enorme autopiedade me permitiram sobreviver a esses momentos; para manter-se a tona era preciso recorrer a todo tipo de grosserias. Não dispunha de tempo para os outros. [174]Não podia me dar ao luxo de

pensar nos problemas dela, no infortúnio em que fora metida, no vácuo financeiro depois de todos esses meses dançando e trabalhando, na surpresa provocada pela minha falta de—como poderia chamar, de juízo? Não era algo pior do que isso. Falta de caráter mesmo! Agora vejo claramente, mas na época ainda me apegava ao meu próprio sofrimento, e assistia a suas explosões emocionais sem me impressionar muito. Deixei que chorasse, como de costume. Ela enxugou as lágrimas e perguntou, “Disse alguma coisa durante a janta?”

“Sim; mas você não me deixou terminar,” disse, petulante. “Estava perguntando se não devia continuar com as apresentações, pelo menos aquelas para as quais já recebemos adiantamentos.”

Ela pensou um pouco e disse, “Por que faria isso?”

“Porque recebemos apenas um adiantamento, e estamos precisando desesperadamente do cachê integral de cada uma delas.”

“Onde está todo esse dinheiro?”

“Você devia saber. A conta está em seu nome, e você pode consultar o extrato se quiser.” Era uma coisa cruel para se dizer. Algum diabo estava abanando a língua em meu crânio. De repente fui tomado pela impressão que depois de tudo o que fiz por ela, não estava sendo solidária com minha causa como devia.

Ela recusou-se a continuar essa discussão perversa. Disse, apenas, “Por favor me diga quais são os tais compromissos e vou devolver o dinheiro.”

Sabia que isso era apenas uma bravata. De onde iria tirar a soma para devolver? “Por que não? Por que não deveria prosseguir com os espetáculos?”

“É só o com dinheiro que você se preocupa? Não vê que não posso encarar o público novamente?”

“Por que não? Se estou preso, estou preso; é só isso. Você não. Por que não seguir com seus negócios normalmente?”

“Não posso; só isso. Não posso dizer mais nada.”

Perguntei friamente, “O que pretende fazer no futuro?”

“Talvez volte para ele.”

“Acha que vai aceitá-la de volta?”

“Acho; se parar de dançar.”

Ri de um jeito sinistro. “Por que está rindo?” perguntou.

“Se fosse só a questão da dança, talvez a aceitasse.”

[175] Por que falava desse jeito? Isso a magoava muito. “Sim; agora pode dizer tal coisa. Talvez não me deixe entrar, e nesse caso, é muito melhor acabar com a própria vida na soleira de sua porta.” Ficou de mau humor por uns momentos. Fiquei bem satisfeito em finalmente vê-la perder a pose. Acrescentou, “Acho que a melhor solução para todos os envolvidos seria acabar logo com essa história de viver. Você e eu. Uma dúzia de pílulas para dormir em um copo de leite, ou dois copos de leite. Seguido se ouve falar de pactos de suicídio. Parece-me uma solução perfeita, como sair em longas férias. Poderíamos sentar e conversar uma noite dessas, talvez, e bebericar nossos copos de leite, e quem sabe acordamos em um mundo livre de problemas. Seria minha proposta agora mesmo se tivesse certeza de que você cumpriria o pacto, mas temo que possa ir em frente e você mude de ideia no último segundo.”

“E ficar com a responsabilidade de se livrar de seu corpo?” disse, o que foi a pior coisa que poderia ter dito. Por que falava desse jeito de novo e de novo? Acho que fiquei irritado porque ela não ia prosseguir com a dança, era uma criatura livre, enquanto eu era um presidiário.

Disse, “Não é melhor continuar dançando do que cultivar esses pensamentos mórbidos?” Senti que precisava tomar conta dela novamente. “Por que não dançar? É porque acha que não vou estar aqui para cuidar de você? Tenho certeza que se vira sozinha. E afinal,

pode ser por um breve período. Ah, esse nosso caso não é nada demais. Tudo se resolve na primeira audiência. Pode acreditar. É uma acusação falsa.”

“É?” Perguntou.

“Como podem provar qualquer coisa contra mim?”

Ela simplesmente ignorou essa digressão legal e disse, “Mesmo que ficasse livre, não vou mais dançar em público. Estou cansada dessa existência de circo.”

“Foi escolha sua.”

“Não a vida de circo. Imaginava uma coisa diferente. Foi tudo perdido com aquela sua velha casa!”

“Ah!” Suspirei. “E você não me deixava em paz na época. Você me forçou a ajudá-la a se apresentar em público, e agora diz isso! Não sei, não sei, é muito difícil satisfazer você!”

[176]“Não entende!” Ela exclamou, levantou-se e subiu. Desceu uns degraus para dizer, “Não significa que não vá ajudar. Se tiver que empenhar meu último bem, o farei para livrá-lo da cadeia. Mas quando isso acabar, deixe-me de uma vez por todas; é tudo que peço. Esqueça minha existência. Deixe-me viver ou morrer, como eu escolher; só isso.”

*

Cumpriu sua palavra. Uma súbita energia tomou conta dela. Corria por todo lado com a ajuda de Mani. Vendeu seus diamantes. Reuniu todo o dinheiro que pode, vendendo as todas as ações abaixo do preço de mercado. Mantinha Mani ocupadíssimo. Enviou-o para Madras, para buscar um bom advogado para mim. Quando a pressão por dinheiro se tornou iminente e ela descobriu que teria muito o que repor, tornou-se mais prática. Engoliu suas próprias palavras e continuou com os espetáculos, ela mesma arrebanhando os músicos, com a ajuda de Mani, planejando o transporte ferroviário e tudo o mais. Eu a provocava quando a via pela casa. “Veja só, era isso que queria que fizesse.”

Não havia escassez de espetáculos. Na verdade, meu infortúnio, após uma calmaria passageira, parecia adicionar um interesse extra. Afinal, as pessoas queriam assistir ao espetáculo, e o que lhes importava minha situação? Doía vê-la na sua rotina de trabalho, ensaio, e espetáculos de forma despreocupada. Mani a ajudava bastante, e os que a convidavam lhe davam toda a assistência. Tudo colaborava para provar que ela podia passar muito bem sem mim. Tinha ímpetos de dizer a Mani, “Tenha cuidado! Ela vai enrolar você sem que perceba coisa alguma, e daí, logo vai estar em meu lugar! Cuidado com a mulher-serpente!” Sabia que não estava raciocinando direito e nem com justiça. Sabia que estava ficando com ciúmes de sua independência. Mas esqueci por um momento que ela fazia tudo isso por minha causa. Temia que, apesar de afirmar o contrário, ela jamais parasse de dançar. Não seria capaz de parar. Um sucesso levaria a outro. Sabia, ao ver sua atitude em lidar com as coisas, que conseguiria— estivesse eu preso ou não; quer seu marido aprovasse ou não. Nem Marco nem eu tínhamos lugar em sua vida, que nutria sua própria vitalidade, e que ela mesma havia subestimado até agora.

*

[177] Nosso advogado também era uma estrela. Seu nome fazia milagres em todos os tribunais nessa região do país. Havia salvado muita gente na última hora (às vezes mais em mais de uma ocasião), havia absolvido muitos trapaceiros públicos aos olhos do público e aos olhos da lei, e conseguia provar que um bando todo de vândalos sem lei eram vítimas inocentes de conspiração policial. Ele desmanchava todos as acusações laboriosamente montadas, tornava seus argumentos ridículos, esmigalhava as evidências mais bem apresentadas com os dedos da mão, e em um só golpe as reduzia a nada; vestia-se de modo antiquado, com seu casaco comprido e um *dhoti* em estilo ortodoxo e turbante, e por cima de tudo, a beca preta. Seus olhos irradiavam alegria e segurança quando levantava e se dirigia ao tribunal. Quando o juiz baixava os olhos para os papéis em sua mesa, ele inalava uma boa

pitada de rapé com a maior elegância. Houve um momento em que tememos que não fosse pegar nossa causa, por não estar a altura de sua atenção; mas felizmente ele pegou, como um favor de uma estrela para outra—por causa de Nalini. Quando ficamos sabendo que havia aceitado o dossiê (custou-nos mil rupias só para que o lesse), nos sentimos como se a polícia tivesse desistido da ação toda contra mim, com desculpas pelo incômodo causado. Mas ele era caro—cada consulta tinha que ser paga à vista. De uma certa maneira, ele também era um “advogado de prorrogação.” Uma causa em suas mãos era como massa de pão; ele amassava e esticava ao máximo. Retalhava um causa em pedacinhos minúsculos e exigia muitos dias para exame microscópico. Deixava o tribunal irritado, sem poder sair para almoçar, porque falava sem completar as frases; tinha um talento para emendar uma frase na outra sem pausa para respirar.

Chegou no trem da manhã e foi embora no da noite, e até a hora de partir, não arredou o pé do tribunal nem deixou o caso progredir um milímetro aquele dia—tanto que um juiz se perguntou o que haviam feito o dia inteiro. [178]

Assim ele prolongava a liberdade provisória de um criminoso ao máximo dentro do período disponível, qualquer que fosse a sentença final. Mas isso significava também mais despesas para o pobre réu, já que seus honorários por dia eram setecentos e cinquenta rupias, fora passagens de trem e outras despesas, e ele nunca vinha sem estagiários para o assessorar.

*

Apresentou meu caso como uma espécie de comédia em três atos, na qual o principal vilão era Marco, um inimigo da vida civilizada. Marco foi a primeira testemunha da acusação do dia, e pude vê-lo na sala do tribunal, contorcendo o rosto a cada golpe que meu advogado armava para ele. Deve ter se arrependido de sua imprudência em me acusar. Tinha seu próprio advogado, é claro, mas esse parecia fraco e amedrontado.

A primeira parte da comédia era que o vilão intencionava enlouquecer sua esposa; a segunda parte da comédia era que a esposa sobreviveu ao ataque, e, a beira da miséria e da morte, fora salva por um humilde benfeitor chamado Raju, que sacrificou seu tempo e profissão para proteger a garota e propiciar sua ascensão aos píncaros do mundo das artes. Sua vida foi uma contribuição ao prestígio de nossa nação e nossas tradições culturais. Quando o mundo inteiro ansiava por *Bharat Natya*, aqui estava este homem menosprezando a dança, e quando ela se tornou famosa, incitou a ira deste homem. Essa pessoa maquinou um modo de destruir a carreira exitosa que uma garota indefesa construiu sozinha, Vossa Excelência. E então o intrigante veio com o documento—um documento que havia sido esquecido e ocultado por tantos anos. Havia outros motivos para envolver a garota ao fazê-la assinar esse documento—iria explorá-los mais tarde em sua argumentação. (Era sua estratégia favorita, fazer com que algo parecesse sinistro; nunca teve a oportunidade de voltar a isso mais tarde. Por que alguém ia querer trazer à tona um documento oculto por todos esses anos? Por que o deixou quieto por tanto tempo? Nosso advogado deixava a questão em aberto, sem comentário. Olhava ao redor como um cão de caça farejando uma raposa. O documento, Sua Excelência, foi devolvido sem assinatura. A intenção era não se envolver, e a garota não era do tipo de se deixar levar por joias; ela não se importava com essas coisas. [179]E desse modo o documento não assinado foi devolvido, e nosso bom homem, Raju, levou-o pessoalmente ao correio para ter certeza que havia sido despachado, como o chefe dos correios pode confirmar. Portanto foi uma grande decepção para o intrigante quando o documento voltou sem assinatura. Então ele imaginou outro stratagem—alguém falsificou a assinatura da garota e o levou à polícia. Não cabia a ele indicar quem havia feito isso; não estava interessado nessa questão. Só o interessava afirmar categoricamente que não havia sido seu cliente que o fizera; e logo a seguir recomendou que este fosse liberado e exonerado de imediato.

Mas o argumento da acusação era forte, apesar de pouco espetacular. Trouxeram Mani como testemunha e o interrogaram até que deixasse escapar que havia desesperadamente esperado um pacote todos os dias; o chefe do correio foi interrogado novamente e obrigado a admitir que eu estava esquisito, e por fim o perito em caligrafia declarou que a assinatura podia muito bem ser minha—possuía evidências detalhadas da minha letra no verso de cheques, recibos e cartas.

O juiz me sentenciou a dois anos de cadeia. Nosso advogado estrela pareceu satisfeito, deveria ter pego sete anos pelo código penal, mas sua fluência havia diminuído cinco anos, no entanto, se eu tivesse sido um pouco mais cuidadoso...

O advogado estrela não atingiu seu objetivo de uma vez só, mas sim ao longo de muitos meses, enquanto Nalini trabalhava mais duro do que nunca para manter a casa e pagar seus honorários.

*

Era considerado um prisioneiro-modelo. Agora percebo que as pessoas geralmente me viram como um ser doentio e inútil, não porque merecesse o rótulo, mas porque sempre haviam me visto no lugar errado até então. Para apreciar minha pessoa, na verdade deveriam ter vindo ao Presídio Central e me observado. Tinha que sair da cama em um horário em que preferia continuar lá, e deitar-me quando preferia ficar acordado—às cinco da manhã e cinco da tarde. Mas nesse intervalo, era impecável. Visitava todos os departamentos da prisão como uma espécie de supervisor benevolente. [180]Eu me dava bem com os carcereiros: os substituía em suas tarefas quando tinham que vigiar outros prisioneiros. Vigia o setor de tecelagem e o galpão de carpintaria. Quer fossem homicidas ou assassinos cruéis ou assaltantes, todos me escutavam, e eu os tirava de seus piores estados de ânimo. Quando havia uma folga, contava-lhes histórias e filosofias e coisas desse tipo. Começaram a me chamar de *Vadhya*¹⁰²—ou seja, Mestre. Havia quinhentos prisioneiros naquele prédio e posso afirmar

ter criado uma bela intimidade com a maioria deles. Eu me dava bem com os funcionários também. Quando o superintendente da cadeia ia fazer suas inspeções, era um dos privilegiados que caminhava atrás dele e ouvia seus comentários; e prestava-lhe pequenos serviços, por isso me tornei benquisto. Ele mal precisava dar uma olhadinha para a esquerda, e já sabia o que queria. Corria e chamava o carcereiro que ele estava pensando em chamar; apenas hesitava um segundo, e eu adivinhava exatamente o que queria que fizessem. Ele adorava. Além disso, minha posição me permitia correr adiante e avisar os carcereiros e outros subordinados de sua chegada—o que lhes dava tempo de acordar de sonecas e ajeitar seus turbantes.

Trabalhava com afinco em uma horta no pátio dos fundos da casa do superintendente. Escavava o solo e pegava água do poço e cultivava os vegetais com cuidado. Fiz um cercado, com arbustos e espinhos para que o gado não destruísse as plantas. Cultivei *brinjals*¹⁰³ enormes, e feijões e repolhos. Quando apareciam nos galhos, em brotos minúsculos, me enchiam de alegria. Observava-os ao se desenvolver, criar forma, mudar de cor, perder as primeiras folhas. Quando chegava a hora da colheita, arrancava-os de seus galhos com carinho, lavava-os e esfregava-os com a ponta da minha jaqueta de prisioneiro, fazia um arranjo artístico em uma bandeja de bambu entrelaçado (Tinha conseguido uma no galpão de tecelagem), e os carregava cerimoniosamente. Quando via os *brinjals* bem polidos, verduras, e repolho, o superintendente quase me abraçava de alegria. Ele amava os vegetais. Amava a boa comida, de onde quer que viesse. Eu adorava todos os aspectos deste trabalho, o céu azul e o brilho do sol, e a sombra da casa onde sentava e trabalhava, o toque da água fria; tudo me dava sensações voluptuosas. [181] Ah, achava tão bom estar vivo e sentir tudo isso—o cheiro de terra fresca me enchia de prazer. Se essa era a vida na prisão, por que mais gente não a queria? Tremiam ao pensar nela, como se fosse um lugar em que um homem fosse marcado a ferro, acorrentado e chicoteado da manhã à noite! Noções medievais! Não havia

lugar mais agradável; se cumprisse as regras teria mais apreço aqui do que além de seus muros altos. Tinha minhas refeições, minha vida social com os outros prisioneiros e funcionários, ia e vinha livremente dentro de uma área de cinquenta acres. Bem, se prestar atenção, isso é bastante espaço; as pessoas geralmente se viram com muito menos. “Esqueça os muros, e será feliz,” dizia para um dos recém-chegados, que ficavam tristes e mal-humorados nos primeiros dias. Eu me divertia ao pensar na gente ignorante que se horrorizava com a ideia da cadeia. Talvez um homem prestes a ser enforcado não pudesse ter a mesma opinião; nem os que se insubordinavam, ou os violentos; mas a não ser esses, todos os outros podiam ser felizes aqui. Tive que engolir as lágrimas quando tive que sair depois de dois anos, e desejei não ter gastado todo aquele dinheiro com nosso advogado. Teria sido feliz nessa prisão para sempre.

O superintendente me transferiu para seu escritório na qualidade de assistente pessoal. Tomava conta de sua mesa, enchia os tinteiros, limpava as canetas, apontava seu lápis, e vigiava a porta para que ninguém o perturbasse enquanto trabalhava. Antes que pensasse em me chamar, já estava ao seu dispor diante dele, eu era tão alerta. Ele me dava caixas de arquivo para levar ao seu escritório ao ar livre no pátio; depois eu as carregava de volta até sua mesa. Os jornais chegavam quando estava fora. Tomava conta deles e dava uma olhada nas páginas antes de entregá-los. Acho que nunca se importou; ele na verdade gostava de ler seu jornal na cama, depois do almoço, antes de pegar no sono. Eu discretamente dava uma espiada nos discursos dos estadistas do mundo, descrições do Plano Quinquenal¹⁰⁴, de ministros inaugurando pontes ou distribuindo prêmios, explosões nucleares, e crises mundiais. Só uma olhadela superficial.

Mas nas sextas e sábados, virava a última página do *The Hindu* ¹⁰⁵tremendo os dedos—e no alto da última coluna sempre mostrava o mesmo anúncio, uma fotografia de Nalini, e o nome da instituição onde se apresentava, e o preço dos ingressos. [182]Ora nesse

canto do sul da Índia, ora naquele, na próxima semana no Ceilão,¹⁰⁶ outra semana em Bombaim ou em Delhi. Seu império se expandia em vez de encolher. O fato de continuar sem mim me amargurava. Quem sentava agora no sofá do meio? Como o espetáculo poderia começar sem o meu sinal com o minguinho? Como poderia saber a hora de parar? Provavelmente continuava indefinidamente, e ninguém atinava em mandá-la parar. Ria sozinho ao imaginá-la perdendo o trem depois de cada apresentação. Abria as páginas dos jornais apenas para estudar seus compromissos e calcular quanto estaria ganhando. A não ser que registrasse seus ganhos de forma previdente, o leão do imposto de renda engoliria tudo que acumulara tão laboriosamente com o torcer e retorcer de seu corpo! Teria suspeitado que Mani houvesse tomado meu lugar, e isso teria me amargurado mais ainda, se não fosse o fato de que Mani tivesse vindo me visitar nos primeiros meses, em um dia de visita.

Mani foi o único visitante que tive na cadeia; todos os outros amigos e parentes pareciam ter me esquecido. Ele veio porque se entristeceu com meu destino. Tinha o ar adequadamente sombrio e melancólico enquanto me aguardava. Mas quando lhe disse, “Esse lugar não é nada mau. Deveria vir aqui, se puder,” me olhou horrorizado e nunca mais apareceu. Mas nos trinta minutos em que ficou, contou-me todas as novidades. Nalini deixou definitivamente a cidade. Estabeleceu-se em Madras e estava se dando muito bem. Havia presenteado Mani com mil rupias no dia em que partiu. Havia centenas de guirlandas e buquês de flores esperando por ela na plataforma da estação ferroviária. Que multidão enorme se juntou para se despedir! Antes de partir, havia listado metodicamente nossas várias dívidas e quitado tudo; mandou leiloar a mobília e todos os objetos da casa. Mani explicou que o único item que levou consigo foi o livro—que encontrou ao destrancar o baú das bebidas para jogá-las fora. Achou o livro escondido no fundo e o levou com todo o cuidado.

[183] “Aquele livro era meu. Por que o levou?” Exclamei como uma criança. Acrescentei, “Acha que fez grande coisa, imagino!... Ele ficou contente? Ou adiantou para alguma coisa?” Perguntei, diabólico.

Mani disse, “Depois do ação judicial, ela entrou no carro e foi para casa, e ele entrou no dele e foi para a estação ferroviária—não se encontraram.”

“Fico feliz pelo menos com uma coisa,” disse eu. “Ela se deu ao respeito de não cair aos seus pés de novo.”

Mani acrescentou antes de ir embora, “Vi sua mãe outro dia. Ela está bem, lá no povoado.” Minha mãe esteve presente no tribunal. Veio no último dia da audiência, graças ao nosso “advogado de prorrogação”, que normalmente era meu contato com ela, já que continuava a tratar da tortuosa e prolongada ação da metade de minha casa ser pleiteada pelo Sait. Ele havia ficado muitíssimo entusiasmado com a vinda do advogado glamouroso de Madras, que instalamos na melhor suíte do Taj.

Nosso pequeno advogado parecia correr em círculos de contentamento. Chegou ao ponto de ir ao povoado buscar minha mãe com que propósito só ele sabe. Minha mãe estava furiosa com minha situação de réu; quando Rosie se aproximou para falar com ela no corredor, seus olhos faiscaram, “Está satisfeita agora com o que fez com ele?” E a garota recuou. Isso quem me contou foi minha mãe, de quem me aproximei durante o recesso. Minha mãe estava parada na porta. Nunca havia entrado em um tribunal, e estava espantada com sua própria ousadia. Disse, “Que vergonha para você e para todos nós! Eu achava que o pior que poderia acontecer a você seria morrer, como quando teve aquela pneumonia por várias semanas; mas agora preferiria que estivesse morto ao invés de sobreviver e passar por isso...” Não pode terminar a frase; desmoronou e saiu para o corredor e foi embora antes que a corte se reunisse de novo para ouvir a sentença.

Capítulo 11 [p.184]

A narração de Raju terminou com o cantar do galo. Velan havia escutado sem mexer um músculo, com as costas apoiadas na antiga balaustrada ao longo dos degraus. Raju sentiu a garganta arder por ter falado sem parar a noite inteira. O povoado ainda dormia. Velan soltou um bocejo profundo, e continuou em silêncio. Raju havia narrado, sem uma omissão sequer, todos os detalhes desde seu nascimento até o dia em que surgiu dos portões da prisão. Imaginou que Velan fosse levantar-se enojado e vociferar, “E nós o tomamos por uma alma tão nobre todo esse tempo! Se alguém como você faz penitência, espanta até mesmo a pouca chuva que esperamos. Vá embora daqui, antes de ser expulso. Você nos enganou.”

Raju esperou por essas palavras como quem espera por clemência. Observou o silêncio de Velan com ansiedade e suspense, como se aguardasse o veredito do juiz novamente, pela segunda vez. O juiz aqui parecia mais severo que aquele que havia encontrado no tribunal de justiça. Velan ficou imóvel—tão imóvel que Raju receou que houvesse caído no sono.

Raju perguntou, “Será que me ouviu direito?” como um advogado que tem a impressão que o juiz esteja sonhando acordado.

“Sim, Swami.”

Raju se espantou de ainda ser chamado de “Swami.” “O que pensa disso?”

Velan olhou em volta, aflito por ter que responder a essa pergunta. “Não sei por que me conta tudo isso, Swami. É muita bondade sua falar tanto tempo com seu humilde servo.”

Cada palavra respeitosa que esse homem empregava fuzilava Raju como um raio. “Não vai me deixar em paz,” pensou Raju, resignado. “Esse homem vai acabar comigo de qualquer maneira.”

Depois de profunda reflexão, o juiz levantou-se de sua cadeira. “Vou voltar para o povoado para minhas obrigações matinais. Volto mais tarde. E jamais direi uma palavra do que ouvi a ninguém.” Bateu no peito, dramático. “Aqui entrou, e aqui fica.” Com isso, fez uma reverência, desceu os degraus e atravessou o rio arenoso.

*

Um jornalista itinerante estava no povoado em busca de notícias. O governo havia enviado uma comissão para se informar sobre as consequências da seca e sugerir soluções, e, com ela, veio um representante da imprensa. Ao perambular pelo local, ouviu falar do Swamiji, foi ao templo do outro lado do rio, e mandou um telegrama para seu jornal em Madras, que circulou por todas as cidades da Índia. “Santo faz penitência para acabar com a seca,” dizia a manchete, seguida de uma breve descrição.

Isso foi o começo.

Provocou interesse do público. A redação do jornal foi pressionada por mais notícias. Mandaram o repórter de volta. Ele mandou um segundo telegrama dizendo, “Quinto dia de jejum.” Descreveu a cena: como o Swami chegou até a beira do rio, virou-se para a nascente, entrou no rio com a água até os joelhos, das seis às oito da manhã, sussurrando alguma coisa com os lábios semicerrados, os olhos fechados, palmas das mãos unidas em saudação aos deuses, presume-se. Já estava difícil encontrar água suficiente para cobrir os joelhos, mas os moradores do povoado haviam cavado uma bacia artificial na areia, e quando não enchia, buscavam água de poços distantes para abastecê-la, de modo que o homem sempre dispusesse de água até a altura dos joelhos. O santo ficava lá por duas horas, depois subia os degraus devagar e deitava em uma esteira no salão principal do templo, enquanto seus devotos o abanavam continuamente. Não reconhecia a presença de ninguém, embora houvesse uma grande multidão à sua volta. Estava em jejum total. Deitava e fechava os olhos para que sua penitência fosse bem-sucedida. Era com esse objetivo que preservava toda sua energia.

Quando não estava em pé na água, meditava.[186] Os moradores do povoado deixaram suas ocupações habituais para estar perto desta grande alma em tempo integral. Quando dormia, permaneciam lá, velando seu sono, e embora a multidão fosse de bom tamanho, havia completo silêncio.

*

Mas a cada dia a multidão aumentava. Em uma semana, um murmúrio permanente enchia o salão. Crianças berravam e brincavam por ali, mulheres vinham carregadas de cestas cheias de panelas, lenha e coisas de comer, e cozinhavam para seus homens e filhos. Viam-se pequenos rolos de fumaça nas duas margens. O rio estava pontilhado de grupos de piquenique, as mulheres com seus saris de cores berrantes reluzindo ao sol; os homens também em seus trajes de festa. Bois liberados da canga das carroças tilintavam seus sinos ao comer palha sob as árvores. O povo se apinhava em torno das pequenas poças d'água.

Raju os via através dos pilares sempre que abria os olhos. Sabia o que significava a fumaça; sabia que comiam e se divertiam. Imaginava o que deviam estar comendo—arroz cozido com uma pitada de açafrão, *ghee*¹⁰⁷ derretido, e quais eram os vegetais? Provavelmente nenhum, com esta seca. Sofria com o espetáculo.

Na verdade, este era o quarto dia de seu jejum. Felizmente, no primeiro dia ele havia escondido um pouco de comida, sobra do dia anterior, em uma vasilha de alumínio atrás de um pilar de pedra bem no fundo do santuário—um pouco de arroz misturado com soro de leite, e uma verdurinha. Felizmente, também, conseguira no primeiro dia, roubar um momento de privacidade no final da jornada de orações e penitência, tarde da noite. Não havia tanta gente, então. Velan tinha alguma coisa para fazer em casa e havia saído, deixando outros dois para assistir o Swami. O Swami estava deitado na esteira no salão dos pilares, sob o olhar dos dois moradores do povoado, que abanavam um enorme leque de folha de palmeira em seu

rosto. Sentia-se fraco pelo dia em jejum. De repente, disse a eles, “Durmam, se quiserem; voltarei,” levantou-se resoluto e entrou no santuário interno.

“Não preciso dizer às pessoas onde vou ou por que ou quanto tempo me ausentarei.” Estava indignado. Havia perdido toda sua privacidade. Gente o tempo todo observando e olhando com olhos de lince, como se fosse um ladrão! No santuário de dentro ele rapidamente enfiou a mão em um nicho e tirou sua panela de alumínio. Sentou atrás do pedestal, engoliu a comida em três ou quatro bocados, do modo mais silencioso que pode. O arroz de dois dias estava rançoso, seco e duro; o gosto era ruim mas aplacou a fome. Tomou uns goles d’água. Foi ao pátio dos fundos e lavou a boca sem fazer barulho—não queria ter cheiro de comida quando voltasse para a esteira.

Já deitado, refletiu. Estava farto da coisa toda. Quando a assembleia estivesse lotada, não poderia subir em um pedestal alto e gritar, “Vão embora, todos vocês, e me deixem em paz, não sou eu quem vai salvá-los. Nenhum poder nesta terra poderá salvá-los se estiverem condenados. Por que me perturbam com essa história de jejum e austeridade?” Não ia adiantar. Talvez levassem na brincadeira. Estava contra a parede, não havia como recuar. Essa ideia o ajudou a encarar a provação com um pouco mais de resignação no segundo dia de penitência. Mais uma vez, ficou em pé na água, murmurando palavras voltado para as montanhas, e olhando para os grupos de piquenique se divertindo ao redor. De noite, deixou Velan por uns momentos e se esgueirou para procurar sobras de comida na vasilha de alumínio—na verdade, um ato de desespero. Sabia muito bem que havia raspado a vasilha na noite anterior. Ainda esperava, ingenuamente, por um milagre. “Se querem que eu faça todo tipo de milagre, por que não começar com minha própria vasilha de alumínio?” refletiu, cáustico. Sentiu-se fraco. Ficou furioso com o vazio de sua despensa. Pensou por um instante se deveria fazer um último apelo desesperado a Velan para deixá-lo comer—se apenas ele deixasse, poderia salvá-lo! Velan devia saber disso, ainda assim o idiota não desistia de

acreditar que ele era um salvador. Esmurrou a vasilha de alumínio, irritado, e voltou para sua esteira. E se tivesse quebrado a vasilha? Não ia servir para nada. De que adiantava mimar uma panela vazia? Quando sentou, Velan perguntou, respeitoso, “Que barulho foi esse, mestre?”

“Uma panela vazia. Nunca ouviu dizer que ‘panela vazia faz muito barulho’?”

Velan se permitiu uma risada gentil [188] e declarou, com admiração, “Quanta filosofia e bons sentimentos reuniu nessa sua cabeça, senhor!”

Raju quase o olhou com raiva. Esse único homem era responsável pelo seu atual infortúnio. Por que não ia embora e o deixava em paz? Que maravilha seria se o crocodilo o pegasse ao atravessar o rio! Mas aquela pobre e velha criatura, que tinha se tornado quase um mito, havia se desidratado. Quando abriram sua barriga, encontraram joias no valor de dez mil rupias. Queria dizer que o crocodilo tinha por hábito comer apenas mulheres? Não, algumas caixas de rapé e brincos de homem também foram encontrados. A pergunta do momento era: Quem tinha direito a todo esse tesouro? Os moradores do povoado abafaram o caso. Não queriam chegasse aos ouvidos do governo e viessem confiscá-lo, como faziam com tesouros enterrados. Espalharam que apenas umas bugigangas sem valor haviam sido encontradas dentro do crocodilo, embora na verdade o homem que o abriu tivesse achado uma fortuna. Não teve mais problemas no resto da vida. Quem permitiu que abrisse o crocodilo? Quem poderia saber? As pessoas não esperavam por permissão em tais circunstâncias. Assim corria a conversa sobre o crocodilo entre o povo quando foi encontrado morto.

Velan caiu no sono enquanto o abanava—havia recém desmoronado em seu banco, com o leque na mão. Raju, ainda acordado, havia deixado sua mente vagar e chegar às profundezas do pensamento fantástico e mórbido. Agora se comoveu ao ver esse homem dobrado em seu banco. A pobre criatura estava extremamente entusiasmada e se esforçando ao máximo para que essa penitência fosse bem-sucedida, providenciando tudo o conforto para o grande homem em questão—menos, é claro, comida. Por que não dar uma chance para o

pobre diabo? Pensou Raju, em vez de ansiar por comida, que não posso conseguir de qualquer maneira. Irritou-se por não parar de pensar em comida. Com uma espécie de determinação vingativa, pensou, “Vou expulsar qualquer pensamento sobre comida. Pelos próximos dez dias vou erradicar de minha mente qualquer pensamento sobre língua e estômago.”

Essa resolução trouxe-lhe uma força peculiar. Ele a elaborou desse modo: “Se ao evitar comer ajudou as árvores a florescer, e a grama a crescer, por que não ir até o fim?” [189]Pela primeira vez na vida estava fazendo um esforço sincero; pela primeira vez experimentava a sensação de dedicação total, que não fosse por dinheiro e amor; pela primeira vez fazia alguma coisa sem interesse pessoal. De súbito, ficou tão entusiasmado que teve as forças renovadas para encarar a provação. O quarto dia de jejum o encontrou bem animado. Desceu ao rio, parou voltado para a nascente com os olhos fechados e repetiu a litania. Não era mais do que uma súplica aos céus para que enviasse chuva e salvasse a humanidade. Tinha um certo ritmo repetitivo que acalmava os sentidos e a consciência, de forma que ao repeti-la muitas vezes o mundo em volta se tornava um vácuo. Perdeu quase totalmente os sentidos, menos o entorpecimento nos joelhos, pelo contato constante com a água fria. A falta de comida lhe trouxe uma impressão esquisita de que estava flutuando, que lhe agradava, com o pensamento ao fundo, “Esta sensação agradável é algo que Velan não pode tirar de mim.”

O burburinho da humanidade em volta crescia. Sua consciência da humanidade aos poucos diminuía em proporção inversa. Ele não percebia, mas o mundo começava a impor sua presença. Por obra do jornalista itinerante. Suas palavras tiveram longo alcance. As ferrovias foram as primeiras a sentir a pressão. Tiveram que alocar trens extras para as multidões que se dirigiam a Malgudi. As pessoas viajavam nos estribos e no teto dos vagões. A pequena estação de Malgudi estava entupida de passageiros. Fora da estação, estacionavam os ônibus, e os motoristas gritavam, “Especial para Mangala partindo. Depressa, vamos logo.” As pessoas corriam da estação para os ônibus e quase sentavam umas por cima das outras. O taxi

de Gaffur fazia dezenas de viagens por dia. E a multidão se amontoava ao longo do rio em Mangala. As pessoas sentavam em grupos nas margens arenosas, nas pedras e nos degraus, e também do outro lado, em qualquer canto em que conseguissem se enfiar.

Nunca houvera nessa parte do país uma multidão tão grande. Lojas surgiram do nada, como que por um passe de mágica, em postes de bambu com teto de palha, expondo garrafas de refrigerante colorido e cachos de banana e balas de coco. O Conselho Comercial do Chá abriu uma tenda enorme, e seus cartazes, plantações de chá verdejantes [190] na encosta de montanhas azuis, foram colados em todas as paredes do templo. (As pessoas bebiam muito café e pouco chá nessa região). Montaram uma casa de chá e serviram chá grátis em xícaras de porcelana o dia inteiro. O público acorria como moscas, e as moscas revoavam sobre todas as xícaras e açucareiros. A presença da mosca trouxe à cena a Secretaria da Saúde, que receava um surto de alguma epidemia naquele lugar lotado de gente e sem água. Os inspetores sanitários de uniforme caqui borrifaram cada centímetro quadrado com DDT e, com uma agulha na mão, tentavam persuadir as pessoas a tomar vacina contra cólera, malária e doenças desse tipo. Alguns jovens, só de gozação, desnudaram os bíceps, e um monte de gente parou para olhar. Havia um espaço vazio na parede dos fundos do templo, onde haviam limpado o chão e aberto espaço para que as pessoas sentassem e assistissem um filme depois do escurecer. Atraíam o público tocando sucessos populares no gramofone, com alto-falantes pendurados no topo das árvores. Homens, mulheres e crianças se aglomeravam para a exibição do filmes, que eram todos sobre mosquitos, malária, peste, e tuberculose, e vacina BCG. Quando mostraram um enorme close-up de um mosquito como causa da malária, ouviu-se um camponês dizer, “Que mosquitos enormes! Não me espanta que as pessoas peguem malária nesses países. Nossos mosquitos aqui são tão pequenos que não fazem mal a ninguém,” o que deixou o palestrante da malária tão deprimido que ficou em silêncio por dez minutos. Quando terminou de falar sobre saúde, exibiu mais alguns filmes do Governo da

Índia sobre represas, vales dos rios, e vários projetos, com ministros discursando. Lá longe, além da periferia, um homem havia instalado uma tenda de jogo com um alvo de dardos sem um poste, e também montou um carrossel improvisado, que rangia o dia todo. Ambulantes de vários tipos andavam por todo lado também, vendendo balões, apitos de junco, e doces.

Uma multidão permanente se aglomerava em volta do santo e o contemplava com profunda veneração. Tocavam na água aos seus pés e a borrifavam sobre suas cabeças. Iam ficando indefinidamente até que o mestre de cerimônias, Velan, implorasse que fossem embora. “Por favor, saiam. O Swami precisa de ar fresco. Se já conseguiram seus *darsham*¹⁰⁸, andem para dar uma chance aos outros. Não sejam egoístas.” E as pessoas iam adiante e se divertiam de maneiras variadas.

Quando o Swami entrava para se deitar em sua esteira no salão, eles o seguiam para contemplá-lo de novo e iam ficando até que Velan outra vez os mandasse sair. Uns poucos tinham o privilégio de sentar-se na beirada da esteira, bem perto do grande homem. Um deles era o professor da escola, que se encarregava de todos os telegramas e cartas que não paravam de chegar de todos os cantos do país desejando sucesso ao Swami. O posto dos correios em Mangala normalmente contava com um carteiro que vinha uma vez por semana, e quando vinha um telegrama, era recebido em Aruna, um povoado um pouquinho maior, sete quilômetros rio abaixo, e lá ficava até que achassem alguém que fosse até Mandala. Mas agora, o pequeno telégrafo não tinha descanso—choviam mensagens dia e noite, endereçadas simplesmente “Swamiji,” só isso. A cada hora formavam uma pilha e tinham que ser levadas por mensageiros especiais. Além dos telegramas que chegavam, havia muitos outros sendo enviados. O lugar estava pululando de jornalistas, que atualizavam seus jornais em todo o mundo de hora em hora. Eram uma turma agressiva e o pobre telegrafista tinha medo deles. Batiam na sua janela e gritavam, “Urgente!” Estendiam pacotes e rolos de filme e fotografias, e ordenavam que as despachasse imediatamente. Gritavam, “Urgente, urgente! Se esse pacote

não chegar na minha redação hoje...” e o ameaçavam com previsões terríveis e diziam todo tipo de coisas assustadoras.

“Imprensa. Urgente!” “Imprensa. Urgente!” Continuavam aos berros até deixar os nervos do homem em frangalhos. Ele havia prometido aos seus filhos que os levaria ao Swamiji. As crianças berraram, “Também estão exibindo um filme do Ali Baba, um amigo nos disse.” Mas não lhe davam tempo de cumprir sua promessa aos filhos. Quando os homens da imprensa lhe davam uma trégua, as teclas trepidavam com mensagens que chegavam. Sua vida até então havia sido razoavelmente calma, e a pressão de agora dilacerava seus nervos. Enviava um SOS para todos seus superiores sempre que tinha uma brecha: “Processando duzentas mensagens hoje. Preciso auxílio.”

As estradas estavam entupidas com tráfego, carroças interioranas, ônibus e bicicletas, jipes e automóveis de todo tipo e idade. Pedestres enfileiravam-se com suas cestas e trouxas através dos campos como formigas em direção a um torrão de açúcar. [192] O ar ressoava com a música daqueles que haviam escolhido apoiar o Swami sentando-se perto dele e entoando hinos religiosos acompanhados de uma harmônica e *tabala*¹⁰⁹.

O homem mais ocupado aqui era um americano de camisa safári e calça de veludo cotelê. Chegou de jipe com um trailer torto e empoeirado, um tufo emaranhado de cabelo, mais ou menos à uma da tarde do décimo dia de jejum e se pôs a trabalhar imediatamente. Havia contratado um intérprete em Madras e vindo direto, quase seiscentos quilômetros. Ignorou o ambiente em volta e assumiu o controle da situação. Olhou em volta por apenas alguns instantes, dirigindo o jipe até o pé de hibisco atrás do templo. Desembarcou e foi a passos largos ao templo, deixando todos para trás. Aproximou-se do Swami recostado e juntou as palmas das mãos, murmurando, “*Namasté*¹¹⁰”—a saudação indiana, a qual havia aprendido no momento em que aterrissou na Índia. Havia se informado sobre todos os

costumes locais. Raju o olhou com interesse—o rosto grande e róseo era uma novidade em sua rotina.

O visitante róseo se inclinou quase até o chão para perguntar ao professor sentado ao lado do Swami, “Posso falar com ele em inglês?”

“Pode. Ele fala inglês.”

O homem se abaixou na beira da esteira e sentou-se no chão com dificuldade, à maneira indiana, de pernas cruzadas. Inclinou-se em direção ao Swami para dizer, “Me chamo James J. Malone. Sou da Califórnia. Produzo filmes e programas de TV. Vim filmar essa matéria, levá-la de volta para meu país, e mostrá-la para nosso povo lá. Tenho aqui no bolso uma autorização de New Delhi para esse projeto. Teria a sua também?”

Raju refletiu sobre o assunto e fez que sim com a cabeça, serenamente.

“Ok. Muito obrigado. Não vou perturbá-lo—mas me permite tirar fotos suas? Não iria perturbá-lo. Incomoda-se se arredar umas coisas e instalar os cabos e luzes?”

“Não; pode fazer o seu trabalho,” disse o sábio.

O homem ficou ocupadíssimo. Levantou-se de imediato, colocou o trailer em posição, e ligou o gerador. [193]O barulho tomou o ambiente, abafando todos os outros. Atraiu uma enorme multidão de homens, mulheres e crianças para assistir ao entretenimento. Todas as outras atrações do acampamento se tornaram secundárias. Enquanto Malone desenrolava os cabos, uma grande multidão o seguia. Ele sorria afável e continuava trabalhando. Velan um ou dois outros corriam pela multidão, gritando, “Estão pensando que estão no mercado de peixes? Saiam daqui, todo vocês! Não tem nada que fazer aqui!” Mas ninguém dava bola para suas ordens. Escalaram pilares e pedestais e se penduraram em todo tipo de lugar para poder enxergar. Malone continuou seu trabalho sem prestar atenção a nada. Finalmente, quando a iluminação estava pronta, trouxe a câmera e tirou fotos das pessoas e do templo, e do Swami, de vários ângulos e distâncias.

“Desculpe, Swami, se a luz for muito forte.” Quando terminou as fotos, trouxe um microfone, colocou-o perto do rosto do Swami, e disse, “Vamos bater um papo. Ok? Digame, que acha disso aqui?”

“Apenas faço o que tenho que fazer; só isso. O que gosto ou deixo de gostar não conta.”

“Há quanto tempo está sem comer?”

“Dez dias.”

“Sente-se fraco?”

“Sim.”

“Quando vai interromper o jejum?”

“No décimo segundo dia.”

“Espera que chova até lá?”

“Por que não?”

“O jejum pode acabar com todas as guerras e trazer paz ao mundo?”

“Sim.”

“Recomenda o jejum para todos?”

“Sim.”

“E o sistema de castas? Vai acabar?”

“Sim.”

“Conte-nos alguma coisa sobre a sua vida até agora.”

“O que quer que eu conte?”

“Ahn, por exemplo, sempre foi um yogi?”

“Sim; mais ou menos.”

Era muito difícil para o Swami manter um fluxo contínuo de fala. [194] Ficou exausto e se deitou. Velan e os outros assistiam, preocupados. O professor disse, “Ele está fatigado.”

“Bem, acho que vamos deixá-lo descansar um pouco. Desculpe incomodá-los.”

O Swami ficou deitado de olhos fechados. Uns médicos, enviados pelo governo para observar e mandar notícias, se aproximaram do Swami, sentiram seu pulso e coração. Ajudaram-no a se esticar na esteira. Um grande silêncio caiu sobre a multidão. Velan abanava seu leque com mais força do que nunca. Estava perturbado e infeliz. Na verdade, mantinha um jejum solidário, não comia em dias alternados, limitando sua dieta a vegetais cozidos sem sal. Parecia exausto. Disse ao professor, “Um dia mais. Não sei como vai aguentar. Tenho medo de pensar em como sobreviverá mais um dia.”

Malone se resignou a esperar. Olhou para o médico e disse, “Como ele está?”

“Não muito bem; a pressão sanguínea sistólica está em duzentos. Suspeitamos que um dos rins esteja comprometido. Há um início de uremia. Estamos tentando dar-lhe pequenas doses de uma solução salina e glicose. Sua vida é valiosa para o país.”

“Poderia fazer um comentário sobre a sua saúde?” Perguntou Malone, empurrando o microfone em sua direção. Estava sentado na cabeça de um elefante esculpido que decorava os degraus do templo.

Os médicos se entreolharam em pânico e disseram, “Sentimos muito, somos funcionários públicos—não podemos falar sem permissão. Nossos relatórios são liberados somente na sede administrativa. Não podemos fornecê-lo diretamente. Desculpe.”

“Ok. Não vou contrariar seus costumes.” Olhou para o relógio e disse, “Acho que é isso por hoje.” Aproximou-se do professor e perguntou, “Diga-me, que horas ele entra no rio amanhã?”

“Às seis.”

“Poderia me mostrar o local?” O professor se levantou e o levou consigo. O homem disse, “Espere, espere. Não se importaria de fazer o papel dele por um minutinho? Mostre-me de onde ele sai, por onde passa, e onde para.”

O professor hesitou, tímido para fazer o papel do sábio. O homem o encorajou. “Vamos lá; coopere. Eu me responsabilizo se houver problemas.”

O professor partiu do pedestal. “Ele sai daqui. Agora siga-me.” Mostrou toda a rota, até o rio, e o local onde o Swami parava e orava, em pé na água por duas horas. A multidão seguiu com atenção cada centímetro desse movimento, e alguém na multidão brincou, “Ah! O professor também vai fazer penitência e deixar de comer!” E todos riram.

Malone sorria para eles de vez em quando, embora não entendesse o que diziam. Observou o local de vários ângulos, mediu a distância até o gerador, apertou a mão do professor, e voltou para seu jipe. “Até amanhã de manhã.” Partiu em meio a fumaça e ronco do motor enquanto jipe chacoalhava em cima dos buracos e valas além do hibisco, até chegar na estrada.

Décimo-primeiro dia, manhã. A multidão, que continuava aumentando a noite inteira, quase triplicou porque era o último dia do jejum. A noite toda ouviam-se vozes de gente e o som dos veículos chacoalhando nas estradas e trilhas. Velan e um grupo de seus auxiliares formaram um cordão que mantinha a multidão fora do salão dos pilares. Diziam, “O Swami precisa de ar fresco para respirar. É só o que tem agora. Não abafem o ar. Todo mudo vai conseguir seu *darshan* no rio. Prometo. Saiam agora. Ele está descansando.” Foi um vigília a noite inteira. As numerosas lanternas e lamparinas formavam um entrecruzamento atordoante de sombras em todas as cercas, árvores, e paredes.

Às cinco e meia da manhã os médicos examinaram o Swami. Escreveram e assinaram um boletim que dizia, “O estado do Swami é grave. Recusa solução de sal e glicose. Deve interromper o jejum imediatamente. Procedimento recomendado.” Mandaram um homem levar esse telegrama para sua sede administrativa correndo.

Era um telegrama com prioridade máxima para o governo, e foi respondido em uma hora: “Imperativo que Swami seja salvo. Convençam-no melhor cooperar. Não deve arriscar vida. Tentar solução de sal e glicose. Convençam Swami a retomar jejum mais tarde.”

Sentaram-se ao lado do Swami e leram a mensagem. Ele sorriu. Fizeram sinal para que Velan se aproximasse. [196]

Os médicos suplicaram, “Diga para ele se salvar. Por favor, faça o que puder. Ele está muito fraco.”

Velan inclinou-se para o Swami e disse, “Os médicos dizem—“

Em resposta, Raju pediu que o homem chegasse mais perto e sussurrou, “Me ajuda a levantar,” e ergueu-se apoiado em seu braço. Ficou em pé. Teve que ser sustentado de cada lado, por Velan e um outro. No mais profundo silêncio, a multidão o seguiu. Todos caminhavam em um ritmo solene, silencioso. O céu oriental estava vermelho. Muitos no acampamento ainda dormiam. Raju não conseguia caminhar, mas insistiu em se arrastar assim mesmo. Arquejava com o esforço. Desceu os degraus do rio, parando para tomar fôlego a cada passo, e finalmente chegou a sua poça d’água. Entrou, fechou os olhos, e se voltou para as montanhas, os lábios murmurando a oração. Velan e o outro o seguravam pelos braços. O sol da manhã havia nascido a essa altura; um vasto facho de luz iluminava o ambiente. Estava difícil manter Raju em pé, ele tendia a cair. Seguravam-no como se fosse um bebê. Raju abriu os olhos, olhou em volta, e disse, “Velan, está chovendo nas montanhas. Sinto a chuva surgindo embaixo dos meus pés, subindo pelas minhas pernas—”. Seu corpo cedeu.

¹ N. do T.: Uma rupia equivale a 16 annas. Depois da independência em 1947, houve um período de transição de cinco anos no qual o país manteve o sistema monetário do período colonial. Na primeira série de moedas cunhadas em 1950, a rupia continuou valendo 16 *annas* e 192 *pies* (plural de *pice*). O rosto de rei foi substituído pelo leão do pilar do templo de Ashoka; uma espiga de milho tomou o lugar da figura do tigre na moeda de uma rupia. Outros motivos indianos foram utilizados. Em 1955 uma emenda constitucional introduziu o sistema decimal, que passou a valer a partir de abril de 1957. O valor da rupia permaneceu inalterado, mas passou a ser dividido em 100 *paisa* em vez de 16 annas.

² N. do T.: Todos eles são nomes com origem na vasta mitologia e história hinduísta e derivados do sânscrito, ainda hoje extremamente comuns. Devi significa “deusa”; Lalitha, “bela” ou “elegante”; Meena, “pedra preciosa”.

³ N. do T.: Uma das poucas palavras de origem indiana, além dos nomes de lugares e deuses, que não está grafada em itálico no texto original. Houaiss trata a palavra “*sári*”, acentuada, como incorporada à língua portuguesa, e a define simplesmente como “substantivo masculino. Rubrica: vestuário. Traje nacional das mulheres indianas, constituído de uma longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo.”

⁴ N. do T.: O nome do explorador veneziano Marco Polo (1254–1324) ainda hoje é epíteto do explorador exótico. Seus relatos de viagem acenderam a imaginação dos seus contemporâneos sobre o então desconhecido oriente. Sua jornada incluiu Maarbar, no mesmo sul do subcontinente onde Malgudi está situada, em uma época em que os reinos dravidianos locais ainda não haviam sido conquistados pelo império muçulmano. O desconhecimento de Raju quanto a aparência de Marco Polo não caracteriza ignorância do personagem já que não há registro histórico confiável de retratos feitos durante sua vida, nem mesmo descrições de sua aparência física.

⁵ N. do T.: Quando *O Guia* foi publicado em 1958, a cidade fictícia de Malgudi já fazia parte do imaginário dos leitores dos primeiros romances do autor desde a publicação de *Swami and Friends*, em 1935.

⁶ N. do T.: Tipo de pimenta também conhecida por noz de areca. Trata-se da semente da palmeira de betel (*Areca Catechu*). Esta palmeira pode atingir vinte metros e suas folhas cerca de um metro e é bastante comum na Ásia. Com sabor fresco e apimentado, a noz é mascarada inteira, lascada ou ralada, ou ainda misturada com temperos de acordo com diferentes tradições locais. O costume de cuspir os restos das folhas mascaradas constitui uma tradição na Índia. O fluxo de saliva vermelha mancha os lábios e os dentes. Quando tabaco é acrescentado, a mistura, chama-se “*pan*” ou “*paan*”. Os ingredientes são colocados numa folha de pimenta de betel untada com pasta de cal e de *Catechu*, substância adstringente de origem vegetal. Outra versão difundida do pan é o “pan masala”, no qual os mesmos ingredientes são secos e embrulhados em sachês. Há escarradeiras nas casas onde o pan é popular, mas os usuários cospem no chão ou nas paredes, razão das manchas em muitos prédios da Índia. O betel tem efeito estimulante do sistema nervoso central, induz a um relaxamento e ou sensação de euforia. Vários rituais diários do Hinduísmo incluem o uso do betel.

⁷ N. do T.: Espécie de plataforma descoberta na frente das casinhas pobres, onde os moradores frequentemente dormem, fazem refeições ou recebem visitas.

⁸ N. do T.: Tâmil é uma das línguas com literatura mais antiga do grupo linguístico dravidiano, hoje falado por uma população de cerca de 52 milhões na Índia, Sri Lanka, Malásia, Vietnã e Cingapura. É a língua mais falada no estado de Tamil Nadu, região onde se situa Mysore, a cidade que mais provavelmente inspirou a Malgudi ficcional. As inscrições mais antigas datam de 500 a.C. e os textos literários mais antigos (Tolkappiyam) datam de aproximadamente 200 a. C. Os caracteres da língua tâmil provavelmente derivam da escrita

Brahmi, embora parem controvérsias sobre sua origem. Este alfabeto só era usado para o tâmil literário. A partir do século XIX uma versão dos caracteres para o tâmil coloquial foi gradativamente se estabilizando. Trata-se de um alfabeto silábico escrito na horizontal, da esquerda para a direita. Por ter sido originalmente escrito em folhas de palmeira, as letras constituem-se de suaves pinceladas de forma arredondada, de modo que as folhas não se rasgassem.

⁹ N. do T.: *Tamarindus indica*. Árvore originária da África tropical, em geral cultivada como planta ornamental e apreciada pelos frutos de polpa comestível. Suas folhas e frutos têm propriedades medicinais, e muitas vezes é empregado como ingrediente na preparação de sorvetes, doces, refrescos e molhos picantes. Também conhecida como tamarindeira, tamarindeiro, tamarineira ou tamarineiro.

¹⁰ N. do T.: Em oposição ao ritualismo do hinduísmo brâmane, a doutrina difundida por Sidarta Gautama Buda, sábio do século VI a. C., oferece um método de elevação espiritual que, a partir da disciplina na prática de ações e pensamentos corretos, possibilitaria por fim à série de reencarnações. As diferentes variantes do budismo divergem quanto à biografia do personagem histórico, mas há um consenso de que Buda foi um príncipe da região do Nepal contemporâneo que renunciou aos bens materiais e reuniu seguidores em torno de si até sua morte entre 486 e 360 a. C.

¹¹ N. do T.: Ambas as espécies, pipal (*Ficus religiosa*) e figueira-de-bengala (*Ficus benghalensis*) são árvores sagradas pelos seguidores do hinduísmo, jainismo e budismo, também conhecidas por árvore-dos-baneanes e árvore-de-buda. No texto original lê-se “peepul and banyan tree”, sem itálico; Houaiss refere o verbete “pipal” simplesmente como figueira-de-bengala, substantivo feminino. As duas formas “peepul” e “pipal” remetem ao sânscrito “pippala”. A Enciclopédia Agrícola Brasileira informa que pertencem a família das Moreáceas e atingem cerca de 30 metros de altura e 3 metros de diâmetro, suas folhas chegam

a 17 cm de comprimento e 12 de largura. A tradição conta que Siddhartha Gautama estava sentado sob uma destas árvores quando atingiu a iluminação. Em todas as tradições estão associadas a noções de felicidade e bem-aventurança.

¹² N. do T.: Espécie de palmeira gigante de cerca de 30 metros (*Borassus flabellifer*) nativa da Índia, também conhecida como palmeira-de-leque, palmeira-de-palmira, ou sivala. De madeira resistente à água salgada, foi sempre usada na construção de embarcações. Seu tronco, frutos e folhas verde-azuladas são homenageadas em antigas canções tâmil por suas inúmeras utilidades; as folhas foram o primeiro material para fazer papel na região, onde textos sagrados foram registrados. Entre outros usos, destacam-se a produção de açúcar e vinagre.

¹³ N. do T.: *idli* Bolinho condimentado de cerca de 7 centímetros, típico da região sul da Índia, mas muito popular em todo o país. A massa de lentilha fermentada e arroz é de fácil digestão, por isso são normalmente servidos no desjejum ou em lanches, quase sempre acompanhados por chutney (molho de vinagre, açúcar e especiarias).

¹⁴ N. do T.: Representação de Vishnu, um dos deuses da tríade do hinduísmo, juntamente com Brahma, o criador, e Shiva, o destruidor e renovador do universo. A palavra Vishnu significa “aquele que tudo vê”. É o deus protetor do mundo e restaurador da ordem moral. Vishnu é mais conhecido por suas 10 encarnações ou avatares, que se fazem presentes sempre que há desordem no mundo. As encarnações mais populares, além de Buda, são Rama e Krishna, celebradas nos épicos. A primeira menção a Vishnu está no Rig Veda, o mais antigo livro das escrituras sagradas do hinduísmo, onde se manifesta como uma divindade solar, o próprio sol se originou de sua cabeça. Também está associado ao deus da chuva (Indra). Unidos, o deus Vishnu do sol e o deus Indra da chuva destroem o deus Vritra, da seca. A popularidade de Vishny foi fonte de inspiração para artistas e escritores de todas as épocas. Não se espanta que

Narayan faça uso de sua imagem como uma espécie de “mensagem subliminar”, adiantando o ponto focal da narrativa, a seca e o papel divino atribuído a Raju para trazer a chuva.

¹⁵ N. do T.: Nome próprio derivado de Devaki, a mãe dos deuses Krishna e Balarama. O mito conta que Devaki e seu marido Vasudeva foram presos pelo meio-irmão dela, Kamsa, por causa da profecia de que um dos seus filhos o mataria. Kamsa matou seis dos filhos de Devaki. O sétimo, Balarama, escapou ao se esconder no útero de outra mulher. O oitavo filho, Krishna, uma das divindades mais ativas na mitologia, que neste episódio era também um avatar de Vishnu, escapou da morte ao ser adotado por outro casal de divindades.

¹⁶ N. do T.: Leitelho é uma espécie de coalhada magra, um líquido seroso, pobre em gordura, que fica como resíduo na produção de manteiga a partir do leite cru. Faz parte da dieta diária da população do sul da Índia, puro ou como ingrediente na maioria dos pratos. “Buttermilk” no original.

¹⁷ N. do T.: Picles indianos diferem do tipo europeu e americano, pois não contêm vinagre, e sim óleo, o que dispensa refrigeração. Há dezenas de variedades regionais, sendo parte integrante da comida normal do dia a dia, servidos com praticamente tudo desde pão e arroz até peixe e carnes. “Lime pickle” no original.

¹⁸ N. do T.: Desde que Malgudi se tornou o palco da ficção de Narayan em *Swami and Friends* em 1935, a cada novo romance a cidade cresce e ganha vários logradouros e instituições, entre elas as Escola Missionária Albert. É mais um elemento que ancora Malgudi na realidade histórica. Missionários protestantes iniciaram e desenvolveram uma rede de alfabetização e educação formal na região desde o início da presença britânica. Tâmil foi a primeira língua da Índia a ter uma tradução da bíblia, ainda em 1660, quando um pastor verteu o evangelho de Mateus. Em 1710 um pastor de origem alemã traduziu todo o novo testamento. Quando Narayan escreve, em 1958, uma década depois da independência, os missionários cristãos continuavam ativos na educação institucional.

¹⁹ N. do T.: A capital do estado de Tamil Nadu e quarta maior cidade do país foi fundada em 1640, nos primeiros tempos da colonização britânica, e é também o local onde Narayan nasceu e trabalhou por muitos anos. Em 1996, o governo local trocou o nome da cidade para Chennai, na onda nacionalista de alterações de toponímicos ligados ao passado sob domínio britânico.

²⁰ N. do T.: Kabir foi um poeta e líder religioso importante no movimento devocional místico conhecido com *Bhakti* movimento na Índia medieval. Em sânscrito, Kabir significa escravo ou servo. As composições poéticas de Kabir formam parte considerável das escrituras da fé Sique. Kabir precede e influenciou Guru Nanak, o fundador do Siquismo, uma das quatro maiores religiões da Índia, que mescla elementos do hinduísmo com outras tradições, adotando um deus único e rejeitando o sistema de castas.

²¹ N. do T.: Rio que atravessa a cidade ficcional Malgudi, presença constante na paisagem dos contos e romances do autor. A palavra “Sarayu” significa “rio sagrado” e também é um nome feminino comum.

²² N. do T.: Açúcar não refinado amplamente usado em todo o sul da Ásia, em receitas ou como guloseima para crianças. Também empregado na medicina tradicional indiana (ayurveda) para tratar males do pulmão e garganta ou reumatismo. *Jaggery* no texto em inglês.

²³ N. do T.: Embora Narayan use as palavras como sinônimos, “Plantain” refere-se a uma variedade de banana rica em carboidrato e com baixo teor de açúcar. Em geral este tipo de banana requer cozimento. Existem cerca de cem tipos de banana cultivadas no mundo todo; dentre as espécies cultivadas no Brasil estão a banana-prata e a banana-da-terra.

²⁴ N. do T. “Gold mohur” no original. Trata-se de árvore frondosa das espécies *Poinciana regia Bojer* ou *Delonix regia Rafin*. Também conhecida em inglês por “flame of the forest” (fogo da floresta) e flamboyant. Suas flores vistosas tem cor vermelho vivo.

²⁵ N. do T.: Carreta de 3 rodas semelhante ao riquixá, porém com tração animal e não humana. A saber, o dicionário Houasis assim define o riquixá: veículo pequeno e leve, de duas rodas, puxado por um homem a pé. Comporta em geral apenas um passageiro, eventualmente usado para carga.

²⁶ N. do T.: ATS: Administração da Estação Ferroviária

²⁷ N. do T.: Palavra malaia para a região da Indonésia.

²⁸ N. do T.: Trichy, abreviação de Tiruchirappalli. Quarta maior cidade do estado de Tamil Nadu, situada nas margens do rio Cauvery. A cidade moderna ostenta diversas igrejas, universidades fundadas a partir de 1790 pelos missionários britânico. Nos séculos II e III a. C. foi sede do reino dos Cholas, povo que deixou fortes marcas culturais na região, antes da conquista hindu. Trichy foi palco importante na luta entre França e Grã-Bretanha pela conquista da Índia. Hoje em dia é um centro comercial e industrial, conhecido pelos diamantes artificiais e tecidos.

²⁹ N. do T.: Grande épico que, juntamente com o Mahabharata, forma a base da mitologia hinduísta. Narra a história de rapto de Sita, esposa do herói Rama, cerca de 1000 a. C. Rama e Sita representam a perfeição amorosa e moral. Centenas de escritores recontaram o mito, entre eles Narayan, que publicou uma versão bastante popular em prosa em 1972. Na introdução, Narayan escreve: “O Ramayana perpassa nossa vida cultural de uma maneira ou de outra desde sempre, seja como discurso acadêmico em auditório público, seja na forma de uma narrativa de um contador de histórias ao ar livre, ou como peça de teatro ou dança dramática no palco. Qualquer que seja o meio, encontra sempre uma audiência ávida. Todos conhecem a história, mas adoram ouvi-la outra vez. A obra é aceita em níveis diversos; como um conto com personagens impressionantes; como uma obra prima literária; ou mesmo como uma escritura sagrada. A medida que a compreensão do ouvinte se desenvolve, ele discerne significados mais sutis; a simbologia se torna mais definida e relevante para a vida diária. O

Ramayana, na acepção mais plena do termo, pode ser considerado um livro de ‘filosofia perene’.” (*The Ramayana: A Shortened Modern Prose Version of the Indian Epic*. New York, Penguin, 1977, p. xi)

³⁰ N. do T.: Parvathi, deusa do amor e da devoção, é uma divindade suprema no hinduísmo, todas as outras deusas são manifestações suas ou encarnações. É a mãe de vários deuses, incluindo Ganesh, um dos mais cultuados pelo povo. De acordo com a versão mais difundida do mito, Parvathi é a segunda esposa do deus Shiva, embora muitas vezes seja considerada ela mesma uma manifestação de sua primeira esposa, Sati. Em outras versões é a irmã do deus Vishnu. Quando representada sozinha, tem quatro braços, junto a um leão ou tigre. Devido à sua extrema popularidade, é representada de diversas formas, dependendo da região e época. A iconografia é imensa.

³¹ N. do T.: Oficialmente Mumbai desde 1995, quando o partido de extrema direita *Shiv Sena* tomou o poder local e trocou seu nome, a cidade mais populosa da Índia e do mundo é a capital do estado de Maharashtra e sede da indústria audiovisual de Bollywood. Desde o século III a.C é ponto fulcral na cultura e economia do subcontinente. Foi capital do império budista de Asoka, tornou-se sede do governo colonial português em 1509. Já nos anos cinquenta, quando *The Guide* foi escrito, atraía migrantes de toda a Índia.

³² N. do T.: Lucknow é a capital do estado de Uttar Pradesh, ao norte, bem longe do estado sulino de Tamil Nadu, e portanto, de Malgudi. Centro industrializado, também atrai turistas em função de seus monumentos históricos. Foi palco da revolta contra os britânicos de 1857, conhecida como “Indian Mutiny”.

³³ N. do T.: Filme semiprofissional produzido pela Kodak nos anos cinquenta, um pouco mais caro que os filmes da recém-popularizada fotografia amadora.

³⁴ N. do T.: O uso de elefantes para trabalho pesado, transporte e uso ritual na Índia e outras regiões do sul da Ásia é folclórico, porém quase não se fala no processo violento e sistemático

de captura e domesticação desses animais. A descrição de seu manejo na literatura anglo-indiana tem um belo exemplo recente no romance de Amitav Gosh, *O Palácio de Espelho* (2001), publicado no Brasil em 2006 com tradução de José Rubens Siqueira.

³⁵ N. do T.: Vestimenta masculina tradicional que cobre as pernas e quadris com um pano sem costura, quase sempre de algodão branco, embora modernamente haja variação nas cores.

³⁶ N. do T.: Camisa larga que às vezes acompanha o *dhoti*.

³⁷ N. do T.: Anand Bhavan é o nome da mansão na cidade de Allahabad construída no século XIX, base da dinastia política Nehru-Gandhi. Lá nasceram o líder da independência e primeiro-ministro Jawaharlal Nehru e Indira Gandhi. Desde 1970 funciona como museu e memorial. Mahatma Gandhi se hospedava em um dos quartos da famosa casa de dois andares em visitas oficiais. Anand Bhavan originou uma infinidade de hotéis e o locais públicos com o mesmo nome por todo o país. Detalhes como este fazem de Malgudi um cenário realista para os leitores indianos.

³⁸ N. do T.: Senhor ou Salvador em sânscrito.

³⁹ N. do T.: “*Nallapa*” significa “pai bondoso” em tâmil. Um certo *Nallapa* foi um construtor de templos do século XVIII. “*Nallapa’s grove*” é um dos logradouros públicos frequentes na obra de Narayan.

⁴⁰ N. do T.: “*gourd*” literalmente significa cabaça, cuia. Por extensão, tipo de flauta da música tradicional indiana, que tem este formato.

⁴¹ N. do T.: Em 1989 o governo militar da Birmânia trocou o nome do país para União de Mianmar. Além do passado colonial, o país tem em comum com a Índia a religião; também, uma boa parte da população tem a mesma origem étnica dos moradores do sul da Índia.

⁴² N. do T.: Uma provável inspiração para a Casa do Monte pode ser o templo dedicado à deusa Chamundeshwari, na região de Mysore. A montanha Mempi em Mysore situa-se aos pés das montanhas Chamundi. No alto de um dos montes, fica o famoso templo

Chamundeshwari, que atrai muitos turistas. Nas proximidades, há uma estátua de Mahishasura, um demônio destruído pela deusa Chamundeshwari.

⁴³ N. do T.: *Tiffin* é um nome genérico para tipos diversos de refeições leves ou pequenos lanches vegetarianos do sul da Índia que não requerem o uso de talheres. Algumas variedades são consumidas apenas como desjejum enquanto outras são oferecidas entre refeições ou à noite.

⁴⁴ N. do T.: Caçador nativo que serve de guia.

⁴⁵ N. do T.: *Lantana Gamara*. Planta ornamental de jardim que atinge até 2 metros, com folhas ovais e flores brancas ou alaranjadas. Também conhecida como cambará-de-jardim, lantana-cambará e camarazinho.

⁴⁶ N. do T.: O sistema de divisão da sociedade em castas foi abolido por lei no primeiro governo de Nehru em 1947. Em 2009, um relatório publicado pela ACDA (Aliança contra Discriminação por Casta ou *Anti-Caste Discrimination Alliance* - ACDA) mostrou que nas grandes comunidades indianas do Reino Unido o sistema continua ativo. Apesar dos esforços oficiais para punir o descumprimento da lei, há na Índia atualmente cerca de 3.000 castas. As quatro castas principais são: brâmane (casta sacerdotal superior), cháttria (guerreiros), vaixiá (abaixo da cháttria, formada por comerciantes) e a sudra (trabalhadores manuais). Essa divisão geral não abarca a complexidade da divisão de castas por regiões, nem as centenas de castas intermediárias. Os brâmanes, por exemplo, se dividiam em várias subcastas: *brâmane gujarat*, *brâmane kanaujia*, *brâmane konkanastha*. Qualquer discussão mais detalhada sobre a relação entre as castas na Índia tem que ser regionalizada, uma vez que cada região tem seu próprio subsistema. M. N. Srinivas em *Casta na Índia moderna*, explica que entre as castas intermediárias há algumas diferenças, uma delas é a falta de clareza de hierarquia. Aspectos da alimentação continuam a indicar a posição da casta na estrutura social. As castas superiores, por exemplo, não comem alimentos preparados pelos impuros. Outro fator

relevante na definição das posições das castas na atualidade é a ocupação, já que as atividades consideradas degradantes rebaixam as posições das castas na estrutura social. A hierarquia das castas, no entanto não se dá somente por critérios econômicos. A complicada teia envolve também questões culturais que se desenvolvem há séculos.

⁴⁷ N. do T.: Pessoa pertencente a subcasta encarregada da lavagem de roupas. Andam de porta em porta recolhendo roupas sujas. Cada dhobi faz uma marca própria nas roupas para cada domicílio. Tanto a função como a pecha de baixo status social leva a crer que esta é a origem do nome do personagem Dobi na série Harry Potter. A palavra é também uma gíria em inglês britânico para lavar roupas bem sujas.

⁴⁸ N. do T.: Hotel luxuoso em Malgudi. A palavra “taj” significa “coroa”. Taj é muito usado como nome glamoroso para hotéis e qualquer comércio que queira se beneficiar da aura do mundialmente famoso Taj Mahal.

⁴⁹ N. do T.: O cinema é tão popular na Índia que as salas abrigam multidões e dispõem de camarotes e acomodações com diversos níveis de conforto. O preço do ingresso varia de acordo com a classe ou casta, como nos trens.

⁵⁰ N. do T.: Celebrado em 13 de abril no calendário gregoriano, o ano novo tâmil (puthandu) marca o dia em que o deus Brahma iniciou a criação do mundo. A comida ingerida nesta ocasião é de extrema importância ritual. O “Maanga Pachadi” prato principal do dia consiste em mangas, açúcar não refinado e pétalas de flores, com os quatro sabores que representam o equilíbrio da vida: doce, salgado, azedo e amargo.

⁵¹ N. do T.: Dasara é um Festival religioso com nove dias de duração em honra da deusa Chamundeshwari (Chamundi). Comemora a vitória do bem sobre o mal. Em Mysore (onde Narayan morou a maior parte da vida) o festival inclui exposições de filmes e eventos esportivos, atraindo anualmente multidões de turistas.

⁵² N. do T.: O mais popular festival indiano, também conhecido como Festival das Luzes, celebra o retorno do deus Rama ao seu reino Ayodhya depois de derrotar o deus-demônio. Dipavalli ou Diwali (fileira de luzes em sânscrito) é comemorado por cinco dias em meados de outubro. Iluminam as casas com lamparinas e os céus com fogos de artifício. Os celebrante usam roupas novas e distribuem doces às crianças.

⁵³ N. do T.: Guru, guia espiritual ou autoridade religiosa. O primeiro romance de Narayan intitula-se *Swami and Friends* (1936).

⁵⁴ N. do T.: Em algumas vertentes do hinduísmo, mãos vermelhas são pintadas nas paredes de templos, portões da cidade e homenageiam os santos mártires do passado.

⁵⁵ N. do T.: Swami (guru ou guia espiritual), acrescido do sufixo “ji”, que indica forma de tratamento respeitosa.

⁵⁶ N. do T.: O turmérico ou cúrcuma, tipo de açafrão utilizado no curry, e onipresente na culinária indiana, tem uma longa história de uso no combate à inflamação, e no alívio de dores. Modernamente seu uso medicinal ganhou respaldo científico internacional.

⁵⁷ N. do T.: A palavra *mangala* significa “sinal de sorte”. Entre as antigas escrituras hinduístas há o *Mangala Sutra*, que lista e comenta os símbolos da boa fortuna. A palavra também está associada a um colar ou objeto auspicioso.

⁵⁸ N. do T.: Mohandas Karamchand Gandhi, conhecido como Mahatma Gandhi, fez greve de fome 17 vezes durante sua carreira política de cerca de 20 anos. Seu corpo frágil, envolto em panos brancos, tornou-se um ícone da luta pela independência e até hoje remete a uma ideia de sacrifício em prol da paz ou da comunidade. Houve dois jejuns prolongados, de três semanas de duração cada um, em 1924 e em 1943. Os outros 15 jejuns normalmente duravam cerca de três ou quatro dias. O primeiro deles ocorreu em 1918 em sinal de solidariedade a um grupo de trabalhadores em greve cujas famílias estavam passando fome. Outro jejum bem-sucedido ocorreu em 1932, em protesto contra mudanças nas leis eleitorais que dariam

legitimidade ao sistema de castas. Os protestos mais importantes aconteceram em 1947 e em 1948. Em 1947, o jejum foi determinante para apaziguar Calcutá em meio às revoltas religiosas sangrentas que pipocavam em todo o país logo após a declaração de independência. No ano seguinte, um segundo jejum tentava promover a tolerância entre grupos muçulmanos, siques e hindus. Os líderes destes grupos, no entanto, não conseguiram controlar seus seguidores, e Gandhi foi assassinado por um fanático hindu em 30 de janeiro de 1948. Ironicamente, muitos dos jejuns ocorreram como forma de penitência pelos atos violentos cometidos por correligionários. Apesar de ter usado a privação de comida habilmente e a transformado em poderosa arma de propaganda política, Gandhi advertia sobre suas limitações e perigos. De qualquer modo, os jejuns foram parte fundamental da tática de resistência pacífica iniciada por ele em 1906, aos 37 anos, ao organizar um protesto contra a discriminação na África do Sul, onde era advogado. Na Índia, o movimento de resistência pacífica ficou conhecido como “satyagraha”, ou “constância da verdade”. Vale lembrar que cerca de dez anos antes de *O Guia*, ainda em 1949, Narayan escreveu *Waiting for the Mahatma*, seu único romance com referências à realidade política da Índia, tendo como pano de fundo a militância pela independência. Ali, Gandhi é um personagem secundário que inspira o ambivalente protagonista. Aqui, a comparação de Raju com Gandhi, pela boca de um camponês ingênuo, também relativiza o modo nem sempre unívoco como Gandhi foi visto pelos indianos; diferentemente da nossa versão um tanto idealizada do grande pacifista. Narayan escreveu um romance em que o personagem Gandhi dialoga com o protagonista, um ativista político motivado por razões escusas. *Waiting for the Mahatma* foi publicado em 1955, três anos antes de *The Guide*.

⁵⁹ N. do T.: Lanche típico da região de Mysore. Bolinho de grão de bico frito recheado com vegetais diversos; há muitas variações, doces ou salgadas.

⁶⁰ N. do T.: O Bhagavad Gita ("Canção de Deus" em Sânscrito), é um dos escritos da tradição hindu mais influentes na história da filosofia. O texto de cerca de 700 versos, divididos em 18 partes, está inserido no contexto do épico Mahabharata. O conteúdo narrativo é o diálogo entre o guerreiro Arjuna e o deus Krishna momentos antes da batalha fratricida entre os Pandava e Kaurava. Em resposta ao dilema moral de Arjuna, que se recusa a lutar contra seus primos, o deus Krishna, até então disfarçado em condutor da carruagem, explica seus deveres como soldado, expõe a filosofia dos Vedas e desenvolve diversas yogas ou práticas de vida, por meio de analogias. Embora o termo *yoga* tenha vários significados, no contexto do Bhagavad Gita a palavra descreve uma visão de mundo unificada e serena, a habilidade na ação e a capacidade de estar em sintonia com a glória do Ser-em-si-mesmo (Atman) e do ser supremo (Bhagavan). No Bhagavad Gita, o objetivo da vida é livrar o intelecto da sua complexidade e concentrar a mente na glória do Ser através da dedicação das ações humanas ao divino. Este objetivo pode ser alcançado pelas práticas (yogas) de meditação ou devoção, (Bhakti Yoga) da ação desinteressada (Karma Yoga), e do conhecimento (Jnana Yoga). Qualquer que seja o caminho, o objetivo principal é o mesmo, ou seja, entender que Brama ou a essência divina é a verdade última sob o universo material; o corpo é temporal e a Alma Suprema é infinita. O objetivo da yoga é escapar do ciclo de reencarnações pela compreensão desta realidade última. O décimo oitavo capítulo resume os tópicos tratados nos discursos anteriores. O drama do desespero e da paralisia de Arjuna é resolvido através do autocontrole e determinação. Esse último capítulo abre com a pergunta de Arjuna, sobre qual seria a renúncia verdadeira. Krishna deixa claro que a verdadeira renúncia consiste no abandono do desejo de obter recompensas através de uma ação. Praticamente todas as máximas atribuídas à "sabedoria hindu" que circulam no ocidente, muitas vezes influenciadas pelo vocabulário do Cristianismo, tais como "O que quer que tenhas, foi Deus quem te deu. O que quer tu tenhas dado, foi a Ele que deu"; "Tu vieste a este mundo de mãos vazias, e de mãos vazias dele irá

embora”; “Mudança é a lei do universo”; “A morte, assim como a vida é ilusão, só a alma é permanente”; ou “ O passado e o futuro não existem, só o presente é real”, provêm de traduções e interpretações do Bhagavad Gita.

⁶¹ N. do T.: Lord Krishna é um dos mais cultuados deuses hindus, considerado o oitavo avatar de Vishnu (o segundo na trindade hindu, juntamente com Brama e Shiva).

⁶² N. do T.: Grande alma. Em sânscrito, “Mah” significa “grande” e “atma” se refere a um conceito espiritual do hinduísmo tradicionalmente traduzido como alma. Houaiss traz a palavra mahatma em itálico, indicando a manutenção da grafia estrangeira, e a define como “grande mestre espiritual, guru”.

⁶³ N. do T.: Homem santo hindu. Em geral andarilhos; às vezes chamados de “renunciantes” por se afastarem da vida em sociedade. Sobrevivem graças aos donativos dos fiéis.

⁶⁴ N. do T.: Juntamente com Gandhi, foi líder no processo de independência. Nehru inaugurou o cargo de primeiro-ministro do país (de 1947 até sua morte em 1964), aboliu o sistema de castas e implantou planos quinquenais de modernização do país. Ao contrário de Gandhi, que favorecia a produção artesanal nos modelos tradicionais, Nehru impôs uma industrialização acelerada. A família Nehru-Gandhi está no centro da história política do país desde a independência. Jawaharlal Nehru, apesar das divergências, foi colaborador próximo de Mohandas Gandhi. Após a morte deste, a filha de Nehru, Indira Gandhi (note que o sobrenome Gandhi vem do casamento de Indira com Feroze Gandhi, e que não tem qualquer relação com a família de Mohandas Gandhi), continua a dinastia política. Rahul Gandhi é bisneto de Jawaharlal Nehru. Sua avó, Indira Gandhi, e seu pai, Rajiy Gandhi, também governaram a Índia. Ambos foram assassinados. Sua mãe, Sonia Gandhi foi presidente do Partido do Congresso o partido mais poderoso do país.

⁶⁵ N. do T.: Deus Shiva em seu avatar como dançarino cósmico. São comuns nos templos esculturas representando Shiva como o rei (*raja*) dos dançarinos (*nata*) dentro de um círculo

de fogo, símbolo da renovação. Através de dança, Nataraja cria, conserva e destrói o universo. Com uma das mãos, segura o Damaru, o tambor em forma de ampulheta com o qual marca o ritmo cósmico e o fluir do tempo. Na outra, uma chama, símbolo da transformação e da destruição de tudo que é ilusório. Com o pé direito o deus pisa em um anão, que simboliza o demônio da ignorância ou cegueira que impede a iluminação. O pedestal da estátua é uma flor de lótus, símbolo do mundo criado.

⁶⁶ N. do T.: Natya Shastra é um compêndio sobre dança, música e teatro hindu. De acordo com a tradição, Shiva (deus da dança criadora do cosmos) se encantou com a música escrita pelo sábio Bharat Muni e enviou um discípulo para lhe ensinar a verdadeira música celestial. Bharat Muni descreveu dez posturas para o corpo, nove para o pescoço e treze para a cabeça. A partir daí, diversas escolas desenvolveram e acrescentaram variações para uma completa sincronia entre os movimentos do rosto e do corpo com o som da voz e dos instrumentos com o objetivo de contar uma lenda.

⁶⁷ N. do T.: : Bharat Muni foi um sábio encarregado de divulgar quinto Veda entre o povo. De acordo com a lenda, o deus Brahma criou esta obra, chamado de Natyaveda como um resumo dos outros Vedas para o entendimento do povo.

⁶⁸ N. do T.: Erudito brâmane respeitado por seu conhecimento dos Vedas; especialista em um determinado assunto.

⁶⁹ N. do T.: Dada a importância central das narrativas Ramayana e Mahabharata na mitologia hindu e o fato de serem diversas vezes ecoadas neste romance, segue um breve resumo. Rama é filho do rei Rama Dasaratha e também avatar do deus Vishnu, encarnado para combater o demônio Ravana, o qual tinha proteção divina contra outros demônios e mesmo contra deuses, mas como desprezava o reino dos homens e dos animais, não havia pedido proteção contra estes. Por esta razão, Vishnu encarnou como um ser humano para derrotar Ravana. O rei Dasaratha tem outros três filhos: Lakshmana, Bharata e Satrugna. Quando Dasaratha fica

velho, decide nomear Rama seu sucessor. A mãe de Bharata fica furiosa e convence Dasaratha a nomear seu filho e exilar Rama na floresta. Rama concorda em ir para o exílio acompanhado de sua esposa Sita e seu irmão Lakshmana. Quando o período de exílio está quase terminando, Sita é sequestrada por Ravana, que a leva para a cidade de Lanka, na ilha Sri Lanka. Rama e Lakshmana vão em seu encalço, com o apoio do deus macaco Hanuman. Após muitos perigos e peripécias, Rama luta e derrota Ravana em uma batalha final. Depois deste episódio, as versões divergem. Na maioria delas Rama aceita Sita de volta. Em termos históricos, os eventos do Ramayana precedem os eventos narrados no Mahabharata. As eras na mitologia hindu são chamadas yugas. O mundo passa por vários ciclos de quatro yugas. Na melhor era, ou Krita Yuga, a vaca se sustenta sobre quatro patas. Na era a seguir, Treta Yuga, ou idade da tríade, a vaca se sustenta sobre três patas e sofre com um ligeiro desequilíbrio. Na era seguinte, a “era do dois” ou Dwapara Yuga, o mundo tem apenas a metade da justiça e do equilíbrio originais, já que a vaca tem somente duas patas. Segue-se então a pior era, a Kali Yuga, em que resta apenas um quarto da justiça original do mundo. Em consequência, este mundo contemporâneo é corrupto e instável, afinal a vaca mal se equilibra sobre uma pata. Os eventos no Ramayana acontecem na Treta Yuga, em que o mundo já começou a se corromper. Os eventos no Mahabharata, por sua vez, acontecem bem mais tarde, no final da Dwapara Yuga, quando o mundo já se encontra bem mais corrupto que nos tempos de Rama. Os acontecimentos trágicos e violentos no final do Mahabharata marcam o início da nossa era, a Kali Yuga. De uma certa forma, a narrativa do Mahabharata é uma explicação de como a Kali Yuga começou e por que as coisas são tão ruins no mundo atual. No Ramayana havia também traição e sofrimento, mas nada que se compare com o ódio visceral e vingança sistemática dos episódios do Mahabharata. O clímax é a batalha de Kurukshetra, onde os primos Pandavas e Kauravas travam luta extremamente cruel, até que não sobre quase ninguém vivo. Os cinco filhos de Pandu, os Pandavas, são os heróis. O mais velho é Yudhishtira, o rei. A seguir há

Bhima, um guerreiro forte de apetite voraz. O terceiro é Arjuna, o maior dos guerreiros e companheiro de Krishna. Os dois últimos são os gêmeos Nakula e Sahadeva. Todos os cinco compartilham a mesma esposa, Draupadi, que acidentalmente se casa com os cinco, em um dos inúmeros episódios paralelos à linha narrativa principal. Os inimigos, os Kauravas, são filhos do irmão de Pandu, Dhritarashtra. Apesar de ainda estar vivo, o fraco Dhritarashtra falha em refrear a ambição de Duryodhana, que inveja o talento e os feitos de seus primos, os Pandavas. Duryodhana convence seu tio por parte de mãe a desafiar Yudhishtira a um jogo de dados, e Yudhishtira aposta tudo que tem, inclusive sua vida. Os Pandavas são então forçados ao exílio, mas quando retornam, declaram guerra aos os Kauravas. Krishna luta ao lado dos Pandavas, disfarçado como condutor do carro de Arjuna. O trecho mundialmente conhecido como *Bhagavad Gita*, ou “Canção do Senhor” é um capítulo dentro do Mahabharata, logo no início da batalha de Kurukshetra. Quando Arjuna encara seus primos no campo de batalha, entra em desespero e se pergunta pelo significado da vida, incapaz de enfrentar a luta. O *Bhagavad Gita* contém as palavras de Krishna a Arjuna. De difícil interpretação, formam o cerne da filosofia hinduísta. Os Pandavas vencem. Duryodhana é morto e o exército Kaurava dizimado. Yudhishtira torna-se rei, mas o mundo nunca mais será o mesmo após a violência daquela batalha. Assim como na *Ilíada*, que termina com o funeral do herói troiano Heitor, o final é devastador. Há o mesmo tom sombrio, o preço da paz é sempre alto.

⁷⁰ N. do T.: Linha temática na música Carnática. Em geral consiste em um ciclo longo, repetido várias vezes. Tem uma função próxima ao refrão na música ocidental. A etimologia é interessante: O vocábulo “pa” deriva de “padam” (palavra), “la” deriva de “layam” (poesia), e “vi” deriva de “vinyasam”, que significa “imaginação”.

⁷¹ N. do T.: Jamuna Tributário do Ganges, forma com este e o atualmente extinto rio Saraswati a tríade de rios sagrados. Na mitologia, Jamuna ou Yamuna é filha do deus sol,

Surya, e irmã do deus da morte, Yama. A lenda afirma que quem bebe destes rios não mais teme a morte. O rio Jamuna tem ligação com o épico Mahabharata e o deus Krishna, o qual atravessou suas águas no colo do pai.

⁷² N. do T.: Associada a várias divindades do primeiro escalão do panteão hindu, como Krishna, Vishnu, Brahma e Lakshmi, a flor de lótus, pela sua resistência, beleza e certas particularidades de floração, é venerada como símbolo do conhecimento espiritual supremo, o qual é encarado como o florescimento da lótus de mil pétalas no topo da cabeça. O fato da planta ter suas raízes na lama e florescer límpida na superfície é comparado ao correto desapego às coisas do mundo e renascimento em um nível mais puro.

⁷³ N. do T.: Sir Frederick Lawley também aparece em *Lawley Road and Other Stories* uma coletânea de contos de publicada por Narayan em 1956. No conto que empresta seu título ao livro, as autoridades de Malgudi resolvem trocar os nomes das ruas da cidade para se ajustar ao novo espírito nacionalista. Neste caso, a ficção antecipou o que viria a acontecer algumas décadas mais tarde, quando o nome oficial de várias cidades foram alterados. Madras, por exemplo, tornou-se Chennai.

⁷⁴ N. do T.: Robert Clive (1725-1774) passou para a história como "Clive of India". Criou e consolidou o poderio militar e comercial da *East India Company* na região de Bengala e no sul do país, em meio a uma vida de aventuras e batalhas vitoriosas.

⁷⁵ N. do T.: Vinayakas formam um grupo de 4 demônios associados à vitória do deus Ganesh.

⁷⁶ N. do T.: O deus Shiva, juntamente com Brahma e Vishnu, compõe a trindade do hinduísmo. Do modo mais simplificado possível, pode-se dizer que Brahma é o criador, Vishnu é o que preserva, e Shiva o destruidor. Shiva continuamente tudo dissolve no processo cíclico da criação, preservação e dissolução do universo. A criação se sustenta em um equilíbrio precário entre as forças do bem e do mal. Quando esse equilíbrio se torna impossível, o deus Shiva destrói o universo para que um novo ciclo possa recomeçar. Neste

recomeço, há novas oportunidades para as almas libertarem-se do vínculo com o mundo físico, portanto o deus tem papel fundamental para evitar sofrimento, sendo considerado o deus da misericórdia e compaixão. Seu papel cósmico se apresenta em diversos símbolos e funções, entre eles lua crescente, mestre da yoga, olho semiaberto. Uma das representações mais populares é como o deus dos três olhos: o sol é o olho direito, a lua o esquerdo e o fogo da destruição, o terceiro olho.

⁷⁷ N. do T.: “Are you a B. A.?” , “She is a M. A.?” no original. B. A. é sigla para “Bachelor of Arts”, título dado aos graduados em curso superior. O segundo romance de Narayan chama-se *The Bachelor of Arts* (1937). M. A. é sigla para “Master of Arts”, grau em geral equivalente ao mestrado.

⁷⁸ N. do T.: A lenda de Savitri e Satyavan compõe o ciclo de histórias do Mahabharata que enfatizam os momentos filosóficos cruciais do épico. Savitri é filha do rei Madras. Em idade de casar, não tem pretendentes. Seu pai então a manda procurar um marido sozinha. Ela parte em peregrinação e encontra Satyavan, filho de um rei que buscou exílio na floresta e vive como lenhador. Savitri o escolhe para marido mas um vidente diz que ele não sabe, mas está destinado a morrer exatamente um ano a contar daquele dia. Mesmo assim ela decide viver ao seu lado na floresta. Quando chega o dia, Satyavan sem conhecer seu destino, percebe o terror de Savitri e a consola, dizendo que seu medo não passa de ilusão (aqui entra o conceito hindu de *maya* - a realidade desta vida como ilusão dos sentidos). Yama, o deus da Morte, aparece para tomar a alma de Satyavan, que morre nos braços de Savitri. Em vez de chorar, no entanto, Savitri reage com serenidade, convida a Morte a entrar em sua casa, fala com ela respeitosamente sobre obediência à lei, e trata Yama como legítimo soberano. A Morte fica impressionada com essa atitude e concede vários desejos. Savitri pode pedir qualquer coisa, menos a vida do marido. Depois de vários desejos de bem aventurança para sua família, a Morte concede a ela um último desejo, que não poderia recusar. Savitri então pede Vida em

toda sua plenitude. A Morte se surpreende, afinal, Savitri está viva. A jovem a desafia a cumprir sua promessa. A Morte acaba por concordar em conceder aquele último desejo embora não o entenda. Então Savitri afirma que não pode viver com toda plenitude sem Satyavan. A Morte é obrigada a cumprir sua palavra. O marido volta a viver, contando que teve um sonho em que a Morte o havia visitado, mas que ele tinha certeza que tudo, inclusive a Morte, era apenas ilusão. A Morte volta para seu reino também convencida que é de fato uma ilusão.

⁷⁹ N. do T.: Forma variante hindu para designação de satã, demônio.

⁸⁰ N. do T.: Os *saits* constituem uma comunidade dissidente dos Kutchi Memons, grupo muçulmano sunita que se estabeleceu na região de Gujarat, no noroeste da Índia durante a ocupação muçulmana da Índia. Os Kutchi Memons tem a desinência *sait* no sobrenome dos homens e *bai* no das mulheres. É uma comunidade afinada com a modernidade, e a maioria dos *saits* tem formação superior.

⁸¹ N. do T.: *Bharat Natyam* é o principal estilo de dança tradicional do sul da Índia, em que se destaca o movimento das mãos, dançado nos templos pelas Devadasis. O nome deriva de *Bharata Natya Sastra*, escritos arcaicos sobre dança e teatro.

⁸² N. do T.: A parte de cima da vestimenta é um pano enrolado no tronco, que tem outras utilidades diárias, servindo também como toalha de banho ou esteira para sentar ou deitar. O original traz a expressão em inglês: “his upper cloth”, e não em híndi.

⁸³ N. do T.: *pan* Mistura de folhas de betel com tabaco e outras especiarias, consumida rotineiramente. O conteúdo avermelhado é cuspidado depois de mascado.

⁸⁴ N. do T.: Meena Kumari Diva legendária do cinema indiano, talvez a atriz mais adorada de Bollywood de todos os tempos. Iniciou a carreira aos 6 anos. Chamada de “a rainha da tragédia.” Artista de várias facetas, também se celebrou por escrever poemas. Nas três décadas de carreira encarnou a mulher como esposa e mãe, protagonizando centenas de

filmes. Apesar de nunca ter perdido sua aura junto ao público, estava no auge nos anos 50 e 60.

⁸⁵ N. do T.: Nalini significa “lotus” em sânscrito, e tem seu nome associado ao misticismo atribuído à flor.

⁸⁶ N. do T.: Entre aspas no original. “dance-master” (p.147).

⁸⁷ N. do T.: Koppal é uma cidade no estado sulino de Karnataka, que tem longa fronteira ao oeste de Tamil Nadu, portanto relativamente perto de Mysore/Malgudi.

⁸⁸ N. do T.: Não está em itálico no texto original. Povo do Nepal e regiões do norte do país que deriva seu nome do santo guerreiro hindu Gorakhnath do século VIII. Descendentes da dinastia Gurkha fundaram o antigo reino do Nepal. Os Gurkhas eram tidos pelos oficiais britânicos como um povo particularmente corajoso e guerreiro; os regimentos Gurkhas do exército britânico (e atualmente do exército indiano) adquiriram reputação de bravura e destreza militar.

⁸⁹ N. do T.: Deusa Saraswathi é esposa do deus Brahma. Atribuem-lhe sabedoria, e os dons do estudo e da linguagem. Suas quatro mãos representam a mente, o intelecto, a atenção e o ego.

⁹⁰ N. do T.: Cabo Comorin fica no extremo sul do subcontinente indiano. Foco de peregrinação dos adoradores da deus Kanya, uma das encarnações da esposa de Shiva, Parvathi. Tornou-se distrito autônomo no estado de Tamil Nadu em 1956, dois anos antes da publicação do romance.

⁹¹ N. do T.: *sabha* Reunião ou congregação de pessoas com um objetivo em comum.

⁹² N. do T.: Chamada de “A Atenas do Oriente”, Madurai ou Madura é a sétima maior cidade em Tamil Nadu e uma das mais importantes do país, tanto do ponto de vista histórico-cultural (rica em templos e monumentos desde a época em que foi a capital do reino Pandava no século VI a.C., tornou-se a sede literária da cultura Tâmil) como na esfera urbano-industrial, com destaque para a produção têxtil.

⁹³ N. do T.: Ooty (Ootacamund) Praticamente todos os guias turísticos apresentam Ooty (não mais tão pequena) como um destino ideal de férias em meio a plantações de café, campos de golfe e ares tranquilos para executivos que buscam fugir do estresse das grandes metrópoles.

⁹⁴ N. do T.: “We played Three Cards sometimes for two days[...]” “Three Cards”, em maiúsculas no original, é uma variante do pôquer. São 52 cartas, dois baralhos sem os coringas. No começo da rodada, cada jogador tem três cartas e começa a apostar. O jogador desiste ou continua apostando por três rodadas seguidas. A pontuação de cada um se soma após cada rodada. No final, o ganhador é definido de acordo com critérios muito similares ao do pôquer tradicional.

⁹⁵ N. do T.: A palavra “Delhi” refere-se à capital da Índia, New Delhi, que se situa na região metropolitana do mesmo nome, a segunda maior concentração populacional da Índia depois de Mumbai. Habitada desde o século VI a.C., já nos anos cinquenta era uma cidade cosmopolita e multicultural.

⁹⁶ N. do T.: Suplemento do *The Times of India*, jornal de prestígio em circulação desde 1838; o maior rival do jornal para o qual Narayan escreveu, *The Hindu*.

⁹⁷ N. do T.: Kalipet é uma cidade em Andhra Pradesh, estado na fronteira norte de Tamil Nadu, onde está a cidade protótipo de Malgudi.

⁹⁸ N. do T.: Primeiro modelo de automóvel da Chrysler de baixo custo, lançado em 1928. Na década de cinquenta, época em que o romance foi escrito, os modelos Plymouth eram famosos pela durabilidade, robustez e qualidade do motor.

⁹⁹ N. do T.: O deus de cabeça de elefante é talvez a imagem mais prontamente associada ao hinduísmo. Filho de Shiva e Parvathi, Ganesh é o deus do sucesso, a quem todos recorrem para solucionar todo e qualquer problema, desde os mais corriqueiros aos mais fundamentais. Também cultuado como deus da sabedoria e da riqueza.

¹⁰⁰ N. do T.: Pico de mais de 6 mil metros no Himalaia tibetano, perto da fonte dos rios mais longos e sagrados da Ásia, entre eles o rio Hindu e o rio Karnali (tributário do rio Ganges). No hinduísmo é considerado o centro do mundo e a morada sagrada do deus Shiva, cuja cabeça suaviza a descida das águas das geleiras do Kailash até o Ganges.

¹⁰¹ N. do T.: Princípio de justiça retributiva determinante das condições da vida atual e futuras reencarnações como função de ações em vidas anteriores. A raiz sânscrita significa “agir, ato”.

¹⁰² N. do T.: Neste caso Narayan embutiu uma tradução no corpo da narrativa. No original lê-se “They came to refer to me as *Vadhyar*—that is Teacher.” (p.180). A maioria das referências encontradas para são *Vadhyar* são “sacerdote” ou “líder religioso”. Interessante observar que o autor optou por “teacher”. A palavra “mestre” fica mais próxima a este campo semântico do que “professor”.

¹⁰³ N. do T.: Berinjelas.

¹⁰⁴ N. do T.: O primeiro plano quinquenal (1951-1961) estava em vigor por ocasião da escritura e publicação de *O guia* (1958). Implementado por Nehru, o estadista da independência de 1947, o plano contemplava a industrialização, energia, transportes, irrigação e redistribuição de terras. Ainda hoje a economia indiana se organiza desta forma, estando em vigor desde 2007 o décimo-primeiro plano.

¹⁰⁵ N. do T.: *The Hindu* Narayan colaborou com este jornal desde o início de sua carreira na década de 30 até os anos 80. Foi lá que publicou seus primeiros contos e artigos diversos. Fundado em 1878 e sediado em Madras, é o jornal diário em língua inglesa de maior circulação em Tamil Nadu e o segundo maior do país.

¹⁰⁶ N. do T.: País sob a área de influência cultural indiana. Em 1972 passou a chamar-se Sri Lanka. Seu território consiste em um ilha localizada ao sul da Índia, onde parte dos cerca de 12% da população de origem tâmil luta em movimento guerrilheiro separatista.

¹⁰⁷ N. do T.: *ghee* é um tipo de manteiga purificada, derretida por horas para que se complete a separação entre a parte sólida da parte líquida do leite. Quando toda a água evapora, o que sobra é esse tipo de manteiga, que não estraga em pouco tempo, mesmo sem refrigeração. É um ingrediente muito frequente na culinária indiana.

¹⁰⁸ N. do T.: Darsana (Darshan) significa “visão” em sânscrito. Normalmente usada em contexto religioso, como uma “aparição” ou “visão do divino.” Também empregada na expressão “receber uma visão” do guru.

¹⁰⁹ N. do T.: Par de tambores. O tocado com a mão direita é menor, chamado dayan; o da mão esquerda, maior e feito de metal, chama-se bayan. Tem um timbre próximo ao do sino.

¹¹⁰ N. do T.: Fusão de duas palavras do sânscrito “namah” e “te”. Cumprimento difundido na Índia; significa algo como “minhas reverências”, ou ainda, “meus respeitos ou meus reconhecimentos.”

CONCLUSION

Since the book is called *The guide*, the reader cannot fail to make the link between the array of meanings of this attribute and the different stages or levels of guidance offered as the plot unravels: tourist guide, who provides strangers with practical information; career guide, who provides Rosie with strategies for artistic achievement; teacher, who provides school boys with useful knowledge; spiritual guide, who provides villagers with sound advice. Should the role of community saviour be added to this list of good deeds? The legacy of the novel is what the reader ultimately makes of this guide figure. Raju is evidently not a guide in the sense of a leader who steers a community towards a better future. All his actions are self-centred. He guides the others with his own interest in mind. Narayan is making a satirical point in the very backbone of the narrative: the guide that people look up to is himself the one most in need of guidance. After constantly dodging his responsibilities along his life, the protagonist remains clueless to the last days of his fasting. As a son, Raju hires a cheap lawyer rather than face the eviction which left his mother homeless. As a lover also, he lives from day to day, lives on scraps of Rosie's favours, not considering a true commitment. In the end, he goes on with the fast, not out of a belief in his powers to bring rain, nor out of compassion for the community of villagers that has helped him, but rather as a

sort of selfish whim: “if by avoiding food I should help the trees bloom, and the grass grow, why not do it thoroughly (p. 188)?” Here this last outburst of stubbornness is attenuated by the narrator’s voice, which gives the reader its interpretation of the facts: “For the first time in his life, he was making an earnest effort; for the first time he was learning the thrill of full application, outside money and love; for the first time he was doing a thing in which he was not personally interested (p. 189).”

But is this narratorial voice to be trusted? By this point of the narrative the reader has already made his or her mind up, the reader has already taken sides: either he or she believes Raju is good at heart and truly redeemed or the narratorial voice is a last ironic remark added to the several others scattered in the novel. Could he have been redeemed by means of as almost “deus ex-machina” device? If the answer is yes, the novel can be read as a sort of comforting religious parable. The protagonist’s last-minute truthfulness to his title confers the reader with a sense of meaning or closure. Regardless of how selfish, silly and incompetent he is, there is an unforeseen destiny that makes his (and our) role in this life fit in with the greater good in the universe. But if the answer is no, then human affairs consist of pointless wanderings and self-illusion, and there is no guide guiding the guide. The translator must not erase this ambiguity and rob the target reader of his privilege of interpretation.

The reason why the issues of translation annoys so many of us who enjoy and work with literature is that it wipes away the writer’s careful choices, replaces them with someone else’s surrogate ones, and in spite of that, the result still reveals that writer. All of us who care about the written word are never totally at ease in face of a translation precisely because it somehow works despite its flaws, and by doing so, it lays bare our feeling of hopelessness when we try to fully rationalize how literature achieves its effects. The fabric of

literary style does not dwell on its more immediate features, try as we may, we can never fully freeze for inspection the inner workings of a literary device. For style is not the surface effect, the deliberate alliteration, the calculated repetition, the special organization of narrators, the peculiar turn of phrase. Identifying the parts that form a writer's style is an enjoyable and rewarding task and has deservedly been the object of numerable detailed studies. Style, however, is more than the sum of its parts. The deeper movements of mind refuse to be pinned down.

It is probably safe to argue that none of us is entirely devoid of preconceived ideas about that which is unfamiliar to us. We tend to assume that India will live up to the imagined ideas that we have about it. It is either the locus of exotic raptures or the land victimized by colonial exploitation. Narayan forces us if not to change these ideas, then at least to ponder about their validity. When our assumptions are challenged, our first impulse is not to question our ways of thinking but rather to label the different culture as too complicated to be taken in beyond a superficial level, or not worth the effort. It is my argument that beneath the novel's soft but encrusted layer of satire, the author acknowledges that specific Indian related traits survive and live on regardless of whichever waves of western influence they are subject to; and that there is more to India than backward living and caste prejudice.

The guru/guide's personality is described in a way that draws upon preconceptions that can be linked to Indian mythical stereotypes. Many of the secondary characters are also ascribed stereotypical features, such as Gaffur's streetwise practical wisdom and the uncle's zeal for the family's reputation. In that respect Narayan's novel plays with these stereotypical assumptions in terms of cultural difference. His critique on the "pasteurized" views of what a Hindi guru should look like and behave affects our perception

of Raju. With his humorous account, the narrator calls the reader's assumptions into question, because even though we are laughing or smiling, at the end of the day, it is hard to tell apart whether we are laughing at our own prejudices or at the events of the plot.

The manner in which the reader instantly recognizes the way the characters in *The Guide* are labeled or stereotyped indicates our readiness to equate certain features with specific religious traditions, nationalities and cultures. The ease with which this is done proves it is hard to sustain a position of total impartiality. As much as we would like to claim, we are not unbiased readers, and our bias is more evident when exposed to a novel so deceptively simple like *The Guide*.

When it comes to the cultural aspects, my view is that there is no such thing as an innate indianness, since I believe that in spite of prejudice, and even in the face of preconceived ideas about what is foreign; we are all much more alike than we are different, regardless of cultural roots. That said, I must add that going to the opposite end of the stick and dismissing the specificity of Narayan's writing in the name of a vague universalism is also a mistake. We do find a mythological stratum in his text that is not to be found in the western novel. Still, as odd, or as silly, or as surreal as the image of Raju's unlikely sacrifice is, the idea of an individual sacrificing oneself to preserve the others is at the core of the most important Christian mythology.

Regarding the more abstract theoretical approaches to translation studies, I keep a distance from the radical sort of academic discourse, which claims that the translator is on a par with the author. Obviously, I believe the translator deserves due credit for his or her work, which indeed entails a creative handling of the target language to render the source text.

But ultimately it is the author, and not the translator, who created the characters, the plot, the atmosphere of the novel, who gave it its form, its tone, its unique quality. I hold that the translator should not interfere with those in the name of a generic claim for “freedom of translating” or any relativist dogma so often found under the post-structuralist umbrella. The translator’s creativity is of a different sort. It lies in coming up with solutions for rendering what is already given in the source text. In my opinion, the voice of the translator is ultimately bound to the voice of the author. These restraints, rather than demeaning the translator’s creativity, make the whole procedure and its inbuilt creativity a hard-earned one. The respect for the voice of the author derives from the respect for the target reader. It is not legitimate for the translator to consciously put his or her own creative drive above the creativity of the author without a clear warning that the text is an adaptation or a text inspired by the source.

All of us who read a book in a language unknown to us look primarily for the aesthetic and intellectual experience provided by the source text, the one that for any reason drew our attention. The minority of us with academic interests might even be interested about the translation issues, but none of us would agree that we first chose this or that book in order to get to know the translator’s creative process. The creativity of the translator lies in being sensitive to the author’s use of the language with all its complexities and finding a fitting way to recreate the same *effect* for the target reader. This process is surely not a perfect one. Perfection is not to be attained under the sun in any area of human affairs, and much less in the muddy waters of the meanders in which language and meaning melt. But acknowledging that perfection is by definition impossible does not lead to the opposite and often heard claim of the impossibility of translation. The fact that there is not and that there will never be any sort of transparent meaning within nor across languages should not lead to the self-defeating

theories of impossibility of translation. Nor should it lead to their mirror theories which surrender to the implication idea that the translator “re-creates” a text.

From all the hundreds of witty, famous, important or grand quotes about translation I came across during this research, I pick this one to close these concluding remarks. For sure, I never dreamed of being exempted from having incurred in the first grade of evil, but, by taking my stance alongside a source-oriented approach and by adopting a painstaking detailed research, I do hope to have skipped the other two steps to Hell.

Three grades of evil can be discerned in the queer world of verbal transmigration. The first, and lesser one, comprises obvious errors due to ignorance or misguided knowledge. This is mere human frailty and thus excusable. The next step to Hell is taken by the translator who intentionally skips words or passages that he does not bother to understand or that might seem obscure or obscene to vaguely imagined readers.... The third, and worst, degree of turpitude is reached when a masterpiece is planished and patted into such a shape, vilely beautified in such a fashion as to conform to the notions and prejudices of a given public. (NABOKOV, 1941)

There is a widespread interest in literary translation as a form of literary study and as a discipline that extends the reading and writing skills gained in an Arts degree. The Brazilian academy too, has in recent years built large and successful language programs, creating spaces specifically designed for the production and study of literary translations. The aim of these courses is to create a body of students that are well equipped to undertake cultural, philosophical and scientific translation as well as literary translation, and that are fit for employment in any area demanding a high level of intercultural awareness, as well as writing and analytical skills. Another objective is to form professionals who will have learned to work in an ethos of intellectual and linguistic exchange, knowledgeable on the practical issues of translation and literary criticism. This dissertation offers a contribution to this process.

BIBLIOGRAPHY

- ABRAMS, M. H. *A Glossary of Literary Terms*. 6. ed. New York: Harcourt Brace Jovanovich Publishers, 1993.
- ADIGA, Aravind. *O Tigre Branco*. Translated by Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- ADIGA, Aravind. *The White Tiger*. London: Atlantic Books, 2008.
- AFZAL-KHAN, Fawzia. *Cultural Imperialism and the Indo-English Novel Genre and Ideology in R.K. Narayan, Anita Desai, Kamala Markandaya, and Salman Rushdie*. University Park, Pennsylvania State University Press, 1993.
- AGNIHTRI, G. N. *Indian Life and Problems in the Novels of Mulk Raj Anand, Faja Fao, and R.K. Narayan*. Meerut: Shalabh Prakashan, 1993.
- AIXELÁ, Javier Franco. *La Traducción Condicionada de los Nombres Propios*. Salamanca: Almar, 2000.
- ALMOND, Ian. Darker Shades of Malgudi: Solitary Figures of Modernity in the Stories of R.K. Narayan. In: *The Journal of Commonwealth Literature*. v.36, p.107-117, 2001.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução. A Teoria na Prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- ARROJO, Rosemary. Os 'Estudos de Tradução' como Área de Pesquisa Independente: dilemas e ilusões de uma disciplina em (des)construção. In: *DELTA*, v.14, n.2, p.423-454, 1998.
- ARROJO, Rosemary. Preface. In: CUNHA, Cristiana Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: UNESP, 1999.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. 2. ed. London: Routledge, 2005.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Post-Colonial Studies Reader*. 2. ed. London: Routledge, 2004.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: Ideias Afins*. 2. ed atualizada e revista. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- BAKER Mona (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1997.
- BAKER, Mona. *In Other Words: a Coursebook on Translation*. London: Routledge, 1992.

- BASSNET, Susan. *Estudos da Tradução*. Translated by Sônia Terezinha Gehring, Leticia Vasconcellos Abreu and Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- BASSNETT, Susan. The Translation Turn in Cultural Studies. In: BASSNETT, Susan & LEFEVERE, Andre. *Constructing cultures. Essays on literary translation*. Clevedon: Cromwell Press, 1998, p.123- 140.
- BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail. (orgs.) *Conversas com Tradutores*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BENJAMIN, Walter. A Tarefa-Renúncia do Tradutor. Translated by Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner. (org.) *Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia Bilingue Alemão-Português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.
- BENJAMIN, Walter. The Task of the Translator. In: *Illuminations*, translated by Harry Zohn, London: Jonathan Cape, 1970, p. 69-82.
- BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*. Translated by Andréia Guerini, Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Furlan. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- Bhagavad Gita*. Translated by Juan Mascaró. New York: Penguin Classics, 2003.
- BIGUETET, John; SCHULTE, Rainer. *Theories of Translation: an Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: Chicago U. P., 1992.
- BISWAL, J. K. *A Critical Study of the Novels of R. K. Narayan*. New Delhi: Nirmal, 1987.
- BOASE-BIER, Jean; HOLMAN, Michael (eds). *The Practices of Literary Translation: Constraints and Creativity*. Manchester: St. Jerome, 1999.
- BOEHMER, Elleke. *Colonial and Post-Colonial Literature*. Oxford: OUP, 1995.
- BRODBECK, Simon. Introduction to *The Bhagavad Gita*. In: *Bhagavad Gita*. Translated by Juan Mascaró. New York: Penguin Classics, 2003.
- CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como Criação e como Crítica. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.31-48.
- CAMPOS, Haroldo de. Tradução e Reconfiguração do Imaginário: o Tradutor como Transfingidor. In: COULTHARD, Malcolm (org.). *Tradução: Teoria e Prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. p. 17-31.
- CARVALHAL, Tânia Franco. A Tradução Literária. In: *Organon*. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, v.7, n.20, p.47-52, 1993.
- CARVALHAL, Tânia. Tradução e Recepção na Prática Comparatista. In: CARVALHAL, Tânia. *O Próprio e o Alheio. Ensaios de Literatura Comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003, p.217-259.
- CARVALHAL, Tânia Franco; FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha; REBELLO, Lúcia Sá. (orgs.) *Transcrições: Teorias e Práticas – Em Memória de Haroldo de Campos*. Porto Alegre: Evangraf, 2004.
- CATFORD, J. C. *Uma Teoria Lingüística da Tradução*. Translated by CET PUC Campinas. São Paulo: Cultrix. 1980.
- CÉSAR, Ana Cristina. *Crítica e Tradução*. São Paulo: Ática, 1999.
- CHAUDHURI, Amit. A Bottle of Ink, a Pen and a Blotter. *London Review of Books*. v.23, n.15, p.21-22, August 9, 2001.

- CHESTERMAN, Williams J.; CHERSTERMAN, Andrew. *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome. 2002.
- COLLINS Cobuild Advanced Learner's English Dictionary. HarperCollins Publishers, 2003.
- CRONIN, Michael. *Translation and Identity*. London: Routledge, 2006.
- CUNHA, Cristiana Carneiro. *Tradução e Diferença*. São Paulo: UNESP, 1999.
- DATTA, Vandana. The Woman Question: A Study of the Evolution of Woman-character in the Novels of R. K. Narayan. In: KHATRI, Lal Chhote (ed.) *R. K. Narayan: Reflections and Re-Evaluation*. New Delhi: Sarup and Sons, 2006, p. 117.
- DAVIES, Colin. *After Poststructuralism: Reading, Stories and Theory*. London: Routledge, 2004.
- DESAI, Anita. Malgudi. *London Review of Books*. v.8, n.21, p.23-24, December 4, 1986.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. *Os Tradutores na História*. Translated by Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.
- DIVAKARUNI, Chitra. *A Senhora das Especiarias*. Translated by Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- DNYATE, Ramesh. *The Novels of R. K. Narayan: a Typological Study of Characters*. New Delhi: Prestige, 1996.
- ECO, Umberto. *Quase a Mesma Coisa: Experiências de Tradução*. Translated by Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2007.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *A função do polissistema literário na história da literatura*. Translated by Ubiratan Paiva de Oliveira. 1973.
- GAUR, K. K. *R. K. Narayan: A Study of His Female Characters*. New Delhi: S.S. Publishers, 2000.
- GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. 2. ed. rev. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- GOSH, Amitav. *O Palácio de Espelho*. Translated by José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- GOYAL, Bhagwat S. From Picaro to Pilgrim: A Perspective on R. K. Narayan's *The Guide*. In: *Indo-English Literature: A Collection of Critical Essays*, edited by SHARMA, K. K., PRAKASHAN Vimal, 1977, p.141-156.
- GOYAL, Bhagwat S. (ed.). *R. K. Narayan's India: Myth and Reality*. New Delhi: Sarup, 1993.
- GREENE, Graham. Discovering Narayan. *The New Republic*. Washington, April 4, 1981.
- GREENE, Graham. Introduction. In: NARAYAN, R. K. *The Bachelor of Arts*. Chicago: Chicago University Press, 1980, p. v-x.
- HATIM, Basil. *Communication Across Cultures: Translation Theory and Contrastive Text Linguistics*. Exeter: University of Exeter Press, 1997.
- HATIM, Basil; MUNDAY, Jeremy. *Translation: An Advanced Resource Book*. London: Routledge, 2008.
- HEIDERMAN, Werner. (org.) *Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia Bilingue Alemão-Português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

- HERMANS Theo. On Translating Proper Names, with reference to De Witte and Max Havelaar. In: WINTLE, M. J. (ed.) *Modern Dutch Studies. Essays in Honour of Professor Peter King on the Occasion of his Retirement*. London/Atlantic Highlands: The Athlone Press, 1988.
- HERMANS, Theo. *Translation in Systems: Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome, 2009.
- HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva e Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda., 2001.
- ISRAEL, Hephzibah. Translating the Bible in Nineteenth-Century India: Protestant Missionary Translation and the Standard Tamil Version. In: BAKER Mona. (ed.) *Critical Readings in Translation Studies*. London: Routledge, 2010.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos Lingüísticos da Tradução. Translated by José Paulo Paes In: JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974. p.63-72.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. 7. ed. Translated by Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.
- JULLIEN, François. *O Diálogo entre as Culturas: Do Universal ao Multiculturalismo*. Translated by André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- KAIN, Geoffrey. *R. K. Narayan: Contemporary Critical Perspectives*. East Lansing: Michigan State University Press, 1993.
- KATAN, David. *Translating Cultures*. Manchester: St. Jerome, 2004.
- KHAIR, Tabish. *Babu Fictions: Alienation in Contemporary Indian English Novels*. New Delhi: OUP, 2001.
- KHATRI, Chhote Lal. (org.) *R. K. Narayan: Reflections and Re-evaluation*. New Delhi: Sarup and Sons, 2006.
- KULKE, Hermann; ROTHERMUND, Dietmar. *A History of India*. 4. ed. London: Routledge, 2004.
- KUMAR, A. V. Suresh. *Six Indian Novelists: Mulk Raj Anand, Raja Rao, R. K. Narayan, Balachandran Rajan, Kamala Markandaya, Anita Desai*. New Delhi: Creative Books, 1996.
- LAGES, Susana Kampff. Teoria da Tradução e Melancolia. In: LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin. Tradução e Melancolia*. São Paulo: EDUSP, 2002, p.65-97.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Edusp, 2007.
- LAHIRI, Jumpha. *Intérprete de Males*. Translated by Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LAHIRI, Jumpha. *Interpreter of Maladies*. Boston: Houghton Mifflin, 1999.
- LAHIRI, Jumpha. *The Namesake*. London: Harper, 2006.
- LAHIRI, Jumpha. *Unaccustomed Earth*. New York: Alfred A. Knopf, 2008.
- LANDERS, Clifford E. *Literary Translation: A Practical Guide*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- MCLEOD, A. L. (ed.) *R. K. Narayan, Critical Perspectives*. New Delhi: Sterling Publishers, 1994.

- MICHAELIS Dicionário Multimídia Versão 5.1. 1998.
- MITTMANN, Solange. *Notas do Tradutor e Processo Tradutório*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- MORRIS, William. *Morris Dictionary of Word and Phrase Origins*. New York: Harper Collins, 1988.
- MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 2. ed. London: Routledge, 2008.
- NABOKOV, Vladimir. The Art of Translation. *The New Republic* (Washington, D.C.), p.160-162, August 4, 1941. Reprinted in *Lectures on Russian Literature*, ed. Fredson Bowers, New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981, p.315-321.
- NAIK, M. K. *The Ironic Vision: A Study of the Fiction of R. K. Narayan*. New Delhi: Sterling, 1983.
- NAIPAUL, V. S. *An Area of Darkness*. New York: Vintage, 2002.
- NAIR, Padmanabhan. *Irony in the Novels of R. K. Narayan and V. S. Naipaul*. Trivandrum: CBH Publications, 1993.
- NARAYAN, R. K. A Literary Alchemy. In: *A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988*. New Delhi: Penguin Books, 1988, p.196-198.
- NARAYAN, R. K. *Malgudi Days*. New York: Penguin Classics, 2006.
- NARAYAN, R. K. *Mr. Sampath – The Printer of Malgudi*. New York: Everyman, 2006.
- NARAYAN, R. K. *My Days: A Memoir*. London: Picador, 2001.
- NARAYAN, R. K. Reluctant Guru. In: *A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988*. New Delhi: Penguin Books, 1988, p.99-105.
- NARAYAN, R. K. *The Financial Expert*. New York: Everyman, 2006.
- NARAYAN, R. K. *The Guide*. New York: Penguin Classics, 2006.
- NARAYAN, R. K. *The Mahabharata: A Shortened Modern Prose Version of the Indian Epic*. New York: Viking, 1978.
- NARAYAN, R. K. *The Ramayana: A Shortened Modern Prose Version of the Indian Epic*. New York: Penguin, 1972.
- NARAYAN, R. K. To a Hindi Enthusiast. In: *A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988*. New Delhi: Penguin Books, 1988, p.26-28.
- NARAYAN, R. K. *Waiting for the Mahatma*. New York: Everyman, 2006.
- NASIMI, Reza Ahmad. *The Language of Mulk Raj Anand, Raja Rao, and R. K. Narayan*. New Delhi: Capital Publishing, 1989.
- NEWMARK, Peter. *Approaches to Translation*. London: Prentice Hall, 1988.
- NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- NIDA, Eugene A. Interview. In: *TradTerm*. v.8. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002, p.121-135.
- NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome, 1997.

- PALLAN, Rajesh K. *Myths and Symbols in Raja Rao and R. K. Narayan: A Select Study*. Jalandhar: ABS Publications, 1994.
- PANDE, Anupa. *The Natyasastra Tradition and Ancient Indian Society*. Jodhpur: Kusumangali Prakshan, 1993.
- POUSSE, Michel. *R. K. Narayan: A Painter of Modern India*. New York: P. Lang, 1995.
- PIETROLUONGO, Márica Atália. (org.) *O Trabalho da Tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- PYM, Anthony. *The Moving Text: Localization, Translation, and Distribution*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- RAHMAN, Mustafizur. *The Elusive Searchlight: The World of R. K. Narayan*. Bangladesh: Popular Publishers, 1998.
- RAJESHWAR, M.; RAO, P. Mallikarjuna. (eds.) *Indian Fiction in English*. Delhi: Atlantic, 1999.
- RAM, Susan; RAM, N. *R. K. Narayan*. New Delhi: Viking, 1996.
- RAMANA, P. S. *Message in Design: A Study of R. K. Narayan's Fiction*. New Delhi: Harman, 1993.
- RIEMENSCHNEIDER, Dieter. The Train Has Moved On: R. K. Narayan's *The Guide* and Literary History. *Asiatic*. Kuala Lumpur, v.3, n.2, p.88-100, December 2009.
- ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator: an Introduction to the Theory and Practice of Translation*. London: Routledge, 2003.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. Literatura e Tradução. In: *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- ROY, Anuradha. *O Mapa de um Desejo Impossível*. Translated by Maria Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- ROY, Arundhati. *O Deus das Pequenas Coisas*. Translated by José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RUSHDIE, Salman. *Imaginary Homelands*. London: Vintage, 2010.
- RUSHDIE, Salman. Damme, This Is the Oriental Scene for You! *The New Yorker*. New York, special fiction issue, p.50-61, June 23, 1997.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage, 1994.
- SAID, Edward. *Orientalism*. Harmondsworth: Penguin, 2003.
- SANKARAN, Chitra. Patterns of Story-telling in R. K. Narayan's *The Guide*. In: *Journal of Commonwealth Literature*, v.26, n.1, p.127-50, 1991.
- SARASWATI, Aghorananda. *Mitologia Hindu*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2007.
- SCHELEIERMACHER, Friedrich. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Translated by Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, Werner. (org.) *Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia Bilingue Alemão-Português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.
- SCHLEGEL, August Wilhelm. Sobre a *Bhagavad-Gita*. Translated by Maria Aparecida Barbosa. In: HEIDERMAN, Werner. (org.) *Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia Bilingue Alemão-Português*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

- SETH, Vikram. *An Equal Music*. London: Orion, 2004.
- SHARAN, Nagendra Nath. *A Critical Study of the Novels of R. K. Narayan*. New Delhi: Classical, 1993.
- SRINIVAS, M. N. *Caste in Modern India and Other Essays*. Bombay: Asia Publishing House, 1962.
- STEINER, George. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. 3. ed. Oxford: OUP, 1998.
- STEINER, George. *George Steiner at the New Yorker*. New York: New Directions, 2009.
- STUTLEY, M. and J. *A Dictionary of Hinduism*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977.
- SURI, Manil. *A Morte de Vishnu*. Translated by José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SWARNAKAR, S. Female Body in R. K. Narayan and Vijaya Anand's *The Guide*: A Comparative Analysis of Literature and Film. In: *II Congresso Internacional de Estudos Comparativos, ANAIS do II CONIEC*. Campina Grande: EDUEP, v.1. p.489-499, 2005
- SWARNAKAR, S. F. P. Reshaping the Guide: a comparative analysis of R. K. Narayan's novel *The Guide* and Vijay Anand's film *Guide*. In: *Second Interdisciplinary Conference on Comparative Literature – Literature in Context*. Baku: Baku Slavic University, 2006.
- SWARUP, Vikas. *Q & A*. New York: Scribner, 2008.
- SWARUP, Vikas. *Sua Resposta Vale um Bilhão*. Translated by Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- THE OXFORD English Dictionary Online Edition.
- THIEME, John. *R. K. Narayan*. Manchester: Manchester UP, 2007.
- TITELMAN, Gregory Y. *Random House Dictionary of Popular Proverbs and Sayings*. New York: Random House, 1996.
- TODOROV, Tzvetan et al. *Análise Estrutural da Narrativa*. 6 ed. Translated by Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- UPDIKE, John. Malgudi's Master. *The New Yorker*. New York, special fiction issue, p.134, June 23, 1997.
- Upanishads*. Chatham: Wordsworth, 2000.
- VANDEN DRIESEN, Cynthia. *The Novels of R. K. Narayan*. Nedlands: University of Western Australia Centre for South and Southeast Asian Studies, 1986.
- VARMA, R. M. *Major Themes in the Novels of R. K. Narayan*. New Delhi: Jainsons, 1993.
- VENUTI, Lawrence. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000.
- VENUTI, Lawrence. *A Invisibilidade do Tradutor*. Translated by Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Translated by Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquerda, Valéria Biondo. Bauru: Edusc, 2002.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: a History of Translation*. London: Routledge, 1995.

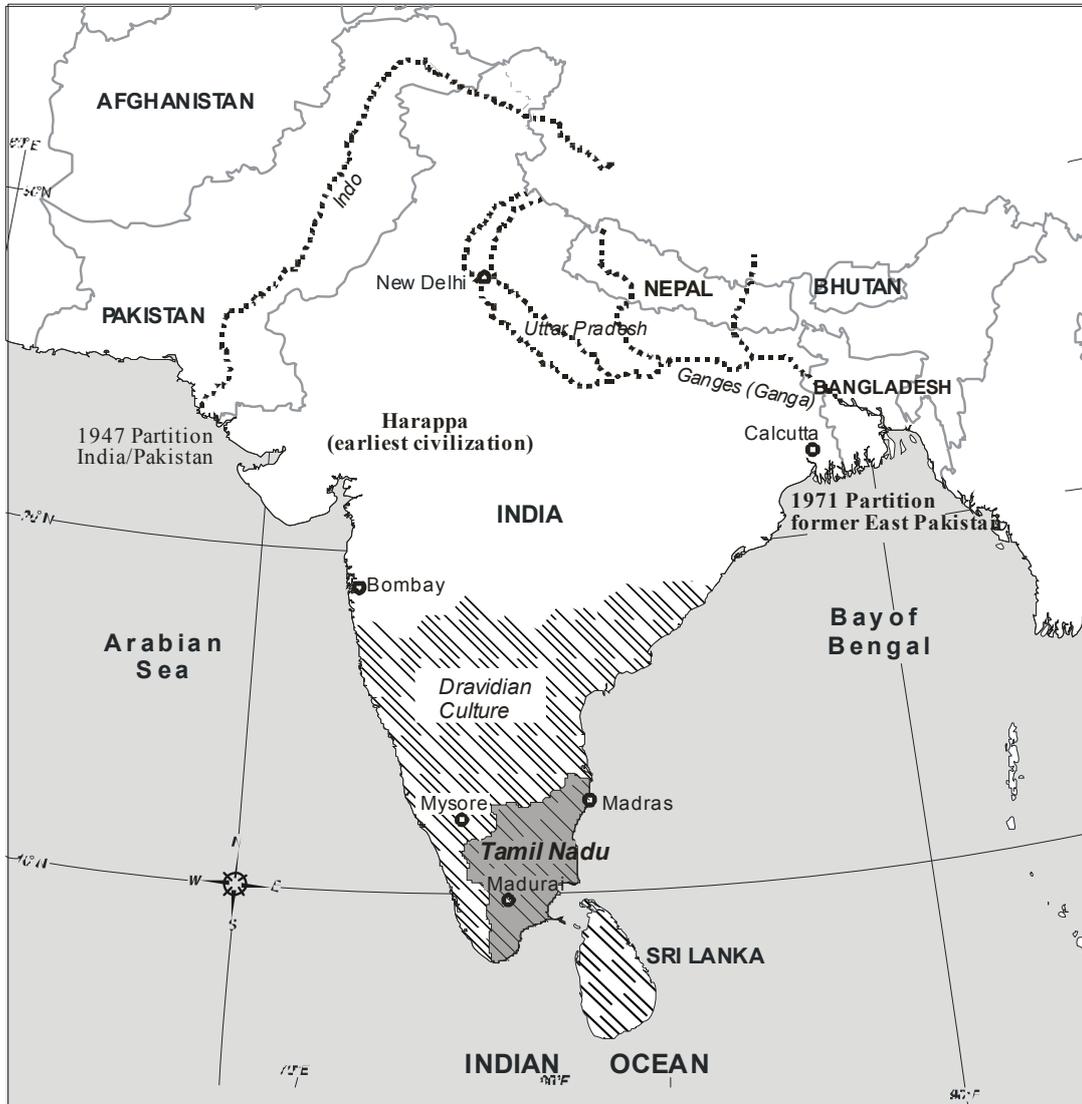
VINAY, J. P.; DARBELNET, J. *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. 2. ed., Translated and edited by SAGER, Juan C. Paris: Didier, 1977.

WALSH, William. *R. K. Narayan: A Critical Appreciation*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

WEST, Anthony. Good Against the Grain. *The New Yorker*. New York, v.34, n.9, p.145-148, April 19, 1958.

ANNEXES

ANNEX A — Map of India



Adapted from the base map at http://www.eduplace.com/ss/maps/pdf/s_asia_poi.pdf

Legend

-  Dravidian native culture prior to Aryan (Hindu-Brahmanism)
-  State/Province
-  City
-  River
-  Current International borders

Mysore and Madras are Narayan's two hometowns. They are the basis of Malgudi, the composite fictional town which is the setting of *The Guide* and most of Narayan's fiction.

ANNEX B — R. K. Narayan – Chronology of first editions

Novels

Swami and Friends: A Novel of Malgudi. London: Hamish Hamilton, 1935; with *The Bachelor of Arts*, East Lansing: Michigan State College Press, 1954.

The Bachelor of Arts. London: Nelson, 1937; with *Swami and Friends*, East Lansing: Michigan State College Press, 1954.

The Dark Room. London: Macmillan, 1938.

The English Teacher. London: Eyre and Spottiswoode, 1945; as *Grateful to Life and Death*, East Lansing: Michigan State College Press, 1953.

Mr. Sampath. London: Eyre and Spottiswoode, 1949; as *The Printer of Malgudi*, East Lansing: Michigan State University Press, 1957.

The Financial Expert. London: Methuen, 1952; East Lansing: Michigan State College Press, 1953.

Waiting for the Mahatma. London: Methuen, and East Lansing: Michigan State College Press, 1955.

The Guide. Madras, London: Methuen, and New York: Viking Press, 1958.

The Man-Eater of Malgudi. New York; Viking Press, 1961; London: Heinemann, 1962.

The Vendor of Sweets. New York: Viking Press, 1967; as *The Sweet-Vendor*; London: Bodley Head, 1967.

The Painter of Signs. New York; Viking Press, 1976; London; Heinemann, 1977.

A Tiger for Malgudi. London: Heinemann, and New York: Viking, 1983.

Talkative Man. London: Heinemann, 1986; New York: Viking, 1987.

The World of Nagaraj. London: Heinemann, and New York: Viking, 1990.

Short Stories:

Malgudi Days. Mysore: Indian Thought, 1943.

Dodu and Other Stories. Mysore: Indian Thought, 1943.

Cyclone and Other Stories. Mysore: Indian Thought, 1944.

An Astrologer's Day and Other Stories. Mysore: Indian Thought, and London: Eyre and Spottiswoode, 1947.

Lawley Road. Mysore: Indian Thought, 1956.

A Horse and Two Goats. London: Bodley Head, and New York: Viking Press, 1970.

Old and New. Mysore: Indian Thought, 1981.

Malgudi Days (not same as 1943 book). London: Heinemann, and New York: Viking Press, 1982.

Under the Banyan Tree and Other Stories. London: Heinemann, and New York: Viking, 1985.

The Grandmother's Tale, with sketches by R.K. Laxman. Madras: Indian Thought, 1992; London: Heinemann, 1993; as *The Grand-mother's Tale and Other Stories*, New York: Viking, 1994.

Salt & Sawdust: Stories and Table Talk. New Delhi: Penguin, 1993.

Other publications:

Mysore. Mysore: Government Branch Press, 1939.

Next Sunday: Sketches and Essays. Mysore: Indian Thought, 1956.

My Dateless Diary: A Journal of a Trip to the United States in October 1956. Mysore: Indian Thought Publications, 1960; London: Penguin, 1988.

Gods, Demons, and Others. New York: Viking Press, 1964; London: Heinemann, 1965.

The Ramayana: A Shortened Modern Prose Version of the Indian Epic. New York: Viking Press, 1972; London: Chatto and Windus, 1973.

Reluctant Guru (essays). New Delhi: Hind, 1974.

My Days: A Memoir. New York: Viking Press, 1974; London: Chatto and Windus, 1975.

The Emerald Route (includes play *The Watchman of the Lake*). Bangalore: Government of Karnataka, 1977.

The Mahabharata: A Shortened Modern Prose Version of the Indian Epic. New York: Viking Press, and London: Heinemann, 1978.

A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988. New Delhi: Penguin, 1988; New York: Penguin, 1989.

A Story-Teller's World: Stories, Essays, Sketches. New Delhi: Penguin, 1989.

A Miscellany. New Delhi: Penguin, 1997.